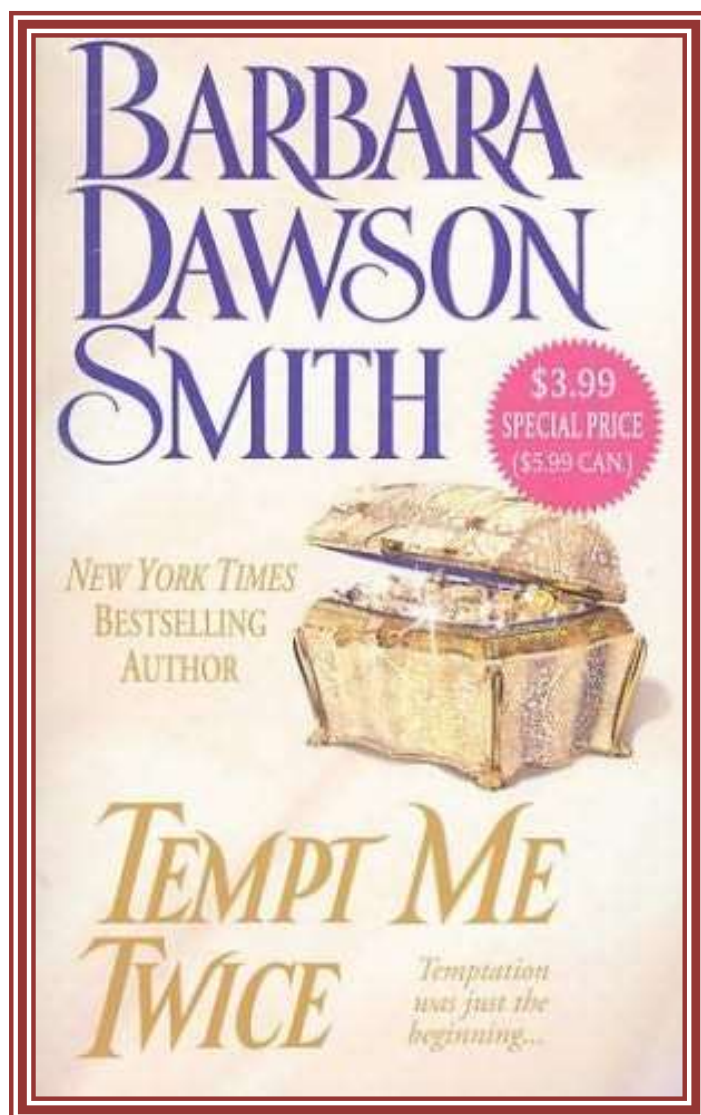




Barbara Dawson Smith
Rosebuds 02 - Seduzida por um Canalha





Resumo:

Nessa boa sociedade em que se rechaça ao homem imoral, ninguém espera que Drake Wilder abra caminho até a mais elevada nobreza arrastando ao altar uma autêntica dama. Para salvar sua família da ruína, lady Alicia Pemberton aceita casar-se com o escandaloso proprietário de uma casa de jogos. Insiste em que seja um matrimônio puramente de conveniência. Mas Drake tem outros planos para sua adorável esposa: primeiro utilizará Alicia para vingar-se do pai a quem nunca conheceu.

Revisão inicial: Edith

Revisão Final: Heloisa

Projeto Revisoras Traduções

Capítulo 1

Lady Alicia Pemberton se preparou para um ato desesperado. Agarrando-se com força à balaustrada de ferro forjado, dominou sua inquietação e seguiu o mordomo pela grande escada do Wilder Clube, em St. Jame's Street. Seus passos ressoaram através de um amplo vestíbulo com altas colunas brancas e paredes verde escuro, decoradas com pinturas e esculturas. O lugar poderia ter sido uma mansão em Mayfair, mas ela sabia que era uma casa para louvar o inferno do jogo.

A sua esquerda se vislumbrava um salão espaçoso, com poltronas de couro agrupadas e vazias, exceto a ocupada por um homem corpulento absorto no Time de Londres.

No grande aposento da direita, um par de cavalheiros jogava bilhar. Ouviu-se um forte golpe quando uma bola amarela cruzou o pano verde e desapareceu com um ruído surdo na fresta de uma das esquinas da mesa. Os jogadores estavam tão concentrados no jogo que nunca se inteiraram de que uma dama tinha invadido seu exclusivo clube.

Devia ser muito cedo para que tivessem chegado os farristas bêbados.

O elegante cenário fez com que Alicia fosse consciente de seu pobre aspecto; uma jaqueta curta passada de moda com os punhos desfiados, um vestido de musselina azul quase descolorido de tantos lavados, e o chapéu com um ramalhete infantil de fitas brancas mais apropriado para a frívola debutante que foi uma vez. Enterrou suas lembranças; os bons tempos tinham passado e os sonhos de antigamente eram para as jovens de olhos sonhadores, não para uma mulher amadurecida com uma família a que proteger. Uma família com espantosos problemas.

O mordomo se deteve ante uma porta com adornos dourados.

—Não parece do tipo habitual — disse asperamente com um gutural acento escocês.

A voz tirou a Alicia de seus negros pensamentos.

—Desculpe, dizia algo?

—Do tipo de Wilder.

Era um homem gigantesco com um emplastro de couro sobre um olho, que inclinando seu rosto cinzento a submeteu a um escrutínio insolente.

—Se quiser um pequeno conselho, senhora, fará melhor indo-se à sua casa para fazer tricô.

Alicia pensou que o que necessitava conselho, pelo menos em maneiras, era ele.

—Tenho negócios com o senhor Wilder.

—Negócios, né? Seu prazer os obteve sempre grátis, se for isso no que está pensando. Com o formigueiro de mulheres que lhe rodeia não precisa pagar um centavo.

Seu estômago se contraiu apesar de se propor ocultar suas emoções. Eram tão transparentes seus propósitos? Obrigou-se a adotar uma expressão de aristocrática dignidade, e disse:

—O senhor Wilder me espera. Conduza-me até ele imediatamente.

O mordomo encolheu os ombros.

—Por aqui — abriu a porta com uma mão que parecia o casco de um porco e lhe indicou o interior.

Disposta a terminar de uma vez por todas com esta repulsiva entrevista, Alicia passou atrás do mordomo, e quando o impertinente criado se foi, a porta se fechou.

Estava sozinha.

O escuro hall cheirava fracamente a couro caro e a colônia de almíscar. Em cima de uma mesa com forma de meia lua pendia um quadro com uma paisagem rochosa e agreste. Um tapete com motivos carmesins e azuis atenuava suas pegadas. Manteve-se erguida com as mãos enluvadas junto ao corpo. Algo perverso lhe obrigava a manter o semblante de uma dama.

Cruzando uma porta arqueada entrou em um grande aposento iluminado por um candelabro de prata com velas de cera de abelha. As cortinas estavam corridas para evitar os últimos raios do sol da tarde, e uma escrivaninha de mogno destacava-se no escritório. Sobre sua polida superfície descansava, aberto, um livro maior, e atrás havia uma pena cinza de ave em um tinteiro de prata.

Examinou as paredes azuis marinhas, as poltronas de couro cor vinho e as estantes cheias de livros. Poderia ter sido o escritório de um rico banqueiro exceto por um par dados de marfim sobre a escrivaninha. Estremecendo-se, voltou à vista rapidamente.

Um fogo de carvão crepitava no ambiente silencioso como contraponto à tensão que a invadia. Tinha dado seu cartão ao intrometido mordomo, assim onde estava Drake Wilder?

Arriscou-se ao buscá-lo aqui. Wilder levava uma existência libertina e estaria provavelmente jogando até o amanhecer. Era um tipo dos que dormem durante o dia enquanto as pessoas decentes e trabalhadoras se dedicam a seus afazeres. E se ele, deliberadamente, queria lhe fazer esperar, estava disposta a permitir-lhe os jogos de poder que lhe eram familiares; depois de tudo, já tinha sido apresentada em sociedade.

Muito intranquila para sentar-se, ficou a ler atentamente os títulos das prateleiras. Pensou que os livros estavam apenas para decorar. O proprietário da principal casa de jogo de Londres não podia estar interessado na filosofia de Platão, as obras do Shakespeare, ou os problemas da geometria euclidiana. Drake Wilder explorava as esperanças de confiantes cavalheiros, alimentando seus sonhos de glória, para depois despojá-los de suas riquezas. E lhe importava bem pouco o que acontecesse a suas famílias. Ou as vidas que arruinava.

A ira dominava a Alicia, mas a mitigava com a armadura da razão. Devia manter-se calma e com a cabeça clara. Tinha que fechar um duro trato. E se falhasse? Não. Não podia considerar essa possibilidade. As consequências seriam funestas. Enquanto ia de um lado a outro do escritório, uma escultura de alabastro sobre o suporte de mármore da lareira atraiu sua

atenção. Apenas maior que sua mão, a talha representava a um homem e a uma mulher abraçados.

Estavam nus.

Alicia afastou os olhos, mas só por um momento. A curiosidade demonstrou ser mais forte que a prudência, e agarrando a pesada peça em suas mãos lhe pareceu que a escultura resplandecia de vida à luz do fogo. Um homem sentado em uma rocha com uma mulher escarranchada em cima dele. As pernas abertas dela pressionavam os quadris do homem, e sua cabeça se inclinava para trás enquanto ele a beijava entre seus seios. A felicidade iluminava seu fino rosto.

Esta celebração da luxúria consternou a Alicia. Disse-se que devia devolver a escultura a seu lugar, e entretanto ficou olhando-a com uma mórbida fascinação, e inconscientemente se viu jogando-se nos braços de um amante: nos braços do Drake Wilder.

Como poderia fazer isso com um estranho? Algumas vezes, bem entrada a noite e só na cama, representava-se a si mesma deitada com um marido imaginário. As mãos dele a acariciavam suavemente por cima da camisola. Quase podia sentir o calor de seu corpo pressionando-a... Que inocente era essa fantasia comparada com a dura realidade! Nunca tinha sonhado que esses atos se fizessem sem roupa. Ela não esperava outra coisa exceto tomar-se e permitir que ele fizesse o que tivesse vontade. Que tivesse que comportar-se assim com o canalha que tinha levado a sua família a borda da ruína.

—Horível, não é verdade?

Uma profunda voz masculina lhe tirou bruscamente de seu transe. Voltou-se, esquadrinhando entre as sombras. Uma porta permanecia entreaberta na esquina mais afastada, e um homem apareceu; sua mão se apoiava em um dos batentes dourados. Tinha entrado em silêncio e às escondidas. Seu cabelo negro e a tez morena o confundiam com a penumbra. Vestia um casaco escuro feito a medida e uma gravata branca de cavalheiro. Embora houvesse algo pouco civilizado em seu aspecto alto e musculoso. Algo que o fino pelo de sua pele ressaltava.

Quanto tempo teria estado observando-a?

—Essa peça é bastante antiga e valiosa — disse enquanto entrava. —Atribui-se a um discípulo de Michelangelo, pode acariciá-la se quiser.

Alicia se deu conta de que seguia sustentando contra seu peito a indecente estatueta, e com uma lenta arrogância a devolveu ao suporte da lareira.

—Sempre espia seus convidados?

—Só aos do gênero feminino.

—Que tranquilizador!

Sua suave risada soou no ar. Olhou-a condescendente, levando tempo para contemplá-la, avaliando-a descaradamente de forma muito masculina.

—Você deve ser lady Alicia Pemberton.

—E você o senhor Drake Wilder.

Inclinou a cabeça com a arrogância de um rei, e ela apertou os dentes cheia de raiva. Não era próprio dela falar duramente com os estranhos. Especialmente a um cujos favores necessitava tão desesperadamente. Drake Wilder era um bastardo, um jogador profissional que tinha surgido da agitada escuridão dos bairros de pouco recurso londrinos para converter-se no mais rico e conspícuo patife de toda a Inglaterra. Tinha uma aura de agressiva confiança e um rosto que mostrava as duras linhas da experiência. Punha-a nervosa, e ela nunca se alterara diante de nenhum homem.

Aproximou-se e apoiou-se na borda da escrivaninha. Recolheu os dados e os agitou indolentemente. Os cubos de marfim estavam vivos na palma de sua mão. Manteve todo o momento seu olhar nela; seus olhos eram da cor de uma profunda e triste meia-noite. Seu escrutínio fez que Alicia, incômoda, sentisse o vulnerável que era, a sós com ele, em seus domínios.

—Por favor, sente-se — disse, movendo a mão preguiçosamente. —Surpreende-me que uma dama se aventure por aqui sem companhia.

Pouco disposta a conceder alguma vantagem, Alicia permaneceu em pé.

—Não deveria surpreender-se. Vim discutir sobre a dívida de meu irmão.

—Bem. O conde de Brockway envia uma mulher para suplicar em seu nome.

—Gerald não sabe que estou aqui.

Era verdade, já que seu impetuoso irmão teria empalidecido se soubesse. Mas ela estava atuando em seu benefício, e em primeiro lugar devia procurar a débil esperança de achar uma solução honorável.

Meu deus, me ajude a convencer a este homem. Entrelaçou seus dedos enluvados.

—Senhor Wilder, possivelmente não se dê conta de que meu irmão só tem dezoito anos. Ainda não é maior de idade e jamais lhe deveria ter permitido jogar neste estabelecimento.

—Já não é um pirralho. Admita-o ou não.

—Deve-se a sua juventude — replicou ela. —Sei. Sou sua irmã mais velha e fui responsável por ele durante toda sua vida.

O olhar divertido do Drake Wilder percorreu sua esbelta forma de cima abaixo.

—Exatamente, quantos anos têm?

O exame ao que a submetia com seus olhos fez que a pele formigasse, e de repente viu a si mesma nua, montada escarranchada sobre ele, sua boca sobre seus seios...

—Minha idade nada tem que ver neste assunto — disse com modéstia.

—Realmente é importante. Responda.

Foi seu falso orgulho que impediu de admitir que estivesse bisbilhotando as prateleiras? Seria melhor lhe fazer uma concessão.

—Se quer sabê-lo, tenho vinte e três anos.

— À beira da velhice pelo que vejo.

Seu sorriso se alargou, enrugando os cantos de seus olhos e criando atraentes covinhas em ambos os lados de sua masculina boca. Uma sensação de atordoamento fez que Alicia tropeçasse. O humor relaxou a dureza de sua expressão; ele parecia acessível.

E era tão formoso como o pecado.

Dando-se conta de que estava contendo o fôlego, Alicia se relaxou lentamente.

—A questão é que meu irmão não pode ser responsável por uma dívida de jogo. Não é legal.

O humor do Wilder se desvaneceu em meio de um olhar calculista.

— Com efeito. Mas está preso por sua honra de cavalheiro, e não tem nada com o que pagar a seus outros credores. Essas dívidas o conduzirão ao cárcere. O peso desse medo ameaçou esmagando Alicia. Ontem mesmo, a chegada dos cobradores com suas faturas a alertou. Sapateiros, alfaiates, joalheiros e adegueiros se congregaram como lobos na entrada, exigindo que lhes pagasse antes que sua senhoria pagasse as notas promissórias de jogo que tinha assinado na noite anterior.

Horrorizada, tinha tirado da cama Gerald, lhe exigindo que lhe dissesse a verdade. Ele, segurando a cabeça, admitiu que se embebedara, apostara suas escassas economias, além de jogar um dinheiro que não tinham. Agora eram pobres.

—Vinte mil guineis — sussurrou. —Deus do céu! Que estupidez fez!

Desesperado a olhou sombrio.

—Recuperarei o dinheiro, Ali. Dê-me um pouco de tempo.

—Não! Nunca mais se aproxime dessas malditas casas de jogo, ou acabará como papai.

Gerald se comoveu ante suas duras palavras, e Alicia, aproveitando rapidamente esta vantagem, arrancou-lhe a promessa de ficar em casa. Então, engolindo seu orgulho, foi pedir a suas amigas, mas nenhuma lhe ajudou. Os bancos também se negaram a emprestar dinheiro a uma mulher. E inclusive visitou um prestamista em Threadneedle Street, um ardiloso homem de olhos pequenos e brilhantes, que a mandou embora assim que soube que ela não podia oferecer garantia alguma.

Assim não ficou outra escolha que a de negociar com Drake Wilder.

Ele se acomodou contra a escrivaninha, as longas pernas estiradas e os tornozelos cruzados. O suave tagarelar dos dados fez que Alicia fixasse seu olhar nas grandes mãos de Wilder, e se perguntou quantas mulheres haviam sentido o toque desses ásperos e bem

formados dedos masculinos. O pensamento a estremeceu com repugnância e... algo mais. Algo que não queria saber.

—Têm mais família? — perguntou.

—Meu pai morreu e minha mãe é... Alicia fez uma pausa, a garganta lhe doía, está doente.

—Tios? Avós? Algum tutor?

—Ninguém.

—Então à avançada idade de vinte e três anos, você é a responsável pelas dívidas de seu irmão.

Tinha caído diretamente em sua própria armadilha. Com os olhos abertos e resoluta disse:

—Sim, sou. E acredito que podemos estabelecer um plano para lhe pagar.

—Eu também acredito.

Olhou-a como a uma embusteira; seus olhos eram impenetráveis. Pela enésima vez, fez um inventário mental de sua casa despojada de tudo, exceto do mais pobre equipamento. Poderia vender os móveis que ficavam do dormitório e do salão, e empenhar o jogo de prata de chá que tinha escondido para uma emergência. Manter-se-ia lavando e costurando em casa.

—Posso lhes pagar vinte guineis ao mês — disse.

Wilder riu.

—Com esses prazos a dívida se saldará mais ou menos em oitenta e três anos, acrescentando três por cento de interesse anual, pagará por toda sua vida. Olhe, com vinte guineis ao mês nem sequer saldará o principal. Se endividará cada vez mais, e ao final dos oitenta e três anos, ainda deverá os vinte mil guineis originais e perto de cento e trinta e quatro mil mais em juros.

O tamanho da dívida a fez cambalear. Afundou em uma das poltronas de couro e apertou os joelhos com as mãos.

—Deve estar equivocado. Não pode ter calculado essas cifras sem papel e pena.

—Quando se trata de números, nunca me equivoco. Através do vacilante fogo seus olhos cintilaram. Eram os olhos de um predador.

Meu Deus, me ajude.

Levantou-se da cadeira e deu um passo para ele. Olharam-se um ao outro como boxeadores no ringue. Um sorriso deprimido se insinuou em uma das comissuras da boca de Wilder.

Parecia deleitar-se com o dilema da Alicia, mas isto só avivava sua resolução.

Podia aceitar seus desejos; depois de tudo, só era um homem. E os homens podem ser manipulados.

Deliberadamente relaxou seus músculos tensos e curvou seus lábios oferecendo um frio sorriso. Logo, desatando as fitas do queixo que seguravam seu chapéu, deixou-o em uma cadeira que estava atrás.

—Possivelmente lhe interesse outro tipo de pagamento.

Wilder arqueou uma sobrancelha.

—Diga.

—Estou disposta a... a ser sua amante.

Franzindo o cenho, sua tez se obscureceu, e seus dedos apertaram com força os dados até que os dedos ficaram brancos. Ela teria jurado que parecia zangado, mas isso não parecia ter sentido. Amargamente se perguntou de que outra maneira teria pensado ele em cobrar a dívida.

—Sabe as probabilidades de tirar um sete com os dados? — perguntou inesperadamente.

—Senhor. Não sou jogadora. Importa-me bem pouco, realmente...

—As probabilidades são de um contra seis — e com um veloz movimento de pulso jogou os jogo de dados em uma bandeja sobre a escrivaninha. —Observe! Perguntando-se qual era seu propósito, aproximou-se lentamente. Uma mecha de cabelo negro caiu sobre sua frente, realçando seu aspecto libertino. E um delicado aroma masculino a envolveu como um laço de seda. De perto, tinha um rosto atraente, um maxilar perfeitamente barbeado, fortes maçãs do rosto e uma boca com uma atrevida careta sensual, que fazia imaginar beijos roubados na escuridão.

Alicia olhou à bandeja forrada de veludo negro onde os dados de marfim mostravam um cinco e um dois.

—Um tiro afortunado — murmurou, lutando para evitar o veneno de sua voz. Se os rumores eram certos, Drake Wilder tinha a sorte de Lúcifer.

Moveu a cabeça.

—Este par de dados está trucado — disse agarrando um entre seus longos dedos. —Com uma pequena quantidade de chumbo debaixo de certos números se pode conseguir que o dado tenha um sobrepeso em um dos lados e caia pela face oposta. Se os dados forem jogados de certa maneira, as probabilidades de ganhar aumentam grandemente.

Muito prático para um jogador pouco escrupuloso.

Presa de uma suspeita furiosa o olhou violentamente.

—Está dizendo... que fraudaram a meu irmão?

Algo violento e ameaçador brilhou em seus olhos. Imediatamente se desvaneceu, deixando um frio e pétreo olhar.

—Difícilmente. Lorde Brockway jogava monte.

—Poderia ter forjado a partida a favor da casa — disse sem saber do que falava.

—Não se permitem armadilhas em meu clube. Este jogo de dados — respondeu deixando-os na bandeja — foram confiscados a um cavalheiro que desobedeceu as regras.

—Então, qual é sua oferta?

—As coisas não são o que parecem, com seus olhos agudos e penetrantes, desceu a voz até um suave sussurro, e eu não sou um estúpido.

De novo, teve o desconcertante impulso de dar um passo atrás e pôr uma distância segura entre eles. Mas isto seria tanto como admitir que ele levava a voz cantante.

—Nunca disse que fosse.

—Assim espera que esqueça um ganho de vinte mil guineis em troca de jogar um pouco na cama. Ou me toma por idiota ou se valoriza muito.

Seu desprezo foi um golpe em sua confiança. Acaso não a achava atraente? Ele devia achá-la atraente. Recorrendo ao encanto que uma vez fez que fosse uma das belezas mais solicitadas, Alicia forçou um sorriso.

—Vamos, equivoca-se comigo, senhor Wilder. Naturalmente, não espero pagar minha dívida em uma noite. Entretanto, acredito que poderíamos estabelecer um acordo mútuo por um longo período de tempo.

—Seriamente!

Animada porque não negou totalmente, moveu as pestanas coquetemente.

—Estou segura que apreciará a uma mulher que nunca mendigará favores ou bagatelas. Uma dama que saiba comportar-se com discrição.

—Poderia ter um filho.

Alicia dominou um calafrio. Seria uma vergonha ter um bastardo, embora fizesse muito tempo que tinha abandonado o sonho de casar-se e formar uma família, o tenro desejo de ter seus próprios filhos. Resignou-se ao celibato por uma razão que ele nunca saberia...

Sem ter outra opção, afastou esse medo.

—Ocupar-me-ia da criança, é claro. E não tema, que não vai contrair nenhuma obrigação.

—Que considerado por sua parte.

Seu rosto era inescrutável. As Palmas das mãos da Alicia estavam úmidas. Lentamente começou a desabotoar a jaqueta e, deslizando-a suavemente sobre seus ombros, deixou-a cair sobre a poltrona.

—Verá que sou uma companhia prazenteira — murmurou. —Visitá-lo-ei todas as noites as nove, ou mais tarde, se preferir. Só tem que aceitar o trato.

Wilder olhou friamente o decote de sua blusa.

—Posso ter todas as mulheres que queira — declarou. —E haverá certo valor em dar uma lição a lorde Brockway para ensinar a outros o que lhes pode acontecer se não pagarem suas dívidas.

Alicia, horrorizada, suplicou:

—Por favor. Não o faça. Seria um engano enviar a meu irmão ao cárcere. Tem problemas de pulmão, e nunca recuperará seu dinheiro se ele morrer. Além disso, eu posso lhe oferecer algo que poucas de suas amizades femininas possuem. Verá, eu... — consciente do rubor em suas faces, engoliu saliva. —Eu sou virgem.

Wilder examinou seus ombros e seus seios de tal modo que a fez ruborizar-se.

—O sacrifício da virgem — disse sardonicamente. —Disposta a perder a reputação para salvar ao esbanjador de seu irmão.

Mamãe. Querida e doce mãe.

—Sim — sussurrou.

Ele se sentou na borda da escrivaninha, imóvel. Alicia percebeu um escuro humor nele, provavelmente porque se sentia defraudado em seu mal obtido lucro. Então, moveu os braços e atraindo-a para ele, aprisionou-a com suas pernas. Passou os dedos por seus loiros cabelos e lhe tirou os alfinetes de tartaruga marinha.

Suas carícias eram como uma invasão que percorria sua coluna lhe dando calafrios. E só pela força de sua vontade conseguiu manter-se erguida, alerta ao medo e à repulsão que sentia, enquanto que ao mesmo tempo uma atração vergonhosa e inegável a possuía.

Embora seu coração pulsasse loucamente, levantou o queixo e enfrentou seu olhar.

—Trato feito?

—Depende.

—Do que?

—Do bem que me agrada.

Seus dedos começaram um lento assalto a seus sentidos, esfregando suavemente seu cabelo.

—Me diga por que vale vinte mil guinéus.

OH, Deus! Espera que seja eu quem o seduza.

Contendo o fôlego, Alicia tomou ar. O desafio em seus olhos era uma brincadeira de sua pouca experiência. Quantas mulheres haviam sentido essas carícias? Quantas o tinham montado, nu, no limite do desenfreio?

Não. Ela não queria pensar nisso. Em troca, queria seduzi-lo com um beijo. Tempos atrás, os homens brigaram para obter o extraordinário prêmio de seus afetos. Pôs suas trêmulas mãos sobre seus ombros, notando os sólidos músculos debaixo do casaco. Muito suavemente, ela se apoiou nele. Nunca antes tinha visto uns olhos com tão diferentes matizes de azul escuro. Estava tão perto que podia distinguir cada uma das finas pestanas negras. Antes que seus lábios lhe beijassem, sentiu o caloroso comichão de seu fôlego. Então o sabor e o aroma dele a envolveram e a firmeza de sua boca mandou um tremor derretido através de seus membros. Mas ele não fez o menor movimento para devolver o beijo. Suas mãos descansavam pesadamente sobre seus ombros, suas coxas pressionavam suavemente suas pernas. Percebia a impressão de força que emanava dele... e um aborrecimento indiferente.

Determinada a fazer que a quisesse, deslizou suas mãos sobre sua gravata engomada e sobre seu cabelo. Os cabelos deslizavam entre seus dedos enluvados como fios de seda. Acariciou-o lentamente, assim como ele tinha feito com ela, todo o momento lhe roçando com seus lábios fechados. Os homens gostam do jogo das carícias e os rápidos beijos roubados, algo que lhe recordava seus tempos mais amalucados. Em sua adolescência, tinha atraído com enganos mais de um cavalheiro aos escuros cantos para sentir uns beijos galantes. Atormentaria Wilder até que, humilhado, adorasse-a.

Uma sensação de poder flutuou sobre ela, embora a excitação fosse algo diferente: mais quente, e mais intensa que com seus antigos pretendentes. É claro, eles eram uns cavalheiros, e Drake Wilder era um canalha.

Seus lábios se moveram lentamente, e o pulso se agitou. Não parecia tão indiferente; devia estar lutando contra seus desejos de responder. Era o momento de cativá-lo, e fazer que trocasse um breve namorico pelo cancelamento de uma dívida. Levantando a cabeça, Alicia abriu os olhos e piscou.

Um sorriso zombador emoldurava as covinhas das comissuras da boca do Wilder. Um humor sardônico dançou em seus olhos.

—Se isto for o melhor que sabe fazer — disse — meu dinheiro estará muito mal gasto.

Estava rindo dela! Enrijeceu-se, e o medo se apropriou dela.

—Me ensine então — exclamou. —Estou desejando aprender.

—Não. Em minha cama, prefiro uma mulher experiente.

Assim isto era tudo. Deixaria que seu irmão fosse ao cárcere e condenaria a sua mãe a um destino ainda mais espantoso. Alicia se sentiu doente de medo por seu fracasso. Gostaria de implorar, mas sua depreciativa expressão lhe dizia que era inútil. Podia apelar a sua humanidade, mas era um homem frio, um tipo cruel que desconhecia a bondade. Queria enfurecer-se, mas a única coisa que restava era a dignidade.

Um sabor amargo na boca. Deu um passo atrás.

—Acaba de provar um fato, senhor Wilder, a riqueza não o converterá em um cavalheiro.

Virou-se para ir, mas os dedos dele agarraram fortemente seus pulsos como se fossem algemas. Sua expressão era dura e as proeminentes maçãs do rosto ressaltavam em seu depreciativo e belo rosto.

—Agora é você que está equivocada — disse ameaçadoramente em voz baixa. —A riqueza me permitirá alcançar um posto em seu elevado círculo.

—Se isto é outra tentativa de rir de mim...

—Depois de tudo, decidi esquecer a dívida de seu irmão — sossegou-a com um calculado e intenso olhar. —Com uma condição.

Odiou-o por ressuscitar suas esperanças.

—Que condição?

—A condição, minha senhora, é que se case comigo.

Capítulo 2

Contemplou-a como se o fizesse toda a vida.

Em pé frente à janela de seu escritório correu as pesadas cortinas de veludo e olhou com curiosidade a rua ensolarada. Não prestou atenção às elegantes carruagens que estralavam sobre os paralelepípedos, nem aos belos edifícios de pedra de Portland, ou a fachada de colunas do White's Clube ao fundo do St. James's Street.

Toda sua atenção se concentrava em uma pessoa.

Com a cabeça erguida, Lady Alicia Pemberton, saiu pela porta principal caminhando majestosamente junto à grade de ferro forjado de seu clube. A brisa primaveril movia as penas brancas de seu chapéu e abraçava o traje a suas curvas. Havia sentido a suavidade dessas formas apertadas contra ele, a cálida e sedosa pele de sua nuca e seus ombros, e o suave aroma de rosas. Inclusive agora, a lembrança de seu ingênuo beijo lhe excitava.

Sua resposta a tinha surpreendido. Tinha pensado que era muito fria e aristocrática para seus gostos. Preferia mulheres quentes e sensuais sem inibições, mulheres que soubessem dar tanto como tomar. Não uma afetada de sangue azul que se achava superior a ele.

Era um homem que controlava seus apetites físicos, e embora saboreasse a sensualidade de muitas maneiras, não devia permitir que a luxúria o distraísse. Não, ao menos, até que conseguisse casar-se com Lady Alicia.

É claro, ela se tinha negado, e embora indecisa, notou suas dúvidas. Ele tinha esperado, antecipando seu rechaço, até que uma sombra de alarme havia coberto seus claros olhos azuis. Ela não queria um marido, e ele sabia por que. Seus informantes tinham feito um bom trabalho de investigação.

Por sua parte, ele também a tinha espiado de longe, de uma carruagem fechada, enquanto se dirigia cedo pela manhã a peixaria ou à quitanda. Tomava a precaução de usar uma carruagem diferente cada vez, para evitar que ela suspeitasse. Vigia-la não era vital para seus planos, embora sentisse a ardente necessidade de saber tudo a respeito da mulher que estava sendo cortejada por seu pior inimigo, o marquês de Hailstock.

Os dedos de Drake agarraram com força as cortinas. Entrecerrando os olhos, baixou a vista para sua presa. Lady Alicia tinha chegado à esquina, parando ante a aparição de uma carroça de carvão. Uma das rodas pisou em um atoleiro e a salpicou com água suja. Nem retrocedeu, nem se zangou. Simplesmente, esperou no meio-fio de pedra que passasse a carroça para cruzar a ocupada rua. Intrigou-lhe seu semblante sereno e elegante.

Tinha desfrutado mais do que imaginara provocando-a, pondo a prova suas afetadas maneiras, e tinha que admitir a contra gosto a admiração que sentia pela forma como o tinha enfrentado. Ficou estupefato ante sua vontade de fazer quase tudo para proteger a sua família, inclusive entregar sua virgindade a um jogador.

Como desfrutaria contando a Hailstock essa oferta! Satisfeito e tranquilo, Drake conhecia muito bem o caráter do marquês. Lady Alicia devia ter visitado primeiro Hailstock, e este, apesar de sua riqueza, teria se negado a lhe emprestar os vinte mil guinéus se não se casasse com ele. Estava claro que ela se negara, porque Hailstock não aguentaria sua mãe. Mas Drake sim e este era um ponto vulnerável que se propunha explorar sem piedade.

—Vejo que está tramando algo — disse uma voz rouca atrás dele. —Não acreditará que pode enganar a estes velhos olhos.

Drake soltou a cortina, deixando que tampasse a janela enquanto voltava o rosto para Fergus MacAllister. Um tipo gigantesco permanecia com as mãos junto ao corpo, enquanto levantava as sobrelhas grisalhas.

Embora Drake já tivesse trinta anos, aquele severo olhar ainda despertava um tremor de culpa nele.

—Não tenho nada que ocultar — declarou. —Não farei mal à garota.

—Não a ferirá? — Fergus moveu a cabeça aborrecido. —Quando me ordenou espiá-la, não me disse que tentava arruinar seu pobre irmão, nem que pensava utilizá-la como uma rameira.

—Não tenho a intenção de convertê-la em minha amante.

—Não esperará que acredite nisso — disse Fergus soprando.

Aborrecido, Drake se aproximou da escrivaninha, sentou-se na poltrona de couro e, estudando o livro maior, percorreu uma das colunas com o dedo, como se estivesse calculando rapidamente as cifras de cor. E fingindo um tom indiferente disse:

—Então, terá que acreditar em outra coisa... penso me casar com ela.

O ancião ficou boquiaberto.

—De todas as vis intrigas... —balbuciou. —Está decidido a vingar-se. Trata de arrebatá-la de lorde Hailstock.

—Isso não é de sua conta.

—Há. Terá a moça algo que dizer no assunto?

—Não.

Fergus se aproximou da mesa e agitando um nodoso dedo diante do rosto do Drake, disse:

—Sua mãe o educou para comportar-se bem com as pessoas, para ser uma pessoa decente. E assim é como lhe paga. Manipulando esse pobre anjo para seus tortuosos propósitos.

—Quando for minha esposa, esse pobre anjo não carecerá de nada.

—De nada exceto amor. De nada exceto honra e respeito.

As velas do candelabro marcavam as sombras do rosto amargurado do Fergus e do emplastro do olho.

—No final poderá vingar-se, mas me pergunto como poderá viver com isso.

Drake se negou a afastar a vista. Recordou o brilho de terror nos olhos dela quando zombava da perspectiva de mandar seu irmão ao cárcere. Mas não deixaria que essa aristocrata o preocupasse. Depois de tantos anos de pobreza, aceitaria ser a mulher de um homem rico. Com o tempo, provavelmente lhe agradeceria.

—Viverei como sempre o tenho feito — disse. —Eu tomarei as decisões. Tomando a pena despreocupadamente, introduziu-a no tinteiro.

—Pode se retirar, tem coisas a fazer. Revise a fatura dos vinhos e comprove que não nos estejam extorquindo.

Fergus se ergueu.

—Está se tornando presunçoso, como se fosse o senhor do castelo.

—Não esqueci minhas raízes — disse Drake recuperando deliberadamente o áspero acento de sua juventude — e agora, saia de minha vista, Fergus MacAllister. Não quero ouvir mais suas tolices.

Fergus o olhou furiosamente durante um longo momento, fechando e abrindo os punhos.

Depois, resmungando maldições em gaélico, foi ao hall. Drake deixou a pena, e colocando a cabeça entre as mãos esfregou as têmporas. Desprezava-se por ter falado tão

duramente com Fergus, por havê-lo tratado com o desdém que a nobreza reservava aos seres inferiores; mas Drake não ia permitir interferências em seu plano. Não agora, quando estava tão perto do êxito.

Daria a lady Alicia Pemberton um dia para que refletisse sobre sua oferta. Depois, lhe devolveria a visita, e se ainda assim recusasse, tinha em suas mãos os meios para persuadi-la.

A riqueza não o converterá em um cavalheiro.

Sua frieza aristocrática o tinha enfurecido. À beira da ruína, comportara-se como uma rainha dirigindo-se a um rato de esgoto. Até hoje, tinha-a considerado como um simples peão, como um dos meios de sua vingança, mas agora esperava com interesse as bodas por outra razão. Queria quebrantar essa fria reserva.

Queria demonstrar a essa orgulhosa aristocrata que não era melhor que ele.

—Gerald! O que faz acordado tão cedo?

Alicia parou na porta da cozinha do porão. Seu irmão estava sentado em uma mesa longa de madeira, com os ombros inclinados enquanto devorava uma empanada de carne. No fogão, a senhora Molesworth cortava cebolas sobre uma caçarola. Era uma mulher robusta e resmungona, com touca sobre um cabelo cinza aço, que saudou Alicia com uma viva inclinação de cabeça.

Assim que viu sua irmã, começou a tossir. Alicia se aproximou rapidamente a seu lado e lhe pôs uma tigela de chá nas mãos. Essa tosse seca sempre a punha nervosa e preocupava-a, embora se esforçasse para que ele não se desse conta.

Bebeu um bom gole.

—Obrigado — disse com voz irritada.

—Mas antes, uma dose de seu xarope — disse a senhora Molesworth com uma colher cheia de algo que cheirava a alcaçuz.

Alicia tomou a colher e a passou a Gerald, que fez uma careta de asco ante o espesso e escuro líquido.

—Odeio esse sabor.

—Beba isso rapidamente, então.

Quantas vezes lhe havia dito essas palavras? Desde sua infância, a dor de peito o atormentava nos úmidos meses de outono, inverno e princípios da primavera. O médico não podia fazer outra coisa que receitar o xarope e aplicar cataplasmas nos episódios mais graves.

Um raio de sol atravessou a janela iluminando com um halo o cabelo do Gerald. Era da cor do mel escuro. Alicia, com dedos trêmulos, tocou aqueles cachos que pareciam beijados pelo ouro, recordando-o como aquele travesso menino que jogaria o remédio no vaso mais próximo se não o vigiasse atentamente.

E agora poderiam encerrar Gerald em uma úmida e insalubre cela de uma prisão sem ninguém que o cuidasse...

Levantando o olhar, puxou-lhe a colher vazia.

—Não se preocupe. Estou bem.

Havia algo preocupante em seu olhar. As suspeitas a espreitavam depois do cansaço de uma noite em claro. Alicia deixou a colher na pia, aproximou-se do fogão e se serviu de uma xícara de chá. A saia descolorida sussurrou, enquanto se aproximava dele.

—Por que vai vestido de rua?

—Negócios — resmungou com um pedaço de empanada na boca.

—Que tipo de negócios?

Escovou um miolo de pão do elegante casaco de montar azul.

—Não lhe interessa.

—Me diga — disse com o tom de prefeitura estrita que costumava usar quando lhe dava aulas. Se for jogar de novo...

—Não, certamente que não — levantando a cabeça, olhou-a ameaçadoramente. De vez em quando, podia ser tão arrogante como o conde que era. —Toma-me por um completo idiota?

Alicia pensou que era muito ingênuo, tão tristemente jovem. Deixando-se cair em uma cadeira em frente dele, segurou a xícara quente com suas mãos frias.

—Esperava que fosse mais inteligente. E se quiser que deixe de incomodá-lo, me diga então por que sai a estas horas tão matinais.

A arrogância desapareceu tão rápido como tinha aparecido. Sentou-se em silêncio e mal-humorado, como um pirralho caprichoso fazendo beicinho.

Da cozinha, a senhora Molesworth golpeou uma lata contra a pia.

—Vamos, milorde. Sua irmã se inteirará cedo ou tarde.

Carrancudo, pegou outra empanada e lhe deu uma boa dentada. Com tudo o que tinha comido, estava magro, e lhe notavam as costelas. Mastigou um momento, e balbuciou desafiante.

—Vou levar a Bonita ao Tattersall.

Alicia exclamou:

—Vai vender a égua?

Gerald assentiu nervosamente.

—Há um leilão hoje. Está em inexoráveis condições e alcançará um bom preço.

O coração da Alicia começou a pulsar e seus olhos se encheram de lágrimas. Gerald tinha criado a formosa égua cinza desde que era uma potranca na propriedade do Northumberland, antes que seu pai tivesse perdido no jogo todas suas terras, exceto esta, que estava vinculada ao título. O amor que Gerald sentia pela égua se refletia no nome que lhe tinha posto e no afeto que lhe tinha.

Durante os últimos cinco anos, desde que tinham vendido o resto dos cavalos, o coche e a carruagem de quatro portas, e despedido os cavaleiros, Gerald tinha cuidado e treinado Bonita. Cavalgava sobre ela alegremente pelas ruas de Londres e os caminhos de ferradura do Hyde Park. A égua era uma fonte de orgulho para ele, o último refúgio de sua perdida fortuna.

—OH, Gerald! — disse ela, passando uma mão por cima da mesa para lhe tocar com seus magros dedos. —Que pena deve sentir!

Um brilho de vergonha apareceu em seus olhos verdes, engoliu apressadamente e afastou o olhar. Então jogou para trás a cadeira arranhando os ladrilhos com as patas de madeira.

—O melhor é que ponha mãos à obra — disse indeciso. —Não posso me despedir da velha Bonita sem uma boa escovada.

Cruzando cansativamente a cozinha, subiu os curtos degraus da escada até o minúsculo jardim e os estábulos mais à frente.

Alicia bebeu a goles o chá quente para tirar o nó que sentia na garganta. Inconscientemente, ouvia a senhora Molesworth cortando a verdura para a sopa da comida. O fogo crepitava no fogão e o relógio fazia tictac na cornija da lareira. Mas o acolhedor e familiar ambiente da cozinha hoje não existiam.

—Maldito seja Drake Wilder! — tinha tentado um confiante jovem com as mesas de jogo, espremido até o último centavo de um dinheiro que não tinha e forçado a renunciar a sua mais apreciada propriedade. Não podia desculpar a parte de culpa que correspondia a Gerald, embora amaldiçoasse Wilder por apanhar a um jovem incauto.

E além de tudo isto, esperava que se casasse com ele. A comoção lhe dava calafrios. Estava envergonhada de admitir que, por um instante fugaz, tinha estado tentada a aceitar sua oferta. Seria o fim de suas dívidas, do esforço de procurar comida cada dia. E inclusive poderia desfrutar do luxo de ter algum formoso traje novo para vestir...

Então se lembrou de sua mãe. Nunca, nunca permitiria que Drake Wilder exercesse suas crueldades com sua mãe. Para seu desgosto, Drake Wilder tinha sido testemunha de sua breve dúvida. Recordava como tinha feito sua oferta, cheio de si, com presunção, altivo. Frio e orgulhoso, tinha-lhe explicado que queria ser igual aos aristocratas que frequentavam seu clube. O sangue azul e limpa linhagem da Alicia lhe permitiriam entrar na boa sociedade.

Alicia não considerava a si mesma superior ao resto das pessoas, embora há tempos se preocupava excessivamente das aparências. Tinha sido vaidosa e egoísta, desfrutando de sua posição como uma das principais debutantes da temporada. Tudo isso mudou com uma mão de cartas quando seu pai perdeu toda sua fortuna exceto a casa e uma modesta renda. Sua morte

ainda lhe inquietava. E agora, depois de cinco humilhantes anos duros e laboriosos, respeitava e apreciava as classes baixas trabalhadoras.

Mas Drake Wilder era de uma classe especial. Ofendia-lhe que aspirasse a converter-se em um cavalheiro. Uma fortuna mal ganha não lhe dava direito a unir-se aos círculos aristocráticos.

Tinha sido muito gratificante rechaçar a esse canalha. Pertencia ao mundo dos jogadores profissionais, estelionatários e ladrões. Alguém lhe tocou as costas e deu um pulo. Levantou a vista e contemplou o rosto familiar e inquieto da cozinheira.

—Sinto muito, senhora Molesworth, estava distraída.

—Querida, não se preocupe com sua senhoria. O moço quer reparar seus enganos — movendo a cabeça a senhora Molesworth franziu os lábios. —Embora não acredito que obtenha mais de vinte mil libras pela égua.

—Sei — Alicia se desesperava como obter o resto do dinheiro. Que Deus lhes ajudasse caso se visse obrigados a vender a casa. Arruinados como estavam, isto não lhes ajudaria muito e necessitavam um lugar onde viver e onde ninguém pudesse interessar-se sobre sua mãe. Pelo bem da cozinheira, alegrou a rosto.

—Ao menos temos um telhado sobre nossas cabeças, e mamãe está aqui contente; devemos agradecer.

—Ora! — grunhiu a senhora Molesworth, brandindo com seu gordo braço uma faca de açougueiro — dentro de pouco com esta faca tirarei as entranhas desse Drake Wilder.

Também eu gostaria.

Chateada por sua própria brutalidade, Alicia disse:

—Não devemos falar assim. E jamais tolerarei me degradar a seu nível.

—Uma dama como você, possivelmente não. Mas, por todos os Santos que eu o faria. Ponha a esse bastardo a meu alcance e lhe cuspirei e logo o assarei bem crocante para o jantar.

Alicia se perguntou o que faria a senhora Molesworth se descobrisse que tinha visto Drake Wilder, e que lhe tinha oferecido ser sua amante; que ele zombou dela, e o diabólico projeto que lhe tinha proposto.

Ocultando sua ansiedade, levantou-se da mesa e pegou um lascado bule de porcelana da China do aparador. Era a única peça que restava de sua esplêndida baixela. Pondo a quantidade justa de folhas de chá de uma caixa da despensa disse por cima do ombro:

—Eu levarei a bandeja do café da manhã à mamãe. Logo estará acordada.

—A sopa já está fazendo — disse a senhora Molesworth, jogando umas cenouras cortadas na panela. —Têm outras coisas que fazer, milady. Eu me encarregarei do primeiro turno com a condessa.

Alicia era dolorosamente consciente de ter tido que deixar que se fosse o resto dos serviços, carregando todo o peso da casa na velha cozinha.

—Já faz muitas coisas.

—Tolices! Por-me-ei a costurar enquanto me sento com ela — a senhora Molesworth pôs um prato nas mãos da Alicia.

—Sente-se e coma. Só Deus sabe quando voltaremos a ver carne para as empanadas.

Alicia estava ajoelhada no salão limpando com energia os rodapés, quando alguém bateu na porta. Mergulhada em seus pensamentos seguiu trabalhando até que os golpes se ouviram de novo, e recordou que já não tinham um laçao que abrisse a porta às visitas.

Suja e manchada, Alicia se sentou sobre os tornozelos, molhou os lábios e tirou uma mecha de cabelo da testa. Hesitava se recebia ou não ao visitante. Poderia ser outro credor, e sabia que cedo ou tarde ia ter uma desagradável surpresa.

Intumescida por estar de joelhos sobre o nu chão de madeira deixou o trapo em um balde cheio de água com sabão e, secando as mãos com o avental, ficou em pé. Sem compadecer-se, afastou a vista do desordenado salão ao mesmo tempo em que entrava no vestíbulo para abrir a porta.

Quase desmaiou. Na rua se vislumbrava uma elegante carruagem negra, com um cocheiro às rédeas dos cavalos. No dintel se recortava a figura de um cavalheiro alto e gracioso vestido com um impecável casaco cinza e calças combinando. Tirando a cartola, saudou com uma inclinação de cabeça, mostrando uma cabeleira cinza prata. Era Richard, marquês de Hailstock.

—Milorde — disse fazendo uma reverência enquanto sacudia inutilmente a saia suja. —É muito inesperado.

—Minha querida Alicia, desculpa minha rabugice — seus olhos revoaram sobre seu desalinhado aspecto, embora fosse muito educado para comentar. —Esperava falar com você, mas se não for um bom momento...

Alicia tinha se esquecido dele depois da furiosa despedida de dois dias atrás. Seus traços distintos traziam ainda o brilho de uma esperança impossível. Talvez, só talvez, ele tivesse reconsiderado.

Deu um passo atrás.

—Entre, milorde.

E fingindo que vestia o mais deslumbrante modelo de baile, em vez de um estragado e triste traje de trabalho conduziu-o ao salão.

O marquês parou subitamente.

—Meu deus! O que aconteceu aqui?

Alicia contemplou a grande sala através dos olhos do marquês: o chão nu de madeira, as paredes vazias com os espaços marcados onde tinham estado os quadros vendidos.

As lágrimas se escondiam nas pálpebras. Não choraria. Não o faria. E sem lhe dar a mínima importância disse:

—Vendi os quadros esta manhã.

Não fazia uma hora que o carrinho de mão de um camelô levou os móveis de pau-rosa e o antigo tapete enrolado. Da mesma maneira se foi o piano que havia tocado quando era menina e que tanta alegria tinha dado a seu pai, e as belas estatuetas que sua mãe colecionava com deleite. Assim tinha ido à deliciosa escrivania na qual até a dois dias estudava e olhava as contas, esperando achar uma maneira de pagar seus credores. Os vinte e três guinéus de ouro que tinha obtido não durariam muito.

Antes de dar rédea solta a seu desespero passou a última hora esfregando, enfurecida, o chão e os batentes das portas.

—Por favor, tome assento.

A pobreza não impediria que fosse cortês. Conduziu lorde Hailstock até os últimos assentos que ficavam, uma turca e umas desmanteladas cadeiras ao lado da lareira para que mamãe, Gerald e ela se sentassem nas tardes frias. Se pudesse, inclusive poderia ter convencido à senhora Molesworth para que fizesse ponto aqui com eles.

—Como está James? — perguntou.

A menção de seu único filho, inválido, brilhou nos olhos de lorde Hailstock.

—Está bem, mas não vim para falar dele. Preciso falar com você.

Tocou o cotovelo da Alicia e se sentou a seu lado na turca. Contra sua vontade, abrandava-se ante seu cavalheirismo, ante a genuína preocupação que se adivinhava em seus aristocráticos traços. Era um viúvo que tinha perdido a sua segunda mulher o ano passado. Alicia o tinha conhecido toda sua vida como um amigo de seus pais; sua mãe e sua primeira esposa, Claire, criaram-se juntas. A princípio, era-lhe embaraçoso dar-se conta de que a cortejava. Desfrutava com os pequenos luxos que lhe proporcionava os doces, as flores e os livros. Esperava com interesse as animadas conversas sobre todo tipo de assuntos, da moda à jardinagem. Mas embora o estimasse, não o amava com o selvagem e romântico ardor que uma vez sonhara sentir por um homem. Embora estivesse certa de ser feliz com ele, não poderiam estar um só momento sem discutir.

Tomou a usada mão da Alicia e a apertou suavemente entre suas elegantes mãos calçadas de luvas de pelica. Angustiado, era consciente do rubor que invadia sua pele, e de suas unhas ásperas e secas.

—Querida Alicia — disse — dói-me verte reduzida a esta vida de pobreza. Descende de uma das mais antigas e limpas linhagens da Inglaterra.

Sentiu uma fraca chama de esperança. Tinha vindo para dizer que estava equivocado? Que não poria condições a seu matrimônio?

—Não tenho outra opção — disse. —Conhece a dívida de Gerald, e o senhor Wilder exigirá o pagamento.

Um relâmpago de ira cruzou os olhos do Hailstock. E apertando a mão da Alicia disse:

—Maldito canalha! Não se pode culpar seu irmão do vício que herdou que seu pai, mas amaldiçoo Wilder por explorar essa debilidade.

—Reze para que Gerald tenha aprendido a lição.

Pensou nele, leiloando sua querida égua para poder pagar a dívida enquanto uma agri-doce dor apertava seu peito.

—Eu sei que nunca faria mal deliberadamente a mamãe ou a mim.

—Entretanto, o dano já parece. E uma dama não pode viver assim — Hailstock indicou o salão vazio.

—Que outra coisa posso fazer? — murmurou.

—Podemos fazer o que falamos faz dois dias, quando veio pedir minha ajuda — acariciando sua face e olhando-a fixamente nos olhos. —Case-se comigo, querida, embora me desgoste dar dinheiro a esse canalha do Wilder, farei se você se casar comigo. Hoje vim esperando que reconsiderasse meu oferecimento.

Seria maravilhoso lhe passar seus problemas, que a cuidasse, e que por fim pudesse levar a vida de uma dama. Mas Alicia se viu obrigada a lhe perguntar:

—Então, mudou de opinião sobre minha mãe? Permitirá que viva conosco?

—É impossível, não insista. Com as frias pontas de seus dedos aproximou seu rosto ao dele. —Deve compreender que lady Brockway tem que estar em um lugar onde possa ser corretamente tratada por especialistas na matéria.

—Cuido-a perfeitamente — explodiu. —Não sei por que a abandonou. Ela e papai foram seus amigos uma vez. Lembro quando os olhava, do mais alto das escadas, vendo todos rirem nas festas e nos bailes de máscaras. Alegrava-me ver mamãe tão contente, a mulher mais maravilhosa e alegre de todas as festas — deteve-se, tensa.

—Tudo isso se foi — disse o marquês apressadamente. —É deplorável, mas o tempo segue e as pessoas mudam. Tomara pudesse lhe devolver à mãe que admirou!

—Ainda a admiro — disse Alicia desafiante. —É aqui onde você e eu diferimos. Para mim, não é um lixo que deva ser apartada pela simples razão de ser um problema.

Rígido, Hailstock se recostou na turca.

—Me acredite, querida. Se recusar minha oferta, não haverá ninguém que pague tanto por sua mão. Seu irmão irá ao cárcere enquanto sua mãe e você acabarão no asilo. É este acaso um melhor destino do que lhe proponho?

Alicia estremeceu, debaixo de sua ira jazia a semente de um frio medo.

—Antes padecerei fome, mas nunca entregarei a minha mãe a uns estranhos, e menos ainda a esse horrível lugar que sua senhoria sugere.

—Milady! — uns passos pressurosos retumbaram no corredor, e a senhora Molesworth, com o rosto vermelha e a touca torcida, irrompeu no salão.

—Milady, venha rápida!

Alicia deu um salto, e com o coração na mão, pegou os ombros da cozinheira.

—É mamãe?

—Sim. Estava pegando flores no jardim e cantarolando enquanto eu arrancava as más ervas. Deixei-a sozinha um momento, justo para provar a sopa, e quando voltei...

—Fez uma pausa, trêmula, tampando-a boca com sua mão roliça.

—Me diga.

—Foi-se, milady. Não posso encontrá-la.

Capítulo 3

Uma florista estava sentada em um banco do parque, em seu regaço descansava uma cesta cheia de narcisos amarelos e flores de açafrão púrpuras, Seu rosto doce e franco, tão delicado como um camafeu, sorria sob um chapéu de palha de asas longas adornado com uma fita rosa. Um andrajoso xale grande de pele de toupeira lhe cobria os magros ombros até uma remendada saia negra. Ao lado de seus pés nus, uma pomba gorda bicava migalhas entre os paralelepípedos do passeio, —Tenho flores! Cantava a mulher, sustentando um ramalhete em uma mão, —por favor, comprem minhas formosas flores!

Os passeantes davam uma ampla volta para evitar aproximar-se do banco. Uma babá que empurrava um carrinho de bebê deteve o passo e olhou à vendedora com assombro. Um arrogante cavalheiro torceu os lábios com desprezo, e um par de burguesas emperquitadas acelerou o passo, cochichando horrorizadas; trotavam rápido, como se tivessem medo de aproximar-se.

—Está louca! — murmurou a mais alta, uma matrona de boca escura.

—É uma vergonha! — disse com voz de apito sua roliça amiga. —Não é um espetáculo para pessoas decentes.

—Então é uma sorte que não haja pessoas decentes por aqui — Alicia interrompeu a conversa.

As duas mulheres se voltaram ao mesmo tempo e ficaram boquiabertas.

O coração da Alicia pulsava a toda velocidade enquanto procurava desesperadamente sua mãe, e teve a sombria satisfação de envergonhá-las ao mesmo tempo em que se aproximava delas. Não hesitaria em usar o legítimo status de sua família para silenciar a esse par de faladoras sem sentimentos.

O avinagrado rosto de uma das mulheres se inclinou rigidamente.

—Lady Alicia, que surpresa!

Sua companheira com as faces avermelhadas quase se tropeça, atordoada, fazendo uma reverência. Com o tom mais altivo possível, Alicia disse:

—Deveriam esforçar-se mais na hora de fazer a vênia ante lady Brockway.

—Nós... mas, mas... — a mulher roliça fraseou. Os lábios lhe tremiam de indignação. —É hora de comer. Vamos, Louise. As duas mulheres se apressaram em direção a uma das casas que ladeavam o parque.

Alicia gostaria de lhes lançar outro insulto. Malditos periquitos! Mas conteve a língua; caso inimizasse mais com a vizinhança, só conseguiria piorar suas mesquinhas opiniões. E tudo recairia em sua pobre mãe.

Com um nó na garganta se aproximou do banco, uma pomba ergueu voo no ar batendo suas asas cinza. A florista escrutinou Alicia e um sorriso iluminou seu rosto de duende.

Seus olhos azuis cintilaram enquanto balançava um ramalhete murcho amarrado com uma puída fita rosa.

—Dois centavos, senhorita, dois centavos pelas flores mais belas de toda a cidade de Londres.

Alicia sorriu a sua mãe, e ocultando a amarga dor que sentia, recolheu as murchas flores de açafrão aspirando sua delicada fragrância. A tristeza a envolvia nesse momento no qual no rosto de sua mãe não havia reconhecimento algum. Hoje, Eleanor, lady Brockway, vestia a máscara de um estranho. Como sempre, Alicia representou a última fantasia de sua mãe.

—Obrigada. Mas receio que não trouxe o moedeiro. Seria amável de me acompanhar a casa para recolhê-lo?

—Se quiser, pode levá-lo grátis — disse lady Eleanor, magnânima, desfigurando seu tranquilo tom aristocrático com um monótono acento vulgar. —Estou ocupada vendendo mais flores.

Alicia hesitava. Sua mãe atraía escandalosamente a atenção, não só dos que passeavam pelo parque, mas também das casas próximas. Em mais de uma janela se agitava uma cortina e um pálido e oval rosto bisbilhotava em sua direção. Uma parte dela queria mostrar a língua e zombar como uma criança, mas seu lado prático lhe dizia que devia escoltar sua mãe até a casa, onde ninguém pudesse rir dela.

—Insisto em pagar — disse Alicia. —Venha comigo, é um passeio muito curto. Arrumou o xale grande de sua mãe, e pegando-a pelo ombro, ajudou-a suavemente a levantar-se.

—Não se preocupe — os lábios de lady Eleanor tremiam. —Para falar a verdade, não acredito que ninguém compre nenhuma flor. Ninguém de ninguém. A dor de sua voz atravessou Alicia.

—O que importa essa gentinha! As pessoas vulgares não sabem apreciar as flores bonitas.

Sua mãe se alegrou.

—Tem toda a razão.

Enquanto caminhavam pelo parque, Alicia percorreu com a vista os plátanos e a fila de casas. Como as outras, a sua era uma moradia grande de pedra com colunas e três pisos com janelas, o telhado estava coroado por várias lareiras. Seu olhar se fixou em um veículo que estava se detendo na calçada.

Conduzida por um cocheiro com libré, um par de coroas gêmeas de louro estavam gravadas na negra e brunida carruagem. Esta parou justo no lugar, onde fazia só há uns minutos esteve o coche de lorde Hailstock. O marquês se fora imediatamente depois do nervoso aviso da senhora Molesworth, e Alicia não tinha tido tempo de sentir-se zangada ou desiludida por sua partida. Toda sua atenção estava concentrada em achar a sua mãe.

Alicia suspirou. Seria um desses pretensiosos amigos do Gerald, uns jovens jactanciosos que rara vez os visitavam, em grande parte por causa de sua mãe. E também pelo desgosto que cuidava em lhes mostrar.

Deveria ter levado a sua mãe pela porta de trás, mas eles viviam em meio da rua, e isto significava virar na esquina dando uma volta através dos estábulos e desafiar a todos os intrometidos do bairro. Seria melhor acompanhá-la discretamente, sem submetê-la a mais humilhações.

Cruzando a rua lotada, manteve o braço ao redor da magra cintura de sua mãe, que era como a de uma menina. Lady Eleanor cantarolava uma inexpressiva cantilena enquanto dava pequenos saltos sobre os duros paralelepípedos. A cesta de flores balançava em sua mão e seus pés nus levantavam a prega da saia. Perdida em seu próprio mundo não percebia a vizinhança, que boquiaberta a olhava estupidamente das janelas e alpendres.

Dá no mesmo, pensou Alicia, com o queixo bem erguido. Não podia suportar que sua mãe não compreendesse o medo e a repugnância que sua loucura inspirava. Melhor que permanecesse em casa, protegida dentro, ao calor de seus familiares.

Desgraçadamente, tinha o cacoete de escapar assim que a deixavam a sós uns minutos.

Rodearam a carruagem. A luz do sol tinha convertido os vidros em espelhos, e não havia nenhum escudo na negra porta envernizada. Um aroma a couro dominava o aroma dos cavalos, o rosto de pedra do cocheiro apenas lhes dedicou um olhar.

Acabava de pôr um pé no primeiro degrau da escada que levava ao alpendre quando ouviu que abria a porta da carruagem atrás dela. Maldição! Situando-se em frente a sua mãe, preparou um sorriso educado e se virou para se despedir do visitante. Informaria que seu irmão voltaria tarde do Tattersall. E o janota teria que ir depressa. Mas seu diplomático plano teve um

rápido fim quando viu o homem alto que saía da carruagem. Uma mecha de cabelo negro caía sobre sua ampla frente, e uns penetrantes olhos azuis a olharam faiscantes a luz do sol. O elegante traje negro e o colete prateado poderiam assinalá-lo como um cavalheiro, mas a Alicia não enganavam essas custosas roupas.

Viu o diabo encarnado no Drake Wilder. Como um presente de Lúcifer ao sexo feminino se aproximou delas. A promessa do pecado descansava em seu corpo magro e musculoso, e nos traços sensuais de sua boca. A visão fez que seu coração começasse a pulsar com força, recordando o humilhante beijo que lhe tinha dado. E o horrível fato de que lhe devia vinte mil guinéus.

Teria vindo para lhe exigir o pagamento? Ou para seguir adiante com sua inconcebível proposta? Inclusive essa possibilidade era secundária frente à oportunidade de Wilder poder zombar de sua mãe. Podia ouvir seu cantarolar a suas costas e o toque de sua saia enquanto se balançava ao ritmo da música imaginária que soava em sua cabeça.

Cheio de graça, Wilder manteve o olhar em Alicia enquanto tomava sua mão estragada pelo trabalho. A diferença de Hailstock, não levava luvas, e seu firme aperto envolveu seus frios dedos com um calor infernal.

—Milady, é um prazer voltar a vê-la.

—Senhor Wilder, você não é bem-vindo aqui.

—Já vejo que segue irritada por aquele beijo.

Seus olhos riam dela. Antes que pudesse replicar algo, ele levou a mão aos lábios. A carícia de seu fôlego foi como uma cascata quente e maligna que lhe atravessou as entranhas. Era ira, disse a si mesma. Tinha brincado com ela, deixando que se comportasse como uma idiota, e isto era uma experiência que não enfrentava frequentemente.

Soltou a mão.

—Eu nunca me irrita — disse com voz gelada. —E neste momento não se recebe a ninguém. Se me desculpar.

Tentou introduzir sua mãe na casa, dando as costas ao Wilder, mas nesse preciso momento lady Eleanor, lhe jogando uma olhada, gorjeou:

—Olá, senhor. Gostaria de comprar um ramalhete para sua apaixonada?

Wilder fixou a atenção em sua mãe, erguendo uma de suas escuras sobrancelhas, enquanto ela segurava a cesta cheia de casulos murchos e torcidos. Meu deus. Alicia rezou para que não se desse conta de que estava olhando à condessa viúva do Brockway.

Suas esperanças se desvaneceram imediatamente.

—Lady Brockway, suponho? — murmurou. —Agora posso ver de quem herdou Alicia sua beleza.

—Alicia? — lady Eleanor piscou, suas formosas sobrancelhas formaram um cenho melancólico. —Uma vez conheci uma garota que se chamava Alicia. Era uma jovem bem bonita,

antes que ele retrocedesse ou fizesse algum comentário sarcástico, Alicia deslizou uma protetora mão ao redor das costas de sua mãe, forçando-a a subir os degraus para o refúgio do lar.

—Não se preocupe com ele. Não está interessado e agora venha, tenho os dois centavos que lhe prometi, recorda?

—Não está interessado! Ora! — detendo-se no alpendre, lady Eleanor sorriu inocentemente ao Wilder debaixo de seu chapéu de palha.

—Com certeza um cavalheiro tão elegante tem uma noiva para cortejar. E a melhor maneira de fazer é com flores.

—Sinto muito, mamãe. Está indo e nós temos...

—Espere. Realmente desejo comprar flores — com duas rápidas passadas Wilder subiu os quatro degraus até o alpendre e fez uma cortês reverência a lady Eleanor.

—Seria amável de me mostrar as flores?

—Certamente, meu bom senhor — rindo nervosamente lhe ofereceu a cesta das flores para que a inspecionasse. —Tome o tempo que necessitar.

Alicia olhava tensa e preocupada, preparada para detê-lo caso se atrevesse a zombar de sua mãe. Não lhe importaria o mínimo esbofetear esse rosto tão belo, ou golpear com o cotovelo esse estômago plano. Ou empurrar esses ombros largos e musculosos para ter tempo e colocar rapidamente a sua mãe em casa e fechar a porta. Não se sentiria segura até então...

—Deve pegar o ramalhete mais formoso, o que lhe parece este? — lady Eleanor tirou um murcho molho de flores de açafraão. —Só quer o melhor para a dama de seus sonhos.

—De acordo! — lançando um olhar sardônico a Alicia. Seu olhar masculino fazia com que lhe formigasse a pele. Seus seios estavam tensos, seu ventre sombrio e suas pernas fraquejavam. Mergulhando em seus olhos sentiu a consciência primitiva de vê-lo como um homem... e de ver-se como uma mulher. O canalha que desejava casar-se com ela. Que queria usá-la como um trampolim para introduzir-se nos mais seletos círculos da sociedade. E para colocá-la em sua cama. Seu olhar se concentrou em sua bela boca, no atraente sorriso mal esboçado, nas profundas e tentadoras covinhas...

Ressentida pelo efeito que lhe provocava, pegou com força seu próprio ramalhete.

—Escolha de uma vez e vá.

Deslizando o polegar e o indicador dentro de seu casaco, Wilder tirou uma guinéu de ouro que ofereceu a lady Eleanor.

—Levo todas — disse arrastando as palavras. —Acredito que isto será mais que suficiente.

Enquanto Alicia olhava atônita, ele examinou uma por uma todas as flores. Amarelas, brancas, púrpuras, rosas, as flores ocupavam suas grandes mãos, o pólen dourado dos narcisos se via nas mangas de seu casaco escuro. Indiferente, ofereceu-lhe o ramo.

—Para você, a dama de meus sonhos.

Assombrada, Alicia pegou as flores e as segurou contra seu seio, empapando-se com seu formoso aroma. Que nefando propósito lhe tinha impulsionado a ter semelhante gesto? Tinha que haver uma armadilha; sempre a havia com um homem como Drake Wilder. Logo faria um de seus ferventes e cruéis comentários. Ridicularizaria a sua mãe até que chorasse.

Lady Eleanor aplaudiu, a cesta vazia pendurada do braço, e a moeda de ouro brilhava entre pétalas amassadas.

—Ah, é muito bela! E de caráter doce.

—Mmm — um brilho de brincadeira brilhou nos olhos de Wilder e em tom reservado disse: —Somos um bom par. Fazemos o casal perfeito.

—Sim, senhor — disse lady Eleanor, olhando-os com avaliação e com as mãos entrelaçadas debaixo do queixo. —É como nos contos românticos de antigamente.

—Alegra-me sua aprovação — com um rápido movimento abraçou Alicia, sua mão firme e quente ao redor de sua cintura, apanhando-a contra seu duro corpo. Os braços da Alicia estavam tão cheios de flores que não pôde afastá-lo. —Desde o momento que nos encontramos, soube que nosso destino seria nos casar.

Teve a audácia de piscar um olho a Alicia, como se fosse um tipo desejoso de enganar a sua mãe.

Deveria cuspir em seu diabólico e belo rosto. Repugnava-lhe o modo como a pegava, como se fosse de sua propriedade, ganha em uma partida de jogo de dados. E embora tivesse feito sorrir sua mãe, uma estranha ternura puxava seu coração, uma doçura involuntária que limava o fio de sua ira. Não a tinha apertado tão forte, e Alicia podia murchar-se agora como os casulos quebrados que tinha contra o peito.

O grande velhaco. Seu encanto era puro teatro, sua maneira de brincar com os sentimentos das mulheres. Mamãe lhe importava bem pouco, gostaria de levá-la ao manicômio, depois de ter rido dela. Esta horripilante ideia moveu a Alicia a tomar uma decisão.

Afastando-se de seu lado, disse a sua mãe:

—Venha, tem que me ajudar a pôr estas flores na água.

Lady Eleanor riu bobamente como uma menina quando Wilder abriu a porta e educadamente as conduziu ao vestibulo. Alicia o vigiava, alerta ante o mínimo sinal de brincadeira ou desdém, dos quais ela já tinha sido testemunha. Mas Wilder só mostrou um cortês respeito, advertindo sua mãe que vigiasse os degraus e um elogio sobre seu extravagante chapéu.

A senhora Molesworth desceu trotando pelo escuro corredor.

—Milady, grande susto nos deu — dirigiu um olhar confuso a Drake Wilder.

Não tinha uma ideia clara de quem era, e Alicia não estava disposta a dizer-lhe. Não queria que sua casa se convertesse em um campo de batalha, assim discretamente moveu a

cabeça. Wilder estaria mal se desse conta que não importava quão exorbitante fosse a dívida, ela não estava disposta a utilizar a sua família como um brinquedo para que ele se divertisse.

Alicia foi com sua mãe e deixou as flores cortadas na cesta.

—Necessitará de um vaso — tirando o pólen das mãos. —Levará ela a cozinha, senhora Molesworth?

A cozinheira assentiu energicamente e acompanhou lady Eleanor para o porão. A voz excitada de sua mãe lhe chegava claramente.

—Olhe! — dizia revolvendo no fundo da cesta. —Tenho um guinéu! Deu-me esse cavalheiro tão educado. Acredito que está apaixonado por ela.

Alicia se ruborizou. Consciente de que Wilder permanecia a suas costas, adotou o porte apropriado de uma dama. Para seu alívio, a senhora Molesworth se limitava a sorrir com as vagabundagens de sua mãe, e o par desapareceu pela porta a caminho das escadas do porão.

Ansiosa por mandar embora Wilder, virou-se rapidamente. A cáustica despedida gelou em sua língua. Wilder tinha desaparecido. Um raio de sol atravessou a janela marcando uma dourada linha no vazio chão de mármore.

Nem sequer tinha ouvido-o mover-se. Vislumbrou-o na biblioteca, examinando os poucos livros que ficavam nas prateleiras virtualmente vazias. Fazendo ruído com os saltos, entrou no desolado aposento onde, nos dias de seu pai, as cômodas poltronas de couro e os livros encadernados perfumavam o ambiente. Agora, os móveis foram vendidos e nem sequer um fogo crepitava na lareira para criar um pouco de alegria. Apesar das duras circunstâncias, sentiu um pequeno ataque de nostalgia em seu peito.

—Senhor Wilder, devo lhe pedir que vá imediatamente.

Como se estivesse falando com as paredes. Wilder estudava um velho livro, concentrado enquanto passava as páginas. .

—Um estranho exemplar das Moralias de Plutarco. Por Deus! Procurei por toda Roma para encontrá-lo.

Lia latim? Ocultou sua surpresa. E o que, se tinha estudos? Mas isto não tinha relação com sua indesejável presença na casa.

—Devolva o livro a seu lugar — disse com dureza. —E a próxima vez que desejar me falar, envie educadamente uma nota. Preferiria que nossas discussões tivessem lugar em outro lugar, menos nesta casa.

—Eu gostaria de adquirir este livro para minha coleção, disse distraidamente, sem levantar os olhos do livro, — diga o preço.

—É seu... por vinte mil guinéus. Isto sim captou sua atenção, e descobrindo seus dentes brancos com um sorriso irônico.

—Muito esperta, mas acredito que passo.

Fechou o livro e o devolveu à prateleira. Deixou cair o casaco escuro e ficou estudando-a. As sombras das persianas de madeira baixadas caíam casualmente sobre seu rosto e lhe davam um aspecto sinistro. Com a ponta da língua molhou os lábios secos. Havia algo sobrenatural na maneira que tinha de enfocar sua atenção, seus olhos ardiam dentro dela, como se pudesse despi-la em corpo e alma.

—Tenho vinte e três guinéus para você — declarou — embora, é claro, imagino que quererá deduzir o que deu a minha mãe.

—Não diga tolices. Foi um presente para ela.

—A condessa viúva de Brockway não é uma mendiga. Não necessita sua caridade.

Levantou lentamente uma sobancelha, como se lhe divertissem seu orgulho e sua língua afiada. Então, caminhou para a Alicia, cada um de seus movimentos era um exemplo de graça masculina. Seus brunidos sapatos negros não emitiam mais que um tênue roçar sobre o chão sem tapetes.

Não se afastaria, embora seu pulso corresse veloz e as palmas das mãos estivessem úmidas. Consciente da vazia e silenciosa casa, manteve-se em seu lugar, justo em meio da porta da biblioteca. Nem sequer se ouvia o tictac do relógio; o de bronze dourado do salão foi vendido com o resto dos móveis.

Deteve-se só uns centímetros dela. Fez ranger os dentes para evitar afastar-se. Demonstraria a esse canalha que não tinha medo. As pontas de seus dedos acariciaram suavemente sua nua garganta e desceram até o decote da blusa. A carícia excitou sua pele e com um total desprezo de sua vontade, pressionou-a contra as duras estantes.

—Miserável! Não me toque!

Sua boca formou um sorriso de pirata que tirava o fôlego.

—Não seja resmungona — respondeu, sustentando um ramo de lavanda entre seus dedos. —Não era mais que uma simples pétala... seu olhar examinou rapidamente seus seios — pego a você.

Seus olhos eram de um azul insondável; mostrou-lhe a pétala. Um rio de ardor atravessou seu peito, afundando-se profundamente em seu ventre. Teve a aborrecida impressão de que preferia respirar a fragrância de sua carne antes que a da flor murcha.

—Não faça essa cara de susto! — disse em um tom tão doce como o mel. —Não vim seduzi-la.

Pensava acaso que era tola? Que ia acreditar nele...?

—Atenda seus assuntos e fora daqui! Não quero preocupações quando minha mãe se inteire de quem é você realmente.

—Vãs palavras, milady. Certamente que não tem a mais ligeira ideia da estupidez de seu irmão.

Tinha subestimado sua astúcia. Alicia pegou a robusta prateleira de madeira que tinha atrás.

—Nem saberá jamais. Não permitirei que se aproxime desta casa.

Um indício de impaciência apareceu no rosto do Wilder.

—Não me parece esportivo chatear a sua mãe.

—Assim que tiver a mínima oportunidade, zombará dela. Conheço os de sua classe, pretende agradá-la, mas todo o tempo estará rindo secretamente.

—Não sou dos que zombam do que não entende.

—E você entende isso? Me diga. Por que é capaz de demonstrar verdadeiro carinho para ela? Me dê uma boa razão. Encolhendo os ombros, seu rosto se entristeceu.

—Minha mãe era atriz — disse, voltando-se e bisbilhotando pelo aposento. —E enquanto estudava seus papéis, frequentemente os representava comigo. Podia converter-se em qualquer uma, de Ofélia de Hamlet até Maria, rainha dos Escoceses.

Apoiando-se na cornija de mármore da lareira, acrescentou:

—Assim já o vê. Dissimular quando outras pessoas fazem excentricidades me é bastante familiar. E agora, quer zombar de mim e de minha mãe?

Alicia negou com a cabeça, intrigada pelos segredos de seu passado. Contra sua vontade, imaginou como um pequeno menino de cabelo escuro, declamando versos com sua mãe disfarçada. Que estranho era perceber a semelhança com sua mãe, que se disfarçava de florista ou Cleópatra ou de quem quer que seja que gostasse em sua loucura.

Alicia rompeu deliberadamente o fio que a conectava a ele. Sua mãe estava louca, enquanto que a sua estava representando um papel.

—Continua atuando no teatro? — surpreendeu-se por lhe fazer essa pergunta.

—Está morta — seu tom era duro, fechando a porta de seu passado. —Mas já basta de falar de mim, vim falar de nós.

Nós. Tremeu internamente pela forma como os emparelhava. Titubeando disse:

—Logo terei mais dinheiro para lhe pagar. Meu irmão vai vender a Bonita.

—Bonita?

—Sua égua — a voz se afogava em sua garganta, mas se obrigou a esclarecê-la. —Já vê, estamos fazendo tudo o que podemos para lhe pagar.

Wilder riu.

—O melhor dos cavalos não suporia mais que uma parte pequena da dívida.

—Por agora servirá — engasgando-se, pegou ar e disse — a menos que reconsidere minha oferta de ser... sua amante.

Até em meio da grande estadia, sua postura era desafiante.

—Sabe bem o que quero, milady. Sua mão.

OH, Meu deus! Não, isso não. Algo menos isso.

—O que pede é impossível.

—Se o que a preocupa é lady Eleanor, não me importa absolutamente que viva conosco — seu rosto adquiriu uma intensidade interessada. —Não esqueça que temos... sua bênção.

Odiou-o nesse instante. Odiou-o pela fraca chama de esperança que lhe tinha dado, e pelo modo que tinha enganado a sua mãe com seus salamaleques. Não podia acreditar nele. Não se atrevia a acreditar nele. Punha-a doente pensar em conceder a semelhante homem os direitos de um marido. Era um jogador de suaves palavras que tentava aos incautos com falsas esperanças em sua própria infalibilidade. Seu pai tinha sido uma vítima de tais sujeitos, e agora Gerald... o pobre tolo do Gerald que morreria, se o condenavam a uma úmida cela no cárcere.

Lutaria contra Wilder. Não podia ficar contudo. Ao menos, ficava a casa, comprada e paga faz muitos anos: o santuário de mamãe.

—Hipotecarei a casa — disse imprudentemente. —Haverá suficiente para saldar a dívida.

—Temo que isso esteja desconjurado.

Rebuscando dentro do casaco, tirou um pergaminho dobrado e o segurou em frente dela. Era evidente que esperava que se aproximasse e o agarrasse. Considerou seguir em seu lugar, vencendo neste jogo de vontades, mas se o papel tinha algo que ver com a dívida, devia sabê-lo...

Com os ombros retos, Alicia caminhou lentamente para ele. Seus olhos vigiavam cada um de seus passos. Wilder a atemorizava; podia reconhecê-lo em seu interior, mas se negava a deixar que ele o notasse. Seus dedos se roçaram enquanto Alicia pegava o papel. Estremecida, obrigou-se a mover-se lentamente. Desdobrou o pergaminho enquanto se dirigia à janela mais próxima onde um raio de luz iluminou uns negros ganchos de ferro, era a letra do Gerald acrescentada a um documento legal. Enquanto assimilava o conteúdo, o medo a invadiu lhe estrangulando o coração.

Era a hipoteca de sua casa. E estava avalizada a um tal Drake Wilder.

Capítulo 4

—Agora a casa é minha.

A satisfeita e vitoriosa voz ressoou como um eco que chegasse através de um longo túnel. Alicia era consciente de que estava se machucando contra o peitoril da janela. Umas bolinhas de pó dançavam sobre o fio de um raio de luz. A hipoteca tremia entre seus dedos frios. O refúgio de mamãe tinha desaparecido. Desaparecido. Alguém lhe tocou o ombro.

—Responda. Não têm nada que dizer?

Drake Wilder apareceu atrás dela. Há um momento ele permanecia ao lado da biblioteca, mas estava muito aturdida para surpreender-se. Jogou uma olhada às mangas negras de seu traje onde brilhavam botões de prata. Não podia afastar a vista do documento. Era bastante possível que fosse a sentença de morte para sua mãe.

—Não irá desmaiar?

—Desmaiar?

—Está pálida como a morte. Não há alguma cadeira nesta casa esquecida de Deus?

—Vendidas — não se incomodou em mencionar os poucos móveis que ficavam no salão.
—O que acontecerá a mamãe?

—Pois então se sentará nas malditas escadas. Venha.

Tomou-a pela cintura, e seus longos dedos se fecharam sobre a pele gelada de Alicia como bandas de aço quente. Puxou-a e suas pernas se moveram obedientemente, a saia sussurrava ao compasso do frenético ritmo que pulsava em seus ouvidos.

De alguma forma, Drake Wilder tinha obrigado seu irmão a lhe passar a casa. Por que Gerald não lhe havia dito nada? Não podia imaginar por que. Só sabia que Drake Wilder tinha quebrado a última de suas defesas, e conquistado o forte que defendia sua independência. Jogaria-os à rua.

A menos que se unisse em matrimônio com esse jogador.

Uns pontos negros zumbiam ante seus olhos. Entorpecida, deu um tropeção na soleira da porta. A hipoteca lhe caiu das mãos e revoou sobre o chão de mármore axadrezado do vestíbulo. Com um grito abafado se agachou para recolhê-lo.

Wilder reagiu mais rápido. Apanhou o documento e o devolveu. O roce de seus dedos levantou faíscas. Meio agachada, Alicia se ergueu, e ele fez o mesmo. Seus olhares se entrecruzaram. Arqueou as negras sobranceiras, e seus estranhos olhos azuis exploraram suas formas. Se não o conhecesse melhor, teria acreditado que se preocupava com seu bem-estar. Mas lhe importava um nada. Só se adaptava a seus cruéis propósitos, e isso era bem certo, a Drake Wilder não importaria jogá-la e a sua família na rua. Quem era ele para destruir suas vidas?

Inesperadamente, colocou a cálida palma da mão na face.

—Está gelada. Ajudarei a se levantar.

Sua hipócrita compaixão fez pedacinhos o muro de vidro que rodeava suas emoções. Como se a açoitasse uma tormenta reviveu, e suas faces recuperaram a cor, enchendo o vazio que sentia com uma raiva cega. Levantando-se como uma mola, empurrou-o de seu lado.

—Vilão!

Wilder cambaleou para trás, mas recuperou o equilíbrio pondo a palma de uma mão sobre o chão e com agilidade felina ficou em pé. Seus olhos brilharam a luz do sol que entrava pelas janelas.

— Grande harpia! — respondeu no mesmo tom. —Não creia que me vai enganar.

—Nunca mais volte a me tocar — enrugando o pergaminho, o jogou.

Drake apanhou o documento com um fácil movimento de seu pulso.

—Um marido tem direito a tocar a sua esposa.

—Você não é meu marido.

—Mas o serei, mal tenhamos fechado o trato.

Esporeada por sua confiança, despreendeu-se violentamente dos retalhos de serenidade que restavam. Não a faria perder o controle de novo. Nunca mais. Ergueu as faces.

—Ainda fica o imóvel, está vinculado e nunca nos poderão nos tirar.

—Essa casa está em ruínas, é inabitável.

Sua informação a consternou. Fazia dois anos que um incêndio tinha destruído sua casa senhorial em Northumberland. Não sobreviveriam ao inverno nesses gelados charnecas, acampando em meio das ruínas queimadas.

—Então, procurarei outro homem com quem me casar. Um cavalheiro.

—Com uma louca na família? Acredito que não — uma estranha atenção apareceu em seus traços inflexíveis, acariciou suavemente a hipoteca e a guardou em um bolso de seu casaco. —A nobreza tem uma grande avaliação pela pureza de sua linhagem. Nem sequer o marquês do Hailstock toleraria semelhante mancha.

Sua perspicácia a golpeou com força. Como sabia Wilder tantas coisas? Como tinha averiguado que Richard se negava a casar-se com ela, a menos que ingressasse mamãe nesse espantoso manicômio?

Então, Alicia entendeu a terrível resposta.

—Esteve me espiando.

— Vale a pena conhecer o inimigo.

O ultraje a deixou sem fala. A derrota assim era mais amarga. Wilder tinha manobrado até encerrá-la em um canto, lhe roubando a casa, transbordando-a a cada passo.

—Por que eu? — perguntou. —Há muitas nobres empobrecidas que se casariam com você por dinheiro. Damas de famílias, inclusive mais aceitas em sociedade que eu.

Ele deu de ombros.

—Possivelmente sim. Entretanto, parece que o destino encarnado em seu irmão, interveio. É perfeita para meus propósitos.

Seus propósitos. Se tinha que entregar-se a ele, ao menos poderia fazer algum pedido.

—Considerarei sua proposta — disse friamente — com duas condições. Primeira: assinará um protocolo notarial garantindo que seja a única tutora de minha mãe. Em qualquer lugar que eu viva, ela viverá comigo. Nunca permitirei que a encerre em algum sujo asilo para que dela abusem.

Um músculo de sua boca se moveu bruscamente.

—Já lhe disse isso, não tenho nada contra lady Eleanor.

—E por que tenho que acreditar no animal que obriga a uma mulher a casar-se? — uma dor lhe apertava o peito. Alicia moveu a cabeça. —Ou assina o protocolo ou nunca me verá com você, em frente de um sacerdote.

Assentiu brevemente.

—Como deseja. E a segunda condição?

—Será um matrimônio casto.

Suas gargalhadas ressoaram no vestíbulo.

—Não seja ridícula. Ontem mesmo estava desejosa de ser minha amante.

Tentou não ruborizar-se.

—O jogo mudou. As apostas subiram.

—Minha pequena virgem recatada — disse movendo a cabeça e com expressão zombadora. —Não pode imaginar o que perde. Seu aspecto arrogante esporeou sua indignação. Por medo de se lançar contra ele como uma histérica se conteve.

—Asseguro-lhe, senhor Wilder, que nunca falei mais a sério. Não permitirei que entre em meus aposentos. Nunca.

—Frequentemente as pessoas se arrependem dos juramentos pronunciados iradamente.

—Porque só conhece gentinha que carece de alguma fibra moral.

—Temo que a fibra moral seja uma fria companheira de cama.

Alicia apertou os lábios, e disse tranquilamente.

—Fecharemos um trato honrado, em troca do cancelamento das dívidas de meu irmão, o apresentarei em sociedade, e não lhe deverei nada mais.

Observou-a com um olhar descuidado e calculista. Os raios de sol desenhavam sua poderosa constituição; tinha o musculoso físico de um lutador de rua vestido com as roupas de um cavalheiro. Ela podia ler os pensamentos de um cavalheiro, mas não os deste homem. Drake Wilder surgiu do submundo dos criminosos onde a honra era uma fraqueza para explorar.

—Aceito as duas condições com uma condição por minha parte — disse. —Me concederá o direito de persuadi-la para que venha à minha cama. Dentro de sua mente relampejou a imagem de si mesma, totalmente nua, licenciosamente em cima dele. Deteve um estremecimento como um indecoroso ardor que atravessava suas defesas e que deslizava por seu ventre como uma serpente.

—Não. Não posso acreditar que não trate de me forçar.

Seus olhos impenetráveis a olharam com divertida malícia.

—Ao contrário, não creio que poderá resistir a mim.

—Não tenha ilusões, antes beijaria a um ouriço. Seu sorriso se alargou.

—Poderia receber umas quantas lições sobre beijar.

—E você necessitaria outras lições de boas maneiras.

—Então proponho que eduquemos um ao outro.

Caminhou para ela, e Alicia se negou a retroceder, embora um débil pânico a envolvesse. Beijaria-a agora? Ensinaria como seduz um canalha a uma mulher? Caso atrevesse a ridicularizá-la de novo... Mas ele não a tocou. Tirou o casaco e pôs as mãos nos quadris com um despótico gesto de confiança masculina.

—Bem, lady Alicia. Me dê sua resposta antes de me levar para visitar minha nova casa.

Sua atitude a revoltava, obedecer a semelhante arrivista arrogante.

—Planeja mudar-se? — disse glacialmente.

—De fato, viveremos em minha casa ao lado do clube.

—Não sem minha mãe. E permitirá que Gerald viva aqui sem lhe cobrar aluguel.

—De acordo — disse, olhando-a mais divertido que zangado por suas demandas — e agora obterei sua promessa de ser minha esposa.

—Sua altura lhe obrigou a levantar o queixo para sustentar seu olhar. Com um estudado apurmo, estalou seus tensos dedos frios.

—Só se promete cessar suas atenções quando eu o diga.

A careta maliciosa apareceu de novo.

—Só se você me pedir isso. Seu olhar a acariciou, serpenteando acima e abaixo, recreando-se em seus seios e em seus quadris até que a pele lhe começou a picar.

—Debaixo de todo esse refinamento, milady, jaz uma mulher de carne e osso, e antes que a temporada termine, virá de joelhos suplicar compartilhar minha cama.

A penumbra velava os escassos móveis do dormitório. Ao lado da mesinha de noite, Alicia vertia várias gotas de láudano em uma taça de chá suave, acrescentou um pouco de açúcar moreno e removeu a infusão até que os torrões se dissolveram. Voltando-se para sua mãe, que repousava em uma cama com dossel, disse:

—A infusão está preparada.

Endireitada sobre uns travesseiros de penas de ganso, lady Eleanor parecia perdida na grande cama festonada de velhos cóis de veludo rosa. Um gorro de dormir branco coroava seu suave cabelo prateado. Mantinha o estragado xale grande de pele de toupeira agarrada contra ela como fazem os pirralhos com sua manta favorita. Uma vela de sebo chispava iluminando seus olhos azuis.

—Ah! É uma boa garota — disse aceitando a lascada taça com o respeito que se guarda ao cálice da comunhão. —Deus a abençoe por me cuidar. Faz tanto frio e é tão solitário dormir nos becos.

Alicia ocultou o olhar ante a ironia da atual ilusão de sua mãe. A condessa de Brockway jamais tinha passado uma noite dormindo na rua, e nunca o faria se ela pudesse evitá-lo. Compartilhavam o dormitório, em parte porque era mais barato manter quente um aposento que dois, e em parte porque assim Alicia podia vigiar a sua mãe. Antes que o médico prescrevesse o láudano, tinha o costume de vagabundear pela casa de noite. Às vezes se aventurava nos escuros sótãos para revolver nos baús cheios de roupa de seus antepassados, os Pemberton. Alicia temia que caísse uma vela de sua mãe e incendiasse a casa, por não pensar em outros perigos parecidos.

Uma vez, depois de disfarçar-se com as pesadas roupas cheias de brocados da rainha de Sabá, caiu pelas escadas de madeira. Um tornozelo deslocado a deixou fora de jogo durante quinze dias. Em outra ocasião, imaginando que era Joana d'Arc, tinha encontrado um golpeado peitilho e uma espada de duelo, quando Alicia a apanhou no vestíbulo preparada para carregar contra a porta e fugir no meio da noite. Só o céu sabia que necessitava de um anjo da guarda; não um demônio ou um genro que a arrebatasse de seus lugares familiares.

Dividida entre o afeto e a ira, Alicia acariciou e retocou um cacho rebelde da fronte de sua mãe.

—Beba isso agora, murmurou, até a última gota.

Obediente, a condessa bebeu e devolveu a taça, depois limpou os lábios com um lenço de renda que guardara na manga. Como uma criança, se ajeitou e deixou que Alicia a cobrisse com a colcha bordada. Lady Eleanor exalou um suspiro de satisfação.

—Estive pensando, querida. Há algo familiar nele.

—Em quem?

—Nesse seu jovem educado. Pergunto-me se me comprou flores antes.

Alicia ficou rígida, embora cuidasse de não mostrar seu aborrecimento.

—Estou certa de que o confunde com outro.

—Nenhuma mulher esqueceria um cavalheiro tão bonito. Está interessado em você, comprando todas as flores. É tão romântico.

Alicia evitou olhar o vaso com as flores murchas que tinha deixado sobre a cornija da lareira para contentar a sua mãe. Ofendia-lhe o encanto lisonjeador que Wilder empregava para ganhar a sua mãe, mas, queria ou não, teria que suportar sua presença o resto de sua vida. Conhecia suas obrigações. Tinha-lhe mostrado a casa, sua casa agora, e ele se comportara com uma educação perfeita, embora confiaria em Wilder tanto como em uma cascavel.

—Chama-se Drake Wilder.

Mordeu o lábio inferior saboreando o metálico gosto do sangue. Antes, viu-se obrigada a escrever uma nota para lorde Hailstock, lhe informando do assunto. Agora devia dizer a sua mãe.

—De agora em diante vai ver muito o senhor Wilder. Hoje... comprometemo-nos.

Movendo as pálpebras finas como o papel, os sonolentos olhos de lady Eleanor, como nuvens cruzando o céu azul, recuperaram lentamente a lucidez, concentrando-se em sua filha.

—Alicia? — disse com admiração. —Ouvi-a bem? É certo que se casa?

A elegante e aristocrática voz surpreendeu a Alicia. Assombrada pela transformação, caiu de joelhos ao lado da cama.

—Sim. Sussurrou. —OH, mamãe! Mamãe.

Sorriu a sua mãe com os olhos transbordantes de entusiasmo. Nunca podia prever quando apareceriam estes estranhos episódios de lucidez, podiam ser curtos ou longos, mas os entesourava com avidez. Mas por que agora? Por que quando não se atrevia a desafogar-se de seus medos e incertezas?

A condessa mediu a mão da Alicia.

—Minha querida menina. Quem é o senhor Wilder? Por que não me apresentou?

—Foi tudo tão rápido — disse Alicia evasivamente. —Suponho que poderia dizer-se que tivemos um noivado relâmpago. A testa de sua mãe se encolheu, e o medo agitou seus frágeis membros; apoiando-se em um ombro disse:

—OH, querida! Estive vagabundeando por aí?

—Esteve... doente. Mas com certeza agora se sente melhor.

—Que dia é hoje? Em que mês estamos?

—Onze de abril.

—Céus! A última coisa que recordo é que estávamos celebrando a Candelária e que Gerald deu de presente o mais formoso ramo de campainhas de inverno que... — afundando a cabeça no travesseiro, a condessa moveu a cabeça desesperadamente. —Meu deus, tenha piedade! O que me está acontecendo? Ordenando a sua mão que não tremesse, esfregou suavemente o magro antebraço de sua mãe.

—Ficará boa, acariciou-a, —agora está um pouco confusa e lhe é difícil concentrar-se. Feche os olhos e descanse. Contarei tudo quando se levantar. As pálpebras da condessa se fecharam.

—Sempre foi uma boa filha, e agora sou uma carga para você.

—Não! É meu orgulho e minha alegria — disse Alicia furiosamente, agachando-se para beijar a pálida face de sua mãe. Uma leve e reconfortante fragrância de lírios dos vales emanava de sua pele. —E seria absurdo pensar outra coisa.

—Estou louca, não é verdade? Seu pai sempre se metia com minhas raridades.

Um sorriso sonhador suavizou as tensas feições de seu rosto. Virou-se sobre o travesseiro e pôs a face sobre suas mãos cruzadas.

—Amanhã, organizaremos suas bodas. E deve me prometer que convidará seu noivo para me visitar. Se você amá-lo, eu também.

—É claro — disse Alicia inexpressivamente.

—Será o acontecimento da temporada. Gerald a acompanhará pela nave de São Jorge. Levará lilases adornadas com fitas brancas de cetim... sua voz baixava enquanto sua respiração se tornava mais lenta e regular com o sono.

O velho ataque de melancolia atendeu seu coração. Alicia não estava muito certa de que sua mãe recordasse algo de manhã. As lembranças antigas da condessa eram claras e vivas, enquanto que inclusive o próprio presente deslizava através de sua embotada consciência como a água através de uma peneira. Embora possivelmente, em seu caso, a tendência a esquecer fosse uma bênção. Tomara o céu impedisse que sua mãe conhecesse as verdadeiras circunstâncias que havia atrás de seu matrimônio! Ou a selvagem natureza do homem com o que Alicia ia casar se. Antes que a temporada termine, virá de joelhos suplicando compartilhar minha cama.

Muito cansada para dormir, levantou a vela e se apressou para a porta. O láudano faria com que sua mãe dormisse profundamente durante horas e esses eram os únicos momentos em que podia deixá-la a sós com segurança. Iria à cozinha preparar um pouco de chá, e possivelmente algum livro da biblioteca a distrairia de sua confusão emocional. Uma hora ou duas tentando traduzir do latim nunca tinham falhado para deixá-la exausta. Sobre tudo, uma obra tão difícil como as Moralias de Plutarco.

Drake Wilder tinha viajado a Roma para achar esse exemplar. Seria o colecionismo de livros um negócio lucrativo? Com segurança, o duro proprietário de uma casa de jogos não tinha nenhum contato com as tarefas intelectuais. Se não, quando acharia tempo o rufião Wilder para extorquir seus clientes e seduzir suas prostitutas?

Quando acharia tempo para oprimir a pobres viúvas perturbadas e a condes ingênuos? Para forçar uma mulher desesperada? Em um arranque de cólera, correu pelo escuro corredor e se chocou contra uma sólida figura. Um grunhido atravessou a penumbra.

Surpreendida, levantou a vela e viu seu irmão. Gerald dava saltos sobre um pé descalço, com uma pequena caixa debaixo de seu braço. Levava o cabelo despenteado, a gravata desatada e se via o pomo de Adão.

—Demônios! Pisou-me!

—Ssss — fechou a porta do dormitório silenciosamente. —Despertará mamãe. Acaba de beber a infusão.

—Quase me queima, também — grunhiu. —Deveria olhar por onde vai.

—Bela hora de chegar. Estive esperando para falar com você. Irritada, Alicia pegou pelo braço seu irmão e o levou pelo corredor até as escadas.

—Drake Wilder veio hoje. Nada importante, algo relacionado com a propriedade desta casa.

—OH... isso! — agarrando a caixa, encolheu os ombros. —Queria lhe dizer isso, Ali. Juro.

—Quando? Depois que nos mandasse uma ordem de despejo? Seus olhos verdes deram voltas.

—Jurou que não o faria. Por Deus, direi bem alto que cumpra sua palavra. Quando Gerald desceu as escadas, Alicia o enfrentou. A chama da vela ondulou enquanto lhe empurrava o magro peito. —O senhor Wilder não fez tal coisa. Ao contrário, decidiu comutar a dívida. A revelação quase a engasgou. —Verá, ele e eu vamos nos casar.

—Casar? — Gerald ficou com a boca aberta, olhando-a como se fosse uma mulher barbada. — Vai casar com ele?

—Sim.

—Mas, não é... de sua classe. Gosta das prostitutas que... Gerald limpou a garganta, enquanto se ruborizava. —Quero dizer as mulheres vulgares.

—Em qualquer caso, chegamos a um acordo. Casaremo-nos mal arrumemos os trâmites — disse Alicia amargamente.

—Não! Encontrarei o dinheiro de algum jeito. Seu irmão deixou cair a caixa no chão e o surdo tinido de umas moedas ressoou entre as sombras do patamar. Ajoelhando-se, desatou o barbante e abriu a tampa. A fraca chama da vela iluminou um pequeno montão de ouro.

—Não é muito, mas possivelmente aceite um adiantamento. Compreensiva, moderou seu aborrecimento.

—Vendeu a Bonita.

—Exatamente — disse Gerald com sombria arrogância. —Chesterfield me deu duzentos guinéus por ela. O descarado regateava duro, mas ao final se comportou muito decentemente.

—OH, Gerald! — com a garganta seca, Alicia se inclinou e abraçou-o. O cabelo fino como o de um menino caía sobre suas faces. Por um momento, seus marcados ombros se afundaram em seu corpo rememorando os abraços de sua infância, depois que sua mãe mergulhara na loucura e Alicia tivesse que assumir o papel de seus pais.

Gerald se levantou de um salto agarrando-se com o punho no desvencilhado corrimão, e o ruído ressoou no vasto e sombrio vestibulo de baixo.

—Maldição! Se tivesse a habilidade do Wilder, converteria estes duzentos guinéus em vinte mil. Esse demônio afortunado o faria em uma noite de jogo.

—Não jogará nunca mais. Uma doentia preocupação os envolveu aos dois. Seu matrimônio o aproximaria desse curtido jogador profissional. E se Gerald acabasse como papai. —Me prometa que nunca voltará para o clube do Wilder.

—Mas se todo mundo vai ali. É o lugar de moda. Não haverá nada mau em me reunir com meus amigos para jantar uma ou outra vez.

Pegou-o pela manga.

—Prometa-me isso Gerald!

—Sei o que lhes devo, a você e a mamãe, resmungou, nunca mais jogarei.

—Reza para que não o faça. Ainda não podia sentir-se a salvo, não com um futuro ameaçador como o machado do verdugo. —E deve saber que o senhor Wilder não aceitará adiantamento algum. Não quererá nada exceto minha mão.

Gerald abriu a boca tentando responder. Entretanto, afundando-se, sentou-se no último degrau e a olhou aflito.

—Não é justo. Tudo foi minha culpa, não sua. Tinha sido culpa do Wilder.

—O fato, feito está — disse ela, tentando sorrir. —Tudo será para melhor, e você, mamãe e eu teremos uma boa casa e boa comida na mesa. Isto é quão único importa. Seu irmão não parecia contente.

—Está se sacrificando. Não posso permiti-lo.

Disposta a convencê-lo, conseguiu ter um ar alegre.

—Venha Gerald, não ponha essa cara de funeral. Muitas mulheres se casam por dinheiro. E para falar a verdade, voltarei a desfrutar muito assistindo a festas com trajes formosos.

—Mas o que há a respeito de seus... direitos como marido? — disse Gerald limpando a garganta.

Antes que a Temporada termine, virá de joelhos suplicar compartilhar minha cama. Armando-se de coragem, tomou ar e disse:

—Prometeu-me um matrimônio casto. Assim já vê, é um estrito acordo de negócios.

Uma precavida esperança amanheceu nos olhos de Gerald.

—Então, não se importa? Não o permitiria se acreditasse que é um mau tipo. Mas é um cavalheiro, apesar de suas baixas origens.

Wilder era um canalha com o coração de pedra. Mas Gerald não precisava conhecer as profundidades de sua depravação. Esperando que Deus perdoasse suas mentiras, Alicia disse firmemente:

—Claro que não me importa. Será magnífico voltar a ser rico, e saber que todos nossos problemas desapareceram.

Capítulo 5

Através de uma pequena grade de ferro na parede, as apagadas notas dos violinos e piano entravam no escritório iluminado com velas. A música subia da sala de baixo, onde uns cavalheiros apostavam suas fortunas em jogo de dados. Um sistema de canos desenhado de propósito levava a música a todas as salas do edifício.

Tinha desenhado o próprio Drake, e era uma das novidades que distinguia a seu clube de outros do St. James's Street. Sabia que assim podia induzir à nobreza a apostar grandes somas em um ambiente de refinada serenidade. Em uma noite qualquer, Drake estaria embaixo, em meio da ação, indo de mesa em mesa, mantendo uma discreta vigilância no jogo, felicitando aos ganhadores ou consolando aos perdedores.

Mas esta era a noite de seu compromisso. O começo de sua vingança. Se tivesse imaginado corretamente, em qualquer momento poderia receber a visita de certo convidado. E não era precisamente a ruiva que estava entre seus braços.

Acomodado em uma poltrona de couro frente à lareira, Drake passava indolentemente sua mão sobre o apertado traje de gaze. Lydia tinha subido pela escada traseira, como fazia sempre que tinha a noite livre. Era a primeira atriz de uma popular obra em Covent Garden. Poderia ter aos homens que quisesse, embora sempre viesse a ele, e sempre desfrutava com sua sensualidade mundana.

Mas esta noite seus encantos o aborreciam: o atrevido e belo desenho que fizera em seus generosos seios, o profundo aroma de seu perfume, ou os suaves gemidos de prazer que dava enquanto lhe beijava o rosto. Tê-la aqui era um engano. Sua luxuriosa presença não podia afastá-lo de suas inquietas reflexões. Tinha a mente fixa em uma aristocrática beleza loira muito fria e arrogante para seu gosto.

Será um matrimônio casto... não posso acreditar que não trate de me forçar.

—Temo que tenha que ir — disse abruptamente.

Um brilho de surpresa saltou em seus aveludados olhos castanhos. Tomou sua mão e a pôs debaixo de sua saia.

—Não quer dizer isso. Acabamos de começar.

Seus dedos deslizaram sobre suas quentes e sedosas coxas. Ela se casaria com ele voluntariamente. Tinha conhecido muitas mulheres como ela, que tinham insinuado o desejo de formar um casal permanente. Embora ele não tivesse outro propósito que tomar os prazeres que lhe ofereciam.

Lady Alicia Pemberton era farinha de outro saco. Sentia por ela um ardente desejo que ia além de sua vingança. Um anseio de posse que crescia em seu interior como uma obsessão. Em tão só dois encontros tinha conseguido surpreendê-lo e insultá-lo, diverti-lo e irritá-lo, excitá-lo e intrigá-lo. Apesar de seu frio sangue azul, mantinha uma firme lealdade a sua mãe doente. A contra gosto, começava a respeitá-la. E isto também o incomodava, distraía-o de seu propósito original: Alicia era uma fruta proibida, e nada mais. Assim que se deitasse com ela, o desafio perderia sua graça, e não sentiria desejo algum por semelhante afetada.

Deu um tapa ao suave traseiro da Lydia.

—Espero uma visita — disse. —Agora não tenho tempo.

—Então, um rápido — respondeu ela movendo-se sugestivamente contra ele. —Vamos a outro aposento ou o fazemos aqui? Havia uma cama no aposento do lado para estas amizades. E embora Drake se sentisse ligeiramente tentado, dominou-se facilmente e levantando-a disse:

—Não. Sinto muito, mas tem que partir.

Lydia fez um beicinho, mas Drake prevendo o iminente chique conduziu-a suavemente através do hall, onde a beijou amigavelmente.

—Não se zangue e amanhã terá uma surpresa da joalheria. Não sentiu necessidade de informá-la a respeito de seu iminente matrimônio. Continuariam o assunto, e se Lydia lhe desse problemas, buscaria outra amante. O mundo estava cheio de mulheres desejosas.

Enquanto a levava para fora, ouviu Fergus MacAllister pisando forte pelo corredor iluminado. Entrou. Um olhar furioso cintilava em suas marcadas feições, mas não era a cólera que mostrava o único olho do mordomo o que chamou a atenção de Drake. Não. Era o homem que vinha atrás do Fergus.

Richard, marquês do Hailstock. Drake empurrou fora com doçura sua amante em direção contrária.

—Vá agora.

Observando curiosamente por cima do ombro, a atriz desceu a escada traseira para a despensa e a cozinha. Quando chegou embaixo, mandou-lhe um beijo.

—Bem, bem — grunhiu Fergus. —É uma noite esplêndida para as visitas. E não há nenhum doce anjo entre elas.

Lançou outro avesso olhar a Drake e indicou com o polegar o marquês.

—Disse a este fulano que esperasse em baixo, mas não obedece a ordens.

—Esbirro impertinente! — replicou Hailstock bruscamente. —Esquece sua posição...

—Não. É você quem a esquece — cortou Wilder. —Agora está em meus domínios.

Antes que o marquês pudesse fazer algo mais que mover as sobrancelhas, Drake despediu Fergus com um gesto silencioso e conduziu o aristocrata através do hall até o escritório. A ira de Wilder se transformou em um escuro júbilo, enquanto se aproximava do aparador para pegar um copo de cristal esculpido. Verteu um líquido ambarino de uma garrafa, e se voltou para Hailstock, que continuava de pé no meio de um tapete Aubusson.

—Brandy? — disse Drake sustentando o copo. —É o melhor da França. Como os da adega privada do Napoleão.

—Ao diabo com seus licores de contrabando! Isto não é uma visita social e você sabe.

—Fique cômodo — bebeu um longo trago. Aproximou-se da escrivaninha e se apoiou na borda. Apesar de sua indiferença, mal sentia o suave gosto do brandy. Só saboreava o secreto prazer da vingança.

Vinte anos tinha transcorrido desde que tinha visto, de perto pela última vez, lorde Hailstock. O passar do tempo tinha acrescentado fios de prata a seu cabelo negro, marcando as linhas de seu rosto patricio, e uma leve barriga se adivinhava em seu excelente aspecto físico. Mas no interior não tinha mudado. Sua altiva superioridade ainda lhe mantinha gelados os olhos. O desdém ainda aparecia em seus nobres lábios. Ainda irradiava arrogância desde seus quadrados ombros. Vestia um casaco azul escuro e calças creme, cortados na alfaiataria mais seleta de Bond Street. A corrente e o relógio de ouro eram do Locke & CO., as abotoaduras de diamantes do Gray, e os sapatos de couro eram do Wilson.

Drake sabia por que durante os últimos anos tinha vigiado Hailstock. Vigiado, esperado e planejado este momento.

—Diga seu preço — resmungou Hailstock. —Recompensarei bem se recusa a comprometer-se com lady Alicia.

—Nunca.

O marquês deu um passo para ele.

—Velhaco! A chantageia por causa da dívida de seu irmão. Mas ela não é um troféu para ganhar em uma aposta. Só a conseguirá arrastando-a em sua imundície.

Um frio espasmo atendeu Drake. Bebeu a taça e a deixou cuidadosamente sobre a superfície de mogno da escrivaninha.

—Possivelmente — disse arrastando as palavras, e perfurando com o olhar o marquês. —Entretanto, será minha, não sua... pai.

As chamas da lareira crepitavam no silêncio. Inclusive a música parecia ter emudecido. Algo parecido à morte cobriu os traços elegantes de lorde Hailstock. Com o corpo totalmente quieto, seu fôlego assobiou entre os dentes.

—Você não é meu filho — disse bruscamente. —Não tenho mais que um filho. Meu herdeiro.

Drake esperava a resposta. Tinha-a ouvido antes. Em uma ocasião especial que ainda ardia em sua memória. A velha dor rompeu seu autocontrole e lhe retorceu a garganta. Rebateu-o recordando outro momento, em Edimburgo, a manhã em que, ajoelhado ao lado do leito no qual jazia sua mãe moribunda, um menino de dez anos enfrentava à perspectiva de perder o único parente que tinha conhecido. Nunca esqueceria o medo que atendia seu coração...

Muir Wilder tossia, enxugando os lábios com um lenço manchado de sangue. Com mãos trêmulas, Drake lhe servira um copo de água. Sentia que algo ia mal, embora tratasse com força de não pensar nisso. As que uma vez tinham sido faces cheias de vida, agora eram pálidas como se as tivessem maquiado. Durante dias, tinha estado muito fraca para trabalhar com a companhia de atores.

Depois de tomar um gole, recostou-se contra o travesseiro e lhe observou com seus encantadores olhos avelã.

—Já é hora de que saiba que vou morrer.

—Não fale assim, mãe. Estaremos juntos sempre.

Revolveu-lhe o cabelo amorosamente.

—Não, meu filho. Não pode ser. Nunca poderei educá-lo, perdi outras crianças, até que você chegou. Foi minha bênção, um presente do céu. Mas agora deve ir com seu pai.

—Preferiria estar com Fergus.

—Fergus irá com você, mas não é seu pai. Hailstock é um poderoso cavaleiro, e seu sangue nobre o ajudará — os dedos lhe tremeram enquanto apertava um alfinete de gravata com um diamante entre suas mãos.

—Esta é a prova. Guardava-a para você, e fomos passando sem vendê-la.

—Mas eu quero estar a seu lado.

—Não pode, e um menino como você necessita de um pai. Sua senhoria o amará assim que veja o formoso moço no qual se converteu. Assim vá vê-lo quando eu tenha ido...

Estava muito aturdido para negar-se. Umas semanas mais tarde, depois do enterro de sua mãe em um amargo e frio dia de outono, Fergus e ele se dirigiram ao sul, para a Inglaterra. Drake passou esses dias na carruagem correio chorando por sua mãe e sonhando com um quente abraço de seu pai. E embora achassem a elegante mansão em Mayfair, o mordomo lhes negou a entrada.

Desesperado, entrou sub-repticiamente deixando Fergus atrás. Açoitado pelos criados, correu de uma a outra das luxuosas salas, até que entrou de repente em um grande salão, e se encontrou com o marquês do Hailstock no chão, jogando com soldaditos de chumbo com um bonito menino de cabelo dourado; era James, seu filho de dois anos...

O meio-irmão do Drake. Seu herdeiro. Inclusive agora, sentia um torvelinho de emoções que não se preocupava em analisar. Durante muito tempo, tinha ansiado fazer parte dessa família. Ofereceu-se com o melhor aspecto possível, suplicando em nome de suas ingênuas esperanças. E o marquês friamente renegou-o. Quando Drake lhe mostrou o alfinete de gravata, Hailstock se zangou e chamou seus criados para que entregassem a esse maltrapilho garoto ao juiz por ladrão...

Olhando seu altivo rosto, Drake se concentrou na ira que tinha dominado sua vida.

—Renegue-me, mas permanece o fato de que depois de assistir a uma representação em Edimburgo, gostou de minha mãe e a seduziu.

—É isso o que lhe disse? — Hailstock soltou uma risada depreciativa. —Nem sequer conheci essa cadela.

Devorado pela raiva, Drake conseguiu conter-se apertando os punhos. Não serviria de nada golpear ao marquês. Havia um método melhor para esfregar seu aristocrático nariz contra o pó.

Drake rebuscou na escrivaninha e abriu uma gaveta. Colocou a mão dentro e tirou um alfinete de gravata com um diamante: gravado, um estilizado H.

— Deu-lhe isto para comprar seu silêncio.

Hailstock o olhou.

—Isso só prova que era uma ladra.

—Ou que você é um embusteiro — Drake devolveu o alfinete à gaveta.

—Sua vida não foi como planejou, não é? Seu filho bastardo é agora um homem rico, enquanto que o legítimo herdeiro é um aleijado... por sua culpa. Hailstock ficou pálido. Sua mão se aferrou ao espaldar de uma cadeira, e seu anel de ouro brilhou a luz das velas.

—Canalha! Não se atreva a colocar James em nossa luta. Por Deus que o arruinarei!

Drake não invejava o afetuoso amparo que dedicava ao filho inválido de vinte e dois anos que tinha. Hailstock lhe tinha dado um cavalo de corrida por seu décimo oitavo aniversário, e no mesmo dia o imprudente jovem teve a fatídica queda.

Apoiado, indiferente, na beira da escrivaninha, Drake observou seu pai.

—Felizmente para você, James não me preocupa o mínimo. Estou mais interessado em lady Alicia Pemberton.

—Não é digno dela — disse Hailstock. —Seu matrimônio seria uma farsa.

—Sim. Mas ela será meu trampolim para entrar na sociedade. Em seguida, seu bastardo será convidado às mesmas festas que você.

Suas aristocráticas narinas se incharam.

—Assim este é seu plano — disse Hailstock mordazmente. —Esqueça! Se reclamar um parentesco comigo, será sua palavra contra a minha.

—Não tenho a menor intenção de revelar nosso parentesco... ainda.

Em primeiro lugar, desfrutaria vendo seu pai retorcendo-se.

—Ninguém receberá aos Pemberton. Lady Brockway é uma demente, uma pária. Seu lugar é o manicômio.

—Têm medo de uma pobre louca?

Em seu interior, Drake admitia que tivesse passado bem com a velha viúva. Havia algo mágico em seus olhos que o fazia perguntar-se se Alicia tinha possuído esse encanto antes que suas obrigações e as dívidas tivessem caído sobre ela.

Hailstock soprou com desdém.

—Qualquer relação com lady Brockway o converterá no bobo de todo o mundo.

—Isso está por ver.

A fúria brilhou nos olhos do marquês, e algo mais. Algo tenebroso e desesperado. Movendo os punhos, deu um passo para Drake.

—Pelo amor de Deus! Escolha outra mulher. Uma viúva madura que não tenha que sofrer suas intrigas. Não destrua uma jovem inocente para satisfazer seus mesquinhos delírios. Estava Hailstock verdadeiramente preocupado pelo bem-estar da Alicia? Ele poderia, em seu retorcido estilo, valorizá-la por algo mais que seus orgulhosos antepassados? Seria capaz de amá-la? Drake percebeu rapidamente a vantagem que lhe davam as respostas a estas perguntas.

Se Hailstock a amava, melhor que melhor.

Capítulo 6

—Milady! — gritou a senhora Molesworth para cima. —Milady! Tem visita.

Alicia levantou o olhar. Nos braços segurava um vaporoso traje azul que cheirava a umidade por estar em um baú ao menos meio século. Bolinhas de pó dançavam entre os raios de luz que atravessavam as janelas do frio apartamento de cobertura. Cantarolando, lady Eleanor estava de joelhos sobre o chão nu de madeira e remexia dentro de um baú a roupa passada de moda. Tinha lhe caído o xale grande de pele de toupeira ao lado de umas perucas frisadas, e pilhas de sapatos e tricorne¹.

¹ Chapéu de três pontas.

Alicia não podia perder tempo com visitas. Até que se arrumasse, adiava a odiosa tarefa de enfrentar à boa sociedade. A notícia de seu compromisso tinha aparecido esta manhã no Post. Drake Wilder não tinha perdido tempo anunciando seu matrimônio. Embora a maioria dos aristocratas desdenhasse apresentar seus respeitos à noiva de um conhecido jogador profissional, sempre haveria algum que não teria o menor escrúpulo para visitá-la, se com isso recolhia alguma excitante fofoca.

Tirando uma asquerosa teia de aranha de seu avental, abriu caminho entre a selva de móveis quebrados e outras quinquilharias. No patamar olhou os altos degraus. A senhora Molesworth estava ao final da escada, com a touca bem rodeada sobre seu cabelo cinza aço. Fazia gestos de impaciência a Alicia.

— Desça rápido, milady. Não deve fazer esperar às visitas.

—Despede-os. Estou procurando um traje para a rainha Ana. Alicia esperava, além disso, renovar seu escasso vestuário, e não parecia achar nada prometededor.

—Ninguém vai despedir-me — um homem alto apareceu atrás da criada, e a conhecida e profunda voz ressoou no estreito espaço da escada. —Já deveria sabê-lo.

O coração da Alicia deu um salto. Drake Wilder exibia um sorriso que aprofundava suas covinhas marcando sua grande boca. Os dentes brancos brilhavam em contraste com seu moreno e belo rosto. Uma mecha de cabelo negro descansava sobre sua fronte, criando a lasciva imagem de um pirata. Ele era um pirata, pensou desdenhosamente, embora não no sentido romântico. Era um ladrão, um saqueador, um explorador dos fracos. E ela não ia ser sua escrava submissa.

—Volte para seu clube, senhor Wilder. Estou ocupada.

Como o valentão selvagem que era, ignorou seus desejos e subiu os degraus de dois em dois.

—Vamos, estas não são maneiras de receber seu noivo.

Sabendo que sua mãe estava ao fundo do apartamento de cobertura, Alicia permaneceu em guarda, defendendo-se com o velho traje contra o peito.

—Nem tampouco são maneiras, entrando assim, sem anunciar-se.

—Então, a senhora Molesworth fez bem me convidando.

Com um diabólico olhar, saltou o último degrau e parou diante da Alicia.

—Me deixe lhe mostrar como receber seu amado.

Tomando seu rosto entre as mãos, deu-lhe um longo beijo na face. O frescor do exterior a refrescou, acompanhado de um singular aroma masculino. O toque de sua boca a encheu com uma doçura que derrubava suas forças, e relâmpagos de sensações cintilavam em seu interior, estremecendo-a através de seus seios, descendo até um lugar tão íntimo, que se arqueou para trás assustada.

—Tire suas vis mãos de mim!

—Como queira.

Seu malvado sorriso resplandecia.

—Em questões íntimas, estou as suas ordens.

—Então lhe ordeno que vá.

—Bem — disse ele, baixando o tom de sua voz até convertê-lo em um murmúrio. —Não tento seduzi-la... ainda. Simplesmente, queria sequestrá-la.

—Me sequestrar?

—Vim levá-la para compras em Regent Street.

Por um só instante, sentiu um desejo tão intenso que seus joelhos quase se dobraram. Seria maravilhoso passar uma tarde despreocupada, provando os últimos chapéus de moda, sapatos novos. Poderia acariciar a lingerie mais delicada, e possivelmente, mais tarde, ir tomar um sorvete. Era um sonho no qual não podia abandonar-se.

—Não tenho nem tempo nem dinheiro para frivolidades.

—Isto vai mudar.

Wilder examinou seu desbotado traje, detendo-se nos remendos mais visíveis.

—Tenciono adquirir um novo vestuário para você. Minha mulher deve estar na última moda.

Sua mulher. Uma onda de náusea a invadiu. Em questão de dias, teria o direito de mandar nela. Esperaria que ela fosse um belo adorno. Lembrando-se das vidas que ele tinha arruinado, disse com segurança:

—Não gastarei um centavo de sua fortuna mal ganha.

—Concordou em buscar um lugar para mim na sociedade. Não pode entreter a nobreza com esses farrapos.

—Sou manhosa com a agulha. Arrumarei algum vestido velho.

—Como o que leva? — seus olhos riam dela. Apontou a maltratada roupa que segurava contra seu peito. —Há meio século isso já estava fora de moda, e além disso, o maldito trapo cheira mal.

Alicia admitiu que tinha razão com respeito ao aroma. Certamente a seda se poderia lavar e arrumar, amaciar as baleias rígidas do espartilho e cortar as mangas para adaptá-las à moda atual. Inclusive a estragada e amarelada renda se poderia engomar e utilizar para anáguas e camisas... confiando que não se desfizessem durante o costura.

As pessoas se dão conta, sussurrava-lhe uma voz em seu interior. Ririam dissimuladamente tampando a boca com as mãos. A orgulhosa lady Alicia se veste com roupas remendadas, para chatear a seu rico marido. Devia aproveitar a oportunidade de contrariar Drake Wilder. Embora de algum jeito, era um modo de comportar-se bastante infantil e

mesquinho. Seria tão terrível aceitar uns poucos trajes? Os suficientes para cumprir com sua parte do trato?

—Não posso sair com tão pouco tempo — objetou ela. —Passarei à tarde com minha mãe.

—Já vejo — seu olhar percorreu o apartamento de cobertura até lady Eleanor, que segurava um leque de fantasia e o agitava como se estivesse com um invisível casal de baile. Wilder gritou para as escadas.

—Senhora Philpot. Importar-se-ia de subir?

Uma alta e magra mulher com o cabelo prateado penteado para cima e uns surpreendentes olhos verdes apareceu. Vestia um traje de decote alto de sarja cinza, próprio de uma preceptora ou governanta. Tinha um ar de digna confiança. Alicia retrocedeu; impedir que a mulher entrasse seria uma grosseria. Interrogou com as sobancelhas ao Wilder. A resposta de seu sorriso teria derrubado qualquer mulher.

—Minha querida lady Alicia — disse. —Eu gostaria de lhe apresentar à senhora Hortense Philpot. É a viúva do capitão Philpot, um herói da Armada que morreu na batalha de Trafalgar. Passará à tarde com lady Eleanor.

A senhora Philpot inclinou a cabeça ante Alicia.

—Só se não tiver nada a objetar, milady.

—Não quero ofendê-la, mas... Alicia enviou um duro olhar ao Wilder, este acerto está fora de toda discussão. Não deixarei a minha mãe aos cuidados de uma estranha.

—Desculpe se parecer presunçosa — interveio ansiosa a senhora Philpot — mas entendo suas dúvidas. Minha própria e amada mãe esteve louca muitos anos, e a cuidei até sua morte o ano passado.

As notícias desconcertaram Alicia:

—Sinto-o muitíssimo.

—Agora querará conhecer lady Eleanor — disse suavemente Drake, levando a senhora Philpot pelo braço — ou deveria dizer à rainha Ana. Guiou à velha senhora através do desordenado apartamento de cobertura antes que Alicia pudesse objetar algo. Seus dedos se aferravam ao traje velho, assim não ficou mais remédio que segui-lo, e ver como beijava galantemente a mão de mamãe.

—Majestade. Trouxe-lhe uma nova dama de honra.

—Será uma honra para mim servir a sua majestade — disse a senhora Philpot, fazendo uma profunda reverência ante lady Eleanor, que riu bobamente de prazer.

— Apresse-se, disse a mãe, batendo Palmas. —Tenho que preparar um jantar oficial.

Levantando-se, a senhora Philpot recolheu uma magnífica túnica com brocados de veludo amarelo e a segurou para que a condessa a examinasse, e disse:

—Posso sugerir esta esplêndida túnica? Dirigiram-se para um espelho de corpo inteiro velho e cheio de manchas onde lady Eleanor, sustentando a túnica, contemplou-se olhando-se satisfeita.

—Valha-me Deus! É perfeito para a refeição com o rei Luis da França. É meu convidado, como saberá.

—Seriamente? Então devemos prestar um cuidado especial a seu cabelo — sussurrou, conspiradora, a senhora Philpot. —Ouvi que quer introduzir um novo estilo de penteado... perucas empoeiradas de branco. Possivelmente Sua Majestade gostaria de surpreendê-lo.

Lady Eleanor cruzou as mãos sobre o peito.

—OH! Isso seria extraordinário. Nós, os ingleses devemos liderar o mundo da moda.

Enquanto as duas mulheres se dedicavam a examinar umas perucas no baú, Alicia sentiu uma ternura em seu peito que ameaçava dissipar suas dúvidas. Amava tanto ver sua mãe contente, e isto compensava pelos momentos nos quais, imersa em sua depressão, chorava por papai ou se lamentava de algum medo inexpressável. Atrever-se-ia a confiar em uma estranha? A uma enfermeira contratada por Drake Wilder? Todo mundo conhecia o tipo de mulheres de que gostava.

—Majestade — chamou Alicia. —Sugiro que vamos abaixo, onde eu possa lhe ajudar a vestir a túnica. Lady Eleanor ergueu a mão com um gesto real.

—Sua presença não é necessária. Fora daqui!

—Mas, Majestade...

—Já a ouviu — murmurou Wilder, inclinando-se para a Alicia. —A rainha tomou uma decisão. Não quer vê-la. Seu fôlego quente lhe fez cócegas na orelha. Embora a apressasse, negou-se a mover-se. Era muito grande, moreno, todo músculo e virilidade. Dificilmente podia evitar o homem que era dono do próprio teto que estava sobre sua cabeça. Em um momento no qual estava distraída, Wilder pegou a antiquada túnica e a jogou sobre um manequim. Colocou a mão em seus rins e a empurrou suavemente para as escadas.

Olhou para trás para ver a senhora Philpot provando uma trabalhada peruca sobre a cabeça de sua mãe. As risadas ressoavam por todo o apartamento de cobertura. Possivelmente... só possivelmente se escapulisse por umas horas mamãe estaria segura. Embora isso não significasse que ia estar segura com Drake Wilder.

Estavam tão perto, que seus quadris se roçaram. Seu braço a rodeava e sentia a pressão dominante da palma de sua mão nos rins. Um sutil e penetrante aroma masculino a atraía, como o perigo que sentia nele. Cada vez que a tocava, uma terna fraqueza destruía a força de sua vontade.

Antes que a temporada termine, virá de joelhos suplicar compartilhar minha cama. Nas escadas, soltou-se, ignorando seu olhar complacente. Levantou a cabeça e o precedeu descendo até o segundo piso.

Um feixe de luz de sol iluminava o papel pintado de um canto em penumbras, onde uma vez pendia uma paisagem. O longo corredor mostrava uma linha de portas fechadas de dormitórios vazios. Até a pouco a casa vivia em meio de risadas frívolas e música nos aposentos de baixo. Alicia se lembrava de quando era menina, deslizando pelo corrimão até os elegantes convidados que formavam redemoinhos no vestíbulo de baixo. Mas depois da horrível morte de papai, e a loucura de mamãe, a aristocracia tinha deixado de visitá-los.

A senhora Molesworth apareceu precipitadamente, passando as mãos pelo volumoso peito.

—A senhora Philpot é um encanto — disse. —Eu não escolheria melhor acompanhante para a condessa, tivemos um bom bate-papo. Sim, senhor.

—Obrigado, senhora — disse Wilder com uma graciosa inclinação de cabeça. —Sua aprovação significa muito para lady Alicia. Depois, piscou um olho à criada. Piscou-lhe um olho. E a severa senhora Molesworth ruborizou.

Alicia os olhava alternativamente. Como tinha ganhado a cozinheira? Ontem mesmo, ela ameaçava lhe cuspir e assá-lo para o jantar!

—Parece que a competência da senhora Philpot foi comprovada — indicou Alicia. —Mas onde estão suas referências?

O tom acusador da Alicia pareceu divertir ao Wilder.

—Milady é bastante rigorosa, não é? Perguntou à cozinheira. —Provavelmente não me acreditaria se dissesse que a senhora Philpot tem uma brilhante recomendação da duquesa do St. Chaldon. Mas é melhor saber estas coisas.

Ela assentiu vigorosamente, movendo de cima abaixo o queixo.

—Isso fizemos.

—E acredito que vigiará também lady Brockway.

—Sim, senhor. E me atreveria a acrescentar que hoje foi um dia movimentado, assim tomei a liberdade de pegar o chapéu de lady Alicia e a capa. A cozinheira indicou os objetos, que estavam sobre o poste da escada.

—Excelente, disse Wilder, eu gosto da eficácia nas mulheres.

Enquanto a senhora Molesworth ria entre dentes ridiculamente, Alicia chiou os seus para evitar replicar que também gostava da vulgaridade e a falta de moralidade nas mulheres.

—Falando de eficácia, preferiria ir sozinha. Aos homens acaba logo a paciência indo às compras.

—Então é porque não conheceu aos homens idôneos.

Wilder pegou o chapéu e o encasquetou em Alicia. Enquanto lhe atava as fitas debaixo do queixo, seus longos dedos roçaram o pescoço e seu tato despertou outro tremor de sensações dentro dela. Um estranho sufoco a atravessou. Frustrava-lhe sua educada conduta.

—Lá vamos — disse a senhora Molesworth, tirando o avental de Alicia e alisando as rugas da saia. —Não podemos ir vestidas como uma vulgar leiteira! Além disso, necessita de um bom passeio. Devolverá a cor às faces.

Alicia abriu a boca para protestar, mas percebeu que seria seu orgulho o que falaria. Na verdade, não poderia se dizer que ele a estava sequestrando. Permitir que lhe comprasse um novo vestuário era uma gentileza de sua parte. Depois de tudo, ia voltar para a sociedade graças a ele, para promover suas ambições. Limitava-se a cumprir a parte de seu acordo, isso era tudo.

Absorta, ficou parada enquanto Wilder lhe atava a capa ao pescoço. Acompanhou-a escada abaixo e saíram à rua sob os débeis raios de sol. Uma brilhante carruagem negra os esperava na calçada. Rodeando-a com um braço, introduziu-a em seu luxuoso interior. Os assentos de veludo cor borgonha acomodavam perfeitamente a suas costas. Umas cortinas bordadas adornavam as janelas, e uns franzidos de damasco cobriam o teto. As cortinas, das quais pendiam umas borlas de ouro, eram de seda marfim, e estavam levantadas.

Em vez de sentar-se em frente, Drake se acomodou a seu lado, com o joelho quase pegando o seu. Tinha um aspecto muito elegante com seu capote azul escuro e suas calças de lã, e a gravata branca atada ao pescoço.

Aborrecida por sua aparência perfeita, se encolheu em um dos cantos da carruagem cruzando suas gretadas e nuas mãos sobre o regaço. Tinha planejado passar a tarde remendando os velhos trajes para lhes dar um aspecto mais moderno. Mas por muito que lhe aliviasse ter deixado esse trabalho, não queria refletir como Wilder tinha obtido o dinheiro para pagar seu novo vestuário.

Para sua vergonha, estremeceu ao notar que a carruagem se movia apenas com um ligeiro chocalhar. Fazia tanto tempo que não ia em uma carruagem tão bem amortecida, com um homem bonito a seu lado. Quase podia imaginar que seu acompanhante era um atento apaixonado: Quase podia permitir-se acreditar que era tão amável e considerado com sua esposa como com sua mãe...

—Casaremo-nos na quinta-feira — disse Wilder. Voltou-se para olhá-lo.

—Dentro de dois dias?

—Sim.

—Mas... necessitarei de um mês pelo menos para os preparativos, e para enviar os convites...

—Não vamos convidar ninguém que não seja da família.

—Pensava que queria que assistisse a nata da sociedade.

—E quantos se dignariam a vir? Wilder lhe dirigiu um olhar indolente. —Como minha esposa, renovará suas conexões com a aristocracia e a convencerá para que me aceitem. E isto levará tempo. Encolheu-lhe o estômago. Tinha contado com semanas para adaptar-se à realidade de seu matrimônio.

—Mas as proclamas devem publicar-se durante três domingos.

—Não serão necessárias. Tenho uma permissão especial do arcebispo.

—Como? Não pode ter subornado uma autoridade tão alta da Igreja.

—Asseguro-lhe que não houve um só movimento de dinheiro.

E piscando seus agudos olhos azuis, disse:

—Verá, confessei-lhe que a tinha seduzido, e que poderia estar grávida.

Um ardor quente lhe subiu do peito ao rosto.

—Manchou minha reputação? E nada menos que ante um homem de Deus.

—Vamos, não se ponha nervosa. Convenci-lhe de que toda a culpa era minha.

Provando seu limitado repertório de insultos, resmungou:

—É barbarus.

—Reconheço-o, sou um bárbaro. Assim pode me lançar todos os dardos que queira — disse rindo entre dentes.

O fato de que entendesse latim só avivou seu ressentimento.

—Difícilmente esperará que a sociedade receba uma mulher cujo bom nome foi arrastado pelo barro.

—Nem tampouco acreditará que o arcebispo vá por aí fofocando — replicou Drake.

—Não precisará fazê-lo. O simples ato de celebrar umas bodas com sua permissão especial implica que nós... parou, incapaz de terminar a frase.

—Sucumbimos à luxúria carnal? Wilder ergueu uma sobrancelha. —Não me diga que receia o que pensam as pessoas. É feita de um material mais resistente que isto.

—Não quer escutar. É incorrigível.

Para seu assombro, Alicia quase se põe a rir, mas se conteve a tempo. Qualquer alegria que sentisse se deveria a sua histeria.

—Não há nada engraçado em um patife que se vangloria de seus pecados.

—Nem em uma solteirona que não é capaz de dizer uma palavra bonita a seu noivo.

Suas mãos envolveram seu pulso e a atraiu até seus lábios, beijando-a sensível pele. Seu fôlego quente lhe fez cócegas.

—Nos comportemos como pessoas civilizadas.

Alicia tratou, falhando, de livrar-se dele.

—Desde que mantiver as distâncias, senhor Wilder.

—Me chame de Drake. Outras mulheres o fazem.

—Senhor Wilder — disse ela deliberadamente educada — rogo-lhe que me solte.

—Não, até que diga meu nome.

Ela podia ver a resolução de aço atrás de seu sorriso brincalhão e não podia aguentar mais seu aborrecido toque.

—Me deixe... Drake.

Seu olhar permanecia firme. Para seu desgosto, examinou suas finas e ossudas mãos à luz da janela da carruagem, passando suavemente o indicador sobre as durezas. Sentiu-se vulnerável sem luvas, envergonhada de suas unhas quebradas e da pele áspera. Depois de visitar seu clube, tinha se zangado tanto que tirando as luvas de um puxão as tinha estragado.

Olhando-a intensamente disse:

—Como sendo uma dama têm as mãos de uma criada?

Soltou-se de novo e respondeu sem pensar:

—Por que faço a limpeza.

—Não têm mais criados que a cozinheira?

—Tínhamos uma garota para tudo e um lacaio, mas nos vimos obrigados a deixá-los para procurarem outro trabalho. Deve acreditar que não fazia os trabalhos da casa antes; a dívida do Gerald nos trouxe todas estas calamidades.

—Estas calosidades não são de ontem.

—Como sabe? —olhando depreciativamente suas cuidadas mãos com as unhas bem polidas.

— A única coisa que faz é embaralhar cartas e atirar dados.

—E acariciar mulheres. Meu outro passatempo favorito — sorrindo infernalmente, deslizou um braço entre as almofadas e ficou a brincar com os finos cabelos que caíam sobre sua nuca.

Alicia se ergueu para deter as prazenteiras sensações que percorriam suas costas. A quantas mulheres teria acariciado? A quantas teria seduzido? E por que se estava fazendo essas perguntas? Estava relaxado e confiante, como se desfrutasse esperando que o provocasse. Hoje parecia determinado a desconcertá-la; e ela estava disposta, é claro, a ignorar seus esforços.

—Como esbanja seu tempo não é de minha conta.

—Venha, continue criticando meus defeitos.

—É claro, os jogadores não se convertem em bons e dignos maridos.

Seu rosto serenou, adotando um olhar vigilante.

—Nem em bons pais... ao menos de acordo com sua experiência.

Suas palavras fizeram brecha em seu espírito. Sentiu-se indefesa, com seu doloroso passado ante ela. Mas, certamente não conhecia a história completa. Muito poucos sabiam.

—Papai era um pai amante e carinhoso. Não quero escutar como o critica.

—Deixou a você e a sua família quase na indigência.

—Tínhamos o suficiente para viver, até que você levou o restante.

—Então, apreciará desfrutar dos luxos de novo — disse Wilder sem o mínimo remorso.

—Na verdade, seria inteligente de sua parte passar os próximos dias aprendendo a me agradecer.

Antes que a temporada termine, virá de joelhos suplicar compartilhar minha cama.

—Agradá-lo não é parte do trato — disse com toda a dignidade que pôde reunir. —Sua comodidade me importa bem pouco.

Quando a carruagem se meteu no buliçoso tráfego do Regent Street, Wilder murmurou:

—Fere-me, querida. Não se dá conta que quero enfeitiçá-la?

Ela não sabia, nem podia desentranhar por que seu coração se derretia ante sua sedutora voz. Era um libertino, um canalha e um jogador. E em só dois dias seria seu marido.

Capítulo 7

Quando Alicia desceu pela grande escadaria na manhã de suas bodas, uma calma fria a aturdiu. Tinha dormido mal, atacada por escuros sonhos que não podia recordar, mas com o amanhecer chegou a aceitação de seu futuro. Sem pensar em outras coisas que as cotidianas tarefas de banhar-se e vestir-se, preparou-se para a cerimônia. O elegante traje de bodas rangia a cada passo, do mais claro cetim azul, tinha uma saia de gaze bordada com fios de prata que brilhavam no melancólico e chuvoso dia. Estremeceu ao pensar quantas horas tinha dedicado a costureira aos delicados bordados.

Um pesado colar de diamantes e safiras pendia de seu pescoço como o nó corrediço de uma forca. Do colar pendia uma safira em forma de lágrima maior que seu polegar. A deliciosa joia tinha chegado à tarde anterior com brincos de safiras também a jogo, enviados por um servil joalheiro que disse que as joias eram um presente do senhor Wilder. Esteve tentada a devolvê-las. As joias, depois de tudo, tinham sido compradas com os benefícios da casa de jogos. Mas rebelando-se só conseguiria provocar suas atenções.

Tinha aprendido a lição dois dias antes, quando foram às compras. Demonstrou um delicioso gosto na hora de escolher a roupa e os acessórios, a lingerie, e escolhendo trajes à última moda nas lojas. Tinha enfeitiçado à modista com seu encanto. Era uma francesa alta e magra, que a princípio se negara a terminar o traje de bodas e outro vestido em menos de quarenta e oito horas. Wilder sorriu e a lisonjeou, e a francesa com cara de passa se derreteu como creme batido sobre um bolo quente.

Enquanto a modista e ele se dedicavam a flertar, não havia melhor palavra para descrevê-lo, Alicia se sentiu como um manequim. Tinham-na medido, tocado e provado com todo tipo de tecidos. E apesar da chateação de seu dinheiro, uma oculta e vergonhosa parte dela se recreou no prazer de ter roupa nova.

A consciência lhe dizia que aceitasse só uns poucos vestidos, não a deslumbrante quantidade de trajes de manhã, de passeio e de baile que Drake escolhia. Mortificada, também escolheu a roupa interior, espartilhos, camisas e anáguas do mais delicado linho e com rendas. Insistiu em que queria o melhor com um sorriso que tirava o ar, e ao final ela aceitou. Depois de tudo tinha um trato a manter. Um trato com o diabo.

Alicia se deteve o pé das escadas com os enluvados dedos ao redor dos lisos pomos do poste da escada. Uma pontada de advertência a tirou de seu estupor. A débil luz do dia iluminava tenuemente o vestíbulo. A chuva repicava contra as grandes janelas, mesclando-se com uns ruídos que vinham do salão.

Era um murmúrio de vozes. Não tinha vontade de falar com ninguém, mas antes sua mãe escapara escada abaixo, impaciente como a colegial que imaginava ser hoje, assim Alicia franziu os lábios. Era o dia de suas bodas, e pelo céu que mostraria ao mundo seu aspecto mais feliz. Suas sapatilhas de cetim não fizeram ruído sobre o chão de mármore do vestíbulo, mas assim que entrou no salão, seu sorriso veio abaixo.

Sustentando um ramo de lírios brancos contra seu traje rosa, mamãe se sentava encolhida e solitária na turca que restava. Hoje não levava o xale grande de pele de toupeira. A senhora Philpot devia haver tirado. Fazia um momento que sua mãe conversava sem parar, mas agora tinha o aspecto de um pirralho castigado.

Do outro lado da sala vazia, a senhora Philpot estava em pé ao lado de uma janela arqueada. Seu olhar preocupado se dirigiu a Alicia antes de voltar para o homem que estava atrás de lady Eleanor.

Lorde Hailstock. Seu estômago se contraiu. Embora fosse amigo íntimo da família, também era um apaixonado rechaçado. Não o tinha convidado ao casamento.

Por que tinha vindo? Se pensava transtornar mamãe... aproximou-se apressadamente deles.

—Milorde, que surpresa!

Hailstock se adiantou e se encontraram a meio caminho. Seu cabelo prateado estava desordenado, a postura tensa atrás de seu formal casaco cinza.

—Sua criada me informou que descia — disse, assentindo sombriamente para a senhora Philpot. —Por Deus, Alicia! Inteirei-me esta manhã de que as bodas serão hoje. O que significa esta pressa?

Ela olhou a sua mãe.

—Vamos à biblioteca! — murmurou. —Ali falaremos em privado.

Quando cruzavam a porta, lady Eleanor os chamou:

—Por favor, esperem! — claramente sobressaltada, olhou-os de um ao outro, e com voz tímida, como a de uma menina, prosseguiu:

—Richard, não me disse por que Claire não vem com você. Está doente?

Hailstock vacilou, seus olhos vazios.

—Já sabe por que. Foi-se.

—Foi, onde? — perguntou a condessa, perplexa.

—Pelo amor de Deus, Claire está mor...

—Foi fazer uma longa viagem — interrompeu com presteza Alicia, antes que Hailstock revelasse a dura verdade da morte de Claire. Há anos, mamãe tinha sido a melhor amiga da primeira mulher de lorde Hailstock. Tinham crescido juntas, Claire, pobre de necessidade, recolhida como companheira de lady Eleanor, a mimada filha única de um conde. Hoje tinha voltado para esses tempos e achava ser uma jovem dama sem preocupações. Sua mãe piscava os olhos confusamente.

—Uma viagem? OH, queridos, Claire não me disse nada. Há algo nela que me preocupa... algo que não posso recordar...

—Deveria recordar e dizer a sua filha quão estúpido significa casar-se com tanta pressa... —falou Hailstock.

—Já basta! — disse Alicia, movendo bruscamente o braço.

A senhora Philpot se apressou a ficar ao lado da condessa.

—E agora lhe farei companhia em lugar de Claire. Não é um dia maravilhoso para um casamento?

Um trêmulo sorriso apareceu nos lábios de lady Eleanor, e assentiu. Durante a semana passada, a senhora Philpot tinha demonstrado ser indispensável. Jamais perdia a paciência e sempre demonstrava um excelente humor.

Segura, deixando-as a sós, conduziu lorde Hailstock à biblioteca vazia, fechou as portas e olhou para seu rosto.

—Por que perturba mamãe? É inútil. E o que lhe disse antes que entrasse no salão?

—Simplesmente lhe recordei que já não é uma menina no colégio, que é uma viúva, uma mãe com filhos crescidos — seus agudos olhos verdes a olhavam fixamente, sacudindo a cabeça. —Se me permite ser sincero Alicia, não lhe fazem nenhum bem alimentando suas fantasias.

—Ao contrário, faço-a feliz. Minha mãe não está brincando.

—Pois precisamente por isso deve estar em um lugar de pessoas dementes. Aproximou-se com as mãos nas costas, os saltos golpeando o chão nu.

—Preocupa-me sua vida. Suas ações são imprevisíveis. Lembra quando imaginava que era Joana d'Arc? Poderia tê-la atravessado com sua espada.

Alicia não pensava no perigo.

—Mamãe aborrece a violência e nunca faria mal a ninguém.

—E se seu estado piora? Nunca saberá o que pode fazer e seguida.

—Conheço-a melhor que ninguém, e seguirá vivendo comigo depois de meu matrimônio.

Hailstock fez um gesto de desagrado.

—É isso o que Wilder lhe disse? Não deveria acreditar em suas formosas promessas. É um jogador profissional e um estelionatário. A honradez não é seu forte.

Intimamente estava de acordo, embora sentisse uma estranha compulsão de defender ao homem que ia se converter em seu marido.

—Deu-me algo mais que uma promessa. Assinou um acordo que me converte na única tutora de mamãe até que Gerald seja maior de idade.

Ontem mesmo, um advogado de modos sérios entregou os papéis para sua assinatura. Estudou atentamente a breve declaração de Wilder, satisfeita de que nenhum tribunal poderia revogá-la.

—Wilder não cumprirá semelhante acordo. Não é um cavalheiro. O grande miserável se considera acima da lei — olhando-a sinistramente, acrescentou: —Recorda minhas palavras, Wilder achará a maneira de encerrar a sua mãe. As dúvidas atendiam seu coração. Tinha razão o marquês? Era uma ingênua confiando em Drake? Ficando ela e sua família a mercê dele? Em voz baixa, mas firme, disse:

—Devo acreditar no trato que temos feito. Não tenho outra opção, Alicia agitou a cabeça. —E eu sei que encerraria mamãe para sempre. Hailstock se aproximou, aferrou-se as enluvadas mãos de Alicia como se fosse um menino que pedisse perdão.

—Querida, conheci-a desde que era um bebê em meus braços, e aprendi a querê-la e respeitá-la como mulher. Não permitirei que tome tão desastrosa decisão.

Apesar de sua decisão, suas broncas palavras a encheram de emoção. Durante anos, tinha sido pai e amigo ao mesmo tempo, sobre tudo depois da morte de papai. Foi justo nesse momento quando o marquês começou a visitá-los assiduamente, oferecendo sua ajuda, embora seu pai tivesse nomeado o diretor de seu banco como testamenteiro e executor de suas últimas vontades. Mas agora, doía a Alicia deitar-se nos protetores braços de lorde Hailstock e respirar o familiar aroma de colônia masculina, para que se encarregasse de seus problemas em suas capazes mãos. Mas não podia fazê-lo.

—Já é tarde para me dissuadir — sussurrou.

Embora Hailstock apertasse com suavidade sua mão, os olhos lhe ardiam com fervorosa intensidade.

—Não, não é muito tarde. Rogo-lhe, não se case. Wilder não lhe trará mais que desgraças, exhibirá suas amantes e a manchará com seus vícios.

Respirando profundamente, soltou-se de suas mãos e tentando que não notasse sua voz agitada, disse:

—Sei perfeitamente quem é, milorde e me caso com os olhos bem abertos.

—Mas você e Wilder provêm de mundos completamente diferentes. Faria melhor casando-se comigo, um cavalheiro que a quererá como a uma dama — deteve-se gravemente e com o olhar baixo. —E pelo que respeita a Eleanor, permitirei que viva conosco, desde que permaneça encerrada em seus aposentos.

A oferta surpreendeu a Alicia, e antes talvez a tivesse aceito. Mas ainda em sua memória brilhava a imagem do Drake Wilder saudando sua mãe cortesmente, aceitando suas loucas excentricidades e comprando todas as flores... por quê? OH! Por que lorde Hailstock não podia tratá-la tão bem? Negou fortemente com a cabeça.

—Encerrá-la acima não servirá de nada. Mamãe precisa fazer parte da família. Ela me necessita.

—Se não quer atender a seu próprio bem-estar, então pensa no de seu irmão. Wilder corromperá Gerald com todo tipo de jogos de azar. Não duvide que o menino acabará logo na tumba, igual a seu pai.

Removia a ferida em seu coração. Gerald tinha lhe prometido manter-se afastado do Wilder Clube, e por que não tinha que acreditar em sua promessa?

—Já tomei uma decisão. Não há nada mais que dizer.

Hailstock a estudou atentamente, como se estivesse sopesando a força de sua decisão.

—Como quiser, então — disse rapidamente. —Mas deve pegar isto. Tirou algo de um bolso do casaco e o pôs em sua mão. Era um anel de ouro engastado com safiras e diamantes.

Confundida e aturdida disse:

—Não posso aceitá-lo.

—Deve fazê-lo. Vai ser o anel de compromisso de nosso matrimônio. Dito isto, virou-se e saiu da biblioteca.

Enquanto as gotas de chuva tamborilavam seus lamentos contra os vidros, Alicia se apoiou contra uma vazia prateleira, olhando o anel em sua mão. Não deveria aceitar semelhante símbolo de outro homem. E agora, como podia rechaçar lorde Hailstock? Sentiu como se perdesse um bom amigo. Aflita, tirou a luva e deslizou o anel em seu dedo.

A noiva se atrasava.

Embora a tensão oprimisse seu peito, Drake se esforçou por manter a calma ante o altar. Garoava contra os altos vitrais. No coro, um grupo de crianças com túnicas brancas entoavam um hino, acompanhados ao órgão por um sacerdote de ombros cansados. O ar úmido cheirava

a cera de abelhas dos círios que ardiam no altar. Alguns dos mais fiéis empregados de Drake ocupavam os primeiros bancos da igreja de São Jorge; alguém tossiu, e o som reverberou por toda a igreja. A um de seus lados estava o pároco com sua mulher de aspecto de tímido, que seria uma das testemunhas. Ao outro lado, espreitava Fergus, com seu melhor traje de domingo. Drake sentia o ardente e desaprovador olhar de seus olhos em suas costas. Ou possivelmente Fergus estava se regozijando malignamente.

A cerimônia devia ter começado há quinze minutos. Em silêncio, Drake amaldiçoava sua decisão de respeitar a tradição e chegar separadamente da noiva. Tinha mandado a carruagem quando devia ter ido em pessoa a casa da Alicia, sua casa agora, e trazê-la consigo. Não achava que Alicia fosse uma covarde, mas sua fria beleza loira não dissimulava seus pensamentos, e por uma vez em sua vida receou de sua habilidade para compreender as mulheres.

O que aconteceria se não aparecesse?

A irritante possibilidade o punha frenético. Durante anos, tinha planejado este momento. Tinha tramado sua vingança desde que era um menino aflito, repudiado por seu pai. Levado pela amargura, Drake estudou declamação e etiqueta, finanças e comércio. Usou seu talento com os números para fazer uma fortuna nos jogos de azar.

Então, tentou Gerald, lorde Brockway, para que jogasse suas cartas. Assim poderia reclamar a mulher que Hailstock desejava. E agora lady Alicia Pemberton poderia desbaratar tudo frente ao altar. A ideia lhe encheu com uma ira blasfema. Ante Deus, jurou que nenhum membro da aristocracia voltaria a humilhá-lo.

Nunca mais.

O pároco limpou a garganta, e Drake lançou um olhar exasperado ao reverendo lorde Raymond Jeffries, que se apoiava no punho de marfim de sua bengala. Quando preparavam a cerimônia, o arrogante clérigo lhe fez saber claramente que era o irmão de um marquês. Se esse presunçoso soubesse quanto tinham em comum.

Mas Drake não estava preparado ainda para reclamar seu parentesco. Primeiro, devia assegurar uma posição no mundo de Hailstock. Se Alicia ousava jogar com ele como idiota cancelando as bodas...

Na frente do pároco caía uma mecha de cabelo castanho, de repente se aproximou mais e sussurrou:

—A noiva, senhor Wilder.

Drake retirou o olhar do chão da nave. A senhora Philpot acompanhava lady Eleanor a um banco da primeira fila. A senhora Molesworth trotava detrás delas. Então, sua atenção se fixou no casal que esperava ao fundo da igreja.

Pelo braço de seu irmão, lady Alicia Pemberton permanecia meio escondida entre as sombras da porta dupla. A ansiedade de Drake desvaneceu em meio de uma onda de covarde alívio. Para si mesmo, murmurou uma vitoriosa prece de agradecimento.

Como se devesse à intenção divina, as nuvens desapareceram e uns raios de luz brilharam em todo seu esplendor iluminando o diadema de flores brancas que coroava seu

cabelo dourado. Assim, Alicia com o traje de bodas azul parecia um anjo do céu. Suas mãos seguravam um buquê de flores brancas. Drake não gastou mais que um olhar nesses objetos exteriores. Sua pureza e beleza deixaram-no sem fôlego. Mal podia acreditar que essa virginal perfeição logo seria sua.

Resplandecia ao lado de Gerald, enquanto percorria a nave. Seus olhos eram frios e firmes, o rosto pálido e calmo. Podia ter sido um mártir a caminho do patíbulo. Em lugar de agradá-lo, sua passividade lhe queimava as entranhas. Não queria lhe ver resignada frente a seu destino, como se fossem executá-la. Maldita seja! Queria que lutasse contra ele, que demonstrasse sua têmpera.

Um suor frio lhe percorria as mãos; resistiu a secá-las contra a jaqueta azul escuro que vestia. Que diabo passava com ele? Ela não era mais que o instrumento de sua vingança.

Irmão e irmã chegaram até o lugar da comunhão, em frente do altar. Lorde Brockway se deteve olhando ferozmente para Drake. Apesar de seus traços juvenis e adoentado aspecto, era um conde da cabeça aos pés com seu casaco perfeitamente cortado e suas calças claras. A inclinação de seu queixo dizia que defenderia sua irmã se houvesse necessidade. Drake sorriu sardonicamente. Era uma pena que esse girino não tivesse sido um pouco mais protetor quando jogou tudo na mesa de jogo. Nesse momento Gerald entregou Alicia, e Drake se aproximou dela, e tomou sua enluvada mão com o braço dobrado. Com a outra mão segurava o ramo de lírios contra a cintura. Um sutil aroma feminino lançou um véu feiticeiro sobre ele, e inclusive ali, na igreja, sentiu-se apanhado pelo desejo. Mantendo firmemente sua mão sobre a sua, guiou-a com passos firmes frente ao altar.

O pároco abriu o livro de rezas encadernado em couro.

—Amados irmãos, reunimo-nos aqui, na presença de Deus...

O início da cerimônia matrimonial mal distraiu a mente aguda de Drake concentrada em sua noiva. Sentiu uma admiração invejosa por essa pequena e delicada mulher, que possuía um perfeito autocontrole. Seu belo perfil alabastrino não mostrava o menor sinal de emoção. Olhava diretamente à frente, como se entregar sua vida a um jogador profissional bastardo fosse algo o mais normal possível.

Temia que não usasse seus presentes, mas o traje e o colar, e os diamantes realçavam o fulgor de sua pele, enquanto que a safira com forma de lágrima se acomodava nesse escuro vale entre seus seios. Queria pôr sua boca ali... e em outros lugares. Queria lhe arrancar o traje e assediar essa serenidade. Essa clara fantasia lhe endureceu as virilhas.

—Se alguém pode aduzir alguma causa justa para que não possam contrair matrimônio legalmente, que fale agora, ou que de agora em diante guarde silêncio para sempre.

O reverendo lorde Raymond Jeffries se calou. Seus olhos saltados voavam rapidamente para a esquerda e para direita, como se esperasse completamente seguro que alguém desse um passo adiante e detivesse estas escandalosas bodas. No altar, as chamas dos círios ondulavam em silêncio. Uma rajada de vento golpeou as vidraças. Fergus arrastou os sapatos ruidosamente e, por um incômodo momento, Drake temeu que o ancião tivesse a intenção de gritar uma objeção.

Apertou os dentes para evitar dirigir-se a Jeffries violentamente.

Pelo amor de Deus, acabe de uma vez!

Por fim, o pároco começou a ler de novo, pronunciando as rezas monotonamente durante intermináveis minutos, antes de indicar que podiam tomar a mão direita. Drake pronunciou seus votos rapidamente e sem que lhe tremessem seus dedos magros. Sem um indício de nervosismo, Alicia murmurou os seus. Inclusive então, não levantou seus olhos para ele, a voz tranquila, os movimentos mecânicos. Poderia ter sido uma marionete dirigida por fios invisíveis.

Tudo tinha terminado já. Tinha selado seu destino. E o dela. Como convieram, não se benzeram os anéis por que Drake não viu a necessidade de incomodar-se com semelhantes caprichos românticos. Enquanto o pároco rezava as últimas orações, a reserva aristocrática da Alicia seguiu incomodando Drake. Era como se verdadeiramente não a possuísse já... ela se mantinha a parte, inviolável. O desejo primitivo de marcá-la com seu ferro desvanecia.

Ela era sua mulher. Para usá-la como ele quisesse. Agarrou-a, reclamando um beijo. Seus suaves lábios se separaram surpreendidos. Contando com essa vantagem, tomou-a pela nuca com uma mão sustentando-a firmemente, enquanto sua língua a invadia com um profundo e exigente beijo. Tinha sabor de inocência e uma doçura que nunca tinha conhecido. À distância, ouviu o pigarro do pároco e um murmúrio de desaprovação do irmão.

Os olheiros não o preocupavam. Só um trovão dos céus poderia detê-lo.

Beijou-a profunda, forte e longamente. Ela se pendurou em seus ombros, e os batimentos de seu coração palpitavam descontrolados no peito. O aroma dos lírios esmagados se mesclava com uma ligeira fragrância feminina. Com hábeis movimentos de língua, acariciou sua sensível pele interna até que a frigidez abandonou o corpo da Alicia e dando um suspiro se fundiu entre os braços de Drake.

A vitória só o satisfaz um pouco. Queria algo mais que um beijo, desejava veemente sua completa rendição. E a teria, por Deus, que a teria. Mais tarde. Obrigou-se a retirar-se. Alicia estava olhando-o, ofegava, e seus seios subiam e baixavam. Mechas de seu cabelo emolduravam a suave beleza de uma mulher satisfeita.

Seus olhos, aturdidos nas profundidades azuis do desejo... mas só por um momento. Logo, uma fria máscara de desdém delineou de novo suas nobres feições. Fechando torpemente o missal o pároco terminou a cerimônia. Não havia dúvida de que estava acostumado a contemplar beijos mais formais. Os beijos civilizados dos casais da aristocracia.

Ao diabo com a aristocracia.

Drake pegou avidamente a fina cintura de Alicia. Não teriam uma corte civilizada. Seus jogos de cama seriam selvagens, desinibidos, luxuosos. Não estava de tudo desalentado por sua frieza. Admitisse ou não, uma forte corrente de paixão fluía debaixo de sua serena superfície.

Será um matrimônio casto...

Drake sorriu. Que enganada estava. Obteria os prazeres de Alicia. Atrairia-a até sua cama e a reclamaria inteira e para sempre. Agora ela era sua. Sua esposa.

Capítulo 8

Seu marido.

Desceu da carruagem com a ajuda da mão de Drake. Alicia se debatia assimilando a realidade de seu matrimônio. Seu firme apertão ameaçava seu duramente ganho autocontrole. Tinham vindo juntos da igreja, só os dois. Decidida a permanecer calma, Alicia encheu o silêncio com educados comentários sobre o tempo, sua mãe, o atraso de sua chegada, os detalhes da cerimônia e o estremecedor beijo. Enquanto conversava, ele a olhou, seus olhos estavam escuros, de uma desconcertante cor azul à sombria luz do dia.

Nunca tinha imaginado que um beijo pudesse ser tão íntimo, tão profundo. Tinha-a invadido com sua língua. Sua língua. E tinha desfrutado. Os ousados beijos que tinha experimentado durante sua primeira temporada lhe pareciam agora insípidos e carentes de paixão; aqueles cavalheiros eram meros colegas.

Entretanto, Drake Wilder tinha conhecido os abismos da depravação. Tinha cometido pecados tão malvados que não podia nem imaginar. Com esse beijo lhe tinha mostrado um brilho de suas habilidades eróticas, subjugando-a com tal intensidade, que excitava um surpreendente desejo carnal em seu interior. Não lhe surpreendia que Wilder risse de seu ingênuo intento de sedução no outro dia no clube. Sem saber, comportara-se como uma idiota. Pior ainda, tinha subestimado seu poder sobre ela.

Não voltaria a fazer de novo. Desceu à calçada molhada. Um lacaio sardento segurava um guarda-chuva para protegê-la da chuva. Enquanto caminhavam, Drake lhe rodeou as costas com seu braço estendendo os dedos sobre seu quadril, como se a reclamasse como propriedade sua. Não montaria uma cena tratando de livrar-se dele.

A boca de Drake se alargou com um sorriso mortalmente encantador.

—Bem-vinda... senhora Wilder.

Senhora Wilder.

Seu agudo olhar a pôs nervosa muito mais que seu recém-status, e se virou para ver o número 10 de Swansdowne Crescent. Sua nova casa não era a monstruosidade vulgar que se podia esperar de um jogador arrivista. A magnífica mansão de quatro pisos tinha a graça leve de um templo grego. Altas colunas brancas seguravam o frontão esculpido do pórtico. Uma cálida luz dourada atravessava as janelas, e Alicia comentou sem lhe dar importância:

—Deixam acesas tantas velas durante o dia?

—É um gasto sem importância.

—Só se for um esbanjador.

—Melhor esbanjador que miserável — respondeu, erguendo uma sobrancelha divertido. Além disso, se ficar curto de dinheiro, sempre posso lançar mão das imensas fortunas dos aristocratas. Depois do insultante comentário, conduziu-a pelas grandes escadas de mármore que levavam ao alpendre; quando alcançaram o amparo do patamar, um laçao se apressou a abrir a grande porta principal. Alicia diminuiu o passo, olhando à rua além da escura grade verde de ferro com a porta aberta. Um par de pedestres se apressava ao longo da quieta e curvada rua, com as cabeças inclinadas ante a garoa.

—Mãe e Gerald chegarão logo — disse.

—Têm medo de estar a sós comigo?

Não admitiria um pinga de verdade em sua frase.

—Preocupa-me o cocheiro. Parecia um pouco... lerdo.

O maciço cocheiro de rosto amassado tinha um olhar quase vazio em seus olhos diminutos. Equivocara-se em várias curvas no caminho para igreja e Gerald teve que lhe guiar.

—Billie o Grande foi boxeador faz tempo, possivelmente por isso seu cérebro está um pouco estragado — e em voz baixa acrescentou. —Talvez não devesse ter pego as rédeas hoje.

—O que acontece? gritou ela, se causa um acidente...

—Não acontecerá nada — disse Drake, embora lançasse uma olhada à rua. Imediatamente sua expressão se serenou. —Aí vêm. A passo lento, a elegante carruagem negra vinha virando a esquina da curva mais longínqua da meia lua que formava a rua, com Billie o Grande às rédeas. Aliviada, mas um pouco preocupada Alicia encolheu o nariz.

—Um boxeador profissional. Como pode empregar a semelhante bruto?

—Pergunte a meu mordomo. Ele se encarrega do serviço externo.

Drake a empurrou pelos rins.

—Vamos, chegarão em uns minutos. Não há por que estar aqui fora expostos à umidade.

O ar frio a fez tiritar, não podia pensar em outra razão para seu súbito tremor, e passou lentamente ante o laçao de libré que lhe segurava a porta aberta. A extraordinária beleza do vestibulo lhe tirou o fôlego. Um lustre resplandecia, pendendo do teto abobadado. Um as colunas marrons ladeavam as paredes amarelas que davam ao grande aposento uma sensação de grande elegância, e que junto às cadeiras de mogno e as mesas laterais lhe prestavam um ar de comodidade.

Tentando não olhar como uma tonta, baixou a vista e viu os serviçais formando uma longa fila à espera de serem apresentados à nova senhora. Os garçons e laçaios com librés azul escuro e botões de prata, as criadas com uniformes combinando e aventais brancos. A visão a acalmou um pouco. Antes de seu pai se arruinar, tinha sido educada para dirigir uma casa grande. E embora seu matrimônio não fosse a história de amor que uma vez sonhou, estava disposta a fazer um lugar nesta casa. Esqueceria seu desespero cumprindo estas obrigações...

Dando-se conta de que Wilder a levava para a grande escadaria, murmurou: —Ainda não me apresentou aos serviçais. Segurou-a para evitar que se dirigisse a eles.

—Não será necessário — disse em tom grave.

—Não é necessário?

—Já me ouviu. Espere aqui — aproximou-se do grupo de criados, mas Alicia, ignorando a ordem, seguiu-o. Encabeçava a fila um homem idoso, de ombros quadrados vestido de mordomo, e atrás dele uma mulher ruiva, de aspecto voluptuoso que levava um molho de chaves pendurado na cintura. Vestida com um atrevido traje sem mangas, parecia mais uma mulher de má reputação que uma governanta.

—Desobedeceu minhas ordens — disse Drake.

—Disse a ela que não queriam que nos reuníssemos aqui — acusou o homem idoso, piscando os seus olhos úmidos à governanta. — Não é certo, Yates?

—OH, cale-se Chalkers! Todo mundo sabe que estive outra vez levantando o cotovelo na adega, Yates sorriu timidamente a Drake. —Simplesmente queríamos felicitá-lo, senhor, por suas bodas. Estava bêbado o mordomo? perguntou-se Alicia, surpreendida. E como podia permitir semelhante desobediência em sua governanta? Alicia se adiantou.

—Eu adoraria conhecer cada um de vocês...

—Não! disse Drake. E levantando a voz para que todos pudessem ouvi-lo, acrescentou: —A senhora Wilder e eu agradecemos esta gentileza. Podem voltar para suas tarefas. Enquanto Alicia ficava rígida e confusa, o serviço se dispersou para a parte traseira da casa, embora uma garota gordinha e de olhos escuros ficou boquiaberta ante a senhora da casa até que um enxuto laçao a puxou pelo braço levando-a com ele através de uma porta ao final do corredor.

Alicia se voltou para Drake.

—Pelo amor de Deus! Preciso saber seus nomes e estabelecer minha autoridade aqui...

—Não vai ocupar-se dos criados. A senhora Yates os dirigirá.

—Seriamente? Veste-se como a proprietária de um bordel, desobedece suas ordens, e além disso o mordomo estava bêbado!

—Isto não é de sua incumbência.

—Sinto discrepar. Os criados principais devem ser um exemplo de probidade e conduta para o resto dos serviçais. Necessitam a guia firme da senhora da casa.

—Eu terei umas palavras com o Yates e Chalkers. Você se concentre em renovar suas conexões com a boa sociedade. Sua voz suave e dura como o aço a deixou gelada.

Assim é como pretende que seja nosso matrimônio. Negaria qualquer prestígio na casa. Trataria-a como algo sem valor diante dos serviçais. Inclusive a mais escravizada das esposas controlava os assuntos domésticos, mas a privaria desse direito. Ocultou sua ira debaixo de uma expressão gelada. Deixarei que dê as ordens. Atuaria como se o aceitasse.

—Não se preocupe, senhor Wilder. Cumprirei minha parte do trato.

—Acordamos que me chamariam Drake.

—Você combinou que seria sua esposa. Não sua escrava.

Rindo entre dentes, conduziu-a para a escadaria que se erguia dando uma grande curva.

—Dou-lhe todos os luxos. Nem sequer terá que levantar um dedo. Dificilmente pode chamar a isto vida de escrava. Em um arrebatamento de dignidade, tirou as luvas.

—Mas me nega a liberdade de ocupar a posição que me corresponde nesta casa.

Seus olhos se chocaram em uma batalha de vontades. Uma batalha que tinha pouco a ver com o corriqueiro assunto dos nomes, e muito com sua vontade de lhe exigir que a respeitasse. Um perverso desejo entrou em seus olhos e, agarrando-a pelo pulso, inclinou-se para ela. Drake disse:

—Bruxa.

—Monstro.

—Touché. E agora se desejar que a trate como uma esposa, estarei encantado de lhe obrigar. Rodeou-a contra o poste da escada. Em tom suave e doce, disse-lhe:

—Alicia, não é nenhuma vergonha desejar seu marido — seu polegar lhe acariciava o interior do pulso. —Esta noite é nossa noite de núpcias, me convide a sua cama e lhe ensinarei prazeres que estão além de seus sonhos mais selvagens.

Seus sentidos despertaram com o calor de seu corpo, a sugestiva colônia masculina e o sedutor azul de seus olhos. Sua gravata névea contrastava fortemente com seu cabelo negro como o carvão e sua tez morena. Estava tão perto que podia notar um leve indício de barba negra em seu maxilar, queria tocar aí, aprender cada um dos duros ângulos de seu rosto. Seu coração palpitava cada vez mais rápido, enjoando-a. Queria, desejava, saborear de novo essa formosa e viril boca...

—Que infernos é isto?

A realidade voltou de repente, dava-se conta que lhe olhava a mão. O anel de safiras e diamantes à luz chuvosa do exterior

—Eu não lhe comprei este anel.

Devia lhe contar uma mentira piedosa, mas sacudida por sua proximidade sentiu o irrefreável desejo de castigá-lo.

—Não lhe disse isso? comentou frivolamente. —É o presente de bodas que lorde Hailstock me deu. A escuridão desceu sobre o rosto de Drake, o maxilar lhe tremia. Abruptamente, tirou-lhe o anel do dedo.

—Devolverei.

Angustiada, tratou de recuperá-lo.

—É meu!

—Não! replicou ele, metendo-o no bolso. —Nunca, e digo nunca, aceitará presentes de outro homem. Está claro?

Sua aura de nua violência contida assustou Alicia. Nunca imaginou que um homem pudesse ser tão possessivo. Entenderia melhor seus ciúmes se o seu fosse verdadeiro amor...

De repente, um ruído de vozes e passos fortes penetrou do alpendre. No vestíbulo esperavam mamãe, agarrada ao braço de Gerald, com a senhora Philpot atrás dela. Mamãe os olhou e riu bobamente como uma colegial.

—OH, Meu deus! disse, pondo as enluvadas mãos nas faces. —Pegamos aos noivos em um momento íntimo. Verdade que é romântico? Com o rosto ardendo, Alicia se afastou de Drake. Esteve a ponto de dizer que estavam brigando, não se abraçando, mas uma olhada às turvas feições de Gerald a detiveram. Seus olhos verdes lhe perguntavam inquisitivamente: Está bem?

O peito a oprimia. Sempre tinha sido a mais forte da família, mas hoje queria correr para seu irmão e lhe pedir que a resgatasse das circunstâncias nas que se colocara. Esforçando-se ao máximo, conseguiu esboçar um sorriso de boas-vindas. Gerald caminhou a passos largos, chocando os calcanhares sobre o mármore do chão.

—Eu adoraria ter umas palavras com você, Wilder — o tom era imperioso, a voz rompeu e limpou a garganta com uma tosse áspera. —Imediatamente!

Alicia saltou para Gerald e lhe deu umas palmadas entre seus ossudos ombros.

—Tem que se cuidar — repreendeu-o. —Esta umidade não é boa para seus pulmões. Sente-se e descanse...

—O que precisa é um brandy — interrompeu Drake. —E as damas possivelmente desejem refrescar-se acima antes do jantar. Yates as conduzirá. Como se tivesse escutando dissimuladamente, a governanta apareceu atrás da esquina de um longo corredor. Sorrindo afetadamente, cruzou as mãos debaixo de seu volumoso peito.

—Devo mostrar à senhora Wilder seus aposentos?

Drake assentiu brevemente.

—E também as de lady Eleanor.

Alicia meneou obstinadamente a cabeça.

—Verei primeiro meu irmão. Tem as faces vermelhas, e pode ser que tenha febre — e levantando a palma da mão a pôs na testa; estava fria, mas então já havia saído da chuva.

—Por Deus, Ali! disse Gerald soltando-se. —Não precisa me mimar. Estou perfeitamente bem.

—Queridos, deixem de discutir — disse lady Eleanor. Inclinando a cabeça, piscou seus olhos azuis debaixo de um chapéu de palha rosa. —Já brigaram muito. Gerald inclinou a cabeça e resmungou:

—É uma mandona.

—Sou a mais velha — Alicia sentiu que devia dizê-lo. —E, é claro, estou no comando. Olhando bastante confusa, a condessa esfregou as têmporas.

—A mais velha... OH, querida! Parece-me que hoje nos vimos antes. Por que não posso me lembrar?

—Não se preocupe por isso — disse Alicia, ferida por um amor sem esperança. —Já se lembrará...

—Arrumaremos-lo durante o jantar — disse Wilder. —E tomando a mão de lady Eleanor, levou-a até a senhora Philpot que permanecia discreta em um segundo plano. E com uma voz muito mais gentil que a que jamais tinha usado com a Alicia, acrescentou:

—Suba acima, milady. O conde e eu nos reuniremos com você na sala de jantar em breve. Olhou ao irmão, e os dois homens saíram. Vendo como se dirigiam pelo vestíbulo para um par de portas abertas, Alicia sentiu um tremor de ressentimento. Gerald parecia um colegial, suas formas magras e seu cabelo castanho como o mel contrastavam claramente com o físico escuro e poderoso de Wilder. Poderiam ter sido o arcanjo Gabriel e Lúcifer.

Mordeu o lábio. Tomara Gerald não tivesse sido testemunha do apaixonado beijo na igreja. Poderia desafiar Drake em um vão esforço de protegê-la, e bem sabia Deus, seu irmão não era rival para um tipo ardiloso que se criara nas violentas ruas de Londres. Mas ainda mais ameaçador era pensar que Drake podia influir em Gerald. Wilder era uma serpente de língua viperina, que convenceria a um santo para que vendesse sua alma. O que aconteceria se levasse seu irmão pelo caminho da perdição? O que aconteceria... se Gerald terminasse como papai?

—Milady, quer nos acompanhar? a senhora Yates estava na escada, olhando-a fixamente sobre seus ombros. Mamãe e a senhora Philpot atrás.

Alicia compôs o gesto e com o semblante firme, assentiu.

Levantando a beira de seu suntuoso traje subiu com as outras mulheres pela escadaria. Mal se fixou nas belas estátuas dos nichos, nem nas molduras douradas de sua nova casa.

Wilder corromperá Gerald com todo tipo de jogos de azar. Não duvide que o menino acabará logo na tumba, igual a seu pai. Teria razão lorde Hailstock? Teria cometido um terrível engano?

Drake fechou as portas da biblioteca e conduziu Gerald até um par de cômodas poltronas de couro ao lado de uma lareira de mármore negro. Ainda estava furioso pelo assunto do anel. Maldito seja Hailstock por esse insulto! Nada gostaria mais que estelar seu punho contra seu arrogante rosto. Respirou com vontade profundamente. Agora tinha que acalmar Gerald. Já se ocuparia do Hailstock mais tarde.

Umas gotas de chuva deslizavam pelas janelas. O fogo ardia na lareira, dissipando a fria umidade, e um candelabro ondulava em uma escrivaninha próxima. Era neste lugar que Drake gostava de ler nas escuras horas prévias ao amanhecer depois de voltar do clube. E era o lugar onde gostava de urdir seus planos.

Em um vaso de alabastro sobre o aparador da lareira havia um molho de penas brancas de avestruz. Ninguém exceto ele, e Fergus, sabiam que eram as únicas que ficavam do leque que tinha usado sua mãe faz tempo, interpretando o papel de uma princesa egípcia em uma tragédia longamente esquecida.

Sua mãe desfrutava recordando a estreia teatral de Drake no papel de um Moisés recém-nascido, chorando entre os juncos até que ela o recolhia e o embalava entre seus braços.

Drake necessitava dessa lembrança agora. Muira Wilder tinha lhe criado com a firme determinação de dois pais. Não merecia ter sido seduzida e abandonada por um altivo aristocrata inglês. Aproximando-se do aparador, levantou uma garrafa de cristal.

—Brandy?

O conde do Brockway flexionou seus pequenos punhos.

—Não vim aqui para beber, Wilder. Exijo conhecer suas intenções por minha irmã.

—Isso não é de sua conta.

—Prometeu-lhe um matrimônio casto, ela mesma me disse isso. Se a enganar, responderá ante mim.

—Cuidado com quem chama de mentiroso.

Como um cachorrinho temerário, Gerald deu um passo para Drake.

—Vi como a beijou indecorosamente ante o altar. Parece que a quer incomodar, de forçar suas atenções nela.

Drake conteve sua iracunda impaciência e verteu um líquido ambarino em duas taças. Em outra situação, poria ponto final a semelhante insolência em termos bem diferentes. Mas Gerald era agora da família.

Além disso, coagir a Alicia era desnecessário. A Drake bastava esperar sua oportunidade... para seduzir a sua esposa.

—Nunca forcei nenhuma mulher e não tenho intenção de fazê-lo agora.

Os passos mal se ouviam sobre o tapete turco, enquanto se aproximava de Gerald e lhe entregava uma das taças.

—Sente-se.

O jovem conde aceitou a bebida, mas nem a bebeu nem se sentou.

—Não permitirei que a maltrate.

—Devo lhe recordar que agora é minha esposa, ante a lei de Deus e dos homens — e moderando seu tom áspero, Drake pôs uma mão sobre o ombro do Gerald. —Asseguro-lhe não farei nenhum mal a sua irmã. Têm minha palavra.

Gerald piscou desconcertado, e com um ligeiro empurrão de Drake, deixou-se cair em uma das poltronas de couro. Bebeu um gole de brandy e uma profunda tosse lhe saiu do peito, seus olhos lacrimejaram. A luta o tinha esgotado. Afundou-se mais na poltrona pondo os cotovelos sobre os joelhos ossudos, e a cabeça inclinada sobre a taça.

—É minha culpa. Tenho o cérebro de um repolho, e a pobre Ali vai pagar tudo.

Drake se sentou na poltrona oposta, estirou as pernas e cruzou os tornozelos. Contra sua vontade, sentia-se apanhado por seu parentesco com o jovem conde. Depois de tudo, agora era seu cunhado, quase seu irmão.

Só tinha visto de perto a seu próprio meio-irmão, James, uma vez. Um querubim de dois anos engatinhando atrás de seu pai. E tinha sido testemunha do orgulho que sentia Hailstock, perguntava-se se seu pai sentia agora o mesmo orgulho de seu herdeiro aleijado.

Drake bebeu um gole sem saboreá-lo e observou o rosto triste de Gerald.

—O fato, feito está — disse — não se castigue por uma partida que já terminou.

—Só um miserável covarde jogaria a casa de sua mãe e a felicidade de sua irmã. Fui um estúpido pensando que podia ganhar, só por que tinha dois malditos azes.

Drake sabia as cartas que Gerald tinha nessa noite. Não houve armadilhas, só um frio cálculo. O conde era como a maioria dos homens, confiava na sorte, esperando ganhar uma fortuna, em lugar de estudar as cartas.

Aborrecido por sua inquietação, Drake se levantou da poltrona e foi para a brilhante escrivaninha de mogno. Tirou da gaveta de cima um papel, levando-o até a lareira, deixou-o cair entre as chamas. O documento para pagar se contraiu e, enegrecido, converteu-se em cinzas.

Drake virou sobre os calcanhares.

—Olhe, seus desejos se cumpriram. Vinte mil guinéus.

—Como se fossem as trinta moedas de prata do Judas — disse Gerald lentamente.

—Não diga tolices. Alicia e lady Eleanor levarão uma vida muito melhor aqui. Você não as traiu.

—Alicia devia ter sua oportunidade. As mulheres dão muita importância ao amor.

—As mulheres se casaram por dinheiro desde o começo dos tempos. Isto não é diferente.

Gerald olhou-o pouco convencido e esteve a ponto de replicar. Agora, pensou Drake, que ela era sua irrevogavelmente, tinha outras preocupações para ocupar-se.

—O que fará agora?

—Tentarei recuperar minha fortuna. Comercializando, possivelmente — deixou a taça em uma mesinha e, ficando em pé, abotoou a jaqueta. —Por outro lado, já encontrarei hospedagem, me dê um par de dias para retirar meus pertences.

—Cristo bendito! Não tenho intenção de expulsá-lo de Pemberton House.

Gerald se retesou.

—Posso estar arruinado, mas não mendigarei sua caridade.

—Nem eu o espero, mas há um modo de me devolver o favor.

Amaldiçoando seu compassivo coração, Drake esperou que não rechaçasse sua oferta. Porque Alicia na verdade não o passaria... embora ela não tivesse nada que dizer sobre este assunto.

—Venha ver-me amanhã no clube.

Capítulo 9

Quatro dias mais tarde, Alicia estava no salão de uma grande mansão em Grosvenor Square esperando que um altivo lacaios fosse perguntar se sua excelência estava em casa. Muito nervosa para sentar-se em uma das inumeráveis poltronas e turcas, passeou pela belamente mobiliada sala. Seu olhar deslizava pelas coloridas tapeçarias das paredes, finas figuras de porcelana das mesas e pela lareira esculpida em puro mármore branco. Deteve-se ante uma vidraça emoldurada com cortinas azuis bordadas e contemplou vagamente o jardim.

Em geral, esperava na carruagem enquanto seu lacaios deixava um dos novos cartões de visita impresso recentemente. Mas este método fazia com que fosse muito fácil para as senhoras da casa estar convenientemente indispostas.

Desde as bodas, tinha confeccionado uma lista com as principais anfitriãs da boa sociedade. Visitou cada uma das amizades com as que se relacionara alguma vez. Até hoje, todas se negaram a recebê-la. A amarga razão era clara. Ninguém desejava ver-se com a esposa de um jogador de baixo estofado. Ou com a filha de uma louca.

Mas desta vez não a rechaçariam. Desta vez provaria algo temerário. Obteria uma entrevista com uma antiga amiga... e rival de anos atrás. O som de passos rítmicos lhe chegou do vestíbulo; retirando-se da vidraça, esperou um criado com uma mensagem de rechaço. Mas em seu lugar apareceu uma moça que entrou no salão.

Sarah. A duquesa de Featherstone.

Alicia ficou parada, confundida entre sensações de afeto, ressentimento e surpresa. A viveza de seu delicioso e belo rosto se desvaneceu, um rictus tirante se adivinhava em sua boca. Umbras deprimidas prestavam uma fragilidade a seus olhos violeta. Mas era algo mais que seu semblante o que tinha mudado. Um traje negro cobria sua esbelta forma, e um véu da mesma cor coroava seu reluzente cabelo azeviche.

Surpreendida, Alicia só pôde recordar sua educação.

—Rogo que perdoe minha rabugice, excelência. Não sabia que estava de luto.

—Não precisa se desculpar. Já faz quase um ano que Timothy faleceu.

Seu marido tinha morrido. Um alto e vigoroso aristocrata que sempre tinha na boca uma piada graciosa

—Sarah, sinto-o tanto... estive longe da sociedade e não sabia.

—Entendo-o perfeitamente — disse Sarah com um sorriso que não refletia em seus olhos. Assinalou com a mão umas poltronas perto das vidraças. —Sente-se e tenhamos um bom bate-papo enquanto esperamos o chá.

Sua indiferença sugeria algo menos um bom bate-papo. Sentando-se em uma cadeira reta, Alicia ponderou quanto tinham mudado nos últimos cinco anos. Foram amigas íntimas desde o momento em que se conheceram, duas jovens de olhos sonhadores que desfrutavam dos prazeres de sua primeira Temporada. Riam bobamente de seus bobos pretendentes e trocavam confidências a respeito dos admiradores mais ardentes. Até que Alicia se apaixonou pelo corajoso duque de Featherstone.

A princípio, Sarah esteve estranhamente calada quando Alicia suspirava pelo formoso duque. Mas então, uma noite fatídica, Alicia os surpreendeu beijando-se em um sombrio jardim, e nasceu uma amarga disputa. Os insultos apareceram. Quando se inteirou de seu compromisso, chorou amargas lágrimas de ira. Negou-se teimosamente a ver Sarah, e inclusive saiu da cidade no dia de seu casamento.

Essa angústia juvenil a enchia agora de remorsos. Realmente, não amava ao duque, simplesmente se tinha encantado ante a ideia do amor. Sua conduta parecia especialmente mesquinha em vista do luto de Sarah. Parecia muito jovem para ser viúva. A duquesa de Featherstone arrumou as saias na turca. A seda negra contrastava vivamente com sua pálida tez. Em voz baixa, disse educada e friamente:

—É muito inesperado vir me visitar depois de todos estes anos.

—Estive fora de circulação — murmurou Alicia. —Papai morreu pouco depois de suas bodas, assim não pude desfrutar de outras temporadas. OH, Sarah! Estou tão envergonhada do que aconteceu entre nós. Comportei-me tão mal quando devia ter sido mais compreensiva. Poderá me perdoar?

Sarah ergueu um de seus magros ombros.

— O passado tem já poucas consequências para o presente. Mas se for só isto o que veio me dizer... o tom majestoso de sua voz indicava que não queria falar mais do assunto.

Engolindo suas desculpas, Alicia se concentrou em seu propósito. Havia alguma esperança de obter a boa vontade de Sarah? Sentia-se envergonhada de seus planos, sabendo a perda que sofria. Mas não tinha alternativa, e disse:

—Pensei muito em você — sorria calorosamente. —E é maravilhoso vê-la de novo. Como está a família?

—Meus pais estão bastante bem, embora prefiram a tranquilidade de Oxfordshire à agitação de Londres.

—E seu irmão mais velho?

—Casou-se, e tem um filho um ano mais jovem que o meu.

—Tem um filho? Alicia sentiu uma pontada de saudade tão dura que lhe fez mal. Nunca tinha embalado um menino de sua própria carne, e este era um fato que não tinha considerado no acordo com Drake.

—Por favor, me conte algo do menino.

—Chama William, tem quatro anos e é um menino bastante sério. Sarah sorriu abertamente.

—Suponho que sou afortunada por que tenho um Featherstone como herdeiro. Não teria gostado que o miserável de seu primo herdasse o título. Suas duras palavras turvaram Alicia. Mas... não tinha havido um ligeiro desmaio em seus olhos quando falava de seu filho?

—Está William aqui? perguntou Alicia. —Adoraria conhecê-lo.

—Está lá em cima com seu tutor e não pode lhe incomodar.

Sarah lançou um olhar desapaixonado ao elegante vestido da Alicia de musselina azul claro.

—Mas já basta de falar de mim. Como está sua família?

—Como lhe dizia, papai morreu faz uns anos, e mamãe, bom... piorou um pouco, mas já volta a ser feliz, e tão carinhosa e doce como sempre. Mantendo firme o olhar, perguntava se Sarah faria alguma insinuação sobre a loucura de sua mãe. Como se atrevesse...

Mas a duquesa disse simplesmente.

—E o amalucado de seu irmão, que tal vai? Espero que não siga espiando pelo olho das fechaduras.

—Não — disse Alicia, aliviada pela mudança de tom na conversa. —Já lhe passou a idade de semelhantes tolices, graças a Deus. Agora tem dezoito anos.

—Ouvi que esteve bastante ocupada ultimamente, colocando-o no caminho.

—Gerald não é diferente ao resto dos cavalheiros jovens que devem aprender qual é seu lugar no mundo. E Gerald aprendeu a lição. Ontem mesmo, foi ver Pemberton House, mas estava fora. Mais tarde lhe enviou uma nota lhe explicando que tinha encontrado um trabalho em uma instituição financeira e que não queria que se inquietasse mais por ele. Parecia tão seguro de si mesmo, que o difícil era não inquietar-se.

Sarah soltou uma risada educada.

—Querida, não esperará que me trague semelhante conto de fadas. As pessoas morrem de curiosidade pelo escândalo.

—O que ouviu? disse Alicia cautelosamente.

—A verdadeira razão de seu matrimônio. Todo mundo sabe que o vício do jogo de seu irmão te forçou a se casar com esse vulgar jogador profissional. Alicia tomou ar profundamente, e justo nesse momento um lacaios com peruca branca entrou no salão levando uma bandeja de prata com o serviço de chá. Deixou-o em uma mesinha com rodas ao lado da duquesa. Sarah o despediu com gesto majestoso, serenamente, como se não desse importância ter enfiado uma faca no orgulho da Alicia, disse:

—Espero que ainda ponha açúcar no chá.

—Sim.

Enquanto Sarah lhe servia o chá, Alicia se enfureceu. O elevado status que agora desfrutava devia ter apagado suas boas qualidades. Uma vez, tinha chorado vendo um pobre menino mendigando e enviou cestas com comida ao orfanato. Agora era uma cínica muito diferente da doce e espiritual debutante que foi. Se não fosse pelo maldito trato, pensou Alicia, já teria ido finalizando a visita.

Passou-lhe uma delicada taça de porcelana, e depois lhe ofereceu uma bandeja com massas.

—Quer uma, querida? As de sementes de papoula são deliciosas.

—Não obrigado — sua educação parecia ridícula considerando as duras palavras que pendiam entre elas. Esse vulgar jogador profissional. Embora fosse verdade, lhe arrepiaram os cabelos por razões que não podia compreender. Devia acostumar-se aos comentários desagradáveis, mas devia convencer Sarah que Drake era digno de ser apresentado em sociedade.

—Estranho que tenha um conceito equivocado de meu marido — disse suavemente. —É um cavalheiro educado e respeitável. Sem dúvida, alguém a enganou, possivelmente algum desses cavalheiros que perderam suas fortunas em seu clube.

Franzindo os lábios, deixou a taça em seu pires.

—Não me refiro à natureza de seus negócios, a não ser suas conquistas. O senhor Wilder é um notório libertino. Mantém relações amorosas com atrizes e prostitutas.

—Isso não são mais que intrigas de espíritos mesquinhos — disse Alicia sem refletir, com o sorriso fixo e as mentiras lhe queimando a língua. —Não deveria acreditar em tudo o que lhe contam.

—Querida, estive muito tempo oculta em casa com sua mãe, e eu tenho mais experiência nas maneiras mundanas. Por seu próprio bem, deveria saber que este tipo de homem não tem a menor consideração pelas mulheres.

—Possivelmente, mas meu marido é um cavalheiro. Tem o máximo respeito por mim.

—Isso é o que agora parece. Mas, uma vez que a lua de mel tenha acabado, voltará para suas prostitutas. Acontece em muitos matrimônios da aristocracia — movendo-se com precisão, Sarah levou a taça à boca e bebeu. —E para você, com um marido de nascimento tão baixo, a

vergonha será o pior de tudo. O tom de superioridade lhe exacerbou os nervos, e apertando os dentes contou até dez, recordando que a posição de Drake estaria segura se o melhor da sociedade lhe visse em companhia da duquesa do Featherstone.

—Por que não julga seu caráter por si mesma? disse com um sorriso brilhante. — Poderíamos dar todos juntos um passeio amanhã à tarde.

—Impossível!

—Então, outro dia? perguntou tenazmente Alicia. —Eu gostaria que voltássemos a ser amigas como nos velhos tempos.

Sarah lhe devolveu um sorriso frio e insondável.

—Sinto muito. Mas esses dias faz já tempo que se foram. E me permita que lhe diga, de novo, que não deveria ter se casado tão abaixo de sua posição social. O último insulto enfureceu a Alicia. A xícara tremia no pires e ficou em pé.

—Nem todas tivemos a sorte de nos casar por amor. Deveria ter um pouco mais de amabilidade com as menos afortunadas que você.

Sarah voltou a cabeça como se pretendesse que Alicia já não estivesse ali. Sua formosa face poderia ter estado esculpida no mais puro alabastro, com o cabelo negro e brilhante à luz das vidraças. Alicia não permitiria que a ignorasse. Diria o que tinha que dizer para tirar de cima a velha dor e o novo ressentimento.

—Houve uma vez que invejei sua felicidade, Sarah, e estou verdadeiramente penalizada por sua perda, mas não invejo nada a condescendente e orgulhosa pessoa em que se converteu.

Deixou a xícara de chá. A garganta lhe ardia, mas ao menos poderia ir com a dignidade íntegra. Deu uma última olhada à duquesa, e uma gelada despedida se desvaneceu em sua língua. Uma só lágrima brilhava em sua perfeita face. Logo outra. Os lábios firmemente fechados tremiam ligeiramente. Sarah ficou quieta, com a impressão de se ver um pouco desgraçada em sua intimidade, algo que angustiou Alicia.

—Sarah? Está bem?

Sem tirar a vista das cortinas bordadas em azul, a duquesa falou com um fio de voz:

—Por favor... Vá.

Estava equivocada ao pensar que Sarah era uma mulher fria e sem sentimentos? Alicia se aproximou, e titubeando tocou um de seus braços. A manga de seda negra estava quente debaixo de suas mãos.

—Ainda está aflita pelo duque. Foi um engano de minha parte lhe recordar isso.

Repentinamente, Sarah se voltou para a Alicia, agora chorando muito.

—Sim, aflijo-me. Mas não por Timothy... nunca por ele.

A angustiosa cólera de seus olhos violeta inundados em lágrimas aturdiu Alicia. Afundou na turca e lhe ofereceu um lenço, apertando-o na fria mão.

—Vamos, vamos. Não precisa ocultar suas lágrimas. Estou aqui com você.

Enquanto Sarah soluçava contra o linho bordado do lenço, Alicia se perguntava qual a fonte de sua dor. Teria sofrido um matrimônio com problemas? Certamente, ela e o duque tinham formado um casal de conto de fadas, jovens, belos e cheios de felicidade. Ou esteve equivocada todos estes anos? Ao fim, Sarah começou a gemer mais suavemente, e secou as faces úmidas.

—Não queria chorar como uma menina estúpida, mas fazia tanto tempo que não o fazia, tanto tempo...

—Não há nada infantil em sua tristeza. Eu também chorei por minha mãe e... por outras penas.

—OH, Ali! Como pode suportar estar sentada aqui comigo? Comportei-me como uma harpia. Desprezo à mulher em que me converti... amarga e furiosa com o mundo. Sarah pegou a mão da Alicia.

—A verdade é que sentia sua falta, tinha saudades de suas confidências. Pensei tantas vezes em ter a coragem de lhe dizer... de contar a alguém...

—Me contar o que?

—Meus lamentos... pela felicidade que conheci antes que Timothy entrasse em minha vida.

—Pen.... pensei que era verdadeiro amor — disse Alicia atropeladamente.

—Amor! Sarah pronunciou a palavra como se fosse uma maldição, com os olhos perturbados moveu a cabeça. —Estava enganada... não vi seu verdadeiro caráter. Todas suas palavras bonitas... eram mentiras. Só mentiras.

—Não entendo.

—Nem eu tampouco... durante um tempo. Depois de me deixar grávida... depois de me entregar a ele com todo meu coração... nunca mais se aproximou de mim.

O coração da Alicia se alterou.

—Mas, por quê?

—Disse-me que era de alta linhagem, muito virtuosa e ingênua... e ele... preferia suas rameiras — um suspiro a fez estremecer. —Morreu de um ataque de coração... na cama de sua amante. Horrorizada, Alicia começou a entender agora.

—Por isso despreza meu marido. Acredita que é como o duque.

—Todos os homens são iguais, raciocinou, não encontrei nenhum que resista a tentação. E as mulheres estão cegas ante suas faltas... até que seja muito tarde.

Alicia não estava cega ante as faltas de Drake. Sabia que teve muitas amantes antes de seu casamento, e não albergava muitas ilusões sobre sua fidelidade. Embora naturalmente o pessimismo de Sarah a perturbasse.

—Assim devemos deixar que os homens façam sua santa vontade. Então, você fará o que lhe dê vontade também. Nenhuma maçã podre arruinará o resto de sua vida.

—Nunca fiz nada... mas hesitava pensativamente.

—Me escute — disse Alicia, desejando ajudar fervorosamente — não deve deixar que Timothy a derrote de sua tumba; esquece-o, e volta de novo para a sociedade.

A expressão de Sarah se iluminou lentamente.

—Tem toda a razão. Sempre teve tanto bom senso.

Tentando uma piada, Alicia disse:

—O grande número de meus antigos pretendentes não me desmentirá. Temos um montão de admiradores, não é? Lembra-se como selecionávamos os cavalheiros? Um grande sorriso apareceu no rosto da duquesa, mostrando sua beleza em um sentido de humor.

—Você escolhe primeiro os loiros...

—E você os morenos.

—E os ruivos, os de barba cinza e os calvos...

—Deixamo-los ao resto das damas.

—Que generosas fomos não ficando com todos! Riu Sarah recordando quão jovem foi uma vez. —Eu gostaria de voltar àqueles dias. Sinto falta das festas, risadas e diversões.

—Pode voltar a tê-las — disse Alicia, com uma nostalgia tão forte como a promessa feita a um patife de cabelo negro. Agora estava casada. Mas que despreocupadas tinham sido antes da morte de papai e da enfermidade de mamãe. Se só pudesse esquecer a necessidade de utilizar Sarah para suas próprias intenções. Não. Para as intenções de Drake.

—E uma vez que o luto termine — acrescentou Alicia — dançará e flertará à vontade.

—Possivelmente sim. Possivelmente já passou o tempo de levar estas roupas de luto — uma excitação calculista brilhou em seus olhos violeta. Sarah estreitou as mãos da Alicia. —E se eu tiver que voltar para a sociedade, você estará ao meu lado.

De volta ao Swansdowne Crescent, Alicia foi procurar Drake com a esperança de encontrá-lo ainda em casa. Embora seus caminhos raramente se cruzassem, e ela se encarregava de que fosse assim, conhecia seus costumes ouvindo seus passos no corredor ou o rumor de sua voz no vestibulo. Frequentemente, trabalhava um pouco a tarde na escrivaninha da biblioteca, logo iria ao clube para passar a noite ali, e não voltaria até o amanhecer. Despertou com as primeiras luzes do dia ouvindo como se movia nos aposentos contíguos aos seus. Não parecia que Drake precisasse dormir muito.

Estendeu seu cachecol ao mordomo, que esperava na porta principal.

—Obrigado, Chalkers. É muito amável.

O ancião de ombros encurvados franziu seus olhos úmidos.

—Senhooora Wilder? boooaaaa tarde... digo... bom dia. É isso.

O homem cheirava a álcool. Estava bêbado de novo. Preocupada por que Drake não resolvia o problema, perguntou-se por um momento o que ocorreria ao velho criado se o expulsassem. Só por essa razão se convenceu de que isso era assunto de seu marido. Sem dúvida, Drake o jogaria na rua.

Dizendo que isso não aconteceria, apressou-se a cruzar o vestíbulo para a biblioteca, onde uma das duplas portas estava aberta. Bateu em um dos painéis de carvalho e, sem esperar, entrou e se deteve.

Flutuava um aroma agradável a couro e papel. Respirou profundamente, desfrutando da calma alegre de estar rodeada de livros. As paredes estavam cheias de estantes do chão ao teto, eram de cor marrom escura, e cheia de fileiras e fileiras de livros encadernados. Havia uma surpreendente variedade de literatura e estudos científicos, teatro e textos de matemática. De noite se acostumou, depois de colocar a mamãe na cama, e com a casa em silêncio a ajeitar-se em uma das cômodas poltronas, para ler à vontade ao calor da lareira. Era a única e mais gloriosa vantagem de ser a senhora Wilder.

E o mais desconcertante de tudo. Tinha esses livros para aparentar? Acaso achava que um cavalheiro devia possuir uma boa biblioteca? Ou estava verdadeiramente interessado em temas tão diversos? Tinha demonstrado que sabia latim, e isso significava que tinha versado estudos acadêmicos em algum momento de sua vida... aventurou-se dentro do aposento.

—Drake?

Depois da porta estava a escrivaninha, ampla e brilhantemente polida. Uma cadeira vazia estava um pouco afastada, como se Drake acabasse de levantar. Um montão de papéis ordenados descansava sobre o tampo. Atrás do tinteiro, um recipiente de prata exibia uma coleção de penas. Sentiu-se decepcionada, queria lhe contar o êxito obtido com Sarah e como conseguiu que sua amiga, a duquesa do Featherstone auspiciasse sua volta à alta sociedade.

—É uma pena que o amo se foi — disse alguém atrás dela.

Surpreendida, virou-se e viu a senhora Yates, em pé contra um canto traseiro, meio oculta pelos extensos e verdes ramos de uma samambaia. Mostrava com garbo uma touca branca de criada sobre seus cachos ruivos. Tinha um livro fechado em uma mão e um espanador na outra.

O sorriso presunçoso de suas feições maquiadas fez que a pele da Alicia se arrepiasse.

—O que faz aqui?

A governanta deu alguns tapinhas no livro e o devolveu a estante.

—Cumprindo com minhas obrigações, é claro.

—As criadas se encarregam de tirar o pó. Imagino que terá coisas mais importantes que fazer.

—Por ordem do amo, sou a única criada autorizada a entrar neste aposento, e em sua ausência tenho que limpá-lo — indicou uma mancha em seu decote como querendo chamar a atenção em suas generosas proporções.

—Ele confia em mim. Já vê.

A sugestão de certa intimidade deixou Alicia gelada. Estava Drake tendo um caso com esta desavergonhada? Por isso Yates se sentia tão livre de mostrar-se tão insolente? Alicia queria acreditar que um canalha como ele demonstrasse mais discrição. Embora não podia estar segura de tudo...

—Termine a limpeza. Depois, responderá a minhas perguntas.

Ignorando a expressão carrancuda da governanta, Alicia deu a volta para ir. Sentia falta da senhora Molesworth que seguia em Pemberton House. Foram uma família muito unida, a cozinheira, mamãe, Gerald e ela. A senhora Molesworth lhes demonstrava o devido respeito, e isso faria essa impertinente governanta, se estivesse em suas mãos. Não tinha dado três passos quando ouviu que a senhora Yates murmurava em voz baixa.

—Muito nobre e altiva para compartilhar a cama do amo.

Alicia deu um pulo, e embora tivesse ouvido claramente as descaradas palavras, saltou:

—O que disse?

Yates abriu os olhos castanhos de longas pestanas e os baixou.

—Nada, milady.

—Seriamente? disse Alicia no tom mais arrogante possível. —Pois tenha presente que não me custará nada pôr um anúncio procurando uma nova governanta.

Para sua surpresa, o descaramento se evaporou e a governanta se assustou de verdade. Fez uma reverência, cobrindo o peito com o espanador como se este fosse um lenço.

—Por favor, não o diga ao amo. Foi muito bom comigo.

Alicia esteve a ponto de lhe perguntar exatamente como bom foi, mas não queria revelar a esta mulher suas dúvidas secretas.

—Hoje me sinto caridosa, e por isso lhe dou uma segunda oportunidade... por agora.

Yates fixou a vista nos motivos vermelhos e azuis do tapete turco.

—Deus a abençoe, milady.

De caminho à porta, olhou para trás e a viu tirando diligentemente o pó das prateleiras. Não podia evitar uma ligeira suspeita sobre a governanta: essa súbita docilidade era puro teatro. Muito nobre e altiva para compartilhar a cama do amo. As faces lhe ardiam. Como sabia Yates que ela e Drake mantinham um matrimônio casto?

Ele teria contado a essa prostituta? Esses pensamentos a enfureciam.

Seu primeiro impulso foi ir feito uma fúria ao clube, mas se obrigou a parar fora da biblioteca e a respirar profundamente várias vezes. O clube estaria cheio de cavalheiros jogando e bebendo, e não faria uma cena em público. Comportar-se-ia como a dama que era. Não se rebaixaria a seu nível.

A parede empapelada era um tambor frio como suas faces febris, e tão frio como sua resolução. Esperaria sua oportunidade, e quando Drake voltasse para casa enfrentá-lo-ia .

Capítulo 10

Drake se deteve um momento na escuridão, olhando a casa de seu pai. Na grande fachada de pedra de Portland destacavam umas colunas renascentistas e as janelas das águas-furtadas. O andar térreo estava às escuras, mas uma luz iluminava uma dos aposentos superiores. Perguntou-se como teria sido sua vida se fosse criado aqui: educado como o filho de um poderoso aristocrata...

Ao diabo com isto! Tinha ido muito bem sem nenhum tipo de pai. Rebuscando o bolso, Drake apalpou o anel de ouro engastado com safiras e diamantes. A lembrança do atrevimento do Hailstock encheu-o de raiva. Embora fosse tarde, sabia que o marquês acabava de retornar de um jantar de compromisso. Tinha ordenado a seu cocheiro que o esperasse na esquina; não queria que ninguém o visse por aqui. Não era o momento propício para obrigar Hailstock a desvelar sua paternidade.

Subiu a saltos os altos degraus e bateu na porta. Um lacaios com libré negra e prata franqueou o passo. Drake entrou no vestíbulo com arcos de mármore e uma escadaria elevada. Uma misteriosa sensação de familiaridade o inundou. Recordou ter estado aqui, um menino de dez anos, com o pescoço inclinado para trás maravilhado da magnificência do lugar. E com o peito lhe doendo de esperança ao saber que conheceria por fim seu pai.

Dirigindo-se ao lacaios, disse friamente:

—Diga a sua senhoria que Drake Wilder quer vê-lo.

—Sim, senhor — o servidor subiu pela grande escadaria depois de lhe haver lançado um olhar de curiosidade. Drake percorreu com o olhar os nichos, acima nas escadas, cheios de formosas estátuas, e os corredores que se abriam em várias direções. Atravessou uma galeria em penumbra para um curto corredor que conduzia ao frontal da casa. Seguro de si mesmo, observou o lacaios falando com um homem de cabelos prateados na porta de um salão iluminado, no qual ardia o fogo em uma lareira.

Hailstock.

Controlando um acesso de asco, Drake foi até eles, e o marquês ao ouvi-lo virou rapidamente e se dirigiu a ele.

—Como ousa invadir meu lar? Disse em voz baixa e com os dentes apertados. —O expulsarei daqui como o lixo que é.

Ignorando-o, Drake vislumbrou no salão um jovem reclinado em uma turca ao lado do fogo, suas pernas fraturadas estavam cobertas por uma manta. As chamas se refletiam em seu cabelo moreno e em seu semblante mal-humorado. Tinha os olhos fechados, e parecia adormecido. Drake sentiu uma aguda espetada em seu interior que só podia ser ira. James, lorde Scarborough. Seu título de nobreza. Seu meio-irmão. Moveu-se para Hailstock.

—Chateia algo? zombou. —Ou acaso têm medo de que seu outro filho possa escutá-lo?

Um brilho de alarme brotou de seus gelados olhos cinza, e seu rosto empalideceu como a cinza. Olhou de esguelha ao salão.

—Amaldiçoo-o! Resmungou. —Mantenha a voz baixa e vamos ao outro lado. Ali falaremos.

Drake se manteve em seu lugar.

—Não há nada para falar. Simplesmente vim lhe devolver isto — tirou o anel do casaco e o atirou ao Hailstock.

O homem mais velho o apanhou, apertando-o pensativamente entre seus dedos.

—Este anel pertence à Alicia.

—Minha esposa não aceita presentes de você — e saboreando o frio triunfo, deu um passo para o homem que o tinha aborrecido durante tantos anos. —E se ousa aproximar-se dela, o matarei.

No salão James jazia com os olhos fechados. De vez em quando, divertia-lhe fingir que dormia quando seu pai tinha convidados. James sabia concentrar-se abstraindo-se totalmente, e desta maneira se inteirou de algumas fofocas muito suculentas. Em uma ocasião lhe custou conter a risada enquanto uma velha viúva flertava descaradamente com seu pai. Ninguém se dava conta de como era fino e agudo seu ouvido. Pensavam que ter as pernas fraturadas significava que seus sentidos estavam aleijados também.

Quando ouviu o lacaio no corredor anunciando Drake Wilder, aguçou os ouvidos com interesse. Wilder era o jogador profissional de baixo estofado que se casara com Alicia. James também sabia que seu pai estava furioso por essas bodas, mas o atribuía ao fato de que gostava de controlar a todos que o rodeavam; um trato que James tinha começado a notar desde que fraturará as pernas e tinha o suficiente tempo livre para vigiar às pessoas. Mas nunca se imaginara algo como isto.

Incomoda-o algo? Ou acaso têm medo de que seu outro filho possa escutá-lo?

Uma umidade gelada lhe percorreu as palmas das mãos. Sentiu-se como se tivessem enfiado uma faca nas entranhas. Tinha um irmão, e seu pai... seu escrupuloso pai de elevados princípios... tinha procriado um bastardo.

Seu pai entrou no salão. Tentando parecer tranquilo, James detectou um débil ofego na respiração de seu pai e imaginou em pé ante a turca. Se não se zangara com ele por ir jantar fora, em vez de jogar a partida de xadrez que lhe tinha prometido, não estaria agora fingindo que dormia quando voltou para casa. E nunca se saberia da assombrosa notícia.

Chateia-o algo? Ou acaso têm medo de que seu outro filho possa escutá-lo?

—James — disse seu pai em voz baixa. Não respondeu. Mas se revolveu um pouco contra os almofadões como se o ruído lhe tivesse perturbado o sono. Depois de uns segundos, ouviu seu pai sair. James morria por enfrentá-lo, mas sabia por amargas experiências que se limitaria a negar tudo. O todo-poderoso marquês de Hailstock nunca admitiria ter engendrado um bastardo. E assim negaria ante seu legítimo filho o conhecimento de que tinha um irmão.

Chateia-o algo? Ou acaso têm medo de que seu outro filho possa escutá-lo?

James se sentiu traído, furioso, estremecido. Necessitava tempo para pensar, para assimilar o golpe, e para saber mais a respeito de Drake Wilder. E necessitava de tempo para saber o que fazer.

Capítulo 11

Adormecida em um limbo de calidez, um ruído estava tirando Alicia de um sono leve. Despertou, ajeitando-se entre os lençóis e as mantas. Desejava voltar para seu sono, de volta a esse esplêndido salão de baile, nos braços do mais fascinante homem com uns olhos azuis da cor da meia noite...

O ruído voltou. Uns débeis arranhões. Metal. Abriu os olhos à trêmula luz do amanhecer e viu o arco alto de um baldaquino sobre sua cabeça. Uns pássaros dourados coroavam cada um dos cantos do dossel. Com as asas desdobradas, os picos seguravam uma fita que prendia em cima cortinas ouro e creme. Sonolenta, perguntou-se onde estava, e por que mamãe não estava dormindo a seu lado.

Mamãe.

Antes que Alicia levantasse sobre o ombro, lembrou-se. Estava na casa de Drake Wilder. Mamãe estava a salvo. E agora compartilhava seus aposentos com a senhora Philpot, do outro lado do corredor. Mas o que fazia ruído? Embora o gelado ar da manhã a fez tiritar, Alicia se sentou e percorreu com a vista o dormitório ricamente mobiliado, com suas paredes forradas de brilhante moiré e as magníficas molduras douradas. Ainda se notava a noite nos cantos escuros e os primeiros dedos da luz do dia avançavam pela deliciosa escrivaninha com suas penas e seu papel de cartas. Admirou o luxuriante tapete Aubusson, a turca creme e azul que estava ao lado da lareira de mármore... e se fixou em uma criada que limpava tranquilamente a lareira.

Era o ruído da pá que tinha na mão que a tinha despertado.

Era a primeira vez que via a criada trabalhando. Sempre despertava com o alegre crepitar do fogo, quando a criada já se fora, exceto uma vez que a vislumbrou enquanto saía do dormitório, ignorando sua voz para que a esperasse. A maioria dos serviçais se comportava assim precavida. Como se tivessem ordenado que a evitassem.

—Bom dia — disse Alicia.

A criada não respondeu. De joelhos, recolheu o último montão de cinzas com a pá. Em silêncio, deixou uma escova em uma caixa e se levantou para preparar a lenha.

—Bom dia — disse Alicia mais alto.

A criada não prestou atenção, pondo os lenhos na lareira. Cada um de seus movimentos era silencioso, eficaz, quase furtivo. Haveria dito Yates aos criados que agissem como se a proprietária da casa não existisse? Este único pensamento a angustiou.

—É bom falar — disse, retirando a colcha e saindo da cama. Tiritou ao tocar com os pés nus o tapete frio, e pegou o roupão que descansava em uma cadeira. —Só desejo saber seu nome.

A criada continuava ignorando-a. Zangada, vestiu o penhoar e calçou umas sapatilhas. Esta rabugice não podia continuar. Foi rapidamente para a lareira. A criada era uma jovem roliça com touca sobre o cabelo escuro, e era vagamente familiar. Não era a que ficou lhe olhando no vestíbulo a tarde de suas bodas, até que um laçao a levou fora? Era ela. E Alicia não toleraria mais faltas de respeito. Inclinando-se, pôs-lhe a mão em um dos redondos ombros justo quando a criada aproximava a mão a um cubo de carvão.

A criada soltou um uivo. O balde foi derrubado com estrépito, e os pedaços de carvão se espalharam pelo chão da lareira e rodaram pelo formoso tapete, desaparecendo debaixo das cadeiras e banquetas. Prostrou-se com os olhos abertos e as mãos sujas contra as faces.

Penalizada, Alicia se deu conta de que a criada não tinha ouvido nem suas palavras nem sua aproximação. Tão concentrada estava? Ou era surda como uma tábua?

—Não queria assustá-la — disse Alicia, ficando de joelhos também. —De verdade, não queria fazê-lo.

Enquanto falava, a garota olhava aos lábios. Era surda. Um nó de angústia dentro da Alicia aumentou seu assombro. Uma mansão como esta podia permitir-se contratar os melhores criados. Que Drake empregasse uma criada surda não encaixava na pessoa a quem se negava sua posição, pela aristocracia.

Não podia ser bondade. Drake era cruel e egoísta. Assim só ficava uma explicação: não estava informado de que era surda. Os olhos castanhos da garota estavam cheios de lágrimas. Envergonhada, Alicia acariciou suas mãos sujas de fuligem, e disse, procurando pronunciar lentamente:

—Não chore, foi um acidente. Culpa minha.

A criada engatinhou para levantar o balde.

—Não, milady. Foi minha estupidez.

Sua voz era monotonamente nasal, mas por um milagre não era muda. Tocando-lhe o ombro para chamar sua atenção, disse-lhe:

—Como se chama?

—Kitty — tremia-lhe o lábio inferior. —Não me ponha na rua, senhora, por favor. Limparei tudo isto rapidamente.

—Não vai perder seu trabalho. Prometo-lhe.

De quatro, Alicia recolheu pedaços de carvão, deixando-os cair com um som metálico no balde. Kitty foi mais rápida, e olhava cautelosamente a sua ama, como se fosse incapaz de acreditar em sua boa sorte. Alicia prometeu. Com o tempo, Kitty e os outros criados, se dariam conta de que a senhora da casa não era o ogro que eles temiam.

Vendo um último pedaço debaixo de uma cadeira dourada, agachou-se e estendeu a mão para recolhê-lo. Seus dedos agarraram a dura pedra bruta justo quando a porta fez um ligeiro ruído. A porta que se conectava com os aposentos de Drake. O coração lhe deu um salto. Ele não podia entrar, lembrou-se. A porta estava fechada. A primeira noite que passou aqui, escondeu a chave em uma de suas luvas, pondo-a no fundo de uma dos cantos do armário. Depois, cada noite comprovava a fechadura antes de deitar.

O que queria Wilder dela a estas horas? Tinha umas poucas coisas que lhe dizer, mas só quando estivesse completamente vestida. Se fingisse dormir, ele desistiria imediatamente. Ouviu um roçar e a porta abriu. Era seu marido.

Quieta como uma morta observou Wilder apoiado preguiçosamente contra o batente dourado da porta contemplando o aposento como um sultão fiscalizando seu harém. Tinha o cabelo desordenado e uma alarmante falta de roupa. Sem gravata, sem jaqueta, só umas calças escuras e uma camisa branca por fora. O peitilho desabotoado deixava ver seu peito. Inclusive seus pés estavam nus. Na mão levava uma arandela com chaves pendendo. Devia ter adivinhado que ele teria cópias.

Olhou à criada e depois à Alicia.

—Ouvi gritos — disse. —O que aconteceu aqui?

Kitty se encolheu contra a lareira, e Alicia se levantou lançando o pedaço de carvão ao balde, movendo-se para impedir que Drake se aproximasse da lareira.

—Não se passa nada — disse friamente. —E não lhe dei permissão para abrir essa porta.

—Ouvi gritos. Não tolerarei que repreenda a meus criados.

—Não entende — disse rapidamente, antes que pudesse perguntar algo à criada. —E agora me dê essa chave. Estendeu a mão.

Drake fez virar a arandela com o indicador, apanhando as chaves na palma da mão com um som metálico.

—As chaves mestras guardo-as eu.

—Não as quero todas, só quero essa.

—Não — disse com aborrecimento. —Vi Yates esta madrugada. Diz que me buscava.

Suas suspeitas sobre a governanta se acrescentaram a sua furiosa tensão. Alicia tinha passado em claro mais da metade da noite, esperando sua volta e ensaiando as recriminações que lhe ia fazer. Embora não fosse brigar com Drake aqui, por medo de que se desse conta da aflição da criada. Que o céu ajudasse a pobre se Drake a punha de quatro na rua! Alicia se apressou para ele, e o empurrou suavemente para seus aposentos.

—Falaremos lá com mais intimidade.

Drake entrou bastante a gosto, fechando a porta atrás deles. Foi um engano lhe tocar e sentir o calor de sua carne através da camisa de linho. Depois de dar uns passos no aposento, tirou-lhe a mão, mas ainda sentia a firme suavidade de seus músculos impressa na palma de sua mão. Fingindo uma indiferença que não sentia, moveu-se e inspecionou o grande aposento. Para seu tamanho, era agradavelmente acolhedor com montões de livros empilhados em mesas de mogno e quadros de paisagens agrestes pendurados nas paredes. As venezianas estavam fechadas impedindo que entrasse a luz do amanhecer. A iluminação provinha de um pequeno fogo na lareira e de um candelabro na mesinha.

Alicia se fixou em uma grande cama com os lençóis desordenados e os travesseiros ainda com os rastros de uma cabeça. Devia ter estado dormindo. Sentia estranheza que não tivesse posto o pijama. Drake se aproximou do pé da cama e se recostou contra um dos cantos, brincando displicentemente com o chaveiro. Sua boca se alargou com um sorriso mais perverso que o do próprio demônio.

—Bem, bem. Predisse que viria a meu dormitório antes que a temporada terminasse.

Examinou-a das tranças, até as pequenas pontas de seus pés.

—E aqui está, preparada para entrar em minha cama.

Alicia se ruborizou. Seu escrutínio a fez consciente de que era uma mulher... sua mulher. Wilder podia fazer com ela o que quisesse. Colocá-la na cama à força, beijá-la e dominá-la com sua força superior. Inquieta, sentiu em seu ventre um sentimento que desprezava. Era um tipo fastidioso. Graças a Deus, o penhoar de gola alta cobria-a bastante mais que um traje de baile.

—Vim para ter umas palavras com você.

—Se deseja confessar sua não requerida paixão, querida. Rogo, por favor, que proceda.

Grande presunçoso. Gozaria aniquilando-o.

—Não estamos aqui para falar de mim. Se não de você, de sua conduta.

Drake esfregou o peito nu.

—Fui um modelo de conduta, a verdadeira encarnação da virtude.

—Não com Yates.

—Yates? Um aborrecimento passageiro cruzou suas feições. —Disse-lhe que não a importunasse. Ela faz seu trabalho e você o seu.

Alicia apertou entre os dedos a seda de seu penhoar. Não estava disposta a que lhe despojassem de seus direitos nesta casa. Nem simularia ignorância.

— A pergunta verdadeira é: O que faz com ela?

Drake olhou sob as pálpebras e puxou o chaveiro sobre os lençóis. Justo no lugar no qual a Alicia repugnava aventurar-se.

—Pelo amor de Deus! Disse. —Basta de adivinhações e diga o que tem a dizer.

Alicia moveu a vista das chaves para seu rosto.

—Muito bem. Yates é sua amante.

Drake ficou imóvel com o rosto em branco. Alicia podia ver como lhe arrepiavam os cabelos da barba. Sua falta de asseio o fazia parecer mais relaxado ainda. De repente, explodiu em gargalhadas, e um som sincero encheu o aposento.

—Assim isto é o que imagina deitada em sua virginal cama.

—Não são minhas imaginações — chateada por fazer que sua virgindade soasse a pecado, Alicia se plantou em frente dele. —Essa mulher é uma insolente, e só pode existir uma razão para que se sinta tão segura de divulgar suas licenciosas opiniões à senhora da casa. Porque sabe que o amo nunca a castigará.

—Me diga exatamente que lhe disse.

—Não vale a pena repeti-lo.

—Escutarei o que disse. Assim, tenho que julgar por mim mesmo o rápido que se ofende.

Alicia se ruborizou.

—Ela disse que sou muito nobre e altiva para compartilhar sua cama.

Suas covinhas se alongaram, embora não parecesse rir precisamente.

—Já vejo.

—Não, não vê nada — estimulada pelo ressentimento, dirigiu-se para a cama sentindo o suave tapete sob seus pés nus — e a única maneira para que ela pudesse saber que mantemos um matrimônio casto é porque você o contou.

—Ora! Os criados podem adivinhar que não mantemos relações. São os que trocam os lençóis todo dia, não o esqueça.

Alicia lhe dirigiu um olhar de desconcerto. Que diabos significava isso? Suspeitou que riria dela de novo se lhe pedisse que o explicasse. Avançou lentamente para seu objetivo.

—Pois bem, não tolerarei devaneios nesta casa, nem com o Yates, nem com outra mulher. Se quer ter seus assuntos, que sejam fora desta casa.

O muito descarado sorria, como se ela fosse uma menina a quem custava uma brincadeira. Era agora ou nunca. Lançando-se rapidamente sobre a cama imperial, pegou o chaveiro, e com o frio metal contra seu peito se virou para ir-se. Só para dar-se conta de que Drake se movera com a agilidade de um gato invisível para lhe bloquear o passo.

—Se a verdade a molesta — ronronou — converte-a em uma mentirosa. Venha à cama comigo.

Estendeu sua mão para ela. Ficou com a boca aberta ante ele quase sem fôlego. Uma mecha de cabelo caiu sobre a fronte de Drake, lhe dando um ar lascivo. A longa linha de seu pescoço se alargou mostrando o contorno dos músculos do peito, atrás dela se vislumbrava os lençóis revoltos e a colcha como uma sombra azul tão profunda e misteriosa como seus olhos.

—Ainda não dormi — seguiu falando rouca e hipnoticamente, deite-se comigo, deixe que a abrace, que a beije. Desafiando os ditados de sua mente, seu corpo se relaxou, Drake era seu marido e ainda não sabia o que era estar na intimidade com ele, abraçando-o na escuridão. Notava um ligeiro aroma a charutos e a brandy. Tinha passado toda a noite no clube, jogando, bebendo, de farra. Estava cheia de razões para desprezar semelhante canalha. Então, por que sentia essa tentação?

—Está violando nosso acordo — gritou, assombrada pelo tremor de sua voz.

—Não diga tolices. Acordamos que eu poderia cortejá-la. Se me permitisse, mostraria os prazeres mais doces que mulher alguma tenha gozado, levou seu pulso aos lábios dando um beijo em sua tenra pele.

Arrepiou-se do braço até os seios.

Queria sucumbir, mas sua debilidade a horrorizava. As chaves tilintaram enquanto ela se soltava com um tapa.

—E também acordamos que pararia quando eu o dissesse.

—Que é o que acabo de fazer.

Alicia retrocedeu ante o ameaçador intento desenhado em seu rosto.

—Libertino, digo-lhe que pare imediatamente!

—Rigorosa — murmurou ele. —Não poderão me rechaçar sempre.

Como se tivesse todo o tempo do mundo, caminhou para ela. Ela retrocedeu até que suas costas se topou com o duro bordo de uma mesa perto da porta. Procurava refúgio em seu próprio dormitório, mas Kitty podia estar acendendo a lareira.

Agarrando as chaves como se fosse uma arma, Alicia o olhou.

—Quando cumprir minha parte do contrato, me deixará livre.

—Quando a cumprir será livre.

O que queria dizer? Que deixaria de atormentá-la se lhe concedia seus direitos de marido uma só vez? Se acreditasse que... Alicia tirou da cabeça essa pasmosa ideia. Como ia considerar sequer que lhe tocasse um cabelo esse canalha?

—Esta discussão é absurda — disse ela friamente. —Especialmente neste momento, no qual nosso acordo está quase completo. Drake se deteve, e já não zombava.

—Encontrou uma forma para que entre em sociedade.

Ela assentiu, e seu coração começou a pulsar mais devagar. A aprovação da boa sociedade era o que ele verdadeiramente procurava. Que estúpida tinha sido por esquecê-lo.

—Sim.

—Conte-me isso.

—Sarah, a duquesa de Featherstone está de acordo em nos dar seu beneplácito.

Os olhos de Drake se estreitaram com uma expressão de mistério. Ou possivelmente era uma armadilha causada pelo fogo.

—Mas como, quando acontecerá?

—Lorde e lady Cuthbert dão um baile na próxima terça-feira. Sarah tentará nos levar como seus convidados.

Passaram a tarde planejando e rindo juntas como nos velhos tempos, embora reinasse certa cautela porque sabiam que se estavam utilizando uma à outra. Mas não parecia importar-lhes. Alicia só pensava em quão maravilhoso era que Sarah e ela tivessem esquecido sua inimizade. Conversaram durante horas, contando as alegrias e penas de suas vidas, embora, é claro, Alicia não falou muito de seu matrimônio. Para Sarah era suficiente que soubesse sobre as dívidas de Gerald e a necessidade de ter aceitado a oferta de Drake Wilder.

—O que é ela para você?

—Sinto muito. Não entendo.

—A duquesa. Havia algo melancólico em seu olhar.

Resistindo a compartilhar seus pensamentos com ele, adotou uma fria expressão.

—Fomos amigas uma vez. Faz muito tempo... durante nossa apresentação, nossa primeira temporada.

—Se a desprezou depois da morte de seu pai e da enfermidade de sua mãe, não é uma boa amiga, digamos.

—Esse não era o caso. Tivemos uma disputa a respeito de... outro assunto.

—Qual?

Alicia apertou os lábios. Sabia que lhe bastaria a força de seu olhar para lhe tirar a verdade. Não seria melhor dizer tudo com uma breve explicação? Na mesa que tinha atrás havia uma coleção de caixas de rapé. Pegou uma esmaltada, enquanto pensava.

—A verdade é que foi uma tolice, disse fingindo que examinava a caixa. —As duas estavam apaixonadas pelo duque.

—Admiravam Featherstone.

O absoluto desprezo de sua voz lhe chamou a atenção, assim como sua expressão rigorosa.

—Conheceu-o?

—Tenho o costume de conhecer o caráter dos tipos que frequentam meu clube, e Featherstone carecia da mais mínima moral — Drake fez uma pausa e sorriu sardonicamente. — Embora, é claro, seu pedigree era impecável.

—Era um cavalheiro.

—Então, por que vivia abertamente com sua amante, inclusive depois de seu matrimônio? Fez três pirralhos com a moça.

Alicia deixou lentamente a caixa de rapé. Sarah sabia da amante, mas da segunda família? Seu jovem filho, o atual duque, tinha meios-irmãos.

—Não acredito em você. Deve estar equivocado.

—Contou-me isso o próprio duque. Estava orgulhoso de sua façanha — aproximou-se dela.

— Assim já vê, milady, fez muito bem casando comigo. Ao menos, não vou por aí engendrando bastardos.

—Ainda. E com este comentário ardente, Alicia se foi para a porta e virou a maçaneta.

Drake pôs a mão sobre a porta.

—As chaves, por favor, milady.

Apenas os afastavam uns centímetros. Alicia sentia o calor de seu corpo. Que facilmente poderia dominá-la agora. Apertando com força o chaveiro, negou-se a demonstrar sua vulnerabilidade.

—Ficarei com a que abre esta porta.

Drake estreitou os olhos, ocultando seus pensamentos. Por um momento, temeu que se negasse e a obrigasse a uma indigna resistência. Então assentiu.

—Como desejar.

Pegou o chaveiro, extraiu uma chave e a estendeu.

— É uma mulher de coração frio, senhora Wilder.

—E você um aborrecido demônio.

Pensou em provar a chave, mas decidiu que confiaria em sua sorte. Entrou em seu dormitório, viu o fogo aceso. A criada se fora. Aliviada, Alicia se virou para fechar a porta.

—Bom dia, ou deveria dizer boa noite.

Sua suave expressão se converteu em uma afiada boca.

—Uma coisa mais, querida esposa. Duvido que Kitty renda em suas estritas normas. Mas não a despedirá. É uma ordem. Depois, fechou a porta ante o assombrado rosto da Alicia.

Capítulo 12

Um momento depois Alicia saiu do dormitório e encontrou outra surpresa.

Como tinha a intenção de passar o dia conhecendo a criadagem, vestira-se com um traje de musselina azul pálido que lhe caía reto no peito. Recatada, cobria o decote com um xale grande de renda de Bruxelas. Sentia-se protegida e em calma de novo, preparada para enfrentar o mundo. Embora não pudesse esquecer Drake, que certamente dormia atrás da porta do lado.

Esta manhã, quando tinha entrado em seu dormitório, tinha destruído sua confiança em si mesma, uma falsa confiança. Agora o reconhecia. Tinha escondido a segunda chave debaixo dos papéis de sua escrivaninha, mas lhe inquietava que Drake pudesse fazer outra cópia, se quisesse. Isto significava que não poderia baixar nunca a guarda.

Nem sequer a defesa que tinha feito de Kitty provava o valor de sua palavra. Sabia que a criada era surda. Mas não era a compaixão a que movia seu amparo. Era um autocrata que desfrutava exercendo o poder sobre sua esposa.

Deixemos que o faça. Comportar-se-ia como se lhe parecesse bem. Foi então que viu o exército de lacaios entrando e saindo do dormitório de sua mãe. Iam carregados com montões de caixas. Perplexa, Alicia se uniu à procissão no brilhante aposento decorado em branco e amarelo. As cortinas estavam recolhidas para que se visse o parque, e as camas já se viam. Mamãe e a senhora Philpot tinham desaparecido.

Um tipo baixo, barrigudo, de jaqueta cor cereja e calças azuis dirigia os lacaios, que entravam no dormitório.

—Tome cuidado, torpe — declamava em um surpreendente tom trágico e profundo — que isto não trouxe o trapeiro.

Alicia se apressou para ele.

—Senhor? O que está acontecendo aqui?

—Ah! A senhora da casa — inclinou-se tanto que pôde lhe ver o cocuruto. Quando se ergueu, balançou para trás e para frente sobre os calcanhares e se apresentou com ares de importância. —Permita que me apresente. Sou o signor Renaldo, diretor de vestuário do Royal Theatre.

Do Teatro Real? Surpreendida, entrou no dormitório. Os lacaios deixavam as caixas e as criadas as abriam. Fantasia, sapatos e luvas estavam espalhados em cima de um tapete amarelo. Os armários e as cômodas estavam abertas como bocas famintas à espera de um festim.

Ao fundo do grande aposento estava mamãe, com um volumoso manto cobrindo suas delicadas formas e um chapéu com penas da cavalaria na cabeça. Viu Alicia e agitou a mão.

—Ahó! Suba a bordo de meu navio pirata. Vamos abordar um galeão espanhol.

—Deus do céu! — murmuro Alicia em voz baixa.

Deixou ao signor Renaldo, atravessando entre os trastes, horrorizada, ante as pilhas de perucas e os montões de fantasias, desde togas romanas a túnicas medievais, ou trajes de bruxa. Na penteadeira, um cofre cheio de contas de vidro brilhava a luz do sol. Em um momento de caprichosa loucura, mamãe comprou todo este vestuário de teatro e colocou na conta de Drake? A senhora Philpot se afastou de um baú no qual estava mexendo, e passou um cinturão de seda negra a lady Eleanor.

—Para você, meu capitão.

A condessa o ajustou a sua magra cintura, pegou uma adaga de brinquedo e se plantou com os pés separados, como se estivesse na coberta de um navio.

—Em guarda, covardes pusilânimes! Sou Anne Bonny, rainha dos sete mares.

Seguindo a brincadeira, Alicia levantou um pequeno tonel transbordante de moedas falsa e o apresentou a sua mãe.

—Um tributo de dobrões de ouro. OH, grande rainha dos piratas!

—Pode se considerar sob meu amparo — disse lady Eleanor majestosamente, sentando-se em uma cadeira para examinar seu tesouro. Enquanto sua mãe ficava absorta, Alicia se fixou na senhora Philpot atrás de um montão de caixas.

—Pedi mamãe estas coisas? Sussurrou. —Receio que terá que as devolver antes que o senhor Wilder se inteire.

—Não, milady — disse a senhora Philpot, e os olhos brilhavam enquanto dava tapinhas na mão de Alicia. —Tudo o que vê aqui é um presente.

—Um presente? De quem?

—Pois de seu marido, é claro. O senhor Wilder sabe como sua mãe gosta de atuar, e comprou todos estas fantasias de uma companhia de teatro. São para lady Eleanor. Não é verdade que é uma maravilhosa gentileza de sua parte?

—OH... sim!

As pernas lhe fraquejaram. Alicia se sentou em uma banquetta e contemplou sua mãe. Lady Eleanor tinha deixado as moedas para explorar o conteúdo de outra caixa. Tirou um chamativo cachecol carmesim e o enrolou no pescoço. A felicidade de seu formoso rosto lhe aqueceu o coração. Drake tinha conseguido isto. Levou alegria à vida de mamãe. Era difícil acreditar em semelhante generosidade em um homem que só cuidava de si mesmo e de seus próprios prazeres. Embora não achasse nenhuma razão egoísta para sua bondade. Quanto mais sabia de seu marido, menos o compreendia. Convertia-se em um enigma, e estava ressentida com ele.

Alicia levantou o queixo. Ele era o malvado que tinha tentado Gerald com os jogos de azar e tinha utilizado a dívida para obrigá-la a casar com ele. Tinha-lhes roubado inclusive a casa que os cobria.

Tinha manipulado com sangue-frio suas vidas para seus próprios propósitos. Que guardasse seus segredos. Não lhe interessava desvelar seu mistério. Seria melhor esquecer-se dele.

O tapete carmesim silenciava seus passos, enquanto Drake caminhava por um corredor largo a caminho das escadas. O pálido brilho dos spots aumentava seu ânimo irritado. Tinha dormido muito e há muitas horas devia estar no clube.

Não haveria problemas, Fergus estaria controlando os bancos, e o resto do pessoal estava perfeitamente qualificado para satisfazer os caprichos dos primeiros sócios que chegassem, dispostos a passar uma noite jogando dados ou monte. Drake se orgulhava de fiscalizar pessoalmente as partidas. Uma atenção ao detalhe, deu ao Wilder's Clube uma reputação de luxo e refinamento.

Sonhos intranquilos o assaltaram enquanto tentava dormir. Sem parar de dar voltas na cama, despertou excitado e frustrado, obcecado com sua mulher. Lady Alicia. Que suave e desejável estava esta manhã, despenteada pelo sono. Estava nua debaixo da camisola, com os seios livres, e embora fingisse indiferença, ela o desejava. Tinha visto o desejo em seus olhos e notado sua respiração quando a tocava. Ardia no desejo de quebrar essa fria superioridade, em despertar as paixões sensuais que encerrava dentro de si. Queria tê-la debaixo, gemendo de prazer...

Ao inferno com isso! O que precisava era uma longa e luxuriosa sessão com sua amante. Era uma pena que a despediu com um colar de diamantes. Poderia ter desfrutado de seus desejos de agradá-lo, em lugar de suportar o desdém de uma mulher que o considerava um lixo que não chegava à altura de seus aristocráticos pés.

O acusou de ter um caso com Liza Yates. A ideia era misteriosamente divertida. É claro, Alicia não sabia a verdadeira razão pela qual a governanta era tão possessiva com ele.

Drake virou em uma esquina e entrou por uma galeria em penumbras. Seus saltos ressoavam sobre o chão de mármore pálido. Aqui conservava a maior parte de suas obras de arte, pinturas e estátuas que demonstravam sua riqueza. Mas esta noite mal se fixou nelas.

Recordou que devia regozijar-se com a proximidade de seu êxito. Alicia já tinha conseguido os convites para o baile, e dentro de uma semana entraria na sociedade, mas não pelas razões que ela achava. Sorria tetricamente ao pensar na cara de Hailstock quando desse conta de que não poderia excluir seu filho bastardo de seu círculo de privilegiados.

—OH! Um fôlego soou entre as sombras. Virou-se imediatamente, em um nicho sobre um pedestal, havia uma estátua de alabastro de Diana Guerreira. Detrás da escultura, uma pequena forma disfarçada espionava na escuridão.

Um chapéu da cavalaria com penas coroava um pálido e oval rosto. Drake reconheceu o disfarce. Era de uma peça de teatro... Barba Negra, ou possivelmente A princesa cativa.

—Milady — disse inclinando-se profundamente. —Me perdoe se a assustei. Onde está a senhora Philpot? Lady Brockway saiu nas pontas dos pés contemplando-o curiosamente. Através da penumbra, suas delicadas feições tinham uma perturbadora semelhança com Alicia.

—Senhor Wilder? Inquiriu lady Eleanor, obviamente em um de seus momentos de lucidez. E evitando a pergunta sobre a senhora Philpot, balbuciou: —OH, querido!... por um momento pensei... recorda alguém...

Drake ficou gelado. Hailstock.

Confiava que as semelhanças entre os dois fossem suficientemente tênues para que se notassem. Alicia, certamente, não tinha encontrado nenhuma semelhança, mas lady Eleanor conhecia Hailstock há muitos anos e podia recordá-lo quando era mais jovem, em seus anos jovens, e tinha quase a mesma idade que Drake.

A última coisa que Drake queria era que alguém adivinhasse a verdade. Aproximando-se mais, tomou suas mãos e as segurou entre as suas como pássaros delicados.

—A quem, milady? Perguntou nervoso. —A quem lembro?

—A alguém... faz muitos anos — um tremor agitou a fantasia. — OH, tenho tanto medo!

—Medo do que?

—Medo de recordar... soltando-os dedos, apalpou sob a fantasia, e notou que tinha posto o andrajoso xale grande de pele de toupeira. Os olhos se encheram de lágrimas, e balançando-se, gemia como se lhe rompesse o coração.

Drake agiu sem pensar. Rodeando-a com os braços, abraçou-a com força, e enquanto ela se aninhava entre seus braços, o chapéu caiu ao chão. Drake lhe deu um lenço limpo e o apertou nas mãos. Não sabia como consolá-la. Era capaz de ver-se com as lágrimas de crocodilo de uma amante, mas não podia com a profunda angústia da condessa viúva. Sua sogra. Era curioso pensar nisso.

Chorava porque temia Hailstock? Sabia que a ameaçou encerrá-la no manicômio?

—Asseguro-lhe, milady, que não há motivos para ter medo. Nesta casa está a salvo. Comigo estará segura — disse, apertando as mandíbulas. Aninhando-se contra o peito de Drake, respirava com mais facilidade e os soluços se foram apagando.

—OH! Não sou eu quem necessita de amparo. Drake se sobressaltou.

—A quem se refere? A Alicia? Olhe-me! Disse Drake, pondo o indicador sob o queixo, levantando-lhe ligeiramente o rosto. Umas mechas prateadas de seu cabelo loiro emolduravam suas inocentes feições. Seus olhos, como murchos pensamentos, piscavam lentamente, como se estivesse lutando para detê-los. Drake sentiu que se retirava a seu interior, a sua dor secreta. Seguiu perguntando, tratando que permanecesse lúcida. —Deve me dizer quem necessita amparo. É a única maneira para que possa fazer algo.

Batendo suavemente as faces com o lenço enrugado, movia tristemente a cabeça.

—Ninguém pode ajudar. Ai de mim! Já é muito tarde.

—Não a entendo. Então, por que ainda têm medo?

A condessa pôs o olhar em branco. Depois bateu nas mãos de Drake como se fosse ele o que necessitasse consolo.

—Eu gosto de você — disse em tom contemplativo. —É um homem muito amável.

—Milady, trate de pensar. Se alguém ameaçou a você ou a alguém a quem ama, deveria me contar — disse controlando sua impaciência. Lady Eleanor ajustou a fantasia e tirando a adaga de brinquedo disse:

—Ameaçar a mim? Ninguém ousaria fazê-lo, senhor. Eu sou Anne Bonny, rainha dos sete mares.

A frustração agitou Drake. O olhar sonhador lhe disse que não tiraria nada mais dela. Suspirando, recolheu o chapéu e o ofereceu.

—Acredito que é seu, senhora dos Piratas.

Lady Brockway encasquetou o chapéu, que era grande, sem dar-se conta de que as abas lhe tampavam as orelhas e que uma das penas brancas lhe caía sobre um olho.

—De verdade? Abençoou-o, senhor. Que aspecto tenho?

—O próprio Barba Negra se horrorizaria de medo ao vê-la — pegou-a pelo braço.

—Me permita que a escolte até a coberta inferior. Veremos se podemos localizar seus companheiros de tripulação. Rindo bobamente, aceitou sua ajuda, e saíram caminhando da galeria, descendo pela grande escadaria até as salas principais. A condessa resplandecia de alegria, com uma paz de espírito totalmente diferente ao medo que lhe preocupava só há uns momentos e Drake tinha a misteriosa impressão de que suas fantasias eram um refúgio contra suas tristes lembranças, e que possivelmente sua loucura era o resultado de um fato insuportável de que tinha sido testemunha.

Quem a aterrorizava tanto que a fazia chorar? Hailstock? E quem mais estava em perigo? Drake tentaria sabê-lo. Aproximaram-se da entrada do salão. Alicia e seu irmão tinham o costume de tomar o chá a estas horas. Com efeito, dentro se ouvia uma conversa animada. Detiveram-se ante a porta, e Drake parou.

—Parece que a tripulação está preparando um motim — disse a lady Eleanor em voz baixa. —Deve entrar e assumir o comando.

—Não me acompanha? Seria um magnífico marinheiro.

—Sinto muito, devo sulcar meus próprios mares esta noite — respondeu sorrindo e negando com a cabeça.

Lady Eleanor se despediu com uma breve inclinação de cabeça, e entrou rebolando no salão como um pirata descendo pela passarela de desembarque. Drake ouviu um grito de alívio da Alicia, as palavras de preocupação da senhora Philpot e uma amável reprimenda de Gerald. Drake saía, entretanto se deteve entre as sombras do vestibulo. O alegre grupo estava ao fundo do longo e iluminado salão.

Esbelta, elegante e vestida de azul pálido, Alicia abraçava a sua mãe. A senhora Philpot esfregava os olhos, enquanto que o chapéu voltava a cair ao chão. Gerald o recolheu e o examinou olhando atônito a sua mãe disfarçada de pirata.

Nenhum deles percebeu a presença de Drake.

Alicia levou a sua mãe para um recoleto grupo de poltronas em frente da lareira, felicitando efusivamente à viúva e lhe servindo chá e massas de uma bandeja de prata. As vozes excitadas chegavam até Drake.

—Estávamos a ponto de ir procurá-la — disse Gerald, pondo um guardanapo de damasco no regaço de sua mãe. —Por Deus! Deu-nos um susto de morte vagabundeando por aí.

—Não me perdi — replicou lady Brockway. —Um capitão sempre sabe seu rumo.

—É claro — disse Alicia, tocando o ombro de sua mãe, e sorrindo-lhe meigamente. — Todos a queremos. Só estávamos preocupados.

Drake sentiu uma punhalada, muito parecida com a inveja. Eram uma família, unida e feliz. E ele era um estranho. Um estranho em seu próprio lar. Retirou-se fora de suas vistas. Seu rosto era uma máscara sombria. O curso de sua vida tinha sido estabelecido faz muito tempo, e não descansaria até conseguir seus propósitos. Nada mais importava.

Em especial sua aristocrática esposa.

Capítulo 13

Na tarde do baile, Alicia estava preparada quase uma hora antes de sair. Quis ver um momento sua mãe, mas a senhora Philpot estava sentada lendo para ela em voz alta as Viagens de Gulliver ao lado do fogo, e mamãe estava tão envolvida na história que se limitou a sorrir vagamente, e lhe dizer com a mão que se fosse do dormitório.

Sem nada que fazer, desceu as escadas para ir à biblioteca procurar um livro. A leitura aliviaria a ansiosa espera que a tinha preocupado todo o dia. Exortou-se muitas vezes por esperar com tanto interesse esta noite. Era provável que a humilhassem, e nem sequer a influência da duquesa obrigaria todo mundo que a aceitasse. E recordava a si mesma que não voltava para esse círculo de privilegiados por seu próprio gosto, mas para cumprir um trato.

Um acordo de negócios com um jogador profissional sem coração.

Mas nem sequer o amargo propósito que jazia detrás de seu matrimônio podia danificar a excitação que sentia. Era uma emoção vertiginosa muito parecida com a da noite da festa de sua apresentação, quando tinha dezoito anos e vivia no meio de sonhos.

Vestia um traje de baile de musselina branco, com bordados de ouro e mangas curtas. O creme que estava usando nestes últimos dias, tinham-lhe deixado as mãos suaves e brancas de novo. Ninguém adivinharia olhando-as, que quinze dias atrás estava esfregando o chão e lavando a roupa.

Os sapatos de baile ressoavam tenuemente no vestíbulo vazio. Rememorava o enxame de admiradores que a rodearam, o regozijo que lhe causava ter tantos cavalheiros para escolher, e se imaginava deslizando com a música de novo, rindo, livre de preocupações e cheia de felicidade. Apanhada em suas fantasias, deu uns passos de dança, através da entrada da biblioteca iluminada, e dançando assim caiu diretamente nos braços de Drake Wilder.

Seu aspecto musculoso a deixou sem ar, e assim que voltou a respirar, um estranho aroma a colônia e virilidade flutuou sobre ela. Seus agudos olhos azuis, divertidos, percorreram-na de cima abaixo.

—Sonhando comigo?

Seu tom zombador lhe devolveu de repente à crua realidade. Dando um passo atrás, afundou-se em uma poltrona.

—Não deveria estar aqui tão cedo — acusou-o.

—Nem você tampouco — replicou Drake, dando a volta para devolver um livro a uma prateleira.

Contra sua vontade, admirou sua atitude, alto e elegante com uma jaqueta azul escura perfeitamente cortada com botões de prata. As calças eram creme. A gravata, deslumbrante, era branca. Uma embaraçosa calidez nasceu dentro de seu interior, um sentimento atraente e repulsivo ao mesmo tempo.

Desde o perturbador encontro no dormitório, tinha visto muito pouco seu marido. Cada um tinha sua própria e definida rotina. Ao amanhecer, Drake vinha do clube e dormia durante toda a manhã, depois se levantava alguma hora da tarde, enquanto ela estava nas compras ajudando Sarah a escolher um novo vestuário para substituir o de luto.

Este acerto lhe vinha maravilhosamente; quanto menos visse seu marido, melhor.

Drake se voltou para estudá-la intensamente. Seu olhar percorria todo seu corpo antes de recrear-se no profundo e amplo decote. Ela resistiu a cobrir a ousada exibição de seus seios. Só conseguiria que risse dela com esse irritante tom seu.

—Um conselho — disse, glacial e altiva. —Se esta noite olhar de maneira tão ingrata a qualquer dama, saiba que o considerarão um dissoluto.

—E se você fala de maneira tão colérica a qualquer cavalheiro, saiba que a considerarão uma dissimulada — e com um sorriso sardônico a submeteu a outro exame detido. —Uma dissimulada muito bela, não obstante. Embora necessite do toque final. Foi até a escrivaninha e tomou uma caixa de couro do tamanho da palma de sua mão, abriu-a e exibiu o conteúdo. Sobre o forro interior de veludo creme brilhavam diamantes e pérolas. As esplêndidas joias arrancaram um olhar de pura admiração feminina de Alicia.

Rapidamente, afastou os olhos.

—Já me deu de presente joias para as bodas. Não posso aceitar outro presente tão caro.

—Pode, na verdade. Minha esposa deve ser admirada por todo mundo esta noite.

Seu tom inflexível lhe recordou que era um peão em seu jogo, ganho como pagamento de uma dívida de jogo. Esta noite ela devia fazer demonstração da riqueza que Drake ganhou à custa dos fracos e dos estúpidos. Não tinha escolha, embora no mais profundo de seu ser sentisse um júbilo envergonhado. Ficou erguida e silenciosa enquanto ele a adornava com os diamantes... uma deliciosa tiara... e uns delicados brincos... e um colar de pérolas de preço incalculável, de onde pendia um solitário tão grande como um pecado mortal.

Depois a tirou da biblioteca e a levou ao corredor, onde enfrentou um espelho com moldura dourada. Permaneceu atrás dela com as mãos descansando sobre seus ombros nus. Os olhos se encontraram no espelho. E quase se percebeu um visível raio relampejando no ar.

—Olhe — ordenou. —Olhe que bela é.

A satisfação de seu tom a estremeceu, e se rebelou contra a ideia de que a considerasse como uma bonita posse. Mais que admirar-se, Alicia estava impressionada pela perfeição que emanava dos dois; ela, com seu traje de baile, o colar de pérolas brilhando em sua garganta, e em seu cabelo penteado para trás, loiro... e ele, esplêndido, com sua masculina perfeição e suas escuras feições zombeteiras exibindo uma perigosa fascinação.

—É só uma ilusão — sussurrou, mais para si mesmo que para que ele a ouvisse.

—Mas você é minha ilusão — disse inclinando-se sobre ela, e sustentando seu olhar no espelho. Seu fôlego excitava o pelo da nuca. —É minha.

Chegaram cedo à casa de Sarah. Um mordomo calvo os conduziu por um corredor impoluto, e cruzando uma porta anunciou sua chegada. Ao lado de Drake, Alicia entrou em uma opulenta sala de estar amarela.

Sarah ficou gelada pela surpresa, erguendo suas finas sobrancelhas negras. A seda verde de seu traje de baile realçava seu cabelo negro e as longas pestanas de seus olhos. Um colar de esmeraldas, uma das joias da família, adornava sua garganta.

Alicia se apressou a seu lado e beijou uma de suas suaves faces. —OH, Sarah, me perdoe! Viemos muito cedo. Espero que não se importe.

—Está bem.

A rigorosa formalidade que demonstrava desmentia a amizade da semana passada. O desalento afetou Alicia mais do que queria admitir. Recusaria Sarah sua oferta? Desdenharia de Drake?

—Posso apresentá-la a meu marido? Disse Alicia, dando um passo, enquanto os contemplava. —O senhor Drake Wilder.

Drake levou a mão de Sarah aos lábios.

—Excelência. É um prazer conhecer uma amiga tão querida de minha esposa.

—Senhor Wilder — disse Sarah com fria altivez. —É um homem bastante misterioso. Alicia me contou muito pouco de você.

—Assim como ela fez com você. Espero vivamente que possamos nos conhecer melhor.

A boca se alargou com esse sorriso misterioso e encantador que tantas vezes tinha feito tremer vergonhosamente os joelhos da Alicia. Mas Sarah permanecia impenetrável a seus encantos masculinos. Olhou um grupo de poltronas ao lado de uma janela velada pela escuridão da noite. E justo então, Alicia se fixou em um menino pequeno que os olhava com atenção.

Seu coração se sobressaltou. Era o filho de Sarah.

O duque tinha o cabelo de sua mãe, e lhe caía murcho, em cachos negros sobre as orelhas. Mas a semelhança terminava aí. A expressão era solene, como a de um adulto em miniatura. Vestia calças curtas, jaqueta cinza e camisa de renda com os punhos voltados.

Sarah foi a seu lado e lhe pôs uma mão no ombro.

—Estava dando boa noite a meu filho. William, saúde nossos convidados, querido.

O menino de quatro anos obedeceu e inclinando a cintura levou uma mão ao peito e as outras às costas. Alicia se aproximou do menino e o saudou, mantendo a inclinação um momento para olhar profundamente dentro de seus sérios olhos castanhos.

—Excelência — disse. —Sou lady Alicia, uma amiga de sua mãe, e espero que também sejamos amigos. Não disse nada, com a cabeça baixa se limitou a olhar os polidos sapatos.

—Estou certa de que está encantado de conhecê-los — disse Sarah rapidamente. —É que... não se sente confortável com estranhos. Desde que seu pai se foi, não saímos muito. O

coração da Alicia sofreu por ele. Na semana passada, Sarah tinha posto todo tipo de desculpas para não apresentá-lo pretextando que estava em aula ou dormindo.

Sarah protegia um menino tímido. E Alicia se deu conta. Fora sua mãe e a criadagem, William se encontraria com poucas pessoas. Era muito duro para um filho único perder seu pai, por muito descuidado que Featherstone tivesse sido. E intimidaria a qualquer um tão jovem carregar sobre os ombros o título de duque.

—Talvez pudéssemos fazer uma excursão com sua mamãe algum dia — sugeriu Alicia. — Você gostaria? William levantou os ombros com gesto reservado.

—Você gostaria de ir num barco? Disse Drake. —Conheço um lago onde navegar.

Alicia se ergueu rapidamente, não se tinha dado conta que Drake estava atrás. William olhava o chão.

—É muito amável de sua parte, senhor Wilder — disse Sarah, olhando preocupada a seu filho. —Mas, nem em sonhos queria incomodá-los... a nenhum dos dois.

—Não há problema — disse Drake, e se agachou em frente a William. —Possivelmente preferiria ir ao circo para ver os acrobatas, os palhaços e os trapezistas. Há inclusive um mago que faz os truques mais assombrosos.

O menino olhou precavido e imperceptivelmente curioso a Drake.

—Mas o que é isto? Perguntou Drake, pondo a mão atrás da orelha de William e tirando um guinéu de ouro. —Acho que deveria lavar melhor atrás das orelhas. O menino ficou com os olhos arregalados. Quase reverentemente, pegou a moeda de ouro, lhe dando voltas para descobrir o segredo.

—Por favor, senhor, como o fez?

—Magia. Quer que volte a desaparecer?

William assentiu vigorosamente.

Drake pôs o guinéu na palma de uma mão, fechou os dedos e virou o punho. Tampou-o com a outra mão e fez uma pausa dramática. Abriu a mão e a moeda tinha desaparecido. William gritou de prazer. Sarah os olhava, sorrindo, enquanto Drake representava o truque da moeda outra vez. Alicia não estava tão surpreendida pelo truque de maroto de rua como pela boa vontade de entreter ao menino. Nunca tinha visto esse aspecto de sua vida, nem acreditaria que tivesse, se não estivesse presenciando com seus próprios olhos. Teria querido ter alguma vez filhos próprios? Haveria sentido o mesmo desejo de ter uma família que ela sentiu, antes que mamãe adoecesse?

Livrou-se desses dolorosos pensamentos. O matrimônio para Drake só tinha um propósito: satisfazer suas ambições de ascensão social. Ela, além disso, jurou lhe negar seus direitos maritais, e existia outra razão a parte de seu caráter inadequado. Era melhor que não tivessem filhos nunca. Não importava quanto desejasse ter um filho ou uma filha a quem amar; não podia arriscar a ter descendência que pudesse herdar a debilidade mental de mamãe. E

quando foram para o baile, seu coração ainda sofria por aquela jovem que foi, sonhando com o amor e uma família própria.

—Gerald? Disse Alicia atônita. Parada com Drake e Sarah nos degraus da mansão de pedra dos Cuthbert, viu seu irmão. Cavalgava, adiantando a longa procissão de carruagens que esperavam para deixar a seus nobres ocupantes. Uma música saía da casa, e as tochas pelo passeio de entrada lançavam um brilho dourado sobre o jovem conde. Estava extraordinariamente elegante com uma jaqueta verde azul e umas calças creme. Desmontou e estendeu as rédeas a um cavaleiro.

—Espero que ninguém me atire um tomate por penetrar — disse ironicamente enquanto se inclinava ante as damas. —Ali. A duquesa de Featherstone, suponho?

—De verdade é o pequeno garoto que se atreveu a espiar sua irmã e sua amiga? Disse Sarah, enquanto lhe brilhavam os olhos à luz das tochas. —Diria que cresceu um pouco.

—Diga à Ali — disse Gerald com um dramático gemido. —Ainda me teria encerrado no quarto das crianças, bem longe deste baile. Alicia mal escutou a conversa. Olhava diretamente à brunida égua vermelha que o cavaleiro levava pelas rédeas. Sem fixar-se nos olhares de escândalo que lhe lançavam os convidados que estavam chegando, subiu a barra da saia e pôs-se a correr atrás do cavaleiro. Puxou as rédeas e abraçou o pescoço da égua. Seus úmidos olhos castanhos brilharam com um brilho de reconhecimento, e sua boca aveludada a fuçou, procurando uma guloseima.

—Bonita! Murmurou Alicia. —Estou tão contente de vê-la outra vez.

Aturdida de prazer voltou para a festa.

—OH, Gerald! Não me disse nada de Bonita. Como se arrumou para que lhe devolvessem ela?

—A velha briguenta fazia a vida de Chesterfield impossível, assim o persuadi para que me devolvesse ela — disse encolhendo os ombros.

—Devolveu-lhe os duzentos guinéus?

—Mais ou menos.

A resposta a teria convencido se não tivesse interceptado um olhar de cumplicidade entre seu irmão e Drake. Este se voltou para ela e lhe disse:

—Vamos. Conversaremos mais tarde.

Cheia de suspeitas, Alicia pegou Drake pelo braço e se uniram a deslumbrante comitiva que subia as escadas. Gerald e Sarah seguiram o caminho através da porta principal, ante um grupo de esticados lacaios que recebiam os convidados, e entraram no grande vestíbulo abarrotado de pessoas. Ficaram na fila para saudar os anfitriões, que esperavam ao pé de uma grande escadaria.

Um lustre de cristais resplandecia como mil estrelas. Vasos enormes com lírios perfumavam o ar, e o zumbido cortês das conversas ressoavam no teto abobadado. Sarah e Gerald avançavam juntos como se fossem irmãos.

Alicia viu a oportunidade de interrogar seu marido.

—Me diga — murmurou em seus ouvidos. —Animou Gerald a jogar de novo?

—É claro que não — respondeu ele, erguendo uma sobrancelha imitando a perfeita imagem da inocência.

—Bem. Não acredito absolutamente que o visconde de Chesterfield haja devolvido Bonita sem um bom benefício em troca. Cobiçou essa égua durante anos. De onde tirou o dinheiro Gerald?

—Ouvi dizer que achou trabalho — disse, dando de ombros.

—Grande estupidez! Disse em voz baixa, pondo um sorriso de circunstâncias para qualquer que lhes estivesse observando. Gerald lhe havia dito que tinha trabalho em um banco, mas não tinha dado detalhes, e suspeitava que o orgulho o impedia de confessar que trabalhava de caixa por um salário miserável.

—Não pode dilapidar duzentos guinéus em um cavalo. Como pagará as faturas?

—Não precisa mimá-lo. É problema dele, não o seu.

—Sim é meu problema — vaiou. —É meu irmão, e nunca compreenderá os laços que atam a uma família. No momento que soltou estas palavras se arrependeu do último comentário. Tinha sido pouco amável e civilizada de sua parte, apesar da provocação de Drake. Uma escuridão insondável aparecia em seus olhos.

—Então, direi — disse aproximando-se dela. —Só se deixar de me importunar: eu lhe dei o dinheiro. E mostrando os dentes com um grande sorriso continuou.

—Não permitirei que ninguém me chateie mexericando por aí, contando que meu cunhado vai a pé pelas ruas de Londres. Sua proximidade arrepiou o delicado pelo da pele da Alicia. Não deveria sentir tal sensação por ele; deveria enfrentar o fato de que devia a ele de novo. Embora admitisse seus egoístas propósitos. O dinheiro pavimentaria seu caminho para a respeitabilidade e lhe daria o título de nobreza que o converteria em um cavalheiro.

Embora... tinha feito um maravilhoso presente a Gerald. E não era um cavalo qualquer. Comprou a querida égua que seu irmão tinha criado desde que era uma potranca. Antes de poder livrar-se de sua confusão, Sarah se voltou com os olhos brilhantes de alegria.

—Preparados — vaiou. —O bom começa agora.

Umedeceram-se as mãos de Alicia dentro de suas luvas brancas de pelica, enquanto começava a se dar conta dos olhares: hostis uns, curiosos outros. Dizia a si mesma que poucos reconheceriam a jovem que ficou afastada cinco anos antes, embora algumas mulheres a olhassem às escondidas, desdobrando seus leques para esconder seus escandalizados cochichos. Uma dama se voltou para seu vizinho, este ao dele, e assim a notícia começou a propagar-se.

Chegaram a escadaria, onde uma dama bastante roliça inclinou a cabeça ante Sarah:

—Sua excelência nos honra com sua presença. Sabemos que é sua primeira aparição em sociedade desde sua prematura perda. Sarah a reconheceu com régio assentimento.

—Lady Cuthbert, permita que lhe apresente a meus acompanhantes. Lady Alicia Pemberton, minha mais querida amiga, agora senhora Wilder, e seu marido, o senhor Drake Wilder.

O adulator sorriso de lady Cuthbert se afrouxou, e balançando como se estivesse a ponto do desfalecimento, ergueu uns carregados óculos; os cristais aumentaram seus olhos até convertê-los em globos marrons.

—Os Wilder? Aqui? Disse inconscientemente. —Meu deus. Não sei, não sei... que dizer.

Apertando os lábios, Alicia fez a reverência adequada.

—Poderia dizer que está encantada de nos receber.

—Estamos encantados — interrompeu Drake. Beijou a gorda mão de lady Cuthbert e olhou fixamente seus grandes olhos. —É uma Santa enfrentando o escândalo, uma mulher de mente aberta e coração magnânimo. As pessoas admirarão sua generosidade de espírito. Contemplando-o um pouco aturdida, baixou os óculos.

—OH! Realmente acredita assim?

—Sem dúvida, milady. É a bondade personificada.

Enquanto se ruborizava e envaidecia, dirigiram-se a seu marido, um velho e decrépito cavaleiro que aproximava a mão à orelha como se fosse difícil entender seus nomes.

—Vamos, vamos — dizia, movendo a mão para que passassem.

Começaram a subir a escadaria para os salões da festa. Alicia entre Drake e Sarah. Gerald se adiantou para saudar um amigo. Os olhos de Sarah brilharam.

—Olhem ali — vaiou. —Sabia que tinha uma oportunidade de passar com os Cuthbert, mas não imaginei que fosse tão simples, senhor Wilder. Realmente acredito que enfeitiçaria até as listas de um tigre.

—Prefiro enfeitiçar as damas — disse devolvendo a saudação com seu sorriso temerário.

—Já vejo — respondeu ela.

Sorrindo reservadamente, a duquesa o olhou fixando-se só em sua atitude, enquanto um par de jovens raparigas lançava tímidos, mas excitados e apreciativos olhares. Alicia ardia de ira. Era algo mais que irritação o que produzia o efeito que Drake causava nas mulheres, mas era também um pouco de ressentimento com Sarah. Mortificada, deu-se conta de que estava ciumenta. Ciumenta. Uma vez tinha perdido um admirador em favor de Sarah, mas não valia a pena pensar que sua mais íntima amiga tivesse algum plano com o Drake. Que tomasse cuidado!

Caminharam entre a multidão, enquanto Sarah apresentava a qualquer um que pudesse encurralar, abusando descaradamente de sua elevada posição para dominar qualquer desprezo. Drake conhecia alguns cavalheiros por seu nome, certamente do clube, e mais de um o saudou circunspeto ou surpreso. E é claro, Alicia também se encontrou com velhas amigas. Algumas, amistosas, outras, desconcertadas, e outras poucas se viraram, fingindo não reconhecê-la. Mantinha o queixo erguido, decidida, como um verdadeiro retrato da serenidade.

No salão de baile, os convidados se mesclavam ao lado da pista, esperando que este começasse. As conversas e as risadas zumbiam alegremente na grande sala de teto alto e dourado, enquanto os espelhos refletiam o deslumbrante brilho dos lustres de cristal. Sarah desculpou-se para saudar um conhecido. E Drake, apoiado contra uma coluna enfeitada com grinaldas douradas, observava à multidão. Apesar de sua postura indiferente, permanecia alerta, quase tenso, de um modo que deixava Alicia perplexa. Acaso procurava a alguém em particular? Antes de achar uma resposta, um homem se aproximou deles.

Era um indivíduo de nariz largo e cabelo desgrenhado marrom da cor do barro, vestia uma jaqueta borgonha escura com botões de ouro, colete verde e calças de camurça.

—Wilder — disse desdenhosamente. —Não estará rondando no lugar equivocado esta noite?, né? Esta uma festa para pessoas respeitáveis.

—Se a respeitabilidade for a medida de um homem, Mountjoy, eu também deveria me fazer a mesma pergunta. Seus lábios finos se arquearam, e enfocou seus pálidos olhos em Alicia.

—Imagino que esta é a nova senhora Wilder.

Ela se lembrava do barão Mountjoy. Fazia muito tempo, quando ainda estava no colégio, a mãe do barão ofereceu sua amizade à mamãe, deixando cair indiretas a respeito de um possível matrimônio entre os filhos das duas famílias. Até então, Alicia não tinha gostado de suas pretensões. Educadamente, disse:

—Milorde. É um prazer voltar a vê-lo. Como está sua mãe?

—Bastante bem. Está falando agora com a marquesa do Bancroft. E indicou com a cabeça um círculo de cadeiras douradas ocupadas por senhoras idosas.

—Se me perdoarem, irei apresentar-lhe meus respeitos.

Alicia deu um passo, mas Mountjoy o impediu limpamente dando outro passo, enquanto os olhava orgulhosamente por sua vitória antecipada.

—Economize a humilhação. Não aceitará suas saudações.

Alicia manteve o sorriso.

—Com certeza aceitará meu marido pela velha amizade familiar.

—Ah! Mas há algo mais que seu desafortunado matrimônio, muito mais — disse rindo desagradavelmente entre dentes. —Há o assunto de sua mãe... Ela está... como o diria? Louca como uma cabra. Alicia ficou sem ar nos pulmões. A música se foi apagando em um eco longínquo, e antes que todo o ardor de sua ira desatasse sua língua, Drake pegou o braço de

Mountjoy. Só Alicia estava suficientemente perto para perceber a força do apertão, e viu como empalidecia o rosto do barão.

—Desculpe-se ante a dama — disse Drake placidamente.

—Você... caipira...

Os dedos do Drake apertaram um pouco mais, agarrando-o bem.

—Estou esperando.

O desesperado olhar de Mountjoy se dirigiu a Alicia e balbuciou:

—Me desculpe, milady. Disse uma inconveniência.

Drake o soltou.

—Não são boas desculpas, mas passaremos por cima sua falta de educação.

—Como ousa? Choramingu Mountjoy, esfregando o braço. —Quase me parte o braço.

—Lastimo que não o fizesse. Um homem deve saber comportar-se em público.

Os dois homens se olharam fixamente. Drake, sério. Mountjoy, furioso e bufando de desprezo, virou-se.

—Ainda não terminei com você — disse Drake em voz baixa. O aristocrata o olhou por cima do ombro.

—Não me fale como se tivesse algum direito sobre mim...

—Espero que suas dívidas estejam saldadas por completo, amanhã.

O rosto estreito de Mountjoy se tornou mais pálido ainda.

—Descarado! Concordou esperar. Não disporei de recursos até o próximo trimestre...

—Amanhã — repetiu Drake em tom firme e civilizado.

Mountjoy abriu e fechou seus finos lábios, depois escapou, desaparecendo entre as pessoas.

Alicia lutou contra o mal educado prazer de gritar perversamente de alegria. Não deveria alegrar-se de que Mountjoy tivesse uma dívida de jogo, nem tampouco deveria regozijar-se na derrota do próximo. Não era nada caridoso de sua parte, mas ele tinha proferido o único insulto que temia essa noite.

—Não tinha direito a rir de minha mãe — disse violentamente. —Inclusive quando recai na loucura, é mais doce e gentil que o que ele ou sua mãe possam ser em sua vida. Grande e acolhedora, a mão do Drake a abraçou pela cintura.

—Não ligue para Mountjoy. É um asno pomposo.

—Uma doninha comedor de moscas — retificou ela, procurando uma imagem mais degradante.

—Um fanfarrão covarde como uma galinha — ofereceu Drake.

—Um mentecapto com cascos de porco.

—Um boneco de pano descerebrado.

—Cabeça de merengue — e pensando em outro insulto, exclamou: —badulaque!

Drake ria, batendo suavemente seus dedos contra as costas da Alicia.

—Esgotaram-se os insultos? Né! Nunca achei que veria este momento.

Tratou de guardar a raiva, mas Drake enrugou os olhos, e as covinhas se afundaram sorrindo maliciosamente. Alicia começou também a sorrir, e logo a rir tão alegremente que um grupo de senhoras lhes lançou olhares de desaprovação. Alicia não importava nem um pouco. Que a boa sociedade espalhasse suas fofocas mesquinhas. Ninguém arruinaria seu bom humor esta noite.

—Obrigada — murmurou. E então, temerosa de pensar que o necessitava para liderar suas próprias batalhas, acrescentou — por defender a mamãe.

—Fiz isso por você.

Seu coração deu um salto, e teve que recordar que não devia acreditar em seu preguiçoso sorriso. Estava mais interessado em lutar por seu próprio respeito que pelo dela. Mesmo assim, seu afã de amparo lhe agradava de algum jeito. De repente, sentiu-se viva, com todos os sentidos de acordo com a magia da noite. À luz dos candelabros, o salão de baile brilhava como o país das fadas. A orquestra tocava suavemente, embora o baile ainda não tivesse começado.

Alicia sentiu que a tensão se afrouxava enquanto se erguia, flutuando com as belas notas musicais. Até esse momento não se dera conta de quanto teve saudades de voltar para uma festa. Sua pobreza e a enfermidade de sua mamãe a obrigaram a ficar em casa, embora fizesse tanto por amor como por necessidade.

Mas esta noite podia desfrutar da festa, e dançar outra vez. As horas que ficavam pela frente se alongariam como uma resplandecente fileira de diamantes. Com a ponta do sapato começou a acompanhar o ritmo sobre o polido chão de madeira. Deu-se conta de que Drake seguia examinando as pessoas. Era uma investigação minuciosa e sistemática, observando a porta por onde entravam os convidados. Sua vigilância excitou sua curiosidade, porque um homem que tinha planejado tão minuciosamente sua ascensão social não parecia muito inclinado a mesclar-se com a nobreza.

—Procura alguém? — perguntou Alicia.

—A qualquer um que leve saias — respondeu atrevidamente, enquanto pegava duas taças de champagne da bandeja que oferecia um lacaio; passou-lhe uma. —Entretanto, você gostará de saber que é a mais bela do baile.

Era a segunda vez esta noite que a lisonjeava, e como na primeira, uma traiçoeira ternura percorreu seu corpo.

—Guarde seus encantos para outras incautas — disse, bebendo um pouco. A espuma deslizou por sua garganta com uma explosão de borbulhas, e relaxou emitindo um involuntário gemido de prazer.

—Passou muito tempo, não é verdade?

—Me perdoe, o que dizia?

—Que passou muito tempo desde a última vez que bebeu champagne, ou aceitou os elogios de um homem. Teve a vertiginosa sensação de que ele podia ver através de sua alma. Bebeu outro gole precipitadamente.

—Blefa. Não sabe nada de mim.

—Querida. Estou preparado para quando quiser trocar de opinião. A insinuação golpeou Alicia. Mas sentiu um prazer culpado que a fez parecer desejável aos olhos de Drake. Alicia era consciente dos dedos do Drake acariciando suas costas, roçando-a no limite. Seus movimentos pareciam naturais, e seu tato levantava faíscas debaixo de sua roupa interior de renda. A ardente paixão de seus olhos a mantinha subjugada.

Era inútil tentar compreender por que sua mente se dobrava ante os ditados de seu corpo. Inútil perguntar-se por que não sentia vontade de procurar outra companhia, ou por que razão misteriosa tinha desfrutado com o jogo dos insultos. Convertera-se em um duelo de engenho.

—Este casal leva já muito tempo escondido — a tranquila reprimenda de Sarah rompeu o feitiço. Alicia se virou para ver a duquesa observando-os. Os movimentos rápidos de seu leque de seda verde e varetas de marfim revelavam sua irritação.

—Mas se não saímos do salão de baile — protestou Alicia.

—O que a duquesa quer dizer — murmurou Drake, com um brilho nos olhos — é que parecemos ausentes, exceto de nós mesmos. O rubor subiu pela garganta da Alicia até suas faces.

—Estou perfeitamente a par do que acontece. Agora mesmo vai começar a primeira dança.

—Exatamente — disse Sarah. —Venham, depressa. Devem dançar e misturarem-se com o resto dos convidados para que todos os vejam. No meio da sala se formaram já as filas: uma para os homens, a outra para as mulheres. Alicia ficou na sua, justo em frente de Drake, quando uma rítmica melodia começou a soar. Ofereceu-lhe sua mão enluvada e seus dedos se tocaram. Perguntou-se inesperadamente se ele saberia dançar. Depois de tudo, não tinha recebido a educação de um cavalheiro.

Mas seus medos não tinham o menor fundamento: executou os complicados passos com graça perfeita, seguindo-a todo o tempo. A luz dos candelabros lançava um resplendor sobre seu cabelo negro como o carvão e fazia sombras debaixo de suas maçãs do rosto. Parecia tão

arrogante como qualquer outro aristocrata presente. E se desconcertou ao ver como era fácil à Drake encaixar neste deslumbrante ambiente.

As filas se moveram, afastando-os um do outro, e ela se encontrou de frente com um homem grosso com costeletas. A Drake tocou uma jovem vestida de um branco virginal, que sorria bobamente quando ele sorria também. Alicia afastou a vista. Que tente enfeitiçar a todas as mulheres que queira, lhe importava bem pouco. Concentrou-se na dança, educada e sem dar ocasião alguma às fofocas. Mergulhou alegremente enquanto se deslizava com a música, deixando que as notas guiassem seus pés como se voassem. Espiou Gerald que dançava em outra fila, e não pôde evitar sorrir quando lhe piscou um olho.

Esteve atenta todo o tempo de seu marido enquanto se aproximavam e afastavam nas longas filas de bailarinos. Quando por fim, os passos os reuniram de novo, a música terminou, e Sarah apareceu seguida de um tímido cavalheiro sardento, que balbuciou um convite a Alicia para dançar. Faltou-lhe coragem para rechaçá-lo.

Drake renunciou galantemente, e enquanto ia, começou a examinar aos convidados de novo. Observando-o, Alicia voltou a ter a estranha impressão de que procurava alguém em particular. A quem? Algum sócio de seu clube? Alguém que lhe devia dinheiro?

À medida que avançava a noite, viu-o de vez em quando: não tinha a menor dificuldade em achar par para dançar. As damas formavam redemoinhos a seu redor, levadas por sua fama e o atrativo selvagem, que jazia detrás de sua civilizada aparência. Várias vezes o viu levando uma mulher à pista de baile, conversando e adulando-a sem dúvida, usando seu encanto para derrubar as barreiras que o tinham mantido afastado desse exclusivo círculo.

Convertera-se em um êxito social. A ideia era estranhamente desencorajadora: só tinha necessitado a sua mulher para cruzar a porta. Melhor assim. Estava encantada de livrar-se de qualquer obrigação para ele. Encantada de pagar sua dívida. Assim, por que sentia essa confusa mescla de fascinação e desejo?

O rosto lhe doía de tanto sorrir. Saltou uma peça e ficou bebendo um pouco de champagne. Havia tão poucos comentários engenhosos que alguém podia fazer aos cavalheiros que, ou eram uns altivos para reconhecer à esposa de um jogador, ou estavam muito preocupados com sua própria vaidade. Eram tão aborrecidos cinco anos atrás? Esteve alguma vez tão impaciente pela companhia de um só homem?

Perdeu de vista Drake, e não estava entre as filas dos que dançavam. Com a taça de champagne na mão, Alicia saiu do salão de baile e olhou dentro dos outros salões. Sentia-se agradavelmente aturdida e incapaz de enganar a si mesma. Bem pensado, não podia dizer que procurava uma pausa da pressão das pessoas. Não, em realidade, o que procurava era seu marido.

Embaixo, tinham colocado mesas no salão principal e os convidados jogavam cartas sentados. A biblioteca ressoava com as vozes de outros cavalheiros discutindo política, e na sala de jantar se ouvia o ruído da porcelana e prata enquanto os lacaios levavam bandejas das quais saía um aroma a rosbife e a pão recém-assado.

O jantar se serviria a meia-noite, mas a Alicia não interessava a comida.

Então o viu. Em um aposento fracamente iluminado na parte de trás da mansão, Drake permanecia entre as sombras falando com alguém que permanecia oculto atrás de uma porta entreaberta. As luzes do corredor delineavam perfeitamente seu perfil. Estava totalmente concentrado em seu acompanhante, e falava em um tom tão baixo que lhe era quase impossível entender suas palavras.

Uma deprimente possibilidade a fez cambalear. Estava a sós com outra mulher?

A fúria apagou completamente a breve punhalada de dor. Que um raio o parta! Não se deixaria humilhar por seus flertes. Não aqui, diante de toda a boa sociedade. Partindo a passo vivo, abriu a porta de repente, e ficou parada, atônita ao reconhecer a alta e familiar figura que permanecia na penumbra. Sua altiva aparência irradiava hostilidade.

Lorde Hailstock.

Capítulo 14

Drake estava muito impaciente para escolher outra parceira de dança. Não lhe interessavam o mínimo: eram umas mulheres privilegiadas que condescendiam flertar com um homem de má reputação na segurança que só dava um salão de baile lotado de pessoas. Suportou suas insípidas conversas por um só motivo: permitiam-lhe vigiar a entrada se por acaso chegasse algum convidado com atraso.

Mas o marquês de Hailstock não aparecia. Sua ausência o exasperava. Estava seguro de que seu pai não faltaria a esta festa. Hailstock se vangloriava de ser um dos pilares da sociedade, e gostava de rondar pelos territórios que considerava exclusivos. Drake ardia em impaciência esperando o momento em que Hailstock enfrentaria cara a cara seu filho bastardo.

Propondo-se olhar em outro lugar, Drake se dirigiu nervosamente para a porta. Examinou por última vez o salão de baile e espiou através da resplandecente multidão à única dama que podia atrair sua atenção.

Alicia. Sua mulher.

Ela caminhava sozinha por umas mesas com bebidas, e as luzes desenhavam um halo sobre seu formoso cabelo. Em cada um de seus sinuosos movimentos, o traje se adaptava a suas curvas femininas. Levava bem erguido o queixo como se estivesse disposta a desafiar qualquer um que lhe disputasse o direito de estar na festa. Devia ser uma experiência muito dura enfrentar a desaprovação e o escândalo. Embora se comportasse como uma rainha.

Em um momento de loucura, o atrativo de sua esposa ultrapassou sua necessidade de vingança. Esteve tentado a segui-la, a lhe fazer insinuações luxuriosas para desfrutar de sua reação. Queria tocá-la, recordar-lhe que lhe pertencia, observar essas faíscas de desafio em seus olhos. Queria tentá-la para que o acompanhasse a um aposento escuro e fazer amor lentamente. Estes desejos o sacudiram intensamente.

De caminho à porta, tirou Alicia com raiva da cabeça. Ela não significava nada para ele, não era mais que o primeiro degrau para vingar-se de Hailstock. Um velho golpe de ira ardeu em seu interior. Caminhou entre a multidão, ignorando os murmúrios enquanto passava. Embora não tivesse problemas para achar um par de dança, estes presunçosos não o aceitavam realmente. Toleravam ao arrivista entre eles, mas só porque ele os tinha obrigado. Pouco mais sabiam, e suas insignificantes mesquinharias simplesmente o divertiam.

Descendo pela escadaria, lançou outro olhar ao redor. Uma rápida olhada aos jogadores de cartas do salão não lhe revelou nada de interesse. Um janota ruivo fazia vagos gestos com a mão para que se unisse a eles, mas Drake negou educadamente com a cabeça. Os sapatos ressoavam enquanto girava por uma esquina, passada a escadaria. Devia haver uma biblioteca onde os políticos pudessem reunir-se. Valeria a pena dar uma olhada.

Um rumor de vozes masculinas crescia em intensidade enquanto se aproximava de uma porta. Então, um homem saiu nervoso e apressado. A luz de um spot iluminou seu abundante cabelo negro com fios de prata e suas feições arrogantes. Nenhuma surpresa apareceu em seus gelados olhos cinza. Hailstock não estava acovardado, simplesmente contemplou seu filho com frio desdém.

Alguém tinha contado. Inteirara-se de que um infame plebeu tinha invadido seu privilegiado círculo. Drake queria dar socos contra a parede. Sentia-se como um imbecil. Tinham-no privado do momento que tinha esperado durante vinte anos, e era um estúpido por não havê-lo previsto. Dando a volta, Hailstock se foi cautelosamente pelo corredor e abriu uma porta. Parado, esperou com expressão decidida e as mãos puxando para baixo sua perfeitamente cortada jaqueta. Olhava como um pai que pensasse dar uma boa surra a seu filho.

—Entre — grunhiu.

Drake nunca o odiou mais que neste momento. Via-se obrigado, ou a obedecer como um menino castigado, ou a negar-se, e ele zombaria de seus planos. Amaldiçoando para si mesmo, Drake avançou. O tirano altivo não dirigiria o curso da confrontação. Convencido de sua própria importância, Hailstock lhe indicou a entrada de uma câmara fracamente iluminada e fez um movimento para fechar a porta.

—Têm medo de que alguém possa nos ver e adivinhar a verdade, pai?

Hailstock apertou os lábios.

—Desista dessa sua fantasia. Não sou seu pai mais do que poderia ser o próprio Príncipe Regente.

—Negue tudo o que quiser. Mas é um fato que teve um caso com minha mãe em Edimburgo há trinta anos.

—Não têm mais prova que esse alfinete de gravata que ela roubou.

Só uma vez, só uma vez Drake queria ouvir Hailstock reconhecer sua paternidade, e por todos os demônios que o faria.

—Me diga, milorde. Se seu atual patrimônio for de quatrocentas e sessenta mil libras...

—Desgraçado! Interrompeu-lhe iracundo Hailstock. —Como se inteirou disso?

—E que depois de vários investimentos, obtêm um lucro limpo de quatro por cento ao ano em juros, a quanto ascenderá a fortuna que herdará seu filho, James, se morrer, digamos, em um prazo de dezoito anos?

Estreitou os olhos um pouco enquanto calculava. E depois, Hailstock moveu a mão bruscamente, como se o despedisse.

—Assim é isto o que procura... planeja me chantagear. Diga seu preço. diga-me quanto me custará lhe devolver ao esgoto onde nasceu. Drake sentiu apertar os músculos do peito.

—Fica com sua maldita fortuna! Eu tenho a minha! E agora, responda a minha pergunta.

—Não discuto sobre meu dinheiro com gentinha como você.

—Então, eu resolverei nosso hipotético problema. Sua fortuna será exatamente de novecentos e quarenta e três mil novecentas e oito libras — e saboreando seu triunfo disse em voz baixa. —Mas isto já sabe. Porque também têm o dom de calcular cifras complicadas sem necessidade de papel e lápis. É um talento que eu herdei... de você.

Hailstock não disse nada; ficou parado, com os ombros retos e os punhos junto aos flancos.

—Vamos, comprove se lhe agrada — disse suavemente Drake. —Exponha o problema que desejar, e resolverei.

—Não me interessam os truques de um enganador. E agora, fora.

—Não. Não pode ir e pretender que não existo. Nunca mais — concentrou toda a força de sua vontade no homem que o abandonou na pobreza quando era tão só um menino. —Saiba isto, milorde. Cada vez que entre em um salão de baile, cada vez que vá a uma festa, eu estarei ali. Cada vez que falem de política em uma biblioteca, discutirei suas opiniões.

—Tolices. Logo se cansará de semelhante charada.

—Será só questão de tempo antes que as pessoas se deem conta da semelhança — e com tom metálico, Drake acrescentou: —Já aconteceu.

—Embusteiro. Ninguém nos viu juntos.

—Lady Brockway conhece os dois. Ela me disse que recordava a alguém que conheceu uma vez. Durante um momento, a tensão encheu o ambiente. Hailstock permanecia em pé com o rosto tão rígido e pálido como o de uma máscara. Depois, zombando, disse:

—E acredita em uma louca? Raramente se lembra de seu próprio nome.

Drake recordou o pranto e o terror que lady Brockway mal foi capaz de expressar.

—Ameaçou-a? disse com uma áspera voz. —Ameaçou encerrá-la para sempre? Antes que Hailstock pudesse replicar, ouviu-se um ruído no corredor e alguém empurrou a porta. Era Alicia, sua magra figura se recortava contra a luz do corredor. Ergueu as sobrelhas enquanto olhava para Hailstock e para Drake. Depois, fez uma reverência ao marquês.

—Milorde, perdoe minha intrusão, pensei... que estavam com outra pessoa.

Aborrecido pela reverência de Alicia, Drake a pegou pelo cotovelo e a atraiu para ele, e com o tom mais natural do mundo, disse-lhe:

—Hailstock e eu estávamos renovando nossa amizade. Precisamente comentava quão parecidos são ele e seu filho. O marquês fez um estranho som no mais profundo de seu peito. Alicia o olhou confusa, e moveu a cabeça para fixar-se em Drake.

—Não sabia que conhecia James. O pobre está inválido e rara vez sai de casa.

—Assim me disse o marquês, embora pense que era o jovem que vi em uma carruagem com seu escudo há quase duas semanas.

—Às vezes dá passeios pelo parque — disse Hailstock rigidamente. —Acompanhado por seu médico, é claro.

Drake considerou seguir adiante com a conversa, mas decidiu que não. Estava ladeando perigosamente a verdade, e Alicia tinha a inteligência suficiente para dar-se conta.

—Ah! Isto explica tudo — disse. —É uma pena que não saia mais frequentemente.

Aproximando-se do Hailstock, Alicia lhe tocou uma manga.

—Como está James?

—Algo abatido estes dias, temo.

O marquês pôs sua mão sobre a mão da Alicia.

—Deveria sabê-lo, pergunta muito por você. Sente muita falta de suas visitas.

—Por favor, lhe apresente minhas desculpas, e diga a James que o visitarei logo. Se for bem para você, milorde.

—Certamente, milady. Sempre será bem-vinda em minha casa.

Drake apertou os dentes, debatendo-se com a fúria que sentia em seu interior. Presunçoso aristocrata. Havia tocado Alicia como se estivesse em seu direito. Possivelmente, acreditava ainda no direito de senhor do castelo de por a perna no leito dos recém-casados vassalos. Drake o mataria antes. Deslizando seu braço ao redor de sua cintura, Drake atraiu a Alicia para ele e estendeu seus dedos sobre seus quadris com um sutil gesto de propriedade.

—Agora nos desculpará, Hailstock. Minha esposa requer toda minha atenção.

Hailstock os olhava odiosamente, enquanto Drake a levava fora da câmara para o corredor.

—Por que foi tão rude com ele? disse Alicia, repreendendo-o. —Nem sequer sabia que conhecia sua senhoria. Esteve no clube?

—Sim.

Mas só uma vez, e para lhe advertir que se afastasse da Alicia.

—Deve-lhe algo, então? Por isso estavam ladrando os dois como cães? Levado por um escuro humor, deslizou um dedo pela delicada ponte de seu nariz.

—Não é um assunto de dinheiro. Veja, os dois queremos morder o mesmo osso.

Alicia o olhou sem entendê-lo. De repente, franziu os lábios e tratou de soltar-se.

—Que adulator é que me comparem com um osso!

Abraçou-a com força, rodeando seu flexível corpo contra o seu.

—É condenadamente formosa, e sabe muito bem, e a essência da questão é que minha mulher não irá visitar outros homens. Diminuíram o passo. O olhar da Alicia o atravessou.

—Está me proibindo de visitar um amigo da família? A um inválido indefeso que não pode andar? Sua lógica o fez sentir-se como um canalha. Odiava a ideia de que Alicia se aventurasse no território de Hailstock, mas procurar a amizade do filho legítimo do marquês, do meio-irmão a quem nunca tinha conhecido... Sem pensar, disse:

—Pode visitar James, mas só se eu a acompanhar.

Alicia soprou pouco agradada.

—E quando será o momento propício?

Nunca.

—Logo. Quando não estiver ocupado no clube.

—Recordarei isso.

Alicia o olhava fixamente, concentrada, e sua intensidade era tal, que tropeçou com os saltos no tapete do corredor e cambaleou. Quando Drake a segurou pelo braço para que não caísse, acariciou o interior de sua cintura, a suave curva de seus quadris. Mergulhava na fantasia de percorrer essas formas até lugares ocultos, até os úmidos calores femininos e a suave carne escondida. Até um lugar que pertencia a ele só, embora Alicia não o aceitasse. Ainda.

O ruído das conversas e a música saíam dos salões. Observando as portas que havia debaixo da escadaria, Drake conduziu a Alicia a uma sala pequena e escura. Era o guarda-roupa: reconheceu-o pelo aroma de lã e couro, e pelo roce das malhas contra a manga de sua jaqueta.

O rosto de Alicia formava um oval perfeito na penumbra. Podia ver justo o inocente azul de seus olhos.

—Por que estamos aqui? perguntou ela.

—Porque eu gosto da intimidade quando quero beijar a minha esposa.

Inclinou a cabeça e reclamou sua boca. Ela estava excitada e lassa, doce e feminina. Seus lábios se abriram surpreendidos, e ele aproveitou a repentina vantagem, saboreando o gosto da

champagne na sua língua, enquanto a acariciava com sua boca. Esperava resistência, mas em vez de empurrá-lo para trás, apoiou-se nele, suspirando.

O calor nasceu com força dentro dele, desdobrando-se rapidamente, ardendo em necessidade de meter-se profundamente em seus mistérios. Pondo-lhe as mãos nas nádegas, atraiu-a para ele, e ela estremeceu enquanto o acolhia com os braços atrás da nuca. Sua veemência o avivava. Sua mulher. Queria meter-se dentro dela, marcá-la como sua de uma vez e para sempre.

A barreira da roupa o impedia. Agarrou a saia tentando subir-lá até a cintura, mas os gorjeios de umas mulheres se intrometeram na fúria de sua paixão. Fora, no corredor, um par de mulheres passou conversando.

Maldição! Era uma loucura possuí-la aqui. No meio de uma festa. Ela desfrutaria, é claro. Mas nunca o perdoaria. Levantando a cabeça, observou seus olhos sonhadores. Alicia se pendurou em seus ombros, com os seios incrustados em seu peito. Sua completa submissão não casava com a afetada puritana com que se casara. Embora conhecesse o efeito que causava nas mulheres, teve a repentina suspeita de que havia algo mais nesse confuso olhar.

—Está bêbada!

—Não estou!

—Quero a verdade já! Quantas taças de champagne bebeu esta noite?

Erguia as sobrancelhas ao mesmo tempo em que contava.

—Só duas. Não, três. OH, que chato!... Talvez quatro com a de fora.

Sua mente começou a tramar planos perversos. Mas lutou e ganhou uma curta briga com sua consciência. Com trato ou sem trato, ela era sua mulher. Sua, ante a lei de Deus e a dos homens. Aspirando ao aroma de seus cabelos, acariciou-lhe as faces.

—Procure à duquesa e lhe pergunte se pode voltar para sua casa com outro convidado. Eu irei procurar nossa carruagem.

—Vamos?

—Não está em condições de seguir aqui.

—Mas... deveríamos nos misturar com os convidados. Falta um momento para o jantar... e horas de baile depois — movia a cabeça confusa. —Queria ser aceito neste círculo, não é verdade?

Não podia reconhecer diante dela que já tinha conseguido seus propósitos aqui. Beijando delicadamente seus lábios úmidos, contou-lhe uma versão diferente da verdade.

—Estou até o pescoço com aristocratas por esta noite. Vou levá-la a casa.

Enquanto a carruagem se afastava da mansão dos Cuthbert, viu como deslizavam como uma mancha as luzes das tochas, e logo só ficou a luz de um lampião de azeite, encaixado em uma das paredes da carruagem. A chama cativa ondulava ao compasso do movimento do veículo. A intimidade do interior fazia que seu coração palpitasse rapidamente. Sentia-se enjoada por algo mais que umas taças de champagne.

É condenadamente formosa, e sabe muito bem.

Drake estava sentado a seu lado no luxuoso assento de veludo. A perna roçava a sua. Deveria estar ofendida por sua vulgar explosão, sua agressiva conduta e por sua despótica insistência em abandonar o baile. Embora seu poder continuasse alimentando o fogo que ardia em seu interior.

Era o beijo. Tinha sido mais maravilhoso que o primeiro, nas bodas. Desfrutou profundamente, e lhe ocorreu o mesmo. Tomando uma incrível licença, tinha apertado seu corpo contra o dele, e Alicia tinha gostado. Suas carícias despertaram uma frenética dor no mais profundo de seu ser. A lembrança a deixava sem fôlego... mas não sem indignação. Ansiava sentir de novo suas mãos sobre seu corpo.

Era isto amor? Tão rápido como essa intolerável ideia se agitava em sua mente, rechaçou-a. Não podia estar apaixonada por um jogador, de um homem de péssima reputação que a obrigou a casar-se. Era um canalha, um velhaco e um pícaro. Embora reconhecesse que não era um completo malvado. Tinha tido alguns atos generosos... Confusa pelas contradições que achava nele, virou a cabeça para estudar seu marido. Recostava-se contra as almofadas como um libertino em seu antro de prazer...

Não, mas bem, parecia um confiante aristocrata seguro do lugar que ocupava no mundo. O lampião ressaltava as sombras debaixo das altas e marcadas maçãs do rosto. Tinha um aspecto sinistro... e tão sedutor como o pecado. Qual deles era o verdadeiro Drake Wilder?

Sua mão desceu sobre a sua. Deveria rechaçá-lo com um comentário frio. Em seu lugar, balbuciou uma pergunta:

—Como pode ser um patife sem princípios e fazer tão boas obras ao mesmo tempo?

Drake abriu os olhos muito lentamente, e logo ofereceu seu encantador sorriso.

—Sempre tenho uma razão desprezível para tudo o que faço. Já deveria sabê-lo.

—Por que motivo comprou tantos trajes de teatro a minha mãe?

—Para mantê-la ocupada, e que você pudesse sair comigo em sociedade — disse dando de ombros. Alicia aceitou a lógica da resposta.

—Então, por que foi tão simpático com William? Por que se incomodou entretendo ao menino com os truques de magia?

—Queria ganhar o afeto da duquesa, é claro.

É claro.

—E sobre Kitty? Qualquer aristocrata a despediria. De fato, uma criada surda jamais teria sido contratada.

—Porque merece o posto que tem. Trabalha o dobro de dureza que qualquer outro — respondeu. —Já vê. Benefício-me do incremento de sua produtividade. Simplesmente é um bom negócio. Fazia que soasse tão normal e razoável, que Alicia suspeitava que houvesse algo oculto em suas explicações. Algo que despertava um terno sentimento dentro dela.

—Pergunto-me — murmurou — se quer que pense mal de você.

Durante um segundo, algo brilhou em seus olhos, algo que entrava e saía tão rápido, que Alicia não estava segura se era surpresa ou chateação. Ou algo completamente diferente.

—Acredito que está se pondo muito séria — disse. —Será melhor que celebremos o êxito desta noite. E enquanto o dizia, inclinou-se e tirou uma longa gaveta debaixo do assento de frente. Abriu-a e pegou uma garrafa alta e verde e duas taças.

—Eis aqui o champagne.

—Champagne? Alicia, surpreendida, desceu o olhar ante o mostruário de garrafas e copos alinhados na gaveta acolchoada.

—Leva álcool na carruagem?

Drake fechou a gaveta com a ponta de um de seus sapatos de couro.

—Nada de desmaios de criada, por favor. E isto — disse erguendo a garrafa — escamoteei-o da despensa do mordomo. Não diga nada aos Cuthbert. Piscou-lhe um olho, e um sorriso espontâneo demoliu seu gesto de desaprovação.

—Não pensa abri-la aqui.

—É claro que vou abri-la. Pegou as duas taças. —Segure-as, por favor.

Voltou sua atenção à garrafa e lhe tirou o arame. Com um estalo, a cortiça saltou e o champagne esparramou por toda a carruagem. Boquiaberta, Alicia se afastou para um lado para evitar a chuva de espuma que caía sobre seu rosto e seus braços.

—Drake. Não deveria...

—As taças — urgiu-a.

Passou-as, e Drake desviou a cascata de espuma, acabando com a chuva. As risadas borbulhavam em seu rosto como o champagne na taça. Não deveria rir de sua falta de moderação. Formou um atoleiro no caro forro de veludo do assento de frente, e manchas de umidade tinham estragado seu custoso traje.

Uma pequena gota lhe caía pela face. Pegando-a com o dedo enluvado, lutou contra uma incrível e pasmosa delícia.

—Pelo amor de Deus! Manchou a tapeçaria.

—Pode-se limpar.

—E meu traje. A seda se danificou.

—Comprarei outro.

—É um completo selvagem.

—Lamento não estar de acordo.

Exibiu seu incorrigível sorriso. Depois, levantou a taça e deu por ela.

—Não há nada mais civilizado que um bom vinho em companhia de uma mulher encantadora.

Um prazer agitou profundamente seu interior. Sentia-se confusa por sua galanteria e aturdida pela admiração que via em seus olhos. Cuidado, disse-se. Só é um jogo para ele. Tome cuidado e resiste a seus encantos. Adotando um semblante tranquilo, bebeu seu champagne, saboreando o formigamento na língua e na garganta.

—É um decadente.

—Decadente eu? O que sou é um relaxado — segurava a garrafa entre seus joelhos, e tinha desatado a gravata, que caía solta deixando descoberto seu forte e masculino pescoço. Então, ele fez algo que a deixou atônita. Tocou a fita de linho justo na pele nua em cima de seus seios. Sua mão saltou, lhe agarrando o pulso.

—Drake! e o som de seu nome soou mais a rogo que a advertência, —não o faça...

—Só a estou limpando — moveu a mão com um doce sorriso, os dentes lhe brilhavam — o champagne lhe deixou uma pequena mancha. Imprudentemente, deixou cair sua mão em um flanco. O agradável estalo contínuo da carruagem os encerrou em uma morada separada do mundo. Baixando o olhar, Drake a acariciou suavemente, começando por seus ombros, movendo-se metodicamente para baixo, tocando-a com ternura em sua nuca. O linho engomado lhe parecia estranho e varonil, estranhamente sedutor. Sentia que seu peito estava tenso e pesado, e com cada respiração aspirava seu quente e característico aroma. Seus dedos se aferravam à taça de champagne, mas carecia de forças para levá-la à boca.

Disse a si mesma que devia indignar-se por sua ousadia. Qualquer outro homem lhe teria dado um lenço, enquanto olhava discretamente em outra direção. Qualquer outra dama teria esbofetead o rosto de Drake. Ou possivelmente não. Possivelmente esta classe de intimidade era algo normal entre marido e mulher. O que é o que faziam exatamente os casais casados na intimidade de seus dormitórios?

Lembrando-se da lasciva escultura de sua escrivanhinha, apertou com força os olhos. Não devia ver-se cavalgando-o, com suas coxas nuas pressionando as dele. Não devia imaginar-se como e onde a tocaria. Para Alicia, o matrimônio não seguia os caminhos convencionais, e sabia bastante antes de conhecer Drake Wilder.

Uma súbita e excitante pressão em seus seios chamou a atenção de Alicia. Baixou o olhar para sua escura cabeça. Estava beijando-a. Em seus seios. Um tremor de temível intensidade a atravessou. Entrelaçou seus dedos em seus sedosos e revoltos cabelos.

—Por favor... não pode fazer isto... não deve.

—Me diga por que lhe desgosta e deterei. Deslizou sua língua pelo vale que afastava seus seios —OH, Deus! Tem sabor de champagne e rosas. Seu sincero prazer lhe tirou o fôlego. Certamente devia estar notando o rápido batimento de seu coração. Situou sua mão sob o queixo de Drake e lhe pôs o rosto sobre um de seus lados.

—Eu não gosto disto. Entende-me? Odeio-o.

Drake a olhou de mau humor. Alicia queria retratar-se de sua cruel dureza e lhe explicar os medos que a atendiam, mas ficou calada. Lentamente, ele se ergueu, enquanto o silêncio se desvanecia com o surdo trote dos cascos dos cavalos e o giro das rodas. Seus olhos azuis como a meia-noite pareciam penetrar no mais profundo de seus segredos. Queria afastar o olhar, mas temia que qualquer concessão debilitasse sua resolução.

—Esta sua relutância — cuspiu — não tem nada que ver com nosso ridículo trato. Ou lhe aborrece meu caráter.

—Não... mordeu um lábio, incapaz de entender por completo por que seus sentimentos por ele tinham experimentado tão sutil doçura. Então, com fria deliberação, levantou a taça de champagne e bebeu um gole. —Não quero discutir sobre isso — disse altivamente. —Basta dizer que será melhor que procure seus prazeres em outro lugar.

—Melhor, para quem? Para você?

Drake, com feições duras e pensativas, inclinou-se ainda mais cercando-a no canto. Seus dedos apertaram quase dolorosamente um de seus ombros.

—Me diga, milady. Está apaixonada pelo Hailstock?

—É claro que não! exclamou. —Como pode imaginar que ele tem algo que ver conosco?

—Foi seu noivo.

—Ele nunca foi meu noivo. É certo que quis casar-se comigo, mas não pude porque... deteve-se, com a garganta encolhida.

—Por sua mãe. O grande miserável queria encerrá-la — sua tensa expressão era cada vez mais pensativa. Drake continuou observando-a, seu cenho se relaxou, e seus dedos massagearam delicadamente sua clavícula.

—Mas não me está contando tudo.

Ele podia ver a silenciosa tormenta que se desatava em seu interior? É claro que não. Os homens eram umas criaturas ignorantes, muito apanhados em seus prazeres egoístas para entender as mais profundas emoções de uma mulher.

—Não há nada mais que dizer, cumpri minha parte do trato, e isto é mais que suficiente — e olhando-o por cima da borda da taça, bebeu desafiante e acrescentou:

—Deve ir e me deixar sozinha.

Drake adotou uma expressão circunspeta.

—Deseja-me. Mas têm medo de...

—Não o desejo.

—Pergunto-me... se tem medo de conceber um filho que possa herdar a loucura de sua mãe.

Sua perspicaz percepção alcançou totalmente a dor enterrada dentro dela. Queria negá-lo, e proteger seus mais íntimos sentimentos dele. Mostrando seus pontos fracos, ficava em suas mãos, sob seu poder. Mas talvez ele conhecesse a verdade. Talvez então a deixasse ir. Dissimulando a dor que sentia, olhou-o nos olhos.

—Muito bem. Tenho medo. Seria uma crueldade trazer para o mundo uma criatura assim.

—Mas estava disposta a assumir o risco a primeira vez que veio ver-me. Ofereceu-se para ser minha amante.

—Não tinha outra opção. Naquele momento sua decisão foi coisa de vida ou morte. Gerald podia ter sido encarcerado por dívidas, mamãe e ela seriam jogadas na rua, condenadas a passar fome. Drake preencheu sua taça, a mão firme apesar do estalo contínuo da carruagem.

—Esteve sempre louca sua mãe?

—A que vem isto?

—Esteve?

Observou-o cautelosamente, e sorveu um pouco de champagne.

—Quando eu era mais jovem... tinha momentos nos quais se comportava mais como uma irmã que como uma mãe. Subia em árvores comigo e me ajudava com os vestidos das bonecas... um sorriso apareceu em seu rosto e morreu. —Sofria também episódios de depressão, lamentando-se durante dias sem parar.

—Contou-lhe alguma vez o que a preocupava?

Alicia negou com a cabeça.

—Papai me proibiu de visitá-la em seus aposentos durante esses dias. Dizia que necessitava de descanso e tranquilidade.

—E sua saúde piorou depois da morte de seu pai.

—Sim. converteu-se... Alicia se engasgou de dor e aflição se desesperava, —no que é agora.

Drake se inclinou para ela.

—Sofreu lady Eleanor alguma comoção em sua juventude, algo tão insuportável que tenha podido abatê-la tanto?

Alicia entreabriu os olhos.

—Se estiver sugerindo que o mal de mamãe não é hereditário...

—Isso é o que estou fazendo realmente. Sua mãe é uma mulher sensível e amável, e posso entender que seu estado foi devido a um trauma de algum tipo. Vi um caso parecido uma vez... sua voz se deteve abruptamente.

—O que quer dizer? perguntou, intrigada apesar de tudo.

Voltando a vista à janela da carruagem, disse:

—Uma vez encontrei uma mulher estendida na rua em Whitechapel, seu marido lhe tinha dado uma surra e a tinha deixado ali para que morresse.

—Deus do céu! vaiou Alicia. —O que aconteceu com a mulher?

—Enquanto se recuperava de suas feridas, passava as horas sentada olhando ao infinito, dia após dia. Posteriormente, começou a recuperar os sentidos. E já vê, algumas pessoas são mais reguláveis que outras. Alicia sabia agora que ele tinha ajudado a uma estranha. Seus pensamentos queriam aceitar a hipótese de Drake, mas por outro lado a rechaçava. Como poderia ele conhecer melhor sua situação que ela mesma?

Alicia começou a perguntar se era possível que seus medos estivessem tomando-a. E que o estado de mamãe pudesse ser o resultado de uma série de acontecimentos anormais e desafortunados. Na verdade, sua mente tinha sofrido um duro golpe com a morte de papai. Mas inclusive antes, sua cabeça estava um pouco longe...

Alicia olhou dentro da taça observando como subiam as borbulhas e arrebentavam na superfície. Era absurdo pensar em alguém que tivesse ferido sua mãe em sua juventude. Pelas histórias que contava, ela tinha desfrutado de uma infância idílica. E agora... Alicia nunca tinha conhecido seus avós, mortos durante uma epidemia de cólera quando sua mãe tinha dezesseis anos. E um pouco depois, Claire, sua melhor amiga, também pereceu. Foram todas estas perdas suficientes para desequilibrar uma garota impressionável?

—Diga-me, no que está pensando?

Levantou o olhar para ver como a observava, a luz lançava sombras sobre suas marcadas feições, e ela tremia de medo ante um impossível acesso de otimismo.

—Acredito que é uma mera conjectura sugerir que meu filho seja como mamãe.

—Está perfeitamente sã, embora seja algo exasperante, e seu irmão também. O que prova que tenho razão — baixou levemente suas pestanas negras, escondendo seus pensamentos. —E se tiver alguma reserva a respeito de minha idoneidade como pai, saiba isto: eu nunca, nunca abandonaria meu filho. Uma vez mais, Alicia percebeu segredos tenebrosos nele. Teria perdido seus pais quando era muito jovem? Sua mãe foi atriz, e não pertencia à boa sociedade, por muito que a senhora Molesworth o pusesse nas nuvens em suas fofocas com a criadagem da vizinhança. Ninguém sabia muito a respeito dele, exceto que tinha saído das classes pobres de Londres, antes de ganhar uma fortuna e montar seu clube.

A expressão de Drake era de uma sutil sedução e seu olhar percorria preguiçosamente seus seios. A promessa em seus olhos de patife a subjugava. Nunca havia visto semelhante propósito nu por ela, um desejo puramente sexual que a amedrontava e fascinava ao mesmo tempo. Como desejava ser uma aluna de seus conhecimentos eróticos...

—Alicia...

A carruagem se inclinou e virou. Drake olhou pela janela.

—Estamos em casa — disse, com um tom de fascinante rudeza — termine o champagne.

O que teria querido dizer? O que a queria além de toda razão? Deveria lhe jogar o conteúdo da taça em seu formoso rosto. Isso esfriaria seu ardor. Pelo contrário, jogou a cabeça atrás e temerariamente bebeu até a última gota.

Capítulo 15

Era inevitável que Drake acompanhasse Alicia até seu dormitório. E inevitável também que fosse ele quem despedisse sua criada, uma tímida criatura, que inclinou a cabeça e saiu como uma flecha do dormitório. E foi também inevitável que ele fechasse a porta e girasse a chave. Uma vela ardia na mesinha de noite, e o fogo crepitava na lareira. A tênue luz envolvia o dormitório em uma agradável intimidade. Na cama, os lençóis estavam preparados, e os travesseiros brancos descansavam macios contra a cabeceira dourada.

Alicia se sentiu apanhada em um estranho sonho. Olhava indefesa e ofegante para Drake, enquanto este punha uma garrafa de champagne em uma mesa de pau-rosa, depois desabotoou a jaqueta e a tirou. Durante todo esse tempo, seu olhar escuro esteve fixo nela. Controlando um tremor, ela levantou a garrafa e se serviu de uma taça. Por uma noite, queria esquecer todas as razões pelas quais ele se equivocava com ela. Queria esquecer o passado e fingir que era um casal de verdade, que desfrutavam da felicidade que seus pais tinham conhecido fazia tanto tempo. Antes que pudesse levar a taça aos lábios, Drake a pegou pelo pulso.

—Já bebeu suficiente.

—Pensei que queria que estivesse alta — disse levantando o queixo desafiante e digna.
—Assim me levarei como você deseja.

—Assim era — admitiu. —Mas mudei de opinião. Quero que veja como sou, plenamente consciente.

Seu breve esforço de rebelião morreu. Não serviria de nada enganá-lo, porque era o homem que a forçou a casar-se. Esta noite se entregaria ao poder de Drake Wilder, jogador profissional, canalha e saqueador de fortunas aristocráticas.

Ele tomou a taça e a deixou na mesa, depois percorreu com suas mãos seus antebraços, acariciando-a suavemente sobre sua pele nua.

—Alicia — murmurava. —Há uma maneira de nos liberar desta obsessão que temos um pelo outro. Uma maneira de acabar com ela. Ela não podia responder. Só podia ficar quieta e muda ante ele.

—Vou fazer amor com você — seguiu, e a confiança de sua voz levantou um inexplicável prazer ao longo de seus nervos. Seus dedos deixavam um rastro de faíscas em seus braços e sobre seus seios. —A tocarei e a beijarei como quero, e quando terminar já não será mais uma virgem. Sentiu-se incapaz de negar. O trato que tinha sido vital para seu orgulho e sua autoproteção não parecia importante agora. Só era consciente do anseio que ardia em seu interior, da necessidade de deitar-se acordada na escuridão, com a mente e o corpo muito cansados para dormir. Se uma noite com ele acabava com esta tortura, o preço valeria a pena.

E podia conceber um filho. Um menino saudável, a quem abraçar, amar e educar. Esta possibilidade resplandeceu como um brilhante farol nas escuras turbulências de seu desejo.

Nunca, nunca abandonarei a meu filho.

Queria Drake um herdeiro para sua fortuna? Muitos homens queriam o mesmo, embora soubesse muito pouco de seus pensamentos, de seus sonhos, de seu passado. Drake estava desabotoando o colete de listas prateadas e jogou o objeto em uma cadeira. Enquanto tirava a camisa, a luz do fogo bronzeava seu largo e musculoso peito cheio de pelo negro. Seu abdômen parecia duro e liso em cima do cinto de suas calças. Tinha a robusta constituição de um trabalhador.

Ela continuava em pé, aturdida ante seu esplendor, atônita ante sua falta de pudor. Esperava que ela se despisse também? Justo aqui em frente dele? Devia pensar que sim. Deu a volta um pouco cambaleante e inspirou profundamente tirando as luvas. Era um estranho para ela. Estavam casados há menos de quinze dias, e há um mês inclusive desconhecia sua existência. E agora ela se renderia a ele de um modo tão íntimo, que nenhuma dama falaria nunca disso. Queria conhecer as paixões da carne, e queria Drake com um desejo devorador.

Um pouco horrorizada de si mesma, aproximou-se da mesinha e deixou as luvas estiradas uma em cima da outra e se inclinou, mas antes que pudesse apagar a luz, Drake a pegou por detrás e a afastou.

—Deixe — disse em voz baixa e áspera. —Desejo contemplá-la.

Virou-se para olhá-lo, e aliviou-a ver que levava postas ainda as calças. Não podia resignar-se ainda a despir-se em frente dele. A ideia era vergonhosa... e secretamente excitante. Atrás dela, Drake lhe desabotoava o traje. Ela permanecia tranquila, estupefata pelos tremores que agulhoavam sua pele. Era extraordinário que um homem lhe atendesse, sentir seus dedos roçando sua roupa interior de um modo tão natural. Baixou-lhe as mangas, e a seda escorregou para baixo com um zum zum.

Com uma calma majestosa que desmentia sua agitação interior, tirou as saias. Tentou agachar-se e recolher o vestido, mas ele deslizou os braços ao redor de sua cintura e a atraiu para ele. Drake beijou seus ombros nus, saboreando-a com a língua, mordiscando-a com os dentes, e quando pôs a palma de sua mão sobre o peito, um calafrio relampejou por suas costas.

—Alicia — disse. —Que bem controla sua atitude, mas a vertigem dos batimentos de seu coração a trai.

Sua pele formigava com uma sensibilidade excitante. Era consciente de que ele penetrava em suas profundidades mais íntimas, intensificando um pulso secreto entre suas pernas.

—Não me comportarei como uma de suas rameiras — disse serenamente.

Drake roçou a face contra seu cabelo, e Alicia notou seu sorriso.

—O que sabe você de como se comportam as rameiras?

—O que sei é como não se comportam: com decoro e pudor. Suas risadas arrepiaram o fino pelo da nuca.

—Minha querida esposa. No dormitório sobram as maneiras.

Não acreditou nele, é claro. Só tinha conhecido prostitutas, não uma dama bem criada. Manteve-se perfeitamente erguida enquanto lhe desprendia o colar do pescoço. Logo, começou a lhe desatar o espartilho e as fitas das anáguas. A roupa interior caiu até que ficou só com sua camisa interior branca de linho. E antes que pudesse sentir um indício de vergonha, virou-a e a beijou. Seus lábios a beijavam com uma delicada pressão a princípio, enquanto suas mãos lhe revolviam o cabelo, e os polegares esfregavam suavemente suas têmporas. Suas línguas se uniram em um prazenteiro beijo, um beijo que quase era doce, como se estivesse controlando o selvagem que havia dentro dele. Tinha sabor de champagne e de escuridão, de segredos que não podia desvelar. Pôs suas mãos sobre seus amplos ombros, sucumbindo à tentação de recostar-se nele, procurando a pressão dos seios contra seu duro peito.

Resmungando algo ininteligível, abraçou-a fortemente. Sua mão procurava seus seios com uma calidez que penetrava através da fina camisa. Desta vez não pôde deter um estremecimento de desejo. Suas bocas se uniam com impaciente urgência, o impulso de sua língua crescia, faminto, exigindo mais. Drake deslizou sua mão dentro da camisa e acariciou seus seios. Quando seu polegar roçou um dos mamilos, ela gemeu, não estava preparada para esse ataque de intenso prazer que percorria todo seu corpo. Ergueu-se, ficando nas pontas dos pés, desejando estar mais unida a ele e frustrada pelas limitações da carne.

Drake gemeu profundamente sobre seu peito, e sua boca esmagava contra ela com um desejo tão feroz que mal podia respirar. Seus sentidos flutuavam vertiginosamente, e movia suas mãos sobre suas formas, incapaz de abranger seu forte corpo, seus músculos de aço. Parecia estar esculpido em pedra, era completamente masculino. Com uma selvagem vontade que a consternava inconscientemente, agradecia as carícias aproximando-se mais, para deixar que lhe baixasse uma das alças e tocasse seus seios nus com a mão.

O desejo ardia em seus olhos, enquanto ele a olhava.

—É uma delícia — murmurou asperamente.

E então, para sua surpresa e prazer, ele inclinou a cabeça e lhe beijou os seios.

Sua boca estava quente e faminta. Um traiçoeiro abandono debilitava suas pernas e fortalecia seu desejo. Era incapaz de conter seus ofegos de prazer, só podia abraçar fortemente Drake. Com a cabeça nas nuvens, pensava que ele tinha razão: não podia fingir indiferença. Desejava-o em corpo e alma.

Levantou-lhe a camisa pela cintura, e percorreu com sua grande e masculina mão as coxas nuas e as nádegas. Estava muito extasiada para protestar. Enquanto ele punha a mão entre eles e tocava os apertados cachos entre suas pernas. Em uma longínqua parte de seu ser, Alicia sabia que devia sentir-se humilhada por suas incríveis liberdades, mas à medida que ele a acariciava com seus dedos peritos, um prazer desenfreado despertava em seu interior. Uma paixão que a fazia estremecer e dobrar-se contra ele. O desejo crescia e lhe abrasava até que pensou que poderia morrer por ele.

—Drake, pare... por favor... não posso suportar.

Sentiu então a dor da perda quando ele se deteve, e a empurrou para trás até que suas pernas tocaram a beira da cama. Enquanto ele a sentava, ela se pendurou em seu pescoço; suas entranhas estavam ainda atadas a suas maravilhosas carícias. Drake retirou as mãos de sua nuca, e enquanto se afastava para trás, o desalento a invadiu.

—Isto é tudo? perguntou Alicia. —Deixa-me?

Apertou os dentes com força, sorrindo duramente. Seu olhar a abraçava. Desabotoou as calças.

—Ainda falta muito para que termine, milady.

A boca de Alicia estava seca. Sabia que não devia olhá-lo enquanto tirava as calças, mas não podia afastar a vista do primeiro homem nu que ia ver. Seu tamanho lhe infundia respeito, embora ao mesmo tempo sentisse um calafrio de alerta. Drake lhe pegou o queixo com a mão e levantou seu rosto para lhe dar um terno e premente beijo.

—Diga que me deseja — vaiou entre dentes. —Diga.

—Desejo-o — disse fracamente, enquanto seu desejo aumentava. —OH, Drake! Desejo-o tanto.

Sua respiração assobiou entre seus dentes. Drake puxou a camisa, as frágeis fibras se rasgaram enquanto ele a tirava de um puxão por cima de sua cabeça. Quando o último vestígio de pudor de Alicia desapareceu, uma sensualidade insensata envolveu seu corpo. Ela deslizou na cama, os lençóis frios contra sua pele quente. Agora. Agora ele a atrairia para ele como o casal esculpido da estátua...

Deitou-a nos travesseiros e se colocou em cima dela, lhe deixando sentir o poder do corpo de um homem. Ela descobriu o pulsar da carne contra a carne, e então a beijou de novo com uma violência que ultrapassou seus mais românticos sonhos. Durante todo esse tempo, ele a acariciava no mais íntimo, com ternura, de tal maneira que a fazia gemer e retorcer-se, levando-a a beira do abismo.

Abriu-lhe as pernas com seus beijos, lhe acariciando tranquilamente os quadris. Através de uma nuvem de paixão, sentiu uma invasão prévia, muito grossa e quente para ser seu dedo. Intuíu seus propósitos, e ela se regozijava neles. Assegurando suas pernas contra o colchão, inclinou-se para trás para recebê-lo. Um grunhido selvagem saiu de sua garganta, e com um veloz empurrão rompeu sua última defesa.

Uma breve punhalada de dor se mesclou com um assombroso sentido de plenitude. Apoiou-se sobre seus antebraços, o peito brilhava de suor à luz da vela, e os olhos cintilavam na dura beleza de seu rosto.

—É minha — murmurou. —Só minha.

—E você é meu, também.

A feroz promessa saiu dela sem pensar. Estavam os dois em frente um do outro, ofegando. Algo brilhou nos olhos de Drake, algo mudo que ela não podia decifrar; e tampouco compreendia a si mesma. Só sabia que uma cadeia se forjou entre eles, um laço que lhes atava além da carne. Se lhe pertencia, pertencia a ela. Algo tão simples e complicado como isto.

Erguendo a mão acariciou suas faces, a expressão de Drake se obscureceu de paixão e, movendo a cabeça, beijou a palma de sua mão. Então, ele começou a mover-se. Alicia fechou os olhos para saborear essa incrível intimidade, esse inimaginável prazer. O calor que sentia dentro ardeu em uma frenética e abandonada urgência, ela se partia em duas sentindo-o, retorcendo-se, e procurando algo que não podia nomear. Alicia gritou, e Drake também, um momento antes que ela se afundasse, sem fôlego, nas ondas do êxtase. Um arrebatamento impossível a envolveu, e o sentiu dentro dela como se fossem uma só pessoa, um só coração, uma só alma.

A visão do céu ia desvanecendo-se, deixando-a saciada e relaxada. Durante um longo momento jazeram entrelaçados enquanto sua respiração recuperava a normalidade e seus corpos esfriavam. Ela se abandonou em uma doçura que jamais tinha experimentado. Um dos braços do Drake descansava sobre seu peito, e seus dedos acariciavam seus seios. Pesava, mas era quente... queria estar deitada com ele para sempre.

Deve ter dormitado, porque o seguinte que viu foi ele inclinando-se sobre a cama e deslizando seus braços sob seu corpo magro. Quis protestar, ansiava permanecer no calor da cama, mas ele simplesmente sorriu e a levantou entre seus braços.

Enquanto Alicia abraçava Drake, um ruído longínquo lhe chamou a atenção. Percebeu que a porta que conectava seus dormitórios estava aberta.

—A chave — exclamou. —Como encontrou a chave? Com um sorriso de suficiência respondeu:

—Não a encontrei — disse. —Tinha outra no bolso da jaqueta.

Assim ele podia ter entrado em seus aposentos quando quisesse. Uma preocupada sensação de vulnerabilidade assaltou Alicia. Estava a sua mercê, sempre esteve a sua mercê, e agora que ele tinha ganhado as apostas mais altas do desafio e a tinha seduzido, cruzaria essa porta todas as noites?

Para sua vergonha, ela o desejava. Ruborizou ao recordar tudo o que tinham feito juntos, a forma como a havia tocado. Escravizada pela paixão, perdeu o controle, gemendo e retorcendo-se debaixo dele, abandonando sua dignidade em uma incauta necessidade de unir-se a ele, de apagar os apetites da carne.

—Não — grunhiu ele.

Inclinando sua cabeça para seu peito, olhou-o estranhando.

—Não, o que?

—Não ponha essa cara de rigorosa, minha orgulhosa dama. Esta noite, essa dama não existe.

Empurrou a porta com os ombros e a levou dentro de seu dormitório. Alicia estremeceu com sua conduta dominante, embora uma parte dela desejasse a segurança familiar de seu orgulho.

—Besta! — murmurou.

—Bela — respondeu ele com um tom tão sedutor que encheu de calafrios sua pele. — Esta noite não escapará de mim.

Sua escura promessa aninhou calidamente nela. Enquanto ele cruzava seu dormitório, aquele ruído crescia em intensidade, e soava curiosamente como... a água caindo? Drake a levou através de outra porta e entraram em um aposento decorado como uma gruta com estátuas colocadas entre samambaias e colunas. Umas velas ondulavam nos nichos, acrescentando um sutil resplendor ao lugar. A água caía de uma fonte com forma de boca de golfinho. A cascata se precipitava em uma piscina redonda e o vapor se erguia em uma fina neblina que umedecia sua pele.

—Um banho romano? disse maravilhada. — Com encanamentos?

—Para o deleite de minha dama.

Levou-a até os degraus e a deixou em um assento esculpido em mármore por debaixo do nível da água. Umas pequenas ondas lhe acariciavam os seios, enquanto o calor a envolvia relaxando seus músculos e suavizando a ligeira dor onde os dois se fundiram em uma só pessoa.

Desavergonhadamente nu, vadeou até o grifo da fonte e o fechou. Com uma rapidez que a surpreendeu, inundou a cabeça na água e mergulhou até emergir em frente dela como um Netuno saindo da água. As gotas deslizavam por seu magnífico e musculoso peito e escorregavam sobre seu abdômen liso, caindo na água, onde sua superfície ocultava a parte mais intrigante de sua anatomia.

Os sentimentos brotavam por algo mais que o banho; levantou o olhar para ver seu confiante sorriso. O grande canalha, sabia perfeitamente o efeito que causava nela, mas lhe devolveu o sorriso, assediada por uma onda de felicidade completa. Deixou que suas dúvidas flutuassem sobre a murmurante e acolhedora neblina. Não pensava deixar-se levar por reflexões esta noite. Só queria sentir prazer com sua varonil atitude.

Penteou-lhe o molhado cabelo com seus dedos, as lisas mechas resplandeciam como seda negra à luz das velas. Logo, ele se sentou a seu lado e inclinando-se para ela brincou com seu cabelo. Teve o efeito de uma estranha carícia.

Que estranho era estar reclinada e nua em uma banheira com seu marido. Seu marido. Agora sim estavam verdadeiramente casados, tinham consumado sua união. Com o coração cheio de felicidade, disse suavemente:

—Grande vida de maravilhosa decadência leva, senhor Wilder!

—Grande vida de decadência vai levar também, senhora Wilder!

Em seu olhar jazia a promessa de prazeres vindouros. Pensava sonhadora, que não era estranho que as jovens damas fossem umas ignorantes a respeito das práticas do amor, porque se não as ansiariam com veemência todas as horas.

Com um brilho nos olhos, pegou um pedaço de sabão e fez espuma em suas mãos. Lentamente lhe massageou os seios, deslizando os dedos sobre sua lisa pele, seus polegares lhe acariciavam os pontos mais sensíveis até que os seios lhe doeram e endureceram. Enquanto o desejo crescia nela, acomodou-se com as mãos no assento para não cair na água.

As mãos do Drake se moviam cada vez mais lentamente, acariciando seu ventre e suas coxas com um cuidado infinito.

—Que suave e delicada é — murmurou. —Devo ter lhe feito mal.

—Não, estou bem — assegurou ela. —De verdade, estou bem.

Levantou uma sobrancelha.

—Minha muito amada milady. Tomei-a como um selvagem. A próxima vez serei muito doce. Agora, recline-se e relaxe.

Uma gota de água deslizava por suas cinzeladas feições. Repentinamente, Alicia se endireitou e a apanhou com a língua. Saboreava ligeiramente a sal pensou, enquanto aspirava seu excitante e úmido aroma.

—Eu gosto do que me fez — disse. —Não trocaria um só momento. Seus olhos resplandeceram com um azul escuro misterioso em seu rosto moreno.

—Alicia.

Então ele pôs a mão exatamente onde Alicia queria. Seu olhar sustentava o dela enquanto a excitava. Suaves sons de regozijo saíam de sua garganta. Ela se abandonou nas preguiçosas carícias de seu dedo, a lenta ascensão da tensão, o quente fluxo da água contra seus seios. Nunca teria se reconhecido como uma criatura sensual ou imaginado que uma mulher pudesse sentir tais prazeres. Febril de impaciência, levantou as pernas para ficar escarranchada em cima dele, com os seios molhados contra seu peito, seu enfermo centro contra sua dureza. Enfim, entendeu o êxtase desta posição; deu-lhe a liberdade de mover-se em cima dele.

Ofegando seu nome, pegou seus quadris e com um selvagem movimento ascendente a penetrou. A água se esparramava a seu redor, seus lábios se fundiram em um beijo ardente e seus corpos excitados procuravam a cúpula do prazer. Quando tudo acabou, caiu rendida e debilitada em seus braços. Sua boca percorreu sua fronte deixando um rastro de lânguidos beijos, e depois de uns longos momentos tirou-a da banheira, envolvendo-a em uma suave toalha. Inclinou a cabeça sobre seu cabelo e aspirou profundamente.

—Tornou-me meio louco com seu desejo — disse asperamente em voz baixa. —Ainda não tenho suficiente. Dormirá comigo esta noite.

—Sim — respondeu ela roucamente.

A tomou entre seus braços e a levou à sua cama. Os lençóis refrescaram sua excitada pele. Apagou a vela da mesinha e se deitou a seu lado, lhe aproximando do calor de fogo de seu corpo.

Sonolenta e satisfeita, se aconchegou contra ele na escuridão, a cabeça apoiada em seu grande ombro. O braço do Drake descansava pesado e possessivo sobre seu estômago, e como em um sonho, ela sentiu sua língua contra sua testa, seus lábios procuravam lentamente um caminho sobre seu corpo até que abriu suas pernas com o beijo mais íntimo de todos. Fez-lhe o amor tão lenta e docemente que quase a fez chorar pela beleza do mesmo. Exercia uma autoridade tal sobre seu corpo que quase lhe atemorizava por sua intensidade. E no tranquilo depois, enquanto caía rendida pelo sono, manteve-a rodeada fortemente com seus braços, como se ele tampouco pudesse suportar que a noite tivesse fim.

Capítulo 16

Um raio de luz despertou Alicia. O resplendor do sol atravessava uma pequena ranhura das persianas fechadas. Sentou-se, dando uma olhada ao aposento em penumbra. Uma ampla cama com uma enrugada colcha azul. Mobiliário escuro e masculino. Tinha adormecido com seu marido pela primeira vez. Onde teria ido?

O aposento permanecia em sombras, e o travesseiro que tinha atrás lhe devolvia seu aroma. Apertando-o contra seus seios, deixou que as lembranças da noite anterior fossem a sua mente. Nunca tinha imaginado que pudesse haver se comportado com semelhante ardor desatado. Uma dor interior era testemunha da selvageria de suas uniões.

Drake lhe fez amor três vezes e suas carícias tinham atravessado seu habitual decoro. Ruborizava ao recordar quão rapidamente caíram suas defesas ante seus ataques sensuais. Em seus braços, convertera-se em outra mulher, em uma criatura carnal; já nunca mais seria uma dama. A memória inquieta despertou de tudo. Piscou para o suave tic-tac do relógio que havia no aparador da lareira de mármore. Piscou de novo. Duas em ponto?

Tinha dormido durante toda a manhã e não levava em cima nada de roupa.

Desorientada, tirou de cima os cálidos lençóis. Estava intumescida. Poderia voltar para seus aposentos sem que a vissem? Ali haveria alguma criada, costurando, limpando ou recolhendo a roupa interior desordenada sobre o tapete; as provas de sua sedução.

Pegou rapidamente uma manta para cobrir-se, e então viu algo atirado aos pés da cama: seu penhoar de seda branca, e ainda em cima dela uma rosa vermelha perfeita. Algo enternecedor a fez engasgar-se. Drake. Devia ter deixado tudo assim antes de ir ao clube. Recolhendo a flor, fechou os olhos e aspirou seu delicioso aroma. As pétalas de veludo roçaram sua pele com o eco de uma carícia. Suas carícias. Ainda a desejaria depois de ter passado a noite juntos? Ou agora que já tinha sido sua, voltaria com suas prostitutas?

O coração lhe doía enquanto vestia o penhoar. Não devia esquecer que os juramentos significavam muito pouco para ele. Era um homem encantador, e ela se casara com ele para evitar o desastre. Era um canalha que sabia como agradar uma mulher. Achava que as faíscas que houve entre eles não eram mais que uma obsessão sexual.

Tornou-me meio louco com seu desejo. Ainda não tenho suficiente.

Suas dúvidas se desvaneceram em meio de um temerário ataque de desejo. Como podia a luxúria explicar o torvelinho que sentia em seu interior e o desejo de desvelar todos seus segredos? Queria conhecer seus pensamentos, suas esperanças, seus sentimentos... E aí estava o perigo. Quão último ela queria lhe dar era seu coração.

Durante toda sua vida, Alicia só tinha contado seus problemas a uma pessoa. Hoje precisava falar com alguém que conhecesse bem a mamãe, para saber se seu estado tinha sido produzido por algum fato traumático. Mas justo no instante no qual entrava no vestibulo do Pemberton House a última hora da tarde e topou com a senhora Molesworth, soube que todas suas preocupações se desvaneciam.

A cozinheira gotejava ao familiar aroma de farinha, seus dedos gordinhos se moviam sem parar sobre o avental.

—Milady, veio ver-me, e precisamente hoje entre todos os dias do ano!

—Deveria ter trazido mamãe, sabe, mas lhe prometo que o farei logo — disse Alicia algo culpada. Deteve-se, dando-se conta pela primeira vez dos tapetes que cobriam o chão do salão. Havia um andaime pego a uma das paredes e um pintor trabalhava na plataforma. Com a broxa acima e abaixo pintava de amarelo o gesso cinza descolorido. O acre cheiro de pintura se notava no ambiente e um distante martelar ressoava em algum lugar escada acima.

—O que está se passando? perguntou. —Gerald não pode pagar uma reforma.

—É seu senhor Wilder quem paga as faturas, milady. Para arrumar o desvencilhado corrimão da escada e o resto das reparações. E vai haver mesas e cadeiras e todo tipo de móveis muito em breve.

Seu coração se enterneceu. Era outra das boas ações de Drake. Embora, é claro, ele diria que se limitava a conservar suas propriedades.

—Onde está Gerald? Voltou já para casa?

—Foi-se, milady. Dormiu até o meio-dia, e saiu mal faz meia hora.

—Não entendo — se seu irmão trabalha em um banco, por que ficava até tão tarde dormindo? Teriam despedido-o? E havia outra possibilidade que o aterrorizava.

—Está doente? Deveria me ter mandado uma nota imediatamente.

A senhora Molesworth negou tão veementemente com a cabeça que a touca quase sai disparada.

—Nem pensar, está são como um boi. Mas temo que possa haver outro problema — e tomando a Alicia pelo braço a levou apressadamente à biblioteca. Olhou a seu redor como se esperasse que saltasse um espião de detrás das desbotadas cortinas, e com um nervoso sussurro disse:

—É lorde Hailstock.

—O que quer dizer?

—Que está aqui, milady. Chegou faz uns minutos — e pondo as mãos em seus amplos quadris, a senhora Molesworth franziu os lábios. —E está bisbilhotando no escritório do conde.

Era um aposento com painéis de carvalho situado na parte traseira da casa. Ali, durante gerações, os condes de Brockway levaram seus negócios; o estúdio pertencia agora a Gerald, embora com as atuais posses familiares haveria pouco no que ocupar-se, exceto faturas, claro está. Sentiu-se incapaz de vender aqueles móveis. O escritório guardava muitas lembranças de estar sentada ao lado de seu pai, enquanto este lhe contava contos de cavalheiros e dragões, ou de ir a ele correndo quando se machucava para que lhe secasse as lágrimas. A dor a atendia. É claro, não se dava conta naqueles tempos, da inépcia de seu pai para dirigir assuntos de dinheiro. Ou de sua fraqueza pelo jogo...

A porta estava entreaberta e a empurrou para entrar. Bolinhas de pó dançavam a luz do sol do entardecer, e parecia que no ar permanecia um rastro do aroma do tabaco do cachimbo de seu pai. O escritório parecia estar como sempre, espartano e masculino, com cômodos assentos de couro e cortinas marrom escuro.

Lorde Hailstock estava inclinado atrás da escrivaninha de carvalho, e tinha um braço metido quase até o ombro em uma gaveta aberta, como se estivesse procurando algo escondido muito ao fundo. Seu olhar encontrou com o dela e seguiu adiante. Alicia estava atônita vendo sua postura tão pouco ortodoxa, com um estranho ar furtivo. Avançou para a escrivaninha.

—Milorde, que diabos está fazendo?

Levantou-se, sacudindo a fina jaqueta cinza. Seu cortês sorriso parecia forçado enquanto rodeava a escrivaninha e caminhava para ela.

—Milady, grande susto me deu.

Ainda surpreendida, Alicia fez uma reverência.

—Posso lhe perguntar se encontrou algo?

—Em realidade, não — o marquês riu timidamente. —Há algumas cartas que escrevi a seu pai faz muito tempo, e me perguntava se ainda se conservavam.

—Olhei seus papéis depois de sua morte e não recordo nenhuma carta sua.

Embora lorde Hailstock fosse amigo da família desde que ela podia recordar, Alicia não acreditou absolutamente em sua explicação. Por que um homem tão importante se rebaixaria a bisbilhotar no alheio?

—Não me importaria voltar a revisá-los, se quiser.

—Não se incomode, me perdoe. Foi um impulso tolo e sentimental o que me trouxe aqui.

—É claro — a educação a manteria afastada do assunto, e possivelmente estava fazendo uma montanha de um grão de areia. Não importava.

—Ficará para tomar o chá?

—Obrigado, mas não quero lhe impor mais minha presença.

Enquanto ele a estudava atentamente da ajustada jaqueta curta até a saia verde pálida, uma sutil sombra escureceu seu rosto.

—Se me permite dizê-lo, está extraordinariamente formosa hoje. Há uma doçura em você que não existia ontem.

O baile. Quase o tinha esquecido depois dos tumultuosos acontecimentos da noite. As ardentes lembranças lhe ruborizaram as faces e afastou o olhar como se ele pudesse adivinhar que se comportara licenciosamente.

—Foi um prazer vê-lo no baile dos Cuthbert. Tomara tivéssemos tido mais tempo para conversar, mas Drake e eu...

—É Wilder, verdade? Hailstock lhe pegou os braços. —Conquistou-a.

—Por favor — gritou. —Está me machucando.

Apertando os lábios, soltou-lhe os braços, deixando que caíssem livremente nos flancos.

—Me perdoe, querida. É que me preocupa que abuse de você. É um vulgar canalha.

—Ele é um cavalheiro — disse Alicia, surpreendendo-se de sua ferocidade. Não suportaria que este altivo aristocrata menosprezasse a seu marido. Hailstock devia ter feito isso no baile, e assim se explicaria a animosidade que tinha visto entre eles.

—Não posso negar que Drake me obrigou a me casar com ele. Mas já passou. E depois, ele foi todo amabilidade e generosidade para minha família e eu.

—Já vejo — disse lançando um frio olhar a Alicia—, certamente não têm a menor ideia do que seu amável e generoso marido fez com Gerald. Ou onde passa o tempo estas últimas noites.

Engolindo sua ira, Alicia sentiu medo.

—Não jogue de adivinhações. conte.

—Como desejar, embora tivesse preferido protegê-la de tão pouco delicado assunto — sua boca se curvou com desprezo. —Veja querida, Drake Wilder tentou de novo seu irmão com as mesas de jogo.

Como de costume, Drake entrou no clube as seis em ponto da tarde para comprovar se tudo estava preparado. No salão principal, a maior parte das mesas redondas estavam vazias devido ao cedo da hora. Saudou com a cabeça a um crupier que contava fichas, porque o uso de moedas não era permitido. Para evitar problemas, todas as dívidas e créditos se registravam em uma escrivadinha debaixo do corredor, conhecida jocosamente como a Tesouraria do Diabo.

O aposento estava decorado com elegante bom gosto, altas colunas de mármore de Siena e cortinas verde bosque cobriam as janelas. Para manter a atenção concentrada no jogo, nem pinturas, nem espelhos adornavam as paredes verde claro. Nas lareiras que havia de ambos os extremos do salão ardiam alegremente fogos, e cadeiras de couro bem almofadadas animavam aos cavalheiros a aproximar-se das mesas. O vinho se servia grátis, como outro motivo para apostar. Em circunstâncias normais, teria desfrutado fazendo a ronda, mas hoje só deu uma olhada superficial ao salão. Na mente, seguia vendo Alicia esta manhã aninhada contra ele dormitando, suave e rosada, como uma mulher bem satisfeita. Seu desordenado cabelo loiro era como seda entre seus dedos, e tinha tido o feroz desejo de enterrar-se dentro dela para que despertasse possuída por ele.

Em vez disso, tinha saído da cama. Já a havia possuído bastante e não havia nenhuma razão para seguir ali.

Ela o tinha surpreendido de verdade, sua aristocrática esposa. Debaixo de sua fria elegância jazia uma mulher quente e sensual. Era virgem, e ele tinha tentado domá-la suavemente. Mas sua ansiedade o tinha feito reagir com toda a finura de um touro selvagem. Nunca antes tinha experimentado tão incontrolada necessidade de fazer amor a uma mulher. A paixão que sentia por ela o dominava, quando estava acostumado a ser ele quem tinha o controle. Inclusive agora, sentia a violenta urgência de marcar a sua presa da forma mais primitiva: queria deixá-la grávida, ter um filho dela, seu filho.

—Né, aqui, Wilder!

Drake dirigiu sua atenção a um par de cavalheiros, um deles alto e gordo, e o outro baixo e maciço, que estavam em uma mesa perto da porta do salão. Embora a maior parte da clientela chegasse à uma hora mais tardia e distinta, uns poucos sócios já se dispersavam pelo clube. Infelizmente, estes dois eram uns imbecis. Ocultando sua irritação atrás de um sorriso cúmplice, caminhou para eles.

—Keeble, Duxbury. Espero que não estejam em nenhuma confusão.

O visconde Keeble bateu em sua proeminente barriga.

—Estávamos a ponto de nos deixar cair pela sala de jantar para dar boa conta do fabuloso rosbife que prepara o chef. E íamos fazer isso, quando Ducks me fez uma aposta.

—Apostei cinquenta guinéus que acabará acorrentado ao matrimônio antes que eu — disse Duxbury, interrompendo a seu amigo, sorrindo estupidamente com seu rosto de menino,

enquanto assinalava um livro aberto, onde os sócios registravam este tipo de apostas. Se quer ser testemunha, Wilder.

—Sinto desejos de achar uma herdeira com o ninho bem forrado — disse Keeble, esfregando as mãos com fruição. —E se o consigo terá seus cinquenta guinéus Ducks, mas eu as terei a cestas. Duxbury lhe deu uma cotovelada nas costelas.

—Possivelmente nós dois encontremos uma pipoca bem cevada, e assim seríamos pássaros da mesma conta.

—Melhor isso que ser uns pássaros bobos. Olharam um ao outro e riram, cacarejando como galinhas. Que Deus tenha piedade da mulher que se case com algum desses idiotas, pensou Drake. Logo, tomou a pena, introduziu-a no tinteiro e rabiscou sua assinatura debaixo das outras no livro de apostas.

—Cavalheiros, se me desculparem.

—Um momento — disse Keeble, com olhos ávidos debaixo de seus finos cachos castanhos. — Inteiramo-nos que devemos felicitá-lo por sua recente ascensão social.

—Você apanhou uma boa ave. E os dois puseram-se a rir outra vez como idiotas.

Drake os pegou pelas lapelas, dominado por uma gelada tensão. Os dois janotas sentiram cortar a alegria e ficaram boquiabertos. Keeble, baixo e com as faces gordas, Ducksbury, alto e com a boca frouxa.

—Não voltem a referir-se a minha mulher nesses termos — disse Drake com tirante cortesia. —Está claro?

—De acordo — gaguejou Keeble. —Era uma brincadeira, velho amigo. Não é preciso perder os estribos.

Drake soltou-os, e os dois escaparam como ratos, escorrendo-se na sala de jantar.

Esses imbecis de cérebro de mosquito... dizia-se Drake. Estava ainda ressentido pelas insinuações de que Alicia tinha descido na escala social casando-se com ele. Ela se beneficiou da união tanto como ele... além do dinheiro. Se não fosse por ele, seria ainda uma solteirona amargurada em lugar de uma mulher bem satisfeita. Lembrava-se do forte desejo carnal que o assaltou ao despertar; queria pavonear-se de orgulho por sua conquista, mas tinha a incômoda sensação de que era ela quem o tinha conquistado.

OH, Drake!... quero-o... eu gosto do que me faz... Não trocaria um só momento.

Essas suaves palavras tinham ainda o poder de aniquilar sua razão e sua lógica. Uma única noite não lhe deixou satisfeito, e ainda ardia de desejo por ela. Necessitava-a com tão urgente loucura que desafiava sua compreensão, e não existia razão alguma para não se dar o gosto. Dirigiu-se à porta principal através do vestíbulo a grandes passadas. O clube podia funcionar sem ele durante algumas horas. Certamente, Fergus grunhiria e protestaria pelo trabalho extra, mas sobreviveria.

Drake era agora o chefe, e não havia ninguém mais a quem queria dominar que a sua esposa. Daria-lhe as boas-vindas em sua cama? Ou se comportaria como uma puritana afetada

outra vez? Não esperaria para sabê-lo. Quando se aproximava da porta de vidro mate abriu, Drake reagiu rápido e a deteve com a mão.

—Que diabos...?

Engoliu o seguinte ataque e se deteve ali mesmo ficou gelado. Como se tivesse sido invocada pela mais escura força de suas fantasias, Alicia entrava no clube. Avançava como um exército, pensou Drake, admirando o rangido de sua saia enquanto ela se virava para encará-lo. Uma jaqueta apertada ressaltava seus seios e marcava sua magra cintura. Esticada, franzia os lábios, e seu olhar era gélido. Ah, era a puritana! Muito melhor. Desfrutaria seduzindo-a de novo. Como uma perfeita aristocrata arrogante, levantou o queixo, ergueu uma sobrancelha e, sem preâmbulos, perguntou-lhe friamente.

—Onde está meu irmão?

Assim já se inteirou. Imperturbável, beijou-lhe a suave face.

—Boa tarde a você, querida. Virou o rosto.

—Não esbanje seus encantos comigo. Conheço o miserável que existe sob sua atitude masculina.

—E eu sei que beleza se esconde debaixo dessa mulher ultrajada. Aproximou-se para acariciá-la, mas o rechaçou com um tapa.

—Não trate de usar seus vis estratégias — disse em voz baixa. —Inteirei-me que está corrompendo meu irmão.

Drake estava tão surpreso por sua primeira afirmação que quase não ouviu a segunda. Vis estratégias? Estratégias? Com um rápido movimento, puxou-a pelo braço e a conduziu por uma ampla escadaria através de um corredor até seu escritório fechando a porta com uma batida.

—Detesto os dissimulados jogos femininos — declarou. —Deveria sabê-lo já.

Alicia se afastou dele.

—Não. Joga um jogo de homens tentando aos incautos em seu clube.

—Seu irmão já é grande para saber o que faz.

Ela franziu o cenho, tão bela estava que sentiu vontade de beijá-la até deixá-la sem sentido.

—Assim admite que o induziu de novo a vir aqui.

—Ofereci-lhe um trabalho no clube, e teve a inteligência de aceitá-lo.

—Um trabalho — zombou. —Não é isso o que me contou lorde Hailstock.

A ira começou a lhe arder no peito, e a encurralou contra um canto do escritório. Ela tratou de livrar-se, mas Drake a pegou pelos braços e lhe disse irritado.

—Quando viu Hailstock?

—Me solte — disse, tentando inutilmente se livrar dele. —Não deixarei que me intimide!

—Então, responda a minha pergunta.

—Encontrei-o em Pemberton House.

—Que demônios estava fazendo ali?

—Tinha ido... recolher alguns papéis velhos no escritório de meu pai — o olhar titubeava lentamente, sinal seguro de que ocultava algo.

Com um tom de voz ameaçador, Drake exigiu:

—Atreveu-se a lhe tocar?

—É claro que não. Ele me trata como a uma dama — disse olhando diretamente aos dedos de Drake que pegavam seu braço, e com os olhos azuis brilhantes de desprezo disse. —E eu gostaria de saber o que têm contra sua senhoria.

Obrigou-se a afrouxar a pressão. Devia ser cauteloso, se não quisesse que ela adivinhasse a verdade.

—Não lhe direi. Recorde isto.

—Pois eu não tolerarei que meu irmão jogue mais neste clube. Impedirei que continue aqui imediatamente.

—Não está no clube para contrair dívidas. Tem um posto respeitável.

—Respeitável? grunhiu ela. —Esta é uma casa de depravação. O que está fazendo? Cobrar as dívidas não pagas aos que você depenou?

Ele punha em bandeja de prata.

—Se me permitir que lhe recorde, senhora, esta casa de depravação é a que paga seu vestuário, sua casa e sua carruagem. Minhas riquezas mantêm fora do manicômio sua mãe e seu irmão fora do cárcere.

—E ele acabará na prisão se você animá-lo a afundar-se nas dívidas de novo.

—Dei-lhe uma razão para viver. Se não me acredita, pergunte a ele. Deve estar embaixo, na sala de jantar.

—E depois acabará nas mesas de jogo — disse amargamente. —Como se arrumará desta vez? Já não sobra mais irmã para lhe entregar.

Sentiu o violento desejo de parar seus insultos da melhor maneira que conhecia: deitando-a sobre a escrivaninha e montando-a.

—É uma pena então. Poderia ter fechado um bom trato para quando me cansasse de você.

Alicia respirou tão profundamente que levantou seus seios sedutoramente.

—É abominável.

—E você é muito pouco razoável. Se tivesse o mínimo bom senso, permitiria que Gerald tomasse suas próprias decisões.

—Não está decidindo por si mesmo; está escutando você — replicou Alicia. —Como todos os homens, ele seguirá o caminho da tentação.

—Acaso não sabem as mulheres nada de tentações?

Estimulado, Drake a estreitou contra seu corpo, deixando que sentisse seu abraço. Irritava-lhe que ela pudesse apanhá-lo enquanto menosprezava tudo o que ele tinha construído.

—Temo que seja muito tarde para me persuadir que todas as damas são uns anjos, puros e etéreos, incapazes do menor ato luxurioso.

Um rubor delicado apareceu nas faces de Alicia, inclinou para trás a cabeça e o olhou sinceramente, com os dedos enluvados nos quadris.

—Falamos de apostar, não de fazer amor.

—Ah, mas a luxúria é um tema mais fascinante!

Demonstraria de novo que ele era o professor. Pôs-lhe as mãos nos seios, massageando-a através da jaqueta, o vestido e o espartilho. Embora ela permanecesse rígida, baixou as pestanas lentamente e abriu os lábios.

—Besta — disse. Um tremor se delatava em sua voz. —Me solte.

—Querida — disse zombeteiramente. —Nunca a deixarei.

Apanhando-a contra a escrivaninha, beijou-a sensualmente, usando todas suas habilidades para arrancar uma resposta dela. Alicia levantou as mãos como se quisesse afastar-se, entretanto, seus dedos agarraram a camisa de Drake e, ficando nas pontas dos pés, esfregou-se contra ele, lhe oferecendo seus lábios abertos. Ela era doce e voluptuosa. Beijou-a profundamente, acariciando-a com a língua, até que gemeu de prazer e ardeu de desejo. Sua rápida rendição o tornou louco. Queria senti-la, carne contra carne. Queria meter-se dentro dela. Queria livrar-se do poder que ela tinha sobre ele. Agora, puxou suas saias, só para cambalear para trás pela força do empurrão que lhe deu. Desorientado pela paixão, Drake tentou agarrá-la, mas ela deslizou por debaixo de seus braços e saiu, disparada como uma flecha, pelo escritório.

Caminhou majestosamente atrás dela, e quando Alicia tratou de abrir a porta, ele plantou sua mão em um dos painéis de carvalho.

—Pelo amor de Deus, Alicia...!

Virou-se para encará-lo. A expressão enlouquecida sossegou-o, ao ver seu olhar cativo de lágrimas sem derramar.

—Não o suporto — disse aturdida e amargurada. —Não, sabendo o que fez a meu irmão.

Drake se sentiu desarmado ante suas lágrimas. Queria consolá-la, e a pesar do efeito que causava nele, exclamou:

—Não fiz nada. Se entendesse que...

—Não. É você que têm que tratar de entender — disse grosseiramente com olhar duro.
—Meu pai se deu um tiro. Afundou-se tanto em suas dívidas de jogo que não pôde olhar mais o rosto de seus familiares. E eu tenho medo... de que Gerald possa fazer o mesmo algum dia.

Capítulo 17

Alicia tentou manter a tranquilidade enquanto descia pela escada de serviço. Seus passos ressoavam pelo estreito corredor e em cada patamar um spot iluminava o lugar, embora felizmente o lugar estivesse deserto.

Descia, desfeita, pelos degraus de madeira, e enterrando o rosto entre as mãos conteve as lágrimas que transbordavam de seus olhos. Não se entendia a si mesma. Como podia desejar um homem que vivia da rapina dos mais débeis? Como tinha permitido que a paixão dominasse seu ódio ao jogo?

Não tinha querido espetar a verdade ao Drake. Poucas pessoas conheciam a exata natureza da morte de seu pai, e foi ideia de lorde Hailstock ocultar a horrorosa realidade. Ela, aflita pela dor, lhe permitiu dirigir todos seus assuntos, arrumar os papéis e pagar suas ruinosas dívidas. O tiro se atribuiu a um roubo frustrado, e se as pessoas suspeitaram, ela nunca soube. Dedicou todos seus esforços a cuidar de sua mãe, que havia se tornado completamente louca de pena, e a consolar Gerald, um menino assustado de treze anos.

Sentou-se durante um momento, chorando. Então, no piso de cima, abriu uma porta, e ouviu passos fortes descendo as escadas. Drake? Levantou-se como uma mola, soluçando e limpando-as faces molhadas. Não permitiria que contemplasse sua debilidade. Utilizaria-a para seus próprios intuitos.

Mas o homem que apareceu ante sua vista não era seu marido. Era um enorme e alto gigante vestido sobriamente de negro. O emplastro de couro sobre um de seus olhos lhe dava um aspecto sinistro. Era o mordomo, lembrou-se Alicia, que a tinha acompanhado ao escritório do Drake naquele dia que veio fazer sua desesperada oferta.

Desviou o olhar e esperou que passasse, mas ele se deteve a dois passos dela. Como ele não fazia nada, Alicia levantou a cabeça para ver como a contemplava horrorizado.

—Wilder não me disse que a tinha feito chorar.

Fazendo um furtivo esforço de tirar as últimas lágrimas, tentou sorrir educadamente.

—Falou com ele?

—Sim. O grande covarde me ordenou que a buscasse e a conduzisse até seu irmão.

Apesar de sua angústia, sentiu-se estranhamente agradada com sua condenação a Drake.

—Muito obrigada, senhor...

—MacAllister — disse rudemente. —Fergus MacAllister.

Ele indicou com o polegar escada abaixo e lhe batendo inconscientemente o ombro disse:

—Não se deixe amedrontar por seu marido. Tem um coração de ouro, debaixo de suas rudes maneiras masculinas. Sua mãe o criou bem.

Alicia não estava muito certa se era de ouro, mas o que sabia muito bem era que Drake não tinha nada parecido a um coração. Mordendo-a língua, perguntou ao Fergus:

—Conheceu sua mãe?

—Sim. Conhecemo-nos em Edimburgo faz muitos anos, quando ela era uma pobre atriz, lutando para manter seu pequeno pirralho — e depois deste surpreendente comentário, passou ante a Alicia e começou a descer as escadas. Agarrando-se aos corrimãos de madeira, ela se apressou atrás dele.

—Assim nasceu na Escócia? Não me contou isso nunca.

MacAllister assentiu.

—Isso não é nada novo. O moço gosta de manter a boca fechada.

—Sei. E além disso, não se nota o sotaque escocês.

—Nenhum. Depois da morte de sua mãe, viemos para Londres, e ele ficou a estudar as maneiras e os costumes da aristocracia.

—Quantos anos tinha?

—Dez, milady. E não tinha a ninguém no mundo, salvo a mim. Foram maus tempos para ele —parou olhando-a penetrantemente. —Deve ter paciência para ganhar seu amor, já o verá.

Alicia ficou rígida. Acaso achava que ela queria o amor de Drake? Ou que necessitava conselho sobre seu matrimônio? Deveria sentir-se ofendida pela presunção de MacAllister, mas ele tinha conhecido Drake desde a infância, e supunha que isso lhe dava certas prerrogativas. Além disso, não podia desperdiçar esta estranha oportunidade de saber mais a respeito de seu marido.

—Por favor, me diga algo mais da mãe do Drake. E de seu pai.

Detendo-se no seguinte patamar, o mordomo franziu o único olho que tinha, e a amabilidade desapareceu de seu rosto cinzento, tanto que parecia lúgubre e mal-humorado.

—Não sou eu quem tem que lhe contar essas coisas. Deveria fazer essas perguntas a seu marido.

MacAllister abriu uma porta e entrou parcimoniosamente. Com os lábios fechados, Alicia seguiu-o através de um amplo corredor pintado de verde pálido com um elegante toque de molduras douradas no teto abobadado. O que havia dito para que o mordomo se fechasse em copas? Foi a menção do pai? Possivelmente não deveria ter sido tão curiosa. Depois de tudo, Drake tinha nascido fora do matrimônio. Inclusive podia desconhecer quem o tinha engendrado. Sentiu um pouco de simpatia por ele, mas rapidamente desprezou tal pensamento. A falta de guia paterna não desculpava seus pecados. Era um explorador sem escrúpulos, e não baixaria a guarda ante ele. E embora estes pensamentos impregnassem fundo nela, sabia que bastaria tocá-la e todas suas defesas se derrubariam.

Ao final do corredor, o mordomo mantinha aberta uma porta, e ela entrou em uma grande cozinha cheia de aromas deliciosos. Grandes colunas se erguiam para o teto, de onde pendiam abajures de azeite iluminando as cozinhas. O aposento era um formigueiro de atividade bem organizada, com um chef de jaqueta branca dirigindo um exército de ajudantes que cortavam, picavam e amassavam. Um cozinheiro de ombros quadrados tirava bandejas com fogaças recém-feitas de um forno, e no centro da cozinha havia uma mesa com fontes de prata cobertas com brilhantes tampas.

—Está aqui meu irmão? — perguntou virando-se para MacAllister.

—Não. Mas há tempo de sobra para ver o conde. Agora, necessita de um bom reconstituente.

—Reconstituente?

Intrigada, seguiu-o através de outra porta que dava a uma sala dominada por uma grande mesa. Ao fundo, sentados, um pequeno grupo de criados riam e conversavam, jantando. Um a um foram se calando discretamente e olharam todos para Alicia.

—Esta é a senhora Wilder, a irmã de lorde Brockway — disse Fergus sombriamente. — Desejo que apresentem seus respeitos à milady.

Os criados retiraram rapidamente os pratos, os talheres tilintaram e as cadeiras arranharam o chão de ladrilhos. Quando uma das criadas se levantou, Alicia ficou olhando um volume evidente debaixo de seu avental.

Drake emprega garotas grávidas?

—Por favor, sentem-se — disse Alicia rapidamente. —Não quero interromper seu jantar.

O silêncio se apropriou da sala. Cinco pares de olhos observavam a ela e ao MacAllister alternativamente.

—Já tínhamos terminado, milady — entoou o homem que estava à cabeceira da mesa. —Não nos incomoda. Roliço e calvo, foi o único que permaneceu sentado, e com um forte golpe à mesa se moveu para trás, ou melhor dizendo, rodou para trás. Sua cadeira tinha rodas.

Com os olhos bem abertos o observou como avançava na cadeira, fazendo rodar habilmente as grandes roda com as mãos. Deteve-se em frente dela e, pondo a palma da mão contra seu peito, inclinou a cabeça com uma reverência.

—Meu nome é Lazarus Cheever — disse pronunciando cada palavra. —É uma honra conhecer a dama que domou nosso Wilder.

—OH... muito obrigada, embora tema que não esteja domado de tudo.

Duas das criadas que estavam atrás dele deixaram escapar um sorriso nervoso. Alicia ocultou sua pena. Não era próprio dela dirigir-se com tanta familiaridade aos estranhos. O encontro com Drake devia ter alterado seus sentidos. MacAllister limpou a garganta.

—Cheever leva as contas do clube — grunhiu. —Em outros tempos foi discípulo de Tespis.

—Era ator? — pergunto Alicia ao Cheever.

—Tão sincero e profissional como qualquer outro ator que jamais tenha pisado nas pranchas. Até que uma noite maldita, durante um enérgico duelo a espada, caí do cenário — esgrimiui uma espada imaginária no ar e logo a levou a regaço. —E ai de mim! Não só perdi as pernas, mas também meu modo de vida. Ninguém contrata a um aleijado. Assim é, ninguém exceto o estimado senhor Wilder.

—Deus abençoe o senhor Wilder! sussurrou com ardor a criada grávida.

—Venha —apressou-a MacAllister. —Conte a milady sua história.

Ela fez uma torpe reverencia a Alicia.

—O que se passou é que o senhor Wilder foi o único tipo que me deu um trabalho depois que meu anterior amo me deixasse prenhe e me jogasse na rua. Um lacaio sardento a puxou pela mão e lhe disse gaguejando.

—Você, você, você está segura agora. Com, com conosco.

Quando lhe sorriu timidamente, ele baixou o rosto, vermelho como o tomate. Alicia soube que as duas criadas que riram antes eram órfãs, e que as tinham resgatado de uma vida de penalidades em um asilo. Enquanto elas falavam de Drake com admiração reverencial, Alicia sorria educadamente.

Mas, no mais profundo de seu interior, sentia-se sacudida, incapaz de lutar contra uma constante maré de confusões. Tinha empregado Drake a estas almas desesperadas, que de outra forma teriam morrido de fome? Era o cúmplice miserável que tinha levado Gerald pelo caminho da perdição também um filantropo? Como podia conciliar dois aspectos tão diferentes em um só homem?

—Vamos. Todos ao trabalho — disse MacAllister aos criados. —E tragam o chá de milady.

Os criados saíram a toda pressa, deixando a Alicia a sós com o mordomo. Ela se afundou na cadeira mais próxima, franzindo o cenho para os nós da mesa de carvalho.

—Quem é ele? — murmurou em voz alta.

—Milady?

Levantou o olhar para ver MacAllister sentado em frente dela, e procurou respostas em suas sombrias feições. O matagal de suas emoções sufocou suas naturais reticências.

—Meu marido — disse em um acesso de frustração — é como duas personalidades completamente diferentes ao mesmo tempo. O jogador sem escrúpulos... e o generoso benfeitor que ajudou Cheever e o resto dos outros criados daqui. E os de casa também — fez uma pausa, atônita, ante a amplitude de sua generosidade. —Kitty, nossa criada é muda; Chalkers, o mordomo bêbado. E o cocheiro... esse que nos fez chegar tarde ao casamento.

—Sim. Billie o Grande. Um magnífico boxeador em seus tempos, até que o cérebro se fez purê — MacAllister bateu no crânio, e logo, inclinando-se para diante, colocou os cotovelos sobre a mesa.

—E não se esqueça da senhora Yates.

—O que acontece com ela? disse Alicia erguendo-se.

—Esta é a mais terrível de todas as histórias — disse. —Wilder a achou meio morta por uma surra. A maioria das pessoas teria seguido seu caminho deixando essa pobre alma de Deus atirada na calçada. Mas a levou a sua casa, procurou um médico e a cuidou durante meses até que se recuperou. Alicia ficou pasmada. Era a mulher de Whitechapel que tinha sido espancada por seu marido. Drake lhe contou a comoção que tinha sofrido ao perder o sentido durante um momento. Aquela indefesa inválida era... a senhora Yates?

Impossível. Mas não havia razão alguma para que MacAllister mentisse. Não, quando ela podia facilmente inteirar-se da verdade. O ressentimento e a compaixão se debatiam em seu interior. Contra sua vontade, dava-se conta de que a insolente ama de chaves devia ver Drake como seu salvador, e como era lógico sentiria certas ânsias de posse por ele. Inquieta por seu violento ciúme, Alicia queria acreditar que não lhe importaria nada que Drake tivesse uma amante, mas não podia enganar a si mesma. Como se atrevesse a beijar e a acariciar a outra mulher, como ousasse realizar esses atos tão íntimos e profundos que tinha feito a ela, e que só pertenciam aos casais casados, como se...

Recuperando-se rapidamente de sua ira, disse:

—Se Drake gosta tanto de ajudar às pessoas, como pode animar a meu irmão a apostar de novo?

—Apostar? contemplando sua palidez, MacAllister moveu a cabeça. —O amo não lhe contou nada?

—Mencionou algo sobre um trabalho que Gerald tinha aqui. Como crupier imagino. Mas assim que meu irmão tenha na mão um par de dados, ou baralhe um maço de cartas, cairá outra vez nas apostas.

—Não. O conde não está aqui por capricho — MacAllister indicou em direção às salas de jogo na parte dianteira do clube. —Está aqui para salvar a esses estúpidos da ruína.

—Não entendo.

—Seu trabalho, milady, é vigiar as mesas para assegurar-se de que ninguém aposte além de suas possibilidades. Veja, o amo não pode suportar a ideia de viúvas necessitadas e crianças famintas.

Desconfiada, Alicia contemplou seu rosto curtido pelos anos.

—Pois Drake estava verdadeiramente disposto a deixar morrer de fome a minha família. Roubou-nos até o próprio telhado que nos cobria, e me obrigou a me casar com ele.

—Sim. Claro que o fez — MacAllister evitou os olhos da Alicia, revolvendo-se incômodo na cadeira. —Às vezes é um homem duro, mas não se assuste. Existe algo terno bem escondido dentro dele. Com o tempo, ele a amará.

Amor. Já era a segunda vez que o mordomo usava essa incrível palavra. Passava por cima, claramente, o fato de que ela tinha sido o trampolim que Drake utilizou para entrar na sociedade. Drake queria uma aristocrata, e não se deteve ante nada para obtê-la. E se os cavalheiros não podiam apostar além de seus meios econômicos no clube, isso significava que Drake tinha arruinado Gerald, fria e deliberadamente. Tinha mudado sua vida de cima abaixo forçando-a ao matrimônio. Este pensamento provocou um gelado estremecimento em seu coração.

Como podia seguir sentindo semelhante desejo dentro dela? Por que ansiava estar entre seus braços de novo e sentir o forte peso de seu corpo sobre o seu? Por que suspirava por escutar suas sussurrantes palavras de amor? Não deveria abrandar-se ante ele de novo. Embora, se acreditasse em MacAllister, Drake deu a Gerald um papel valioso. Deu-lhe a oportunidade de redimir-se, e não podia passar por cima o fato de que Drake destinava ao menos uma parte de seus benefícios ilícitos a ajudar aos necessitados. Doía-lhe admitir que seu marido fazia mais para ajudar a indigentes que ela mesma.

O que a podia fazer pensar que era melhor que ele? E quem era ele para reorganizar sua vida? E para arriscar a vida de seu irmão? Seus pensamentos iam de um lado ao outro, até que quis gritar de desespero. Aceitava que Drake tinha um mínimo de decência, mas que também exercia muita influência sobre Gerald. Tremia de medo ao pensar em seu irmão perto de uma mesa, apostando. Se acabasse como papai...

O lacaios sardento entrou com a bandeja do chá e a deixou na mesa antes de sair fora outra vez. MacAllister fechou uma mão enorme como uma garra ao redor do fino bule de porcelana e serviu o fervente líquido em uma xícara.

— Eis aqui um bom reconstituente, milady!

—Um reconstituente — disse fracamente. —É isto o que queria dizer.

Aceitou a xícara que lhe oferecia, e tentou sorrir cortesmente, mas só pôde soluçar. Para seu desgosto, as lágrimas brotaram de seus olhos de novo. MacAllister rebuscou no bolso para tirar um lenço dobrado.

—Não chore, juvenzinha. Não queria que se afligisse.

Olhava-a tão angustiado, que Alicia não pôde evitar rir em meio de suas lágrimas.

—Foi tão bom comigo — disse. —É que, é... não sei o que me passa hoje.

Mas sabia. E tinha nome: Drake Wilder.

Não se permitia a entrada de mulheres nos exclusivos salões do clube, onde os cavalheiros banquetevam, bebiam e apostavam em uma atmosfera de opulento esplendor, assim quando Alicia terminou o chá, Fergus MacAllister enviou alguém para procurar Gerald para que fosse à sala de jantar da criadação. O irmão lhe pediu humildemente perdão pelo engano.

—Juro que não toquei uma só carta, nem os jogo de dados — ficou reto, endireitando os ombros debaixo de sua jaqueta verde azul. —Estou muito ocupado me movendo pelos salões, vigiando para que ninguém aposte mais do que possa. Já adverti lorde Witherspoon para que não jogue o dote de sua irmã, e ao capitão lorde Rogers não lhe permitirá jogar mais se voltar a perder uma aposta.

—Tudo o que faz é bom e honorável, mas deixa que seja outro quem faça o trabalho. Não posso aprovar que esteja aqui — acariciou-lhe a manga. —E sabe por que. Ele afastou o olhar, o pomo de Adão lhe subia e descia atrás da gravata. Voltou para olhá-la, agora, decidido.

—Não sou como papai. E tenho que estar aqui, Ali. Não compreende? Devo evitar que os outros tipos arruinem a suas famílias como eu fiz.

Seu propósito altruísta a encheu de um orgulho inesperado. Desejava proteger seu irmão como fez sempre, embora se visse obrigada a conceder que, possivelmente, a responsabilidade fosse boa para ele. Talvez Drake tivesse razão, e Gerald devia tomar suas próprias decisões.

Mas. Por quê? Por que não podia declarar sua independência em outro lugar que não fosse esta casa de depravação?

Mais confusa que nunca, voltou para casa para passar a noite passeando pelo dormitório. Sarah deixou um cartão de visita essa mesma tarde, mas Alicia não se sentia com vontade de ver ninguém. O torvelinho de emoções que sentia por Drake era algo ao que devia enfrentar sozinha.

Drake não era o aristocrata bem educado com o que tinha esperado casar-se. Órfão aos dez anos, cresceu sob a guia severo do Fergus MacAllister. Os tempos tinham sido duros. Recordava as palavras do mordomo; Drake tinha levado uma vida desordenada e violenta nas ruas, uma existência tão dura que não podia imaginar, embora ela enfrentara a pobreza, ao menos tinha sua mãe, Gerald e à senhora Molesworth. Tinha um teto onde cobrir-se, e comida na mesa, e tinha tido amor.

Se tivesse casado com um nobre, teria levado uma vida mais cômoda com um marido que saberia tratá-la como a uma dama, mas teria garantido esse matrimônio sua felicidade? Tinha que admitir que não. Sarah tinha contraído um matrimônio brilhante, mas tinha sido infeliz, atormentada pela devoção que o duque sentia por sua amante.

Papai também teve suas imperfeições, embora ele adorasse sua esposa, e esta tinha sido muito indulgente com suas apostas. No final, as cartas o destruíram. Acomodou-se em uma turca, e se apoiou com os braços nas faces. Seus velhos sonhos de um príncipe azul, tinham sido

só isso... sonhos. Para o bom e o mau, Drake era agora seu marido. Os sonhos não poderiam mudar isto. E queria realmente trocá-lo? Era uma pergunta ridícula. É claro que ela nunca escolheria a um jogador por marido. Especialmente um que era proprietário de seu próprio clube, um homem agressivo, mal falado e dominante. Embora Drake tivesse uma surpreendente decência sob sua jactanciosa virilidade. Podia ser generoso com os necessitados, suficientemente amável para devolver Bonita a seu irmão e paciente com sua confusa mãe.

E podia ser sedutor. OH, sim! Podia fazer com que sua mulher ardesse de desejo.

Uma intensa onda de desejo percorreu Alicia, levando consigo a compreensão de algo que brilhava resplandecentemente no torvelinho de suas emoções. Queria sentir o calor dos braços de Drake a seu redor. Queria conhecer os segredos de seu passado e compartilhar com ele seus mais íntimos pensamentos, e embora sua mente se rebelasse contra esta ideia, seu corpo se regozijava por antecipação.

Se isto era estupidez ou alegria, não sabia. Só queria o melhor para seu matrimônio.

Capítulo 18

Drake se estirou nu entre os lençóis. E cruzou as mãos atrás da cabeça, enquanto escutava os sons do dormitório de Alicia. Só podia ouvir o crepitar do fogo. Salvo pelo fraco e avermelhado resplendor do fogo, o dormitório estava negro como a boca de um lobo, embora atrás das persianas fechadas o amanhecer começava a iluminar o dia.

Olhava mal-humorado para o dossel escuro e se dizia que devia esquecer Alicia. Não tinha intenção de suportar mais despezos, e embora não pudesse tirá-la da mente, sentia-se resistente a enfrentá-la. Agora entendia as profundidades do desprezo que lhe mostrava.

Não importava que tivesse lutado contra seu matrimônio. Havia-lhe dito que a riqueza não o converteria em um cavalheiro, algo que ele considerava uma prova de sua presunção. Mas sua frieza não nascia de uma crença em sua própria superioridade social, mas no fato de que ela desprezava sua profissão. Parecia-lhe uma imoralidade.

Maldição! Devia ter investigado seu passado e ter averiguado a verdade sobre seu pai.

E se o soubesse, teria mudado seus planos?

Drake se disse que seguiria adiante com seus planos. Ela era a única mulher que Hailstock desejava, e roubá-la para ficasse com ele fazia com que a vingança fosse mais doce.

Recordando suas lágrimas, sentiu um amargo desprezo por si mesmo, embora se tranquilizasse pensando que não deveria preocupar-se muito pela infelicidade que sentisse. Deu-lhe riquezas e uma vida cômoda, quando a maioria das mulheres tinha que lutar todos os dias para levar um pouco de comida à mesa. Entretanto, importava-lhe, e isto o irritava.

Queria abraçá-la forte e consolá-la. Diabos! Os abraços deste tipo eram para os efeminados. Queria-a para um só e único propósito, e se não estivesse tão seguro de que o

desprezava, se meteria em sua cama e a despertaria para agradá-la. Estaria sonolenta e quente, com seus loiros e sedosos cabelos espalhados sobre o travesseiro.

Abaixaria a camisola até os quadris e a beijaria. E quando a inconsciência lhe obscurecesse os olhos, acariciaria e a dominaria. A porta do dormitório de Alicia se abriu. Levantou a cabeça e seu coração saltou. Vislumbrava Alicia, parada no vão da porta. A pálida luz do amanhecer delineava sua magra figura e sua camisola transparente insinuava curvas muito femininas. O desejo voltou com força, despertando sua excitação. Depois de tudo, não podia resistir.

—Drake? — chamou suavemente. —Está acordado?

Durante uns segundos ficou calado. Desejava-a muito ardentemente para usar palavras. Maldita obsessão. Alicia não era diferente de qualquer das outras mulheres com quem se deitou. Acalmava sua luxúria, e o faria esta vez com ela.

—Entre — disse.

Ela se aventurou dentro e fechou a porta. O dormitório se inundou na escuridão de novo. Deslumbrado, não podia distingui-la entre as negras e densas sombras, embora fosse plenamente consciente de sua presença... e de um erótico estremecimento que nascia em seu interior.

Recostou contra os travesseiros, levantando um joelho e apoiando-se no braço. Graças ao débil resplendor do fogo, agora podia vê-la. Permanecia em pé, ao lado da cama, como uma figura espectral na penumbra. Nem sequer a ouviu mover-se.

—Preciso falar com você — disse em um tom muito firme e contido para uma mulher em busca de prazer.

Possivelmente estivesse equivocado e ela tivesse outros propósitos. Poderia, levar uma faca na mão, preparada para lhe cortar os testículos. Sentiu uma involuntária e aguda dor nessa parte de seu corpo, e apesar de estar aborrecido consigo mesmo, obrigou-se a dizer rudemente.

—Sinto sobre seu pai. Não sabia.

Só se ouvia sua própria respiração. E então ela falou em um tom tão baixo que teve que forçar sua atenção.

—Sabia muito pouca gente — sussurrou. —Saiu para os estábulos... era tarde, já de noite... tudo estava muito escuro — ela se deteve, engoliu a saliva. —Sua morte foi atribuída a um roubo frustrado.

Tinha que perguntar.

—Quem o achou?

—Um cavaliço... e o mais terrível de tudo foi que mamãe despertou... saiu e viu tudo.

Diabos! Podia sentir a dor de Alicia, e cada fibra de seu ser lhe pedia ir para ela, mas não parecia disposta a receber seu consolo. Considerava-o um canalha que chupava o sangue das pessoas até a morte. De pessoas como seu pai.

Não havia nada que ele pudesse alegar em defesa própria, nada que pudesse acalmar sua dor e sua ira. O odiaria tanto para cometer alguma imprudência? Inquieto, esquadrinhou através da escuridão, procurando o frio resplendor de uma faca.

—Por que entrou? — perguntou abruptamente.

—Quero lhe fazer umas perguntas — disse com o tom firme e contido de antes.

Queria falar? Pois seguiria a corrente.

—Pergunte.

—Por que não me disse sobre a senhora Yates?

Drake, tenso, endireitou-se na cama.

—O que acontece com ela?

—Ela é a mulher que resgatou em Whitechapel. Acabo de me inteirar, e eu poderia ter sido mais compreensiva com ela. Por que não a identificou desde o começo?

A pergunta lhe incomodou bastante, assim se esquivou.

—Como soube?

—Contou-me o senhor MacAllister, esteve muito comunicativo.

Maldito Fergus. Que mais lhe teria dito?

—Yates não gosta que as pessoas saibam de sua história — disse desenvolto. —E eu, naturalmente, respeito seus desejos.

—Naturalmente — repetiu ela. E seu tom, agora frio, aristocrático e ligeiramente sarcástico, flutuou através da escuridão. —Nem tampouco quis que soubesse sobre Kitty, Chalkers, ou Billie o Grande, entre outros desta casa... Por isso me priva de qualquer autoridade sobre a criadagem. Teme que me inteire da verdade.

—Que diabos quer dizer?

—Que não deseja que saiba que... têm um coração brando.

Um suor frio lhe brotou na pele.

—Ao contrário — disse irritado. —O que não quero é lhe dar motivos para despedir os criados... que não estejam nas estritas e elevadas normas de sua classe. É um fato conhecido que as damas da aristocracia só esperam o pior das classes mais baixas da sociedade.

Alicia rodeou a cama. Ele seguia tenso, esperando ver o brilho da folha da faca dirigindo-se para suas virilhas, mas ela se deteve antes que ele saltasse.

—Nem todas as damas — disse Alicia suavemente. —Esquece que durante os últimos cinco anos não levei a típica vida de uma aristocrata.

Drake não podia refutar isso. Depois da violenta morte de seu pai, ela tinha cuidado de sua mãe louca e de seu irmão esbanjador, lutando durante todo esse tempo para viver de seus magros ganhos. Drake sentiu uma ira nascente pelo velho lorde Brockway: nenhum homem deveria submeter a sua família a semelhantes horrores e dores.

Embora muito frequentemente o jogo fosse como uma enfermidade em certos homens. Ele mesmo tinha sido testemunha disso muitas vezes, e tinha explorado essas debilidades para seu próprio benefício. Maldita seja por lhe fazer duvidar de suas próprias ações.

—Quero ter autoridade nesta casa.

—O que?

—Prometo não despedir nenhum dos criados, mas devo me fazer encarregada dos deveres legítimos que me correspondem como senhora da casa. Têm que aceitar.

De novo, achou-se esquadrinhando entre as sombras procurando a faca.

—De acordo — murmurou. —Faça o que quiser.

O silêncio se estendeu pelo dormitório. Movia-se inquieto entre os lençóis, preparando-se para um montão mais de perguntas. Teria mencionado Fergus algo a respeito de Hailstock? Certamente não. OH, Deus! Se Alicia se inteirasse que se casara com ela para vingar-se de um homem a quem ela apreciava tanto...

—E também me farei encarregada de meus legítimos deveres como esposa.

A atenção de Drake se voltou para ela.

—Deveres?

—O terei em minha cama — disse erguendo a voz roucamente. —Ou na sua, como preferir.

A boca ficou seca. Ela deslizava mais perto, como um pálido espectro entre as sombras. A seda rangia, lhe torturando com o conhecimento do que havia debaixo. Alicia levantou a mão como se fosse ajustar a camisola, mas meneou os ombros, e esta deslizou para baixo, caindo a seus pés.

Imediatamente sentiu um desejo tão ardente que o emocionou. Ela estava nua, e Drake amaldiçoava a escuridão que não lhe permitia ver mais que o brilho de sua carne e um brilho em seus seios rosados. Deus! Depois de tudo o que tinha passado, ela ainda o desejava.

—Seus deveres — murmurou. —É meu prazer.

—Não — corrigiu ela. —Meu prazer é seu dever.

Riu entre dentes, enquanto seu corpo reagia com urgência animal, e quando ela se meteu na cama, colocou-se debaixo dela, para que seu corpo suave lhe cobrisse. Sabia que ela notava sua excitação, grossa e dura contra seu ventre. Queria-a tanto, que seus dedos tremiam enquanto embalava sua cabeça entre suas mãos.

Ela suspirou, movendo-se lentamente de tal forma que os mamilos roçavam sua boca, provocando-o. Ele levou um à boca e o beijou até que seus quadris se agitaram, esfregando-se contra duro membro, torturando-o. A escuridão fazia arder o sangue e excitar os sentidos. O débil aroma de rosas de sua pele. A cálida suavidade de seus seios. O doce sabor de seus mamilos. Deslizou as mãos por suas suaves costas e sobre suas perfeitas nádegas, acariciando suas coxas, antes de levantá-las para entrelaçar seus dedos com os dele.

—Não há faca — murmurou entre seu fragrante cabelo.

—Faca?

—Querida, pensei que tinha vindo me castrar.

—Mmm — inclinando-se acariciou sua palpitante excitação. —Prefiro que as honras... faça para mim.

Drake aspirou profundamente. Onde teria aprendido essa voluptuosa travessura? Devia estar corrompendo-a e arrependendo-se por isso. Mas só era capaz de imaginar as depravações que queria lhe ensinar. Submetendo-a a um beijo tão ardente que tirou o demônio que havia dentro dele, deslizou sua mão entre os dois, e achou o quente e úmido elixir de sua paixão. Alicia gemeu e se arqueou em cima dele, e Drake não necessitou mais estímulos. Colocou-a de costas e a montou inundando-se profundamente nela.

Um gozo primitivo o aliviou durante uns segundos. O úmido e sedoso cabelo de Alicia o rodeava. Nenhuma mulher se unira a ele tão perfeitamente, tão estreitamente. Não podia estar mais perto dela que agora, e irracionalmente queria mais. Roçando-a com suas faces sem barbear, murmurou seu nome e se moveu lentamente dentro dela.

Os lábios dela o buscavam com pequenos beijos, como uma cega em meio da escuridão, tocando seu rosto com as pontas dos dedos, percorrendo suas feições.

—Drake... OH, Drake!... amo-o.

Um pensamento estranho e poderoso fez com que Drake engolisse a saliva. Não. Ela não o amava. Ela amava isto. Empurrou com força e profundamente dentro de seu sexo, controlando a tensão com seu membro, determinado a demonstrar sua luxúria levando-a a novas cotas de êxtase. Saboreava seus doces gemidos de paixão, a veemência de suas mãos sobre seu corpo. Ofegando, ela cruzou suas pernas sobre seus quadris, e sentiu que ela começava a agitar-se com delicados estremecimentos interiores que o obrigaram a empurrar mais profundamente dentro dela, tornando-o louco. Sua mulher. Sua esposa.

E justo no momento no qual verteu seu sêmen com um violento espasmo, teve a ilógica sensação de que tinham cessado de ser dois seres diferentes. Ao unísono, gritaram na explosão do êxtase, e como uma só pessoa se abraçaram ferozmente um ao outro através de grandes ondas de prazer. E como uma só pessoa, inundaram-se em uma pacífica lassidão.

Agradecida, pela escuridão, Alicia descansava no ombro suarento de Drake. Seu peso a atava à cama, enquanto jazia com a cabeça apoiada contra seu ombro. Drake respirava lenta e profundamente, e se perguntava se teria adormecido. Uma tremenda ternura a invadia. Alegrava-se deste descanso momentâneo, por que lhe dava a oportunidade de enfrentar sentimentos recém-descobertos.

Nos abismos da paixão, ela tinha pronunciado palavras de amor. Tinha falado com ardor, sem pensar. A revelação surgia de um lugar oculto em seu coração, e temia que fosse verdade. Estava apaixonada por Drake Wilder. Sabê-lo a fazia sentir-se vulnerável e emocionada, porque nunca poderia esquecer o que lhe fez, aproveitando-se sem piedade de sua situação desesperada, nem podia passar por cima que era um homem que enriquecera com a fraqueza de seus semelhantes. Estes fatos apareciam tão claramente em sua mente como a admirável caridade que praticava com outras pessoas. Era complexo, um autocrata desumano, e se casou com ele por que não tinha outra opção. Mas ela tinha suas opções em assuntos do coração.

Ou não?

Acosada por desejos desesperados, desfrutou de sua protetora proximidade. Não podia ignorar o profundo rio de emoções que fluía dentro de seu coração. A velha atração que sentiu um dia pelo duque de Featherstone não foi mais que um capricho, e sua apreciação por lord Hailstock não era mais que o simples afeto por um velho amigo da família. E então, a fatalidade colocou Drake em sua vida. Ele queria uma esposa de alta linhagem, e nada o deteve até obtê-la.

Tinha sido um peão no jogo de sua ambição. Ele podia ter tentado outro aristocrata, e ter exigido uma irmã ou uma filha como pagamento. Mas, por uma sacanagem do destino, ele tinha escolhido Alicia, e para sua pena e vergonha, já não podia lamentar-se mais pelo que acontecera.

Ditou tirar o melhor partido de seu matrimônio, porque queria obter um pouco de felicidade em circunstâncias que não podia mudar, e procurar um pouco de comodidade nos aspectos materiais. Nunca lhe ocorreu que se apaixonaria tão temerariamente.

Drake descansava sobre ela, dominando-a inclusive durante o sono, com o braço cruzado sobre seus seios. Ele não a amava, só a desejava para saciar sua luxúria, e não havia razão alguma para que se desiludisse. Embora se sentisse protegida e amparada entre seus braços, tudo era uma ilusão, e sabia que não devia ficar aqui toda a manhã deitada, suspirando por seu coração, enquanto ele dormia.

Deslizando para fora, assustou-se quando ele pegou seu braço, esmagando-a contra a cama. voltou-se para olhá-lo no rosto, embora ela mal o visse.

—Fique — murmurou com voz áspera e profunda. —É cedo ainda.

—Pensei que ainda dormia.

—Quase — respondeu sonolento, mas sedutoramente, enquanto acariciava indolentemente seus seios. Foi um prazer inesperado. Achava que estaria zangada comigo... por causa de seu irmão.

—Eu... como poderia explicar sua tortura oculta? Como poderia pensar enquanto ele a acariciava. —Não gosto que Gerald trabalhe em um lugar como esse, mas tinham razão ao dizer que ele deveria tomar suas próprias decisões. Todos devemos escolher nosso próprio caminho.

—Exceto você — murmurou, muito relaxado para vigiar suas palavras. —Não tinha outra escolha que se casar comigo.

—Estou aqui porque quero — disse serenamente, reprimindo sua ira. Talvez não a amasse, mas pelo céu que não o compartilharia com ninguém. —E não necessitará de outra mulher, e se desencaminhar, pode ser que tenha que usar a faca.

Drake não respondeu nada ante sua ousada afirmação, e Alicia desejou ver algo mais que seu fraco e negro contorno entre as sombras. Recordaria sua declaração de amor? Possivelmente nem sequer a ouviu, possivelmente estava muito perdido na paixão para dar-se conta. E outro pensamento a apanhou, possivelmente estava muito acostumado às declarações de amor de outras mulheres em sua cama.

De repente, pareceu-lhe um estranho. Sabia tão pouco dele, e sentia a ciumenta necessidade de compartilhar algo mais que a cama, de fazer sua relação diferente. Que não tivesse nada que ver com suas anteriores mulheres.

—Contaria algo de sua infância? perguntou pondo a mão sobre seu amplo peito. —Sei que nasceu na Escócia.

—Contou-lhe isso Fergus — e seus músculos se retesaram sob as pontas de seus dedos.

—Sim — não permitiria que levantasse um muro entre eles, porque o derrubaria, tijolo a tijolo. —Ele disse que nasceu em Edimburgo, e que sua mãe era atriz. Como se chamava?

O escuro silêncio parecia vivo. Podia sentir o forte batimento palpitando em seu coração, e lentamente, quase relutante, disse.

—Muir Wilder.

—Como era?

—O que quer saber?

—Você conhece minha mãe, e agora, ao menos eu gostaria de saber algo da sua.

—Foi há muito tempo. Esqueci — passou o dedo desenhando seus seios, e enquanto a acariciava, ela ofegou involuntariamente de prazer. Mas Alicia não queria que a distraísse, e movendo o pulso para deter suas carícias, disse com firmeza:

—Então perguntarei ao senhor MacAllister, e ele me contará.

Temeu que Drake não respondesse, mas ao final o fez com a voz plana e sem emoção.

—Cantava como um rouxinol, assava uns pãozinhos que se desfaziam na boca, e teria dado até seu último centavo a um mendigo.

—Mas eram pobres.

—Mas agora eu não o sou, e assim acaba a história de como alcancei a riqueza da mais absoluta pobreza. Apoiando-se nos antebraços, deslizou o corpo para trás e para cima eroticamente, até que os arrepiados cabelos de seu peito arranharam seus seios e sua masculina carne a tocou entre suas pernas. Ela o pegou pelos quadris e o forçou a que a atendesse. Nem sequer para fazer amor abandonaria esta oportunidade.

—Só tinha dez anos quando veio para Londres, por que não ficaram em Edimburgo?

Durante um momento, ele ficou quieto com seu grande corpo suspenso sobre ela. Sentiu uma peculiar tensão emanando dele, mas a escuridão não lhe deixava ler sua expressão.

—Acaso não sabe? zombou. —Os escoceses são conhecidos pela avareza, assim tive que vir a Londres, onde é mais fácil depenar aos ricos.

—Não podia ter decidido se converter em um jogador com só dez anos — disse ela com lógica. —Deve haver outra razão para abandonar Escócia.

—Fergus e eu queríamos aventuras, assim nos unimos a uma companhia de teatro.

—Teatro? Foi ator? Que estranho era imagina-lo levando a vida fictícia do palco! Embora tivesse sentido, seguia os passos de sua mãe, ele gravitava ao redor do mundo que conhecia.

—Não fui ator — respondeu. —Trabalhava entre decorações, fazendo todo tipo de estranhos trabalhos; quase não me lembro daquilo. Falava despreocupadamente, como se os duros anos de sua infância não tivessem a mínima consequência. Colocou-se sobre ela, pesado e quente, deslizando acima e abaixo as mãos sobre seu corpo, mas ela não estava disposta a desistir.

—Foi ali onde conheceu o Lazarus Cheever? perguntou.

—Sim.

Drake ficou calado, e através da escuridão ela sentiu a força de seu olhar.

—Como diabos sabe isso? perguntou ele.

—Apresentaram-me ele ontem em seu clube, é claro.

Ontem à tarde.

—Fergus — resmungou entre dentes — vai ter que me explicar umas quantas coisas. Acariciou-lhe meigamente o queixo com as pontas dos dedos.

—Realmente lhe desgosta que alguém conheça sua generosidade — murmurou. —Mas eu estou muito contente de conhecê-la. Me diga, foi assim que conheceu o senhor Cheever? No teatro?

—Costumava ajudá-lo e a outros atores a aprender seus papéis, lendo-lhes os roteiros a cada um — admitir isto foi como lhe arrancar um molar.

—E assim perdeu seu sotaque escocês? saltou ela. Lendo em voz alta as peças de teatro? Sua respiração zangada lhe queimava a orelha.

—Já está bem, pare de uma vez — resmungou. —É uma moça muito bonita para fofocar como um velho periquito. Seu tom grave escocês lhe pôs os cabelos em pé, e não pôde evitar uma risada deliciosa.

—OH, Drake! Posso ver que é um menino mau, com o cabelo negro, os olhos azuis... e seu formoso sorriso. Passou-lhe os dedos pela boca, e logo as delicadas covinhas se afundaram enquanto sorria. Alicia baixou a voz até convertê-la em um suave sussurro de desejo.

—Espero que algum dia... tenhamos um filho que se pareça com você.

Ele respirou profundamente, expandindo seu peito contra seus seios, e em um suspiro pôs sua mão entre suas coxas, acariciando-a. Esta vez, ela se deixou estimular com toda a paixão de seu coração e de seu corpo. Suas disputas deixaram de existir entre seus braços.

Fê-la sentir-se desejável, quase amada, e ela tomaria cada momento de felicidade que oferecesse.

Quando tudo terminou e jaziam satisfeitos com os corpos relaxando, ela pôde sentir sua fadiga. Com ternura acariciou uma mecha de seu cabelo e lhe beijou uma sobrancelha. Drake protegia sua intimidade, mas esta manhã pode contemplar um vislumbre de sua personalidade. Sentia como se ele se convertesse finalmente em um homem inteiro para ela, um homem com um passado. Significaria ela algo mais que uma obsessão que ardia dentro dele?

Tinha que saber, surrupiaria as respostas com adulações, mas ela dormiu toda a noite e ele não. Refletindo, afastou-se de Drake, só para sentir seus dedos presos a seu pulso.

—Vai? — perguntou exausto.

—Sim — sussurrou ela. —Tenho coisas que fazer hoje.

Quase desejava que voltasse a deitá-la, mas depois de um momento, soltou-a. Levantando-se da cama, agachou-se para recolher a camisola.

Os lençóis rangeram quando ele trocou de posição e sua voz ressoou na escuridão.

—Que coisas?

—Bem... Passarei a manhã com mamãe... e concentrando-se em seus pensamentos, Alicia vestiu a camisola, a seda lhe refrescou a sensível pele. Sabia uma coisa que tinha que fazer hoje, uma visita que cumprir: iria ver o James, filho de lorde Hailstock.

Mas não podia dizer a Drake. Seu acordo era tão maravilhoso, tão recente, que não podia arriscar-se a destruí-lo com uma rixa. Embora ele declarasse sua intenção de acompanhá-la, suspeitava que o ódio que sentia por lorde Hailstock a obrigaria a adiar a visita durante dias, semanas ou inclusive mais tempo. E durante esse tempo, o pobre jovem inválido estaria sem a alegre visita de uma amiga.

Desdenhando a necessidade de um subterfúgio, acrescentou como se nada:

—Sarah veio ontem nos visitar. É possível que queira que a acompanhe às compras.

Drake murmurou inconsciente. Parecia que estava já meio adormecido, podia ouvir sua respiração lenta e profunda. Alicia hesitou na escuridão, pensando em como acabar com sua inimizade com o marquês. A rivalidade entre eles dois era ridícula. Ela pertencia a Drake, e isso era tudo, mas os homens eram possessivos, criaturas territoriais que pareciam prosperar competindo entre elas. Possivelmente com o tempo Drake suavizasse.

E talvez com o tempo se sentisse mais a vontade amando-o.

Capítulo 19

Um laçao conduziu Alicia ao andar de cima, embora por visitas anteriores já conhecesse o caminho na casa de lorde Hailstock. Quando entrou no salão, assustou-se. Embora fosse cedo de tarde, as persianas estavam fechadas, os abajures apagados e o ar muito carregado. James devia estar hoje em seus momentos mais melancólicos.

Com a escassa luz que desprendia do fogo da lareira, pôde vê-lo reclinado sobre uma de suas turcas favoritas, observando-a enquanto caminhava entre os móveis dourados estilo império. Chegou até a janela, levantou a persiana e abriu a janela, deixando que entrasse o balsâmico ar primaveril e ventilasse o aposento.

—Boa tarde James — disse com voz alegre. —Pelo amor de Deus! Por que está aqui sentado na escuridão?

Ele piscou ante o sol invasor.

—Não tenho nada mais que fazer — resmungou, e lançou um olhar zangado à porta. — Não a terá seguido a duquesa, não é?

—Está esperando embaixo, de acordo com seus desejos. Mas devo lhe dizer que a encantaria vê-lo.

—Não, não me interessa entreter aos estranhos.

Alicia esperava a resposta, e tinha advertido Sarah, mas sua amiga tinha insistido em acompanhá-la. Embora Sarah não fosse uma completa estranha para James. Em sua primeira temporada, Alicia lhe apresentou dois de seus amigos. Um deles era James, e embora lhe faltasse um ano, tinha só dezessete, para apresentá-lo em sociedade, seu pai, indulgente, permitiu-o. James cortejou Sarah com a ousadia própria de um filho único privilegiado. Passaram a maior parte do tempo brigando, e durante uma época, Alicia pensou que dessas disputas nasceria algo mais profundo. Como herdeiro do marquês do Hailstock, James teria sido um excelente partido para a filha de um visconde. Mas então, Sarah conheceu o duque de Featherstone.

E um pouco depois, James sofreu o malfadado acidente. Passou um verão na propriedade campestre de Hailstock. James montava um cavalo que seu pai lhe deu ao completar os dezoito anos, cavalgava temerariamente no páramo quando o garanhão tropeçou, jogando-o no chão duro. A queda danificou para sempre sua espinha dorsal, e o que era ainda mais trágico, adoeceu-lhe a alma. Suas pernas ficaram inúteis, e o que fora um menino alegre cresceu irritável e taciturno, zangado com o mundo.

No mesmo verão, Alicia perdeu a amizade de Sarah e seu pai morreu. Possivelmente por isso, eles aguentavam suas próprias tragédias. Alicia havia sentido sempre certa afinidade com James, um nó tão forte como se fossem irmão e irmã.

Perdida em suas lembranças, Alicia sentou a seu lado, e algo estranho lhe aconteceu então. Por uns segundos, quando se encontrou com o entreaberto olhar azul de James, pareceu-lhe que via os olhos zangados de Drake. A impressão desapareceu quando piscou;

acariciando os desordenados cabelos castanhos do jovem, contemplou a ácida expressão de sua boca, e as faces pálidas por ter tomado tão pouco sol.

Clareou as ideias, não devia permitir que os pensamentos sobre o Drake lhe preocupassem. James merecia toda sua atenção.

—Alegra-me vê-lo de novo — disse, sorrindo-lhe abertamente. —Faz quase um mês desde a última vez que o visitei.

Apoiando-se com um braço no espaldar da turca, reclinou-se como um anjo caído. Seu rosto mostrava uma beleza fátua, e seus ombros pareciam mais largos sob uma jaqueta azul escura. Uma fina manta de caxemira escondia suas pernas mortas.

—Mais de um mês, queixou-se. —E não se incomode em comentar quão bem estou. Minhas tias e minhas primas se sentem obrigadas a inventar elogios cada vez que vêm me visitar, como se estivesse cego, além de coxo.

—É um homem bonito — protestou ela. —E senti falta de sua companhia.

—Vamos, isso é outra mentira — interrompeu-a, olhando-a mais contemplativo que zangado. —Entendo que esteve ocupada e tem minhas felicitações, já que tem seu jogador bastardo para ocupar seu tempo.

Alicia cravou seus dedos nos braços da cadeira. Não toleraria essa falta de respeito nem sequer de James.

—O nome de meu marido é Drake Wilder — disse geladamente. —E é um cavalheiro com melhores maneiras que as suas.

—Peço-lhe minhas mais humildes desculpas, milady — disse James com uma careta zombadora.

—Está perdoado. Deve julgar Drake pelo que é, não pelo que tenha podido ouvir sobre ele.

James estreitou os olhos.

—Me diga, de onde procede? Quem são seus pais?

—Nasceu na Escócia, embora viesse à Londres com dez anos quando morreu sua mãe, e não sei nada de seu pai — olhou-o zangada. —E se voltar a fazer um comentário sarcástico sobre suas baixas origens, nunca mais voltarei visitá-lo.

—Que bem o defende. Acaso é um matrimônio por amor e não o casamento forçado que tanto enfurece meu pai? Sentiu que o rubor subia às faces.

—Estou muito contente com Drake, e deixemos este assunto. Teria trazido ele aqui para que o conhecesse, mas...

—Mas o velho o teria recebido desafiando-o a um duelo com pistolas — James levantou o indicador estendido para ela e fingiu apertar o gatilho.

—Não exagere — disse Alicia, embora se sentisse algo inquieta. —Sei que o marquês não aprova meu marido, mas não imagino reagindo violentamente.

—Embora fosse interessante vê-lo? James a olhou com um sorriso matreiro, quase furtivo. Depois, encolheu os ombros, arrumando a borda da manta. Pois depois de tudo, é uma pena que não tenha trazido Wilder. Papai tinha uma entrevista com o alfaiate esta tarde.

—Assegure-se de lhe dar lembranças de minha parte quando voltar.

—Sentirá não tê-la visto. Não está muito contente de tê-la perdido por um tipo como Wilder. E pelo que me diz respeito... estou desconsolado por ter perdido uma madrasta.

Estava zombando? Tinha que ser isso.

—Bem — disse como se nada houvesse. —E à única pessoa que veio comigo não a quer ver...

O breve jogo tinha terminado e uma taciturna expressão apareceu em sua boca.

—Pobre duquesa — disse algo sarcástico. —Deve ser exasperante para ela ter que esperar escada abaixo, quando gostaria de recolher algumas intrigas suculentas para fofocar.

—Não diga tolices — cortou-lhe Alicia, incapaz de esconder seu aborrecimento. —Sarah veio comigo porque vamos a Bond Street.

—Em compras então. Essa molenga com o cérebro de um mosquito estará em seu elemento favorito.

—Sarah é uma mulher inteligente, provavelmente desfrutaria com nossas conversas literárias — e incapaz de tolerar outro comentário grosseiro, Alicia trocou de assunto. —Me diga, Tem lido algo mais do Epicteto do Carter?

Seus amplos ombros se elevaram aborrecidos.

—Do que serve estudar as ideias de filósofos mortos?

—É um desafio com o que exercitar sua mente.

—É uma perda de tempo e energia.

—Mas é melhor que meditar tristemente na escuridão — e levantando-se, dirigiu-se a uma giratória redonda com livros perto da turca, e tirou um livro encadernado em couro.

—Lerei algo se quiser. Há aqui um parágrafo sobre o livre-arbítrio do homem... antes que ela encontrasse a página, tirou-lhe violentamente o livro.

—Todo mundo quer me ler um livro, como se fosse um maldito idiota.

E de repente, jogou o livro sobre seu ombro contra um vaso que havia atrás dele. A porcelana se fez em pedacinhos contra a parede. Uns lírios rosados voaram em todas as direções, e a água caiu em cima do livro aberto. Alicia ficou sem fôlego.

—James! gritou, e enquanto se apressava a recolher o livro notou o brilho de um movimento na porta.

—Sim é um maldito idiota — disse Sarah. —Além de um caipira mal nascido.

Entrou no salão, altiva, como a verdadeira duquesa que era. Vestia um traje de musselina alaranjado, o decote profundo e arredondado revelava seu peito cremoso. Seu cabelo negro como o azeviche destacava seu pescoço de cisne. James ficou imóvel completamente. Com o tronco rígido, como chocado, as pernas descansavam, inúteis, sobre as almofadas com bandas douradas. Sarah se deteve os pés da turca e contemplou-o.

—Continua o menino com raiva? disse languidamente, enquanto tirava as luvas. —Ou tenho que chamar à babá?

—Como se atreve a entrar aqui e me insultar em minha própria casa?

—Ah, esse é um privilégio reservado para você, não é? Acaso devo permanecer humilde e deixar que me ofendam? Pois bem, não sou uma molenga com o cérebro de um mosquito. Deixando o livro, Alicia se apressou a ficar a seu lado, e embora em seu interior estivesse de acordo com Sarah, também entendia que a ira de James surgia de sua confusão.

—Por favor, vamos! Eu voltarei amanhã... sozinha.

—OH! Mas se estou encantada de visitar meu querido amigo — disse a duquesa, sentando-se em uma cadeira dourada e arrumando — tranquilamente as saias. —Devo dizer, James, que mudou muito. Nunca foi tão mal educado e descortês.

—Nem você tampouco, Sarah — repreendeu Alicia. Mas nenhum dos dois a escutava. James olhou colérico à duquesa.

—Pois claro que não sou o homem que era — exclamou. —Me olhe, sou um aleijado.

—Olhe a mim — replicou ela. —Sou uma viúva, e cada um tem que suportar suas tragédias.

—Ao menos, pode sair para dar uma volta, algo melhor que estar aqui todo o dia sem fazer nada.

Ela levantou um de seus delicados ombros.

—Então, busca algo que fazer.

James torceu a boca furioso e frustrado, e inclinando-se para diante, resmungou.

—Maldita seja. Aqui não há nada a fazer, exceto ler, pensar e recordar.

Sarah o olhou imóvel.

—Me diga, quando foi a última vez que saiu desta casa?

—De vez em quando saio para dar uma volta, mas é uma tortura que o conduzam de um lado a outro como a um inválido levado por criados e portadores. Assim não me sugira que saia mais frequentemente.

A duquesa inclinou a cabeça.

—Sabe o que penso — disse docemente. —Acredito que têm medo.

Os lábios apertados de James empalideceram de raiva. E Alicia se interpôs entre eles exclamando a ideia que lhe acabava de ocorrer:

—James, viria conosco agora? perguntou Alicia. Ele fez um gesto de impaciência.

—Não posso ir às lojas, já sabe.

—Por favor — disse ela. —Não vamos às compras.

Iluminaram-lhe os olhos com um interesse precavido.

—Aonde?

Um raio de esperança animou Alicia. Por que não lhe ocorrido antes? Sabia que Drake não sairia de casa antes da metade da tarde, e aspirando com força disse:

—Vamos ao Wilder Clube.

Drake tomou um caminho através do Green Park, a passo vivo e enérgico. A luz do sol iluminava a erva e o ar da tarde trazia a tênue promessa do verão. Sentia-se relaxado e satisfeito, revigorado depois de fazer amor com Alicia pela manhã. Tinha adormecido profundamente e despertou fresco depois de só quatro horas de sono.

Rejuvenescido, preferiu caminhar até o clube em vez de pegar a carruagem.

Não tinha esperado achar nenhuma satisfação casando-se com uma aristocrata, e pensou que Alicia seria uma frígida da cabeça aos pés. Casara só para vingar-se, e os prazeres da cama eram um extra. Sorriu pensando nas longas sessões de sexo das próximas semanas. Levaria um tempo aliviar o desejo tão forte que corria por suas veias. E com seu ardor, Alicia estaria disposta a todos os prazeres que ele tinha preparados. Inclusive, ela tinha afirmado que o queria.

Consciente das tensões que se debatiam dentro dele, encheu profundamente de ar fresco seus pulmões. Ela estava equivocada, é claro. Como possuía a delicada sensibilidade de uma dama, Alicia precisava justificar a natureza selvagem de suas paixões, assim confundia sua luxúria com os vulgares envoltórios do amor.

Que assim fosse. Se isso a fazia desejá-lo ardentemente, lhe deixaria desfrutar de suas fantasias.

Saiu do parque e passou por um beco entre duas mansões até que chegou aos estábulos na parte de trás de seu clube. Contemplou satisfeito o alto edifício de pedra de Portland, antes de entrar por uma simples porta verde. Na cozinha, criadas trabalhavam, duas poliam a prata e outra limpava o grande fogão Bodley de carvão.

Todas se levantaram para saudá-lo, inclusive Molly, a garota grávida, a quem ordenou que se sentasse e descansasse. Suas reverências o faziam sentir-se desconfortável, mas fazia

muito tempo que tentou as proibir sem êxito. Consideravam-lhe seu amo e senhor. E se supunha que era certo: o clube era seu castelo.

Quando entrou no corredor, sua satisfação aumentou, até que viu Fergus sair vacilante pela porta que dava a um conjunto de pequenos escritórios. O escocês se fixou em Drake e ficou quieto durante um momento, com suas grossas sobrelanceiras levantadas pela surpresa. Depois, aproximou-se trotando meio agachado como uma girafa pelo corredor.

—Por todos os Santos! saudou em tom muito entusiasta. —Não imaginei que chegaria tão cedo.

—Já dormi o suficiente. Assim pensei em revisar as contas do mês passado — foi para a porta. —Está Lazarus na sala?

Fergus se adiantou e se plantou como um grande carvalho no meio da porta.

—Cheever está doente.

Suba a seu escritório, e eu lhe subirei os livros em um instante. Algo nas maneiras do Fergus despertou as suspeitas de Drake.

—Pegarei eu mesmo.

E quando ia pegar o trinco da porta, Fergus lhe empurrou o braço para impedi-lo.

—Cuide de suas maneiras, ou me verei obrigado a ter umas palavras com você.

Inclusive agora, o inflexível olhar de Fergus podia converter Drake em um balbuciante pirralho de dez anos. Sem intimidar-se, olhou ao ancião desafiante.

—Afasto-se.

Fergus o olhou severamente durante um longo momento, e depois se retirou, lhe deixando o caminho livre. Drake abriu a porta. Um longo corredor se estendia com várias portas que davam aos escritórios do clube. Não havia tapetes adornando o chão para que o contador pudesse mover-se facilmente com a cadeira de rodas. Um rumor de vozes saía do escritório mais afastado. Perguntando-se o que, ou a quem queria ocultar Fergus, Drake caminhou tranquilamente até o último escritório. A porta estava parcialmente aberta e só podia ver uma parte da parede pintada de azul e um arquivo pequeno. Levantou a mão para bater na porta, quando a conversa que ouvia o deteve.

—Como se arruma para se mover com esta coisa? era uma estranha e educada voz de homem, interrogando desdenhosamente.

—As escadas são o principal problema — respondia Lazarus com seu tom melífluo — mas Wilder instalou uma rampa na traseira do clube, e posso entrar e me mover por mim mesmo bastante bem pelo andar térreo.

—Poderia ter seus aposentos no andar térreo — disse uma voz feminina que era familiar, a duquesa. —Ao menos os lacaios não terão que levá-lo nos braços como se fosse um bebê.

—E poderia escapar de pessoas como você — respondeu irritado o estranho. —É a maior vantagem desta cadeira.

—Por favor, não briguem. São piores que uns pirralhos.

Alicia. O coração do Drake palpitou com força dentro de seu peito. Que diabos estava fazendo ela aqui? E por que Fergus a estava protegendo? Empurrou a porta e entrou no escritório. A conversa se interrompeu e quatro cabeças viraram para olhá-lo. Atrás da escrivaninha, Lazarus Cheever estava sentado em sua cadeira de rodas, com as mãos cruzadas sobre sua proeminente barriga. Em frente, estava a duquesa de Featherstone acomodada em uma simples cadeira de madeira como se fosse um trono.

E atrás dela, Alicia, magra e formosa, com um traje de seda bronze. Seu suave cabelo emoldurava suas pálidas feições e franzia seus bem formados lábios com essa sua teimosia obstinada.

E o estranho... embora não de todo.

A tensão apertava o peito do Drake enquanto o contemplava. Estava reclinado em uma espécie de liteira dourado com almofadas, como se fosse um maldito príncipe egípcio. Seus olhos eram de um azul penetrante, e os ombros largos debaixo de um casaco feito a medida. Seus abundantes cabelos tinham um matiz loiro e a boca se curvava com um fino sorriso.

Durante um milésimo de segundo, Drake pensou que tinha saltado uma faísca de reconhecimento naquelas altivas feições, e de que estava a par de algo parecido a um vínculo que se estendia entre os dois. Uma afinidade, um parentesco. Impossível. Esse aristocrata mimado não podia saber nada sobre a existência de um bastardo, e Drake não tinha a intenção de dizer ainda.

Concentrando-se, sentiu o familiar acesso de ira. Ao fim, achava-se cara a cara com seu meio-irmão. O herdeiro de Hailstock. O filho favorito.

Capítulo 20

Alicia se virou na cadeira para ver como Drake aparecia na porta do escritório. O ambiente se tornou sufocante de repente. Belicoso e dominante, só lhes dedicou um olhar de passagem; toda sua atenção se concentrava em James. Com o coração na mão, ela soube que tinha reconhecido o filho de lorde Hailstock.

—Que demônios está acontecendo aqui? exigiu.

Até agora, Alicia havia desfrutado com a reunião. Uma vez que James tinha visto a cadeira de rodas, uma chama de interesse surgiu em seus olhos, e as coisas tinham partido bem, e não permitiria que Drake interferisse.

—Estamos visitando o senhor Cheever — disse tranquilamente. —James, este é meu marido. Drake, lorde Scarborough.

—Sou o herdeiro do marquês do Hailstock — disse arrastando as palavras, sorrindo malicioso e altivo. —Minha família e a da Alicia são amigas há anos.

—Sei — disse Drake. —E possivelmente tenha chegado o momento perfeito para que minha esposa amplie seus horizontes.

James ergueu uma sobrancelha sardonicamente, enquanto acomodava as costas contra as almofadas da liteira.

—Seriamente? Lhe buscará amigos entre as classes mais baixas da sociedade? Não acredito que isso seja digno de uma dama.

—Sua opinião não importa nada. Ela é minha dama.

Deus santo! Teria que aguentar esta hostilidade de novo? Alicia se levantou como uma mola.

—Sou perfeitamente capaz de escolher a minhas amizades — disse com firmeza. — James, tem que perguntar algo mais ao senhor Cheever? James negou com a cabeça, sem afastar o olhar de Drake. O contador limpou a garganta.

—Alegra-me ajudar no que possa — disse — mas o senhor Wilder poderia responder melhor a qualquer questão relacionada com a construção da cadeira. Ele viu uma em Roma, examinou como era, e encomendou uma para mim.

Sarah seguia muito interessada no intercâmbio de opiniões.

—Foi muito empreendedor, senhor Wilder. Deveria nos dar o endereço do artesão que fez a cadeira. Encomendaríamos uma imediatamente.

—Não pluralize — disse James, lançando à duquesa um olhar irritado. —Atrever-me-ia a dizer que sou capaz de dirigir este assunto.

—Mas está só — respondeu a duquesa docemente. —Você mesmo o disse.

—E você é uma impertinente. Saia já, excelência. As lojas se alegrariam de vê-la.

—Como voltará para casa? perguntou-lhe.

—Pedirei que me enviem uma carruagem — e enquanto a despedia com a mão, estudava Drake com um interesse estranhamente oculto.

—Sente-se, Wilder. Eu gostaria que me contasse como construiu este clube de jogo.

—Sinto muito, mas estou muito ocupado para bate-papos ociosos — respondeu sinceramente. —Cheever, necessito o livro de contas do último mês.

Sua rudeza angustiou Alicia. Onde estava agora seu generoso espírito? Enquanto o contador girava a cadeira para pegar um livro encadernado em couro de uma prateleira atrás da escrivaninha, Alicia se inclinou para James e lhe murmurou umas palavras.

—Por favor, me espere na carruagem de Sarah. Preciso falar com meu marido.

—Me prometa que não demorará muito — e um ardiloso sorriso apareceu na boca do jovem. —Talvez traga meu pai na próxima vez. Estou certo de que assim que lhe passe o aborrecimento, quererá conhecer melhor seu marido.

Alicia sabia que James estava informado de que lorde Hailstock não tinha semelhantes desejos. Seria o aborrecimento o que lhe obrigava a criar problemas? Ela só podia esperar que a cadeira de rodas lhe desse mais mobilidade e pudesse desenvolver outros interesses.

Um par de lacaios levou a liteira à carruagem, e Sarah os seguiu, lançando um sorriso brincalhão a Drake e a Alicia enquanto saía.

—Vá com calma — murmurou. —Isto incomodará muito James.

Logo, discretamente, Cheever saiu do escritório deixando-os sós. Enquanto Alicia fechava a porta, disposta a protestar, seus fortes braços a envolveram por detrás. A sensação de seu corpo duro fez que seu coração saltasse traiçoeiramente, e o aroma de sua colônia a excitou. Sem sutilezas, seus dedos se estenderam por seu ventre, e enquanto esfregava sua face contra seus cabelos, o fôlego quente lhe fazia cócegas na orelha, arrepiando-a.

—Pensava que nunca se iriam —disse resmungando baixo.

—E eu pensava que hoje estava ocupado — respondeu ela, mantendo-se erguida.

—Nunca estou muito ocupado para você, minha senhora — disse enquanto roçava com os lábios sua nuca e suas mãos percorriam seus seios. Um desejo estremecedor deslizou nela, ameaçando dobrar sua ira. Largou-se, e enfrentou-o .

—Já basta — declarou. —Eu gostaria de saber por que foi tão mal educado com James.

—Eu? Mal educado?

Talvez tivesse a cabeça em outros assuntos. Estava irresistivelmente atraente com sua jaqueta azul escura e sua calça bege, enquanto lhe acariciava com agressiva sensualidade.

—Não podia pensar em outra coisa que estar a sós com minha mulher.

Seu coração pulsava cada vez mais depressa, e teve que retirar-se atrás da escrivaninha.

—E eu não posso pensar em outra coisa que como rudemente tratou meu hóspede, um velho amigo. James merece sua compaixão, não seu desprezo.

—Se queria minha compaixão, ele deveria comportar-se com mais educação.

—Já o desprezou antes de dizer uma só palavra. Como pode demonstrar tanta simpatia por Cheever e tão pouca por James?

—Cheever é um homem que trabalha duro, e James é um fátuo, um aristocrata acostumado a que lhe façam tudo.

—Não é por isso. Cai-te mal simplesmente porque é o filho de lorde Hailstock.

Os olhos de Drake brilharam intensamente, e o desejo que mostrava desapareceu. Suas feições se obscureceram, ressaltando sua gravata branca. Pôs as mãos sobre a escrivaninha e se inclinou para ela.

—Falando de Hailstock, eu gostaria de saber por que me desobedeceu indo a sua casa.

—Porque não abandonarei meus amigos para agradar a seus caprichos.

—Mas também lhe disse que esperasse que eu a acompanhasse para visitá-lo quando pudesse.

—E quando poderia O ano que vem? Dentro de cinco, possivelmente?

—Têm razão — admitiu sorrindo tolerante. —Não tenho o mínimo desejo de visitar pessoas que se creem superior a mim.

Isto a confundiu. Acaso seu ressentimento se estendia além de Hailstock?

—Contradize-se — disse lentamente. —Casou-se comigo para que o aceitassem em sociedade, e sabe que muitos aristocratas se consideram superiores. Mas, agora, diz-me que não quer vê-los. Drake fechou profundamente os olhos azuis. De novo, ela sentiu um mistério que estava além de sua compreensão. Se ele desprezava a toda a nobreza, onde deixava a ela?

Com um rápido movimento, ele rodeou a escrivaninha e a atraiu para ele, apanhando-a com seus braços. Colocou o rosto em seu cabelo e aspirou profundamente.

—Desprezo a qualquer homem que ouse tocá-la. E Hailstock ousou. Quer-lhe.

Seu tom fervente a enterneceu. Nem perguntas ou ameaças teriam conseguido alguma vez. Não se dava conta de que nenhum homem poderia tentá-la? Mas ela jamais proclamaria em voz alta seu amor por ele até que ganhasse.

—Deve pensar que sou uma rameira, disposta a penetrar na cama de qualquer homem!

—A única coisa que digo é que Hailstock é um presunçoso arrogante. Alguém em quem não se pode confiar.

—E você é de confiança? respondeu com aspereza. —As circunstâncias de nosso matrimônio provam outra coisa.

O olhar do Drake ardia sobre seus seios, logo a obrigou a olhá-lo.

—Nosso matrimônio foi sua salvação, Alicia. Se não fosse por mim, seguiria sendo uma virgem solteirona. Ébrio de confiança, pôs sua boca sobre a dela e a beijou ardentemente, assediando suas defesas. Como podia amar a um homem que a insultava e a atraía ao mesmo tempo? Entretanto, amava-o. Não havia nada culpado no desejo que fluía profundamente em seu interior, no desejo que a tentava a render-se a suas carícias. Ele a beijava profundamente, como se não tivesse suficiente. Logo seguiu pela garganta, lambendo-a e mordiscando-a. Estremecendo-a. Drake queria que se distraísse, que esquecesse que o filho de Hailstock esperava fora na carruagem. E esta era sua forma de resolver suas diferenças, utilizando seu poder sobre seu corpo.

Alicia pôs as mãos sobre sua jaqueta e o empurrou.

—Não me seduzirá — disse. —Não, até que ponhamos fim a esta disputa.

—Não há nada que terminar — disse com tom irritado e duro. —Queremo-nos um ao outro, e isto é o que importa.

—Não. Só me deseja para que esqueça. Há algo mais no matrimônio que fazer amor.

—Ah, mas fazer é a melhor parte!

Sua boca reclamou a dela para outro beijo voraz, e seus dedos a aferraram com força pelas costas, levantando-a contra ele, de forma que ela sentiu a força de sua excitação. O pouco controle que ficava começou a esgotar-se. Pendurou em seu pescoço, com seu ser inteiro concentrado em seu abraço, sem mover-se, não fosse para sucumbir a seu encanto letal.

Mas quando ele pôs uma mão sobre seus seios, acariciando-a através da blusa, não pôde evitar um gemido de prazer. Através das brumas da paixão, sentiu como a deitava sobre a escrivaninha, lhe levantando o traje e as anáguas.

Um desejo proibido a dominava. Mas, furiosamente, tentou desembaraçar-se de seu forte abraço.

—Drake, não!

—Sim — murmurou ele, com a mão debaixo das saias, quente sobre seu nu quadril, ali onde o corpete se unia com as meias de seda.

—Deixe que a toque. Somente tocá-la.

Deslizou seu dedo no mais íntimo de seu corpo, e um delicioso prazer explodiu irracionalmente dentro dela. OH, doce céu! Ela apertou com força sua mão, procurando instintivamente seu deleite. Suas hábeis carícias arrancaram outro suspiro, e ela afundou a cabeça em sua gravata para amortecer seus gemidos de gozo. E embora o desejo a dominasse, mantinha um resto de disciplina. Não se deixaria ir. Não lhe permitiria ganhar.

Como se notasse sua resistência, abraçou-a mais forte, com um braço detrás das costas, e com a outra mão acariciando-a dentro com sua magia suave e implacável. Sussurrava-lhe perversas e indecentes palavras que não deveriam excitá-la, mas que o faziam. Contra sua vontade, sentia uma excitação que crescia. Era incapaz de detê-la, como se tentasse apaziguar uma tormenta. Com suas carícias, com sua voz, com sua destreza a tentava, erguendo-a a uma cúpula de prazeres pelo fio do desejo, até que ela explodiu em um milhar de estrelas fugazes.

Aturdida e exausta, começou a ser consciente do que a rodeava. A luz do dia entrava no escritório através de uma janela alta. Ela se pendurava languidamente em seu pescoço, com as saias levantadas até a cintura. A mão do Drake descansava aberta entre suas pernas.

—Ordene que a carruagem se vá — murmurou ele em sua boca. —Há um dormitório acima, em meu escritório. Passaremos a tarde ali.

Ela não podia pensar.

—Drake, eu...

Sua mão a acariciou persuasivamente.

—Minha querida Alicia — disse em um tom tão rouco que lhe pôs os cabelos em pé. — Sonhei que me esperava todas as noites acima, para fazer amor com você. Como uma escrava do amor, disposta a obedecer a minhas ordens. Enquanto estava absorto em sua fantasia, lhe pegou a jaqueta.

—Não. Você será meu escravo, me agradando como eu ordene.

—Então, sou seu. Minha ama — e dando um passo atrás, juntou as palmas da mão e fez uma reverência. —Peça. Qual é seu desejo?

Fascinada, ficou olhando seu cabelo negro e sua zombadora pose submissa. A tentação ameaçava de novo a seu bom julgamento. Em poucos minutos, ele poderia despi-la, agradando seus desejos e satisfazendo-a com seus prazenteiros jogos amorosos. Não seria excitante fazê-lo enquanto lhe dava ordens? Estendeu a mão, mas evitou tocá-lo.

Há só uns momentos, ele se mostrou completamente contrário a seus desejos, mas agora ela intuía os aspectos práticos de sua sedução. Mais que sentimentos quentes e verdadeiros, de Drake emanava uma fria e implacável decisão. Acreditaria ele que fazer o amor era um meio conveniente para mantê-la afastada de James... e de lorde Hailstock?

Devia ser isso.

Drake mantinha suas emoções encerradas em um lugar onde ela não podia entrar. Não importava o muito que tentasse aprofundar, ele só queria obter dela o prazer físico. Possivelmente, porque era um membro da odiada aristocracia. Um brinquedo que o satisfazia.

Até quando duraria seu capricho? Recuperando a força em suas trêmulas pernas, afastou-se e arrumou o traje.

—Devo ir. E você sabe o por que.

—Que diabos diz? exclamou. —Não pode ir agora.

Seus olhos a olharam, escuros de paixão insatisfeita. Podia ver sua turgente virilidade marcada em suas calças. Percebia sua impaciência, e isto despertava uma perversa satisfação nela. Entendia agora que o equilíbrio de poder se alterara. E que podia ser útil usar esta vantagem em seu favor. E conseguir de algum modo que a visse como algo mais que o objeto de sua luxúria.

Caminhando para a porta, voltou-se e sorriu a suas iracundas feições.

—Disse que faria o que fosse para me agradar. Bem, agrada-me esperar.

Capítulo 21

Sustentando um grande mapa da Inglaterra contra a parede, Sarah olhou às escondidas Alicia, enquanto esta martelava nos cantos umas tachinhas. À luz do sol matutino que iluminava o estúdio em Pemberton House, sua amiga estava radiante e fresca. O traje azul realçava seus olhos azuis e seus cabelos dourados, e uma força serena se percebia em suas delicadas feições.

Sarah não via nada de sua própria completa amargura nela. Respirou profundamente para desvanecer a dor de seu peito. Se pudesse voltar a viver de novo, abandonaria seu título, suas riquezas, sua posição na sociedade, e tudo, para erradicar a infelicidade que a embargava. Seu olhar deslizou até o fundo do estúdio, onde pequenas carteiras permaneciam vazias, exceto uma. Ali, William, seu filho estava sentado ao lado de James em sua nova cadeira de rodas fabricada com madeira de faia. Tinham as cabeças juntas e estavam conversando. Seu pequeno filho de cabelo escuro contrastava com James e seus grandes ombros... e seu maior orgulho.

Sarah morria por saber o que estava contando James a seu circunspeto filho. Caso se atrevesse a dizer alguma palavra desagradável ao William... Alicia deu um passo atrás para examinar o mapa.

—Perfeito. Parece-lhe este um bom lugar?

—Suponho — estava ainda confusa pelo excêntrico plano de sua amiga. Sarah lançou um olhar ao redor do estúdio, observando a simples escrivaninha de carvalho com pilhas de cartilhas em cima, um globo terrestre, lousas e giz. —Mas não aprovo este seu capricho de abrir uma escola para criados.

—Abrir uma escola não é um capricho. Quero pôr meu pequeno granito de areia para ajudar aos necessitados. É uma ocupação valiosa ensinar aos que não sabem, para que possam melhorar na vida. Sarah não podia negar a bondade de Alicia. Tomara fosse ela tão generosa, mas esta escola estava além das obras de caridade próprias de uma dama da boa sociedade.

—Se alguém de nosso círculo souber, a desterrarão. É algo que não preciso lhe recordar, mas é a pura verdade. Alicia deu de ombros e se aproximou da escrivaninha para deixar um dicionário.

—A boa opinião da aristocracia me importa bem pouco.

—Mas por que não contrata alguns professores para levar esta escola desmantelada? E por que você e James — olhou-o franzindo a testa enquanto ria de algo que William lhe dizia — vão ensinar os criados?

—Pois para ajudá-los, é claro — disse serenamente Alicia. —Há alguns em casa que se beneficiarão em aprender a ler. Talvez você gostasse de mandar algum aluno também. Só serão umas horas ao dia.

Sarah apertou os lábios.

—À criadagem é paga para que sirva, não para que falte ao trabalho. E de algum modo, tenho a sensação de que há algo mais em sua decisão do que está contando.

Os olhos de Alicia se abriram surpreendidos, e se virou imediatamente para ordenar a pilha de cartilhas.

—É bastante simples. Mamãe já não me necessita, Gerald tampouco. E Drake... um sutil matiz deslizou em sua voz. —Drake dorme durante todo o dia, e sou livre para fazer o que quiser.

Picada pela curiosidade, Sarah se sentou em um banco sob a janela e examinou sua amiga.

—Sabe seu marido desta escola?

Alicia hesitou, e logo meneou com força a cabeça.

—Direi no momento certo, e ele o aceitará.

—Não estaria tão segura. Parece obcecado em fazer um lugar em sociedade, e a proibirá que gaste o tempo com as classes baixas.

—OH, está equivocada! Drake empregou muitos pobres. Ajuda aos necessitados, e eu também devo fazê-lo. Estou decidida a lhe demonstrar que somos compatíveis em mais forma que as... a voz da Alicia se apagou. Havia ternura em sua boca, e um delicado rubor em suas faces... do sexo — murmurou Sarah, surpreendida pela compreensão. —Dá-lhe prazer no quarto.

Alicia girou o globo, com olhos sonhadores.

—Parece que é o único momento no qual estamos em perfeita harmonia.

Sarah sentiu o duro agulhão de algo parecido A... ciúmes. Tratou de negá-lo. Por muito encantador que fosse, Drake Wilder caminhava pelo perverso caminho da libertinagem, e não invejava a Alicia a angústia que certamente a esperava. Embora através do muro de sua amargura, Sarah desejava sentir as carícias de um homem outra vez. Desejava voltar a olhar a um homem insinuando prazeres íntimos em um dormitório. Desejava ser adorada, amada...

E por uma razão que não podia adivinhar, fixou-se em James. A luz do sol brilhava sobre seu cabelo claro, e se perguntava que diferente teria sido sua vida se tivesse escolhido a ele cinco anos atrás. Se estivesse com ela em lugar de montar aquele selvagem garanhão. Tirou da cabeça essas fantasias inúteis. Não tinha nenhum propósito guardar essas lembranças. Se tivesse casado com outro, não teria tido William.

Seu coração pulsava docemente enquanto contemplava seu filho através do estúdio. Não o trocaria nem por todos os amantes do mundo.

O que lhe estaria dizendo James?

William se sentava reto na carteira, o pequeno rosto, sereno e atento. Era muito tranquilo para um pirralho de quatro anos. Não balançava as pernas como as outras crianças ou se agitava no assento de madeira. Talvez não devesse tê-lo trazido aqui. Mas passavam tão pouco tempo juntos, que queria compensá-lo por todos os momentos nos quais ela esteve muito imersa na infelicidade para lhe prestar atenção. Era tão reservado, que às vezes Sarah não sabia o que lhe dizer.

Cravou suas unhas no banco. James não parecia ter seu problema. O profundo murmúrio de sua voz enchia o estúdio, e embora prestasse atenção, não podia discernir suas palavras.

—Estou tão contente de que James tenha aceito ajudar — disse Alicia. — Lhe fará bem sair de casa, e será um bom professor nesta escola, não acha?

Sarah assumiu uma expressão indiferente.

—Não durará mais que o primeiro dia. Sucumbirá a sua natureza belicosa.

—Mas se não esteve nada briguento nos últimos quinze dias. Acredito firmemente que a cadeira de rodas mudou para melhor o caráter.

Sarah não estava de acordo, muito frequentemente sofreu a sanha de seus sarcasmos, e se mostrava mais tolerante com outras pessoas, era só porque tinha concentrado toda a força de seu ressentimento nela. Abriu a boca para dizer-lhe quando aconteceu algo surpreendente.

William saltou da carteira ao colo de James, e os dois começaram a rodar para a porta. James girava habilmente as rodas metálicas com as mãos. Ia com a jaqueta e com as mangas da camisa enroladas até os cotovelos, mostrando os fortes músculos dos antebraços.

Alarmada, Sarah correu através do estúdio.

—Onde acham que vão?

James lhe lançou um olhar de divertida arrogância.

—Acalme-se, duquesa. Simplesmente levo Will para dar umas voltas pelo corredor.

Estava zangada sem razão pela simpatia que reinava entre eles, e fechou os punhos.

—Chama-se William. E vai ficar aqui comigo.

—Tolices. Ele quer me ajudar a conduzir este caco — disse, olhando para o menino que pendurava confiantemente em seu pescoço. —Não é verdade, excelência?

—Sim, senhor — respondeu William levantando uns olhos ofegantes para ela. —Por favor, mamãe. Posso?

Sua frieza se desvanecia.

—De acordo, se si segurar bem... e promete comportar-se bem.

—Não o mime tanto, por favor — interrompeu James.

Irritou-lhe sua rabugice, criticando sua preocupação maternal. Mas antes que pudesse responder, afastou-se rodando na cadeira, pegando cada vez mais velocidade. Preocupada, saiu correndo do estúdio para ver como a cadeira se bamboleava corredor abaixo para a parte dianteira da casa. As rodas gemiam sobre o nu chão de mármore, e justo quando entravam no vestíbulo, um operário saiu da biblioteca.

O coração de Sarah se encolheu de medo. A cena parecia congelar-se em uma agonizante lentidão. Podiam chocar...

Então, James virou lindamente, deram a volta a toda velocidade, e mal escutou as gargalhadas através de seus petrificados sentidos. Era a risada de William.

Os dois estavam rindo, o homem e o menino, enquanto James freava suave e habilmente a cadeira... Mas Sarah não se deu conta.

Afogando um grito, pegou William, abraçando-o forte, beijando suas faces e acariciando seu pequeno corpo para assegurar-se que estava bem. Respirava agitadamente, mas cheia de alívio, levantou a vista sobre a cabeça de seu filho para James. O grande miserável lhe sorria, tomando o cabelo como se merecesse uma reprimenda.

Sarah tinha esquecido esse sorriso, aquele cintilar de dentes brancos, com as covinhas afundando-se nas faces, e a piscada de seus olhos azuis. E também tinha esquecido como se fazia um nó em seu interior quando o via.

— Mamãe, está-me esmagando — queixou-se William, agitando-se em seus braços.

Ela afrouxou o abraço.

— Sinto muito, querido — disse, beijando-o de novo, antes de deixá-lo no chão algo remissa, acariciando seus cabelos desordenados. — É que... alegra-me muito vê-lo tão contente.

James a olhou, e seu sorriso desvaneceu. Quando curvava seus lábios em uma careta, ela soube que ele viu suas mais nuas emoções. Odiou-o por que tinha descoberto suas fraquezas. A fúria lhe brotou muito, e apertou os lábios com força, decidida a controlar seu temperamento em frente de seu filho.

Alicia os olhava, e, pegando a pequena mão do William, disse-lhe:

— Você gostaria de ir lá embaixo à cozinha comigo? A senhora Molesworth, nossa cozinheira, fez um bolo de chocolate.

Obediente, William a seguiu cruzando a porta a caminho do porão. James lhe lançou um sombrio olhar.

— Nunca estive em perigo, duquesa.

Alguma vez estive em perigo? Cheia de raiva, fechou os punhos.

— Isso é tudo o que tem a dizer? Estive a ponto de matar meu filho.

— Não faça teatro. Passamos muito bem. Não deveria protegê-lo tanto.

— Chama-se William — disse de novo através dos dentes apertados. — E serei tão malditamente teatral como me dê vontade. Depois de tudo, é meu filho, não o seu. As feições de James se petrificaram. No silêncio, ouvia-se longe o ruído dos operários reparando algo escada acima. Logo, James virou a cadeira de rodas e rodou dentro do estúdio, deixando-a em pé a sós no corredor.

Apesar de sua ira, Sarah se envergonhou de seu cruel comentário. É claro, ele nunca teria um filho. Como não tinha pensado nisso? Correu atrás dele.

— Sinto muito — disse rigidamente. — Não queria ofendê-lo.

Flanqueado pelos raios do sol que entravam pelas janelas, ele ficou olhando-a, com os lábios curvados tão ligeiramente como se estivesse considerando uma réplica mordaz. Mas disse a última coisa que ela esperaria.

—Na verdade, deveria se casar outra vez, duquesa.

—O que disse?

—Will necessita um pai — James fixou seus olhos azuis nela. —Assim por que não vai a uma de suas festas e deslumbra a algum cavalheiro atraente.

Uma dúzia de replicas foi a sua língua, mas ela só pôde balbuciar.

—Está-me dizendo que vá.

—É verdadeiramente perspicaz — respondeu, voltando para seu tom mordaz. —E antes que vá, me deixe lhe dar um conselho de amigo. Esta vez, trata de escolher um que não a deixe por outra mulher.

A dor a deixou sem fala.

—Como se atreve... supor que pode me julgar...

—É em Will que estou pensando. Você necessita um marido que preste a atenção que necessita.

Iracunda, deu um passo frente a James.

—O que sabe você das necessidades de meu filho? Hoje foi a primeira vez que o viu, e eu o cuidei desde que nasceu — recordava aquele dia, a agonia... e a felicidade que sentiu ao lhe dar seu peito pela primeira vez...

—Me diga, duquesa, sabe o que quer ser Will quando for maior?

Olhou irada a insolente e, ao mesmo tempo, bela expressão de seu formoso rosto.

—Será o duque, é claro — respondeu gelidamente. —Que outra coisa pode ser?

—Pois ele quer ser carvoeiro. Quer conduzir uma carroça e distribuir carvão...

—Já sei o que é um carvoeiro — soltou. —E deixe de inventar contos falsos.

—Pergunte-lhe, então. Cada terça-feira pela manhã, Will se apoia na janela de seu quarto e vê como o carvoeiro desce pela rua. Parece que é um tipo feliz, sempre está assobiando, e saudando alegremente aos que passam — James se deteve, com um ligeiro sorriso na boca, afundando um pouco as covinhas. —Além disso, o carvoeiro esta muito sujo, e esse aspecto chama poderosamente a atenção dos pirralhos pequenos.

A imagem sobressaltou Sarah. Contra sua vontade, imaginou seu filho de joelhos no assento da janela de seu quarto saudando com a mão a esse sujo carvoeiro, e em meio dessa lógica repugnância, teve que reprimir o estranho desejo de rir.

—Como sabe tudo isso?

—Conversando com ele, enrolei-o um pouco, mas Will tem um montão de coisas que contar.

Fez isso? De novo, Sarah teve o desconcertante sentido de sua falta de preparo. O sentimento de que tinha falhado como mãe. Em menos de uma hora, James se informou de alguns dos mais secretos sonhos de seu filho.

—Não me olhe com esse esgotamento — disse James em tom equânime, livre-se já de qualquer fria brincadeira. —Há muitas coisas que um menino não conta a sua mãe. Precisa de um pai, isso é tudo.

De verdade? Era ela, com sua amarga aversão aos homens, quem estava privando de uma vida normal ao William?

Deu-se conta de que James a olhava, enquanto dava voltas sem sentido, vigiando-a e seguindo cada um de seus movimentos. Havia algo em seu escrutínio que lhe atendia o peito. Queria o desejo de sentir suas mãos... Não. Assombrada de si mesma, negou o sentimento. Não se sentia atraída por este homem. Dava-lhe asco.

—Vá — zombou suavemente. —Fora daqui, duquesa! Vá ao parque, ou às lojas, ou em qualquer lugar que possa flertar com seus cavalheiros.

Ela sentiu o perverso desejo de ficar, de lhe mostrar que ele não dirigia sua vida, e fixando-se em uma caixa com livros de geografia se aproximou dela e, ajoelhando-se elegantemente, apesar da estreita saia púrpura, colocou a mão dentro e tirou um livro.

—Disse a Alicia que a ajudaria, e isso é o que vou fazer.

James rodou mais perto, pondo a cadeira ao lado da caixa. Lançou um olhar irônico a seu vestido de musselina com o atrevido decote. Em qualquer outro homem, ela suspeitaria que estava desfrutando com a exibição de seus seios. Mas não deste.

—Esta é uma visão que nunca imaginei que veria — disse com tom depreciativo. —Sua excelência, a duquesa do Featherstone, de joelhos ante mim. Imediatamente, ela se deu conta de seu engano. De sua posição, via-se obrigada a levantar a vista para vê-lo, e aguentar seu mal-humorado atrativo a tão curta distância.

—Vá embora — disse, enquanto pegava outro livro. —Tenho trabalho.

—Farei eu. Seus admiradores a esperam — disse, lhe tirando o livro das mãos.

Ela o pegou com força.

—Como está tão seguro de que tenho admiradores?

—Pescando elogios? mofou. —Sabe que é formosa, com esses olhos violeta e esses lábios tentadores, e não pode resistir a vangloriar-se de seus seios ante o primeiro homem que a encontre. Inclusive comigo.

A estranha ferocidade de seus olhos fez que seu coração pulsasse a toda velocidade. De verdade a achava bela? E a ela o que lhe importava isso?

—Não tenho feito nada disso. Assim me deixe em paz.

—Sou eu o que quer que vá.

—Esse é seu problema. Não estou as suas ordens.

Ele puxou com força o livro, mas ela aguentou. Durante um momento se encetaram em um silencioso esforço. Consciente de que James era mais forte, apertou os lábios, cravando as unhas nas capas de couro. Não deixaria que vencesse esta batalha de vontades. Não o faria...

De repente, ele deu um puxão tão poderoso e inesperado que ela caiu com o livro em seu regaço. Estendida muito pouco elegantemente, seus seios pressionavam seu peito, e ela só podia olhá-lo, assustada. Seus olhos brilharam para ela.

—Maldita seja, Sarah — resmungou. —Maldita seja.

A completa frustração de sua voz a assustou. Através de sua camisa podia sentir o calor e a força de seu torso. Ficou sem respiração.

—O que... o que lhe fiz?

—Isto — tomando sua mão, levou-a até suas calças, forçando-a a tocar seu membro masculino.

Ficou sem fala, não podia mover-se. Estava grande, grosso e quente. Um homem totalmente excitado. Por ela. A paixão a dominou, irresistível e temerariamente. Não podia conter o fôlego.

—James — murmurou entrecortadamente. E atraiu sua boca para beijá-lo.

Capítulo 22

Aqui há uma vista magnífica — disse Drake, observando ao público do Circo Astley. —Vá, o amante de lady Markem está lhe beliscando o traseiro. Alicia estava assombrada vendo o incrível engolidor de fogo da pista central, e desfrutava com a alegria do pequeno William que estava em pé ao lado de sua mãe, muito excitado para sentar-se. Viu o tranquilo sorriso de Drake, e não pôde evitar devolvê-lo.

—Lady Markem? zombou. —Impossível, é o decoro personificado.

—Dê uma olhada, então — e lhe passou uns binóculos de opera. —O primeiro camarote, ali acima.

Incapaz de resistir, olhou através dos pequenos binóculos, e viu apoiada no corrimão do camarote uma dama volumosa, de meia idade, com um jovem robusto que, na verdade, não era o sério lorde Markem. O jovem fazia cócegas debaixo de um de seus carnudos braços. Alicia inclusive podia ouvir seus chiados por cima do rumor do público, enquanto lady Markem batia brincalhona na mão do jovem.

Estupefata, Alicia deixou cair os binóculos em seu regaço. O engolidor de fogo fez uma reverência e saiu da pista entre os aplausos da multidão.

—É lady Markem — murmurou ao Drake. —Que falta de decoro tão vergonhoso!

—Terá lhe oxidado o cinturão de castidade.

Custou-lhe pôr uma expressão severa.

—Cuide de sua língua, e se comporte bem.

Drake lhe sorriu, seus dentes brancos ressaltavam em sua tez morena, com os olhos cheios de malícia.

—Nem pensar. Esta noite é para se divertir. Sentiu um estremecimento de alerta sobre sua pele. Estava sentado a seu lado, sua perna roçava sua saia e a manga de sua jaqueta pressionava seu braço. Enquanto ele voltava a olhar o espetáculo, deleitou-se com a excitação de sua presença. Drake estava desfrutando de verdade com o número, rindo em voz alta e aplaudindo com força.

Estava, além disso, especialmente impressionada por ter cumprido a promessa que tinha feito ao William, conseguindo os melhores assentos da primeira sessão da tarde, em um lugar onde quase podiam tocar aos artistas. William, cheio de curiosidade, contemplava um acrobata que cavalgava em pé sobre as garupas de dois cavalos brancos.

A meio galope davam voltas pela pista, levantando partes de serragem, e passavam tão perto que Alicia podia ver os músculos tensos das coxas do esbelto cavaleiro e ouvir o suave tinido dos arreios. O homem deu uma cambalhota para trás e saudou com os braços em cruz. Os espectadores rugiram de aprovação. William saltava acima e abaixo, com uma vivacidade muito pouco aristocrática. Sarah se agachou para lhe dizer algo, seus olhos cintilavam ao brilho do magnífico lustre de cristal. Riam juntos olhando para um palhaço gorducho que fazia cabriola na pista.

O coração de Alicia transbordava de viva alegria. Que feliz via Sarah durante as últimas duas semanas. Ela e James flertavam em vez de discutir, e Alicia suspeitava que houvesse algo mais, embora nenhum deles admitisse. Com uma pontada de remorso, desejou que James pudesse tê-los acompanhado esta tarde.

Mas Drake não sabia nada ainda da escola, e menos ainda que o filho de lorde Hailstock a estivesse ajudando.

Os cavalos se foram, e a banda atacou uma melodia levando a atenção do público para outra pista. Ergueram-se umas cortinas verdes, e um corpulento apresentador anunciou o seguinte número, assinalando um homem com capa negra forrada de vermelho, que saudou com uma inclinação ao público, tirando o chapéu a cartola.

William se aproximou do Drake, seus grandes olhos se destacavam em seu rosto pequeno, e lhe disse com tom reverente.

—O mágico.

—Sim — respondeu Drake, sorrindo enquanto despenteava os cabelos escuros do menino.

O carinho que oferecia ao menino enchia de calidez a Alicia, e esperava que algum dia tivessem crianças, porque Drake seria um pai maravilhoso. Juntos seriam felizes e ele, certamente, amaria-a. Inundada em uma nuvem de sonhos, observou como o mágico tirava da manga lenços sem fim, e logo um coelho da cartola. O final da função foi uma batalha burlesca entre as cavalaria britânica e francesa. O entrecostar das espadas e os saltos dos cavalos eram um grande espetáculo, ao que se uniu William aclamando a seu país e vaiando ao inimigo.

Mais tarde, na carruagem, o jovem duque comentava entusiasta as atuações, e perguntava ao Drake sobre o treinamento dos cavalos ou quantas horas tinham que ensaiar os acrobatas. Então, em meio de uma das respostas de Drake, William deu um grande bocejo e apoiou sua cabeça contra um dos flancos de Sarah, e ficou adormecido imediatamente.

Embora ainda não fossem dez, Alicia conteve também um bocejo, e desejou que a noite não terminasse tão cedo...

A carruagem se deteve em frente da mansão de Sarah. Esta deu boa noite a Alicia e acompanhou Drake que levava nos braços o menino adormecido. Quando voltou, só, ao cabo de uns minutos, a carruagem arrancou de novo. Relaxada e feliz, Alicia comentou com ele os méritos dos números, tratando de ficar de acordo no favorito dos dois. Quando chegaram a casa, ele desceu e se virou para ajudá-la.

Sua mão firme lhe excitou o pulso. Esperava que ele compartilhasse seu desejo de continuar juntos o resto da noite, mas para sua decepção, disse ao cocheiro que esperasse. Acompanhou-a até o saguão iluminado e se inclinou para lhe beijar na face.

—Até mais tarde — disse.

Alicia desejava que ele a beijasse. O laçao da porta estava a dois metros escassos e podia vê-los, assim como qualquer pedestre que passasse pela rua, mas não lhe importava. Ansiava que subisse com ela à cama. Queria sentir seus braços a seu redor e sua boca sobre sua pele nua. Queria o ter dentro para que ela pudesse sentir a doce ilusão de que eram um só coração e uma só alma.

—Têm que ir ao clube? murmurou.

Em pé entre a sombra de uma coluna, ele a olhou. Suas formosas feições pecadoras não revelavam nenhum de seus pensamentos, mas com um estremecimento, ela sabia que ele a desejava. E sabia porque havia segurado sua mão enluvada, e a crescente pressão de seus dedos a enviavam o sutil sinal de seu interesse. Sem nenhuma delicadeza de sua parte, ela deu um passo para ele, tocando com seus seios seu casaco cinza escuro.

—Por favor, Drake — sussurrou, curvando os lábios provocativamente — fica comigo.

A brisa noturna moveu seus cabelos negros, seus olhos brilhavam através da escuridão, e então ele soltou sua mão e retrocedeu.

—Receio que deverá me desculpar — disse. —Tenho trabalho para fazer.

A decepção a embargou. Desde o tórrido encontro do clube, tinham jogavam uma sensual dança de domínio. Ela alternava as tentações e os rechaços, e ele a subjugava com suas habilidades de sedutor, para retirar-se depois. Mas possivelmente já tinha chegado o momento de obrigá-lo a que a visse como algo mais que uma necessidade física ou uma companhia para ir ao circo. Respirou profundamente.

—Virá amanhã à tarde a Pemberton House? Às duas?

Olhou-o com ar misterioso por debaixo das pestanas.

—Receio que não posso lhe dizer nada. É algo que têm que ver você mesmo.

Drake deslizou o olhar lentamente, descendo de seu rosto ao decote, e logo ao reverso. Durante uns segundos temeu que negasse, mas sorriu, afundando as covinhas.

—Ali estarei.

Com uma carícia final em sua face, deu uns passos e se meteu na carruagem. O cocheiro agitou o látigo sobre os cavalos e com um estalo continuado de rodas e cascos, a carruagem entrou na escuridão.

Estava sozinha. Tremendo, Alicia se deu conta da gelada umidade do ar e do terrível cansaço que sentia. Caminhou lentamente para a casa, seus passos ressoavam no grande vestíbulo com suas altas colunas que se erguiam contra as paredes amarelas. No silêncio, ainda ressoavam em seus ouvidos os sons do circo, e enquanto subia a escadaria deixou que seus pensamentos se derrubassem em Drake.

Durante as semanas que transcorreram desde que lhe entregara sua virgindade, Drake lhe havia ensinado muitas e imaginativas formas de fazer amor. Frequentemente, ele se metia em sua cama quando ainda estava adormecida, e sentia suas carícias como um sonho erótico feito realidade. Uma vez despertava com ele já dentro dela, e só com algumas carícias a transportava ao êxtase. Outras a torturava agradando-a lentamente. Em troca, lhe provocava às tardes, lhe servindo como um pajem enquanto ele se vestia até que terminavam de novo na cama ou fazendo o amor no banheiro romano.

Mas inclusive quando exhibia seus mais agressivos encantos, não estava segura de tudo de que não era um capricho para ele. Ele parecia decidido a manter uma relação leve e divertida. Enquanto que ela estava decidida a conseguir que ele a amasse. Por isso, queria que Drake visse a escola, e possivelmente então se daria conta de que tinham em comum algo mais que o prazer carnal.

Vários spots iluminavam o corredor de cima, e seus sapatos mal faziam ruído no macio tapete. Perdida em seus pensamentos, não se deu conta de que a porta de sua mãe estava entreaberta até que a teve em frente.

A senhora Philpot aparecia na soleira. A luz brilhava sobre seu cabelo prateado enquanto fazia gestos urgentes para que se aproximasse.

—Graças a Deus que veio, senhora Wilder!

O coração lhe deu um salto, e Alicia se apressou a seu lado.

—O que se passou? Fugiu mamãe?

—Não se assuste, lady Eleanor está perfeitamente — sussurrou a senhora Philpot. — Embora haja estado terrivelmente perturbada esta tarde, e possivelmente devia ter lhe dado a infusão, mas pensei que talvez você quisesse falar com ela primeiro. Retirou-se para que Alicia entrasse no dormitório. Iluminada por umas velas, sua mãe estava sentada, encurvada em uma turca, coberta com seu xale grande favorito sobre os ombros, enquanto olhava fixamente na noite através de uma janela. Não parecia consciente de sua presença.

—Fez bem em esperar — disse agradecida, porque não era a primeira vez que valorizava a devoção que mostrava à senhora Philpot por sua mãe. Em tom tenso, perguntou:

—Esteve lembrando de papai?

—Não. É algo completamente diferente. Verá, enquanto estava fora com o senhor Wilder, lorde Hailstock veio visitá-la.

Alicia franziu o cenho. O que haveria dito o marquês a mamãe? Como a muita gente, repelia-lhe a loucura de sua mãe, e se afastava de seu lado para evitá-la. E além disso, não podia imaginar como tinha condescendido a entrar na casa de Drake.

—Sabe do que falaram?

A senhora Philpot moveu a cabeça, apertando os lábios.

—Ordenou-me que saísse do salão, mas um momento depois sua querida mãe estava chorando, e logo falava sem cessar de algumas cartas.

Cartas? O coração da Alicia sentiu uma pontada de dor. Mamãe nunca recebia correio. Quando a loucura se apoderou dela, depois da morte de papai, toda a sociedade a esqueceu.

Mas então recordou lorde Hailstock no escritório de Pemberton House, e sua mão metida na gaveta. Ele havia dito que estava procurando umas cartas... cartas que tinha escrito a papai.

—Sinto muito — murmurou a senhora Philpot. —Temo que não deveria tê-los deixado a sós.

—Não se preocupe. Não sabia — Alicia bateu nas mãos da idosa senhora. —Por favor, nos deixe a sós uns momentos. Eu a meterei na cama.

—Como desejar, milady — e com um último olhar de preocupação para lady Eleanor, a senhora Philpot abandonou o dormitório, fechando suavemente a porta.

A cama branca com molduras douradas tinha um ar acolhedor à luz do fogo da lareira. No teto, à luz das velas, dançavam umas fantásticas pinturas de anjinhos e nuvens. Uma colcha branca como a neve estava dobrada sobre o leito, deixando ver os lençóis e os travesseiros de penas. Alicia correu para a turca, onde sua mãe continuava encolhida com o xale grande e a camisola, os pés encolhidos debaixo dela. Uma trança prateada de cabelo caía sobre seus ombros.

—Mamãe, sou eu, Alicia, vim vê-la.

Durante um momento o olhar em branco seguia fixo na noite. Uma neblina empanava seus olhos, embora não chorasse. Depois, lentamente moveu a cabeça, seus olhos azuis piscaram e recuperaram a vida, lúcida e conscientemente.

—Minha filha. Faz tanto tempo que não a via.

Estava claro que não se lembrava de ter tomado o chá com ela esta mesma tarde. Mamãe se fantasiou de princesa com roupagens flutuantes e vaporosas, insistindo em usar um jogo de chá de latão de crianças, enquanto provava pequenos pedaços de bolo.

Mas, graças a Deus, agora parecia ter um momento de lucidez. Aflita, embora um pouco aliviada, Alicia se sentou no bordo da turca e tomou uma das magras e frias mãos de sua mãe.

—Mamãe — sussurrou. —OH, mamãe! Disseram-me que está triste, devo ver o que lhe passa.

—É uma boa garota preocupando-se por mim — de repente se fixou no traje de musselina sobre as anáguas cor lavanda e a jaqueta de seda dourada sobre seus ombros nus.

—Mas vai sair? Não devo retê-la.

—Drake e eu acabamos de voltar do Circo Astley, e acabo de me inteirar que...

—Está aqui seu marido? Brilharam os olhos de lady Eleanor, e erguendo-se olhou para a porta. —Eu gostaria tanto que estivesse aqui.

Alicia negou com a cabeça.

—Receio que teve que sair.

—OH! disse a mãe com um suspiro de decepção. —É um cavalheiro tão galante. Sabe que às vezes vem me visitar? disse franzindo o cenho, enquanto dava golpes suaves com o indicador na face. —Recorda a alguém, mas não consigo me lembrar...

Não havia ninguém como Drake. Uma doce ternura encheu o peito da Alicia. Na verdade, o homem que se incomodasse em entreter à louca de sua mãe tinha que ser capaz de amar contínua e profundamente...

Voltou a concentrar-se em sua mãe.

—Mamãe, acredito que hoje a tarde teve visita. Pode me dizer o que queria lorde Hailstock?

—Richard — seus olhos olhavam como se seus pensamentos retornassem a seu interior. —Agora que o menciona... acredito que esteve aqui.

—Perguntou-lhe por umas cartas? interrompeu Alicia.

O rosto da condessa ficou rígido e se afundou nas almofadas da turca, movendo a cabeça violentamente agitando o cabelo.

—Não sei nada de nenhuma carta.

—Pode ser as cartas que escreveu há tempos a papai? perguntou amavelmente Alicia. — Sabe onde podem estar?

—Não sei nada dessa carta. Nada absolutamente.

Essa carta? Haveria alguma carta em particular que ele queria?

—Disse-lhe lorde Hailstock por que necessitava essa carta?

—Não lhe posso dizer. De verdade. Não posso.

Lady Eleanor se encolheu dentro do estragado xale grande de toupeira e o forro de cetim rangeu.

—É um homem frio, mas nunca imaginei que rompesse o coração de Claire.

Rompeu seu coração? A primeira esposa de lorde Hailstock morreu muito jovem, mas era esta a primeira vez que ouvia que aquele matrimônio fora desventurado.

—Pensava... que estavam apaixonados. Os dois fugiram para poder casar.

—Richard nunca acreditou que fosse suficientemente boa para ele. A pobre garota não podia evitar ter sangue plebeu — e levando um lenço enrugado ao rosto, a condessa começou a chorar de pena. Alicia estava angustiada, e enquanto abraçava a sua mãe dava tapinhas nas costas através do desastrado xale grande.

—Sei, mamãe. Sei.

Não a surpreendia muito que o marquês olhasse com desprezo a sua primeira mulher; para ele, a pureza de sangue vinha primeiro. Seria possível que Drake tivesse razão ao desprezá-lo? Durante as últimas semanas haviam encontrado o marquês em numerosos acontecimentos sociais, e cada vez que Hailstock o desdenhava, Drake lhe devolvia o insulto. E inclusive o marquês a tinha enfurecido, Insinuando que se casara abaixo de sua classe social. A lembrança de seus próprios preconceitos a penalizava. Ela, também, acreditara-se superior a seu próprio marido e o havia desprezado por ser um vulgar jogador, até que viu com seus próprios olhos a grandeza de sua generosidade e desprendimento, que se esforçava em ocultar atrás do vivo encanto de um canalha.

Ele tinha feito muito mais que ela pelos carentes, mas amanhã ele iria a Pemberton House e veria sua escola, e então se daria conta de que ela compartilhava de sua boa vontade pelos os seres menos afortunados da sociedade.

Beijou a testa de sua mãe, e sua pele notou o fraco e familiar aroma a lírios do vale. Não lhe faria bem seguir lhe fazendo perguntas. A próxima vez que visse lorde Hailstock, interrogaria-o sobre a carta. E além disso lhe deixaria claro que se quisesse saber algo, perguntasse a ela, e deixasse de incomodar sua mãe.

Lady Eleanor levantou a cabeça, piscando os olhos alagados de lágrimas, e como um véu que se desprendia de seu rosto, a ansiedade e a pena desapareceram, e seu olhar se encheu de luz. Tomou entre suas mãos as faces da Alicia delicadamente.

—Minha querida filha — murmurou. —De verdade acredito... que tem o aspecto de...

Perplexa, Alicia olhou interrogante a sua mãe.

—Aspecto?

—Seriamente, certa suavidade. Seu pai costumava me dizer que lhe bastava uma olhada para notá-la.

—Notar o que?

—Que estava grávida, é claro. E você deve estar — lady Eleanor sorriu muito meigamente.

Alicia, atônita, inspirou profundamente. Estaria grávida? Acaso aquela maravilhosa intimidade com Drake havia produzido o milagre de um bebê? Uma felicidade quase divina cresceu em seu interior, mas a conteve. Não devia fazer ilusões. Ninguém podia olhá-la no rosto e lhe dizer que estava grávida. Tinha que ser outra das fantasias loucas de mamãe. Lady Eleanor bateu na mão de sua filha.

—É muito maravilhoso para acreditar, não é verdade? Mas há certos sinais em uma mulher. Teve algum atraso?

Alicia não podia evitar, que a fadiga lhe afligisse.

—Sim... mas estive ensinando aos criados a ler durante o dia e não me recordei de contar os dias.

—Quando teve o último período?

—Pois, justo... justo antes das bodas.

Alicia não estava acostumada a falar de assuntos íntimos com sua mãe, e durante anos não tinha tido um grupo de amigas com quem comentar e inteirar-se destes assuntos. Em consequência, tinha uns vagos conhecimentos das mudanças que a gravidez causava no corpo de uma mulher, e agora se dava conta do significado de uma regra atrasada. Pôs delicadamente sua mão em seu ventre e respirou profundamente enquanto uma alegria indescritível brotava em seu interior. Um bebê. Em menos de nove meses daria a Drake um menino ou uma menina. Sustentaria um bebê contra seu peito, e seriam uma família.

Na tarde seguinte, Drake subia os degraus do Pemberton House com a cabeça agachada para proteger-se da chuva. Não se incomodou em bater, a casa lhe pertencia. E não tinha o menor remorso de como a conseguiu. Ganhando a hipoteca assegurou-se da mão de Alicia.

Alicia.

Na penumbra do vestibulo tirou o casaco molhado e o deixou em uma cadeira. Tinha chegado cedo, ansioso por conhecer a surpresa que lhe tinha preparado. Esperava que fosse uma erótica peça. Ela o tinha excitado quando a deixou ontem de noite. Esteve deliciosa no circo, com os olhos brilhantes e o rosto animado, cheia de desenfreada alegria, e teria gostado de ver a mesma expressão, deitados essa noite, mas teve que vencer a resistência diabólica de seu convite a fazer o amor. Um pouco de distanciamento não romperia o coração.

Entretanto, a obsessão por sua mulher não tinha o menor sinal de diminuir. E na verdade, nunca o admitiria diante da Alicia. Tinha tido que manter sob controle o desejo de segui-la a todas as partes como um embrutecido idiota. Não entendia a si mesmo. Sempre tinha sido capaz de separar suas necessidades sexuais do resto de sua vida.

Satisfazia seus apetites com uma mulher e pronto. Mas não podia esquecer Alicia.

Desde aquele amanhecer no qual ela veio a ele, não havia tornado a falar de amor, nem sequer nas profundidades do êxtase. Ela se mantinha reservada e tentadora, tornando-o louco lentamente. Não lhe bastava possuí-la por matrimônio. Queria-a inteira de sua propriedade: em corpo e alma. E talvez ainda pudesse fazê-lo. Ardia de desejo. Daria uma rápida olhada pela andar térreo e logo subiria para procurá-la nos dormitórios. Possivelmente a encontraria nua, preparada, ou talvez o excitasse vestindo algo transparente sem nada debaixo.

Sim. Desejava despi-la, beijar cada centímetro de seu corpo e ouvir seus doces gemidos de prazer, seus suspiros de amor. Passou a mão pelo cabelo úmido da chuva, e se deteve ante o salão. Os pintores tinham terminado seu trabalho, e as paredes amarelo pálido brilhavam atrás dos móveis de mogno. Mas mal lhes dedicou uma olhada, porque Alicia não estava deitada na turca, esperando para seduzi-lo.

Cruzou o vestíbulo e entrou na biblioteca. As estantes estavam cheias de livros outra vez, e o aroma das novas encadernações de couro enchia o ar. Mesas e cadeiras estavam dispostas sobre os tapetes azuis e dourados, mas ela não estava lhe fazendo gestos atrás da escrivaninha, onde a teria deitado sobre sua lisa superfície, levantando-lhe as saias, transportando-a ao paraíso.

Caminhou pelo longo corredor, olhando dentro da sala de estar das manhãs, na sala de jantar e na despensa. Devia estar acima. Muito melhor, teriam sua pequena entrevista na mais completa intimidade. Não haveria ninguém em casa, exceto uns poucos criados que com certeza teriam algo melhor que fazer que incomodar a seu amo e a sua dama...

Quando se aproximava da traseira da casa, escutou o rumor de uma voz de homem. Vinha do aposento do fundo do corredor, o escritório de Brockway. Soltou uma maldição baixo. Se Gerald não tinha saído já para o clube, sua presença danificaria seus planos. Teria que se liberar do moço e inventar um recado para mantê-lo ocupado.

Estava pensando em várias diligências quando se deteve ante a porta entreaberta. Em lugar de poltronas de couro havia filas de carteiras ocupadas por toda classe de criados: homens e mulheres.

E diante deles, de costas a ele, estava James sentado em sua cadeira de rodas.

O calor que sentia em suas veias se transformou em gelo. Em uma onda de compreensão cheia de ira se deu conta da verdade. Não existiria uma tarde idílica nos braços de sua mulher. Alicia o havia enganado de novo.

Capítulo 23

James agitava o punho ante os alunos.

—Nunca mais serão bem-vindos em minha casa — vituperou-os. —Entendem-me? Nunca mais! O tom maligno enfureceu Drake. Maldito aristocrata altivo. Os criados estavam amedrontados em suas carteiras, com os olhos cheios de medo olhando para James. Drake empurrou a porta com tanta força que golpeou a parede. A sala ficou em silêncio, e olhando rapidamente por todo o estúdio se fixou na duquesa do Featherstone sentada em uma cadeira com espaldar rígido ao lado de James. Do outro lado da sala, Alicia estava sentada no banco da janela, com os pés cruzados e vestida com um traje rosa que brilhava a luz cinza do dia.

Olhava-o surpreendida, e de um salto ficou em pé. Seus lábios formaram seu nome, embora nenhum som saiu de sua boca. Ele a olhou severamente. Acaso tolerava ela esta injustiça? Furioso, caminhou para James. Muitos rostos assombrados o seguiam atentamente. De uma olhada, reconheceu alguns: Kitty, a garota surda, alguns cavaleiros dos estábulos e Molly, a moça grávida. A sala permanecia em silêncio, exceto pelo repico das gotas de chuva contra os vidros das janelas. inclinou-se para James.

—Como se atreve a castigar meus empregados? Esta é minha casa. Não a sua.

O silêncio durou o batimento de um coração. Logo se ouviram risinhos, enquanto os alunos cobriam as bocas para esconder sua hilaridade. Sua reação deixou Drake perplexo. James sorriu brevemente, e logo se dirigiu aos criados.

—Já basta — ordenou. —É de má educação rir. O senhor Wilder não sabia que lhes estava contando um conto.

O murmúrio cessou, e Drake se fixou, pela primeira vez, no caderno aberto em seu regaço. Sentiu-se como um completo estúpido. A duquesa olhava para James, e pôs sua mão no espaldar da cadeira.

—James é um leitor muito eloquente, e também um bom escritor.

Um fraco rubor apareceu em seu belo rosto.

—Já está bem, Sarah — murmurou. Ela o ignorou.

—Deveria saber, senhor Wilder, que James escreveu este conto de cavaleiros e dragões, com bruxos malvados e belas princesas cativas. A classe desfruta muito escutando seus contos, não é verdade?

Todos os alunos deram sua aprovação.

Drake olhou suas cabeças meneando-se de cima abaixo, e se sentiu mais desconjurado que nunca. James, seu irmão. Escrevia contos de fadas? Um filantropo entretendo as classes baixas?

Drake não podia conciliar essa imagem com a do presunçoso lorde que foi educado como um privilegiado filho único. Tinha que ser uma brincadeira de algum tipo, mas ignorava a

razão. Enquanto os mais jovens lhe pediam que lesse outro capítulo, e James recusava, Alicia levou suavemente Drake ao outro lado do estúdio, em frente do grande mapa da Inglaterra. Os sentidos do Drake captaram o toque de seus seios, e a sedução que emanava de seu sutil aroma, e a delicadeza de suas feições.

De alguma forma, hoje parecia mais frágil que nunca, sua pele era translúcida, e tinha sombras nos olhos como se tivesse dormido pouco.

—Pensei que chegaria dentro de meia hora — murmurou. —Queria ser eu quem lhe mostraria a classe funcionando

—Classe? repetiu estupidamente.

—Sim. Organizei esta escola para os criados que queiram aprender a ler e as contar. Assim, uma criada poderá aspirar ao posto de governanta algum dia, e os cavaleiros que saibam um pouco de matemática possam ser mordomos. Terão a oportunidade de melhorar sua vida.

Uma escola para pobres? Pensava que passava os dias em compras ou fazendo visitas: as atividades normais de uma dama rica. Tratou de compreender. Mas tinha passado o tempo em Pemberton House. Com James, sentiu-se traído, cheio de raiva.

—Que diabos faz aqui o filho de Hailstock? disse em voz baixa. —Esse miserável está brincando com esta pobre gente, fazendo o bom samaritano. Não tem o mínimo interesse neles.

—Engana-se — murmurou ela. —E antes de julgar, só lhe peço que escute enquanto os alunos lhe demonstram o que aprenderam nas duas últimas semanas. Odiava ser enganado, mas não podia negar-se. Não quando lhe olhava tão esperançada com seus claros olhos azuis. Não quando lhe sorria tão suavemente, que o podia transformar em um idiota completo.

Apertando os lábios, procurou um lugar ao lado do fogo, e apoiou um cotovelo na cornija da lareira. Alicia caminhou para a classe, balançando os quadris, cheia de graça, sedutora. Enquanto James e Sarah observavam sentados, Alicia deu umas palmadas para chamar a atenção, e um primeiro grupo de alunos, formado por moças da cozinha e cavaleiros, ficaram em círculo sobre o grande tapete, enquanto ela se sentava em uma banqueta. Um por um escreveram o alfabeto nas lousas, e depois usaram bolinhas para as contas.

Alguns eram notavelmente rápidos, mas outros lutavam encarniçadamente contra as somas mais simples. Mas Alicia mostrava paciência com todos eles, dando uma palavra de ânimo a uns, ou corrigindo algo a outros. Fascinado, Drake a contemplou. Não deveria surpreendê-lo ver que ela era uma excelente professora. Depois de tudo, foi a responsável por sua família durante cinco anos, e demonstrou uma serena tolerância ante as mais excêntricas personalidades adotadas por sua mãe. Mas ele sempre a tinha visto como uma dama. E as damas não se misturam com as classes baixas.

Tratava ainda de adaptar-se a esta nova faceta de sua mulher, quando esta se despediu do grupo. Agora chamaria os alunos mais avançados, mas ficou tenso quando foi James o encarregado de fazê-lo.

Os alunos formaram uma fila e esperaram as perguntas. Por turnos, cada um recitou um soneto do Shakespeare, e logo James lhes perguntou sobre geografia. Os criados usaram um ponteiro para indicar os condados da Inglaterra no mapa e indicar os lugares de interesse de cada região.

Drake flexionou os punhos. Era tudo o que podia fazer exceto romper em dois o maldito ponteiro, justo em cima da cabeça de seu privilegiado meio-irmão. James devia estar brincando com estes criados. Eram uma mera curiosidade para ele, um passatempo para matar seu aborrecimento. Em sua infância de rua, Drake conheceu benfeitores como James. Quando perdiam o interesse, e isto acontecia logo, abandonavam a suas vítimas, desiludidas e com o coração quebrado. E James faria o mesmo.

—A aula terminou — disse Alicia. —Por favor, voltem amanhã na hora de sempre.

Os estudantes deixaram as lousas e saíram do estúdio, lançando olhadas sub-reptícias a Drake. O ruído de seus passos soava pelo corredor enquanto se dispersavam pela porta de trás.

James fez virar sua cadeira para lançar um olhar desafiante a Drake.

—O que pensa de nossa pequena escola?

—OH, não é nossa de tudo! disse Sarah com uma risada. —Eu não tenho feito nada, exceto enredar ao James.

—Homem enredado, homem enfeitado — murmurou James. Sarah e ele trocaram um olhar tão intenso, e abertamente sexual, que Drake se sobressaltou.

Franziu o cenho, picado pela curiosidade sobre seu irmão inválido. Achava que o acidente o teria deixado impotente e que se veria obrigado a viver sem desfrutar do maior dos prazeres da vida. Mas talvez fosse capaz de manter relações sexuais. Celebraria Hailstock o fato de que seu legítimo herdeiro pudesse engendrar outro?

Drake apertou os dentes. Ao diabo contudo. Importavam-lhe um maldito rabanete os assuntos amorosos de seu irmão... ou a falta deles. Inquieto e nervoso, soltou.

—Admiro a aqueles que desejam sinceramente ajudar aos menos afortunados, mas amaldiçoo aos que só querem passar o momento com diversões caridosas. James lhe sorriu fracamente.

— Rogo-lhe. Em que categoria me coloca?

—Entre a dos diletantes que procuram matar seu aborrecimento.

—Drake! É isso tudo o que tem a dizer? —exclamou Alicia, interpondo-se entre os dois.

Alicia cruzou decorosamente as mãos sobre o ventre, e o olhava zangada e ferida, decepcionada com ele. Lutou contra o desejo de baixar o olhar como um menino castigado. E a verdade era que a admirava por sua vontade de ajudar a outros. A maioria dos aristocratas não se preocupava absolutamente por seus criados. Mas Alicia sim se preocupava, e ele tinha ridicularizado seus esforços.

—Me perdoem — disse asperamente. —Não queria desprezar seus lucros nesta escola. Necessitam-se muitas como esta, e é uma magnífica professora.

Uma ingênua calidez iluminou seus olhos, estremecida com um desejo por ele que transcendia a simples carnalidade. A luz de seu rosto o transportava A...

—E James fez muito também — interrompeu Sarah com ar de advogado de defesa. —E não permitirei que pense outra coisa, senhor Wilder.

—Deixa que pense o que quiser — disse James dando de ombros. —De qualquer modo, terá que enfrentar a realidade. Abandonando sua indulgência, Drake resmungou.

—Duvido-o muito. Logo irá daqui.

—Está-me proibindo a entrada nesta casa? zombou.

—Só digo que não pertence a este lugar...

—É suficiente — Alicia foi para o Drake. —Isto é uma escola, não um ringue de boxe. James e Sarah, se me perdoarem, meu marido e eu devemos falar em privado. Agarrou-o pelo braço e o empurrou com firmeza. Drake esteve tentado a ficar onde estava, mas se o fizesse poderia despertar suas suspeitas e começaria a perguntar-se muitas coisas. E se alguma vez adivinhasse que James era seu irmão, armaria uma grande confusão.

Aguentando seu aborrecimento, Alicia conduziu Drake até a sala de estar das manhãs com seu novo tapete, e fechou a porta. Apoiou-se contra os painéis dourados, procurando estar o mais afastada possível de Drake. Não necessitava que suas carícias a distraíssem. O ar cheirava levemente à cola das paredes recém-forradas.

Os amarelos e verdes da decoração emprestavam um brilho original ao dia nublado. Mas só sentia a força de sua ira. Indo para a janela, Drake apoiou o ombro contra o batente de madeira e olhou mal-humorado à chuva. Suas duras feições estavam pensativas e lhe faziam mal. Que o céu a ajudasse! Queria que ele a envolvesse com seu calor. Tomara estivessem em um lugar mais romântico onde pudesse lhe dizer que ia ser pai...

Vigiando seu coração, Alicia cruzou os braços.

—Bem. Arrumou bem para converter a tarde em um desastre. Têm algo que dizer?

—Tenho, certamente. O que há entre esses dois?

Sua extraordinária perspicácia tinha conseguido mudar de assunto.

—Sarah e James... sua voz se suavizou, acredito que estão apaixonados.

—Mas bem enredados — disse Drake. —É capaz de consumir o ato?

Alicia soprou. Não deveria surpreendê-la que fizesse perguntas tão pouco delicadas.

—Como poderia sabê-lo?

—As mulheres falam entre si.

—Existem certos assuntos que uma dama não discute, nem sequer com sua melhor amiga. E eu jamais trairia sua confiança.

Observando-o, tratou de sondar em seu profundo aborrecimento.

—E por que o quer saber? Para lhe assegurar que James não encontre um só prazer em sua vida?

—É claro que não. Curiosidade simplesmente. Afastou-se da janela e se aproximou de Alicia, detendo-se a escassos centímetros dela.

—Não esteja tão indecisa, milady. Deveria saber que ultimamente meus pensamentos estiveram concentrados — percorreu com o olhar seu corpo de cima abaixo — em assuntos íntimos.

Um estremecimento involuntário saiu de seu interior, contra sua vontade seus seios se endureceram e seu pulso se desbocou. Tentou manter a voz tranquila.

—Sei que mantêm uma rivalidade ridícula com lorde Hailstock, e a estende absurdamente a seu filho.

—Este não é seu lugar. Não é próprio de um aristocrata.

—Desde quando se preocupa com as convenções sociais? Além disso, James e eu levamos uma escola, não nos dedicamos a flertar.

—Uma escola excelente, de verdade.

Outra vez o canalha encantador. Drake pôs suas cálidas mãos em sua cintura e sorriu de maneira que poderia transformá-la em uma idiota necessitada.

—Estou orgulhoso de você, Alicia. E devo admiti-lo, hoje me surpreendeu. Nunca imaginei que lhe interessasse ensinar, especialmente àqueles que tiveram menos fortuna que você. Seus louvores mitigaram a ferida de seu coração. Queria unir-se a ele, mas também queria fazer valer seu ponto de vista. Pôs-lhe as mãos no peito, empurrando-o para trás.

—James é meu sócio na escola, e portanto lhe rogo que cesse suas hostilidades contra ele e contra seu pai.

Durante um segundo, Drake a olhou fixamente, depois acariciou sua boca.

—Não se preocupe com eles. Me beije.

Ela afastou o rosto.

—Não. Promete-me isso.

—Não seja tão rabugenta. Seja minha amante.

—Pois não seja um canalha — replicou ela. —Sei que é capaz de coisas melhores.

Seus olhares se chocaram. Ela estava decidida a não ceder.

—Digo-lhe isto, Drake. Não estou disposta a suportar mais esta briga constante. Quero sua promessa de que será cortês. Não posso imaginar por que me nega isto.

Drake apertou a mandíbula e afastou o olhar por um momento.

—Se significar tanto para você — disse grunhindo — tentarei.

—Fará algo mais que tentar. Dará sua palavra.

Seus dedos lhe apertavam a cintura, e ele a olhava tão furiosamente que Alicia sentiu a esperada negativa. Então, voltou a grunhir.

—De acordo, então. Têm minha palavra.

O ar saiu disparado de seus pulmões com um suspiro de alívio. Sua ira se desvaneceu imediatamente e o abraçou deixando que os batimentos de seu coração palpitassem alegremente contra seu peito. Ela achava que ele manteria sua palavra. E sabê-lo excitava a Alicia da cabeça aos pés. Era um homem difícil e complexo, mas sob seu duro aspecto exterior tinha um coração íntegro.

Nas pontas dos pés, beijou com força sua face recém-barbeada. Respirou profundamente, aspirando a frescura da chuva em seu cabelo úmido. Não podia reprimir por mais tempo os sentimentos que tinha dentro.

—OH, Drake! Amo-o!

Suas escuras pestanas baixaram levemente sobre seus olhos azuis como a meia-noite. E seguia sem poder ler a expressão de seu fechado olhar. Pôs as mãos na nuca e desceu sua boca para seus lábios. Ela os abriu, recebendo, oferecendo todo o afeto de seu coração. Com paciência, poderia corrigi-lo, mudá-lo, convertê-lo em um homem melhor, e com o tempo, ele se daria conta de quão estúpido tinha sido, e do pouco importante que eram seus insignificantes ressentimentos. E seu filho o olharia como a um homem de honra.

Drake tomou pelas costas levando-a pela sala até uma turca. Embora sentisse a estremecedora antecipação de seus esforços, freou-o.

—Espere. Tenho algo para lhe dizer. Algo muito importante.

—Não há nada mais importante que isto — disse lhe beijando os seios, acariciando com a ponta da língua seu vale sombrio, enquanto lhe desabotoava o traje.

—Por favor, Drake, escute. Agarrando-o pelos braços tirou seus dedos de cima. —Vou ter um filho.

Seu olhar a escrutinava enquanto se erguia. No meio do silêncio, a chuva caía dos beirais e golpeava os vidros da janela. Seu encanto de canalha se alterou sutilmente em um olhar de intensa concentração, e com voz áspera disse:

—Está... certa?

Com a garganta seca, ela assentiu. Queria lhe agradecer tanto e compartilhar sua felicidade.

—O médico me examinou esta manhã. Depois do ano novo teremos um bebê.

Respirou com força, e logo acariciou suavemente seus ombros, como se ela fosse da mais fina porcelana. Abraçou-a pressionando seu cabelo contra sua face.

—Um bebê — disse em tom rouco. —Meu deus!

Ela riu de sua voz.

—Eu também achei difícil de acreditar no princípio.

—Tinha que me ter dito isso no princípio. Teria guardado meu maldito temperamento e não a teria manuseado. E como se precisasse comprová-lo cobriu com suas mãos o ventre da Alicia. Mais que com palavras, a ternura de seu gesto falou do poder de suas emoções. Alicia sentia que o laço entre eles se fortalecia e crescia, e embora não tivesse gritado de alegria, estava certa de sentir que o faria com o tempo. Também esqueceria seus preconceitos contra a aristocracia, e a amaria por si mesma.

Ela o provocou, roçando seus seios contra ele.

—Eu gosto como me acaricia.

Sem lhe fazer caso, obrigou-a a sentar-se.

—Esteve doente? Vejo-a um pouco pálida.

—Estive um pouco fatigada, nada mais...

—Então deve se deitar agora — e com os braços ao redor de sua cintura a levou para a porta. —Levo-a para casa, e pelo que respeita à escola, contratarei um professor. Não deve se exigir muito. Mais que incomodá-lo, suas hábeis maneiras lhe davam a esperança de saber que realmente a queria. E quando abria a porta entrelaçou suas mãos ao redor de sua nuca.

—Estou perfeitamente bem, e o doutor disse que posso continuar com todas minhas atividades normais.

Seus olhos brilhavam cheios de fogo.

—Consultarei eu mesmo e já veremos...

Depois de soltar abruptamente essas palavras, desceu suas escuras sobrancelhas e virou a cabeça entreabrindo os olhos pelo corredor em direção ao estúdio. Ao mesmo tempo, Alicia começou a escutar o som elevado de várias vozes. Apoiada nele, levantou-se para olhar por cima de seu ombro.

E justo então, James saiu do estúdio na cadeira de rodas. Sarah partia atrás dele muito rígida. A princípio, Alicia pensou que tornaram a brigar, até que viu o alto e diferente cavalheiro que estava em pé no estúdio atrás deles. Lorde Hailstock.

Capítulo 24

—Fique aqui — disse em voz baixa. —Eu me encarrego dele.

Alicia não tinha intenção de esperar docilmente na sala de estar.

—Não — murmurou — acredito que me necessitam.

E ouvindo sua impaciente exclamação, Alicia se apressou pelo corredor. James e seu pai se olhavam como dois cães furiosos. Cada vez que James tentava fazer rodar sua cadeira, seu pai se interpunha impedindo-o. Suas vozes iradas ressoavam contra as paredes pintadas de verde.

—Ainda não estou acabado — disse irritado o marquês. —Terá a educação de ficar aquieto e me escutar.

James enfrentou seu olhar sem acovardar-se.

—Já escutei o bastante, e queira ou não, sou maior de idade e não estou as suas ordens.

—E eu não posso perdoar esta teimosia — disse Hailstock, com os braços tensos nos quadris. —Alegrei-me quando descobriu esse artefato com rodas, e parecia tão contente saindo todos os dias para ver a duquesa. Mas me fez acreditar que ia ao parque, ou a sua casa. E, entretanto, durante todo esse tempo esteve aqui.

—Nada me obriga a lhe dar conta de minhas atividades, pai.

—Estou de acordo com ele — disse Sarah, pondo a mão em cima do espaldar da cadeira de rodas. —Não há motivo para discutir.

—Excelência — disse Hailstock, olhando-a iradamente. —É uma das mais destacadas personalidades de nosso círculo, e você, precisamente entre todas, deveria saber o que significa esta insensatez de misturar-se com as classes baixas.

Arqueou uma sobrancelha, enquanto a contemplava com fria majestosidade.

—Não sou ninguém para contradizer ao James, e você tampouco.

Alicia se aproximou rapidamente do marquês. Apesar do tempo de cães que fazia fora, seu capote não tinha uma gota de água, e seu cabelo, como sempre, estava perfeitamente penteado.

—Milorde, não me havia informado que tinha vindo nos visitar — esperava temperar a discussão, adotando um tom informal. —Se me acompanhar ao salão, pedirei o chá.

—Obrigado, milady, mas esta não é uma visita de cortesia — seus gelados olhos a estudavam acusadoramente. —Entendo que você forma parte desta desatinada escola.

Embora tivesse sido como um pai para ela, manteve o queixo erguido, tentando não deixar se amedrontar por ele.

—Sim. Eu organizei esta escola. E nos dedicamos a ajudar pessoas que de outro modo não teriam a oportunidade de melhorar na vida.

—Sem dúvida, foi ideia de seu marido — cortou Hailstock. —Apanharia ao voo qualquer oportunidade para conduzir a desgraça sobre minha família. Afundaria meu filho, meu herdeiro, mesclando-o com a chusma do arroio.

—Isso não é verdade. Inteirou-se hoje mesmo.

Mas o marquês já não escutava, e ficou a dar voltas em frente do Drake com os punhos fechados.

—Se me inteirar do mínimo escândalo, fá-lo-ei pessoalmente responsável.

Drake lhe olhou duro e impassível.

—Faça o que quiser — disse. —Eu aprovo esta escola, e se minha esposa e seu filho escolhem educar aos criados, não me oporei. Mantinha-se leal a seu lado, com sua presença cálida e firme. E, graças a Deus, não tinha perdido os estribos, embora notasse seu desprezo; temia que a situação provocasse a ruptura de sua promessa. Voltou-se para lorde Hailstock e sentiu uma dor de remorso. Por que Drake e ele não podiam parar suas diferenças?

—Embora me doa dizê-lo, devo lhe pedir que vá, milorde — disse tranquilamente.

Hailstock sufocou, e apertando os lábios olhou para Alicia e Drake.

—Milady, se deseja se afundar no arroio com Wilder, que assim seja, mas não levarão meu filho. Voltará para sua casa, ao lugar que lhe corresponde. E com um passo ficou atrás da cadeira de rodas e lhe deu um forte empurrão. Drake se moveu, como se fosse impedi-lo. Mas sem necessidade de ajuda, James freou as rodas, e os dedos se puseram brancos pelo esforço que fazia mantendo quieta a cadeira.

—Maldito seja, pai! Está-me tratando como a um pirralho.

—Vá se quiser, mas enquanto viver em minha casa, me obedecerá.

—Então, já não viverei ali — exclamou James, chiando os dentes. —Irei viver com meu irmão.

Lorde Hailstock ficou gelado, pálido como um morto, e com os dedos cravados como garras no espaldar de madeira da cadeira. Alicia pensou que tinha ouvido mal, e olhou a James franzindo o cenho.

—Seu irmão?

—Mas se não tem nenhum irmão — acrescentou Sarah.

—Na verdade tenho um — disse James duramente, e virando-se de repente, uma estranha e selvagem luz apareceu em seus olhos, enquanto olhava fixamente a seu pai.

—Diga-lhe pai... diga-lhes que Drake Wilder é seu bastardo.

E o silêncio se fez. Alicia estava paralisada, as mãos geladas, e consciente dos fortes batimentos de seu coração. Não podia ser verdade. Não podia ser. Um torvelinho de sensações girava sem cessar em sua mente. Drake. Lorde Hailstock. Não estranhava que nunca tivesse compreendido completamente o ódio que se professavam.

Até agora.

Pegou à manga do Drake, esperando que o negasse. Mas, por alguma razão desconhecida, só notou o suave e fino tato de sua jaqueta azul escura, enquanto a calidez de seu braço se desvanecia ao sentir sua pele gelada.

—Por favor — sussurrou — me diga que é mentira.

O rosto do Drake era o de um estranho, as feições cinzeladas em granito e os olhos inescrutáveis. O momento se fazia eterno, e seus piores temores se confirmaram quando, em lugar de replicar, virou-se para James e lhe perguntou.

—Como se inteirou?

—Veio a nossa casa há umas semanas, para devolver o anel que meu pai tinha dado a Alicia —dizia James olhando-o intensamente. —Eu estava no salão, e ele acreditou que dormitava, mas ouvi o que diziam no corredor. Disse que... era seu outro filho — e olhando inquisitivamente ao marquês. —Depois meu pai o expulsou de casa.

—Wilder está mentindo — disse lorde Hailstock com voz rouca enquanto rodeava a cadeira para olhar a seu filho. —Você é meu único filho, e ele é um estelionatário que quer roubar sua herança.

—Se quisesse seu dinheiro — disse Drake — teria lhe chantageado e me teria que pagar, é claro.

O rosto do Hailstock se torceu com uma careta de fúria.

—Está decidido a manchar meu bom nome, e lhe advirto que não o tolerarei.

Suas vozes iradas formavam redemoinhos ao redor da Alicia. Não podia pensar. Só podia contemplar a cena fascinada e chocada, ante os três homens. Nunca lhe ocorreu comparar as semelhanças, mas agora o fez, e as ligeiras semelhanças a emocionaram. Embora Drake fosse mais moreno que James, com seu cabelo escuro e pele pálida, tinham os mesmos olhos azuis penetrantes, e as mesma covinhas nas faces que se afundavam quando riam. Os dois compartilhavam uma boa musculatura e a mesma aristocrática atitude.

—Admito que o odiei, Wilder — disse James com o olhar fixo em Drake. —E que estava ressentido do poder que exercia sobre mim... nosso pai. Por isso alardeava sobre minha posição cada vez que o via, mas desde essa noite tive motivos mais que suficientes para acreditar que estava equivocado.

Drake não disse nada, limitou-se a devolver o olhar a James.

—Se não há inconveniente — continuou James. —Eu gostaria de viver com você e Alicia durante algum tempo, até que possa arrumar certos assuntos.

Olhou de esguelha para Sarah, que tinha estado escutando com os olhos violetas bem abertos. Ela deu um passo adiante.

—É uma ideia excelente — disse olhando com severidade para Drake. —Está de acordo, senhor Wilder?

—É claro — respondeu Drake em um tom desprovido de emoção. —Minha governanta se encarregará dos acertos.

—Não! gritou Hailstock com o rosto rígido, fincando um joelho no chão em frente de seu filho. —Pense bem, James. Não pode reclamar um parentesco com esse vulgar canalha. As pessoas falarão. Que razão lhes dará para ir viver com eles?

—Sempre resta a verdade.

—Mas é um jogador, um descarado. Você tem sangue nobre...

—Pelo que parece, ele também — replicou acidamente James.

O marquês respirou profundamente, tremiam-lhe as narinas.

—Não o faça, rogo-lhe. Wilder carece de provas seguras. Cometerá um engano desastroso.

—Duvido bastante — disse James. —Mas apesar de tudo, conhecerei o irmão do qual me privou todos estes anos. E manobrando ao redor de seu pai, deixou-o com o joelho no chão, a cabeça humilhada e os olhos fechados.

—Minha carruagem espera na porta — disse a duquesa. —Ordenei ao cocheiro que viesse às duas e meia.

James assentiu, moveu-se para Alicia, tomando-a pela mão.

—Sinto muito — disse arrependido. —Não deveria revelar a verdade desta maneira. Deve ser uma comoção para você.

Comoção? Parecia em mil pedaços, completamente devastada, como depois de um terremoto. E não podia assimilar os acontecimentos, exceto um fato: Drake lhe tinha mentido. Durante todo o tempo tinha posto desculpas para justificar seu antagonismo com lorde Hailstock. E ela tinha sido suficientemente estúpida para acreditar nele.

James lhe soltou a mão, e logo Sarah lhe tocou o braço para consolá-la.

—Falaremos mais tarde — murmurou a duquesa.

Alicia assentiu rigidamente, e o casal se encaminhou pelo corredor para a parte dianteira da casa. Hailstock se levantou lentamente com os ombros caídos, e antes de lançar um olhar envenenado a Drake, submeteu a Alicia a um profundo escrutínio. Ela não podia pensar em nada que lhe dizer. Depois de tudo, ele também a tinha enganado.

Depois, o marquês virou sobre seus calcanhares e seguiu Sarah e seu filho. Uma rajada de ar gelado entrou pelo corredor quando a porta principal se abriu e se fechou. Tremendo de frio, Alicia se abraçou. Era consciente da presença de Drake atrás dela, mas já não sentia

nenhuma afinidade com ele. O laço que havia entre os dois se quebrara. Ou talvez não tivesse existido nunca.

—Está muito pálida — disse ele, deslizando um braço por suas costas. —Precisa descansar. Confusa, deixou-se guiar pelo corredor até o vestíbulo, enquanto ressoavam seus passos sobre o chão de mármore. Mas quando ele a apressou a subir as escadas para ir ao dormitório, plantou-se.

Todos seus desconexos pensamentos acudiram juntos para formar um tudo coerente. Drake sempre tinha sabido que o marquês era seu pai, e isso significava que não a escolheu por acaso. Drake tinha explorado a debilidade pelo jogo de Gerald com intenções sinistras, e depois a obrigou a casar-se com ele. E tudo porque lorde Hailstock a queria.

E Drake queria vingar-se. Com a horrível revelação dos fatos, todas suas ingênuas esperanças de ganhar seu amor morreram. Drake não conhecia a mínima terna emoção. Estava envenenado pelo ódio. Alicia se afastou bruscamente dele, retrocedendo até que suas costas tocaram contra o corrimão da escadaria. Tinha medo de romper a chorar e enterrou toda sua dor debaixo de uma amarga e fria dignidade.

—Utilizou-me para sua vingança — declarou. —Não se preocupou nunca em ser aceito em sociedade. Casou-se comigo para atacar seu pai.

Drake quis retroceder ante essas bruscas palavras, pronunciadas com sua voz fria e aristocrática. Que estúpido tinha sido acreditando que podia ocultar-lhe tudo! Amaldiçoava-se por ter deixado que James se inteirasse do assunto por acaso. Embora tampouco devia preocupar-se tanto. Em certo recôndito lugar de seu coração sentia certa satisfação maligna sabendo que James sabia que eram irmãos.

E quanto a Alicia, não ficaria mais remédio que sofrer sua separação, confiando que mais tarde ela o perdoasse.

—Sim. Por isso me casei com você — admitiu. —Hailstock a estava cortejando, e além disso eu queria ser aceito em sociedade para que ele tivesse que ver o bastardo que nunca reconheceu. A simples ideia de pensar nisso fez que lhe chiassem os dentes, e agradecendo por esse arrebatamento de ira, ficou a dar voltas pelo vestíbulo. Nada do que tinha acontecido seria necessário se Hailstock o tivesse reconhecido anos atrás. E se o grande miserável não tivesse ameaçado a um menino indefeso...

—Por que não o reconheceu? perguntou Alicia. —Possivelmente não seja realmente seu filho. Atônito, Drake se virou para ela.

—É a maldita verdade, e minha mãe nunca me teria mentido.

—Não precisa amaldiçoar — disse com tom gelado. —Quão único quero saber é se ela lhe deu alguma prova.

Conteve sua ira. Ela não sabia a história inteira.

—Sim — exclamou. —Ela me deu o alfinete de gravata de diamantes que levava seu brasão, e sua palavra, além disso, era suficiente para mim. Não lhe contou sua estranha

habilidade com os números, esse dom que compartilhava com Hailstock. Não se rebaixaria ante ela para que acreditasse.

—Deve lhe doer muito ver-se privado de um título por um acidente de nascimento.

—O que me dói é que usasse minha mãe e depois se negasse a manter seu filho.

Alicia se limitou a erguer uma sobrancelha.

—Sua mãe morreu quando tinha dez anos, e depois veio a Londres, não em busca da grande aventura, nem para se unir a uma companhia de teatro. Mas enfrentar lorde Hailstock. Alicia o fazia sentir-se desconfortável, lhe recordando todas suas mentiras.

—Claro que estive em uma companhia de teatro — murmurou.

—Mas só depois de ter visto o marquês. Só depois que ele o rechaçasse.

—Sim.

—Me diga o que aconteceu quando foi vê-lo.

Aquilo era remover a ferida. Drake caminhava como uma fera enjaulada pelo vestibulo, e parou para esquadrihar através de uma janela. As gotas de chuva deslizavam pelos vidros como uma corrente infinita.

—Foi há muito tempo. Basta-lhe saber que não queria nada de mim.

—Mas lhe mostrou o alfinete de gravata, não é?

—É claro que o mostrei — e o que aconteceu depois foi a experiência mais dolorosa de sua vida. Repugnava-lhe expor seus mais íntimos pensamentos a qualquer um, mas se isto lhe ajudasse a recuperar o amor da Alicia. —Denunciou-me por ladrão e estelionatário. Depois, chamou seus lacaios para que me levassem ante um juiz e me encerrassem na prisão de Newgate.

Alicia nem sequer respirou. Os olhos azuis que há meia hora brilhavam de amor por ele o contemplavam agora como se desfrutassem vendo-o preso em uma úmida cela.

—Esteve no cárcere?

Negou com a cabeça.

—Tinha vivido na rua o suficiente para conhecer alguns truques. Escapuli dos lacaios. Estávamos no andar térreo e saltei por uma janela aberta.

Ela seguia calada. À mortíça luz do entardecer, permanecia erguida, o traje rosa realçava suas curvas femininas, umas curvas que nunca se cansara de acariciar. Morria por saber o que ela estava pensando. Acaso não sentia um ápice de compaixão? Que néscio tinha sido ferindo-a. Queria adorá-la, sustentá-la entre seus braços de novo e ouvir suas sussurrantes palavras de amor. Abrindo as mãos, aproximou-se dela.

—Alicia, sinto tanto...

—Não se atreva a me tocar — disse gelidamente.

Ele se deteve, confuso, pela primeira vez em sua vida. Ela o olhava atenta e fria, lhe recordando à altiva e distanciada Alicia do dia de suas bodas. Podia estar olhando a um miserável estranho. E ele se sentia como um miserável.

—Se me der a oportunidade, podemos discutir isto razoavelmente...

—Não se atreva a questionar meus argumentos — disse ela cruzando os braços debaixo de seus seios — para mim está tudo claro agora. Estava vigiando a noite de nosso primeiro baile. Procurava lorde Hailstock, esperando que aparecesse para poder me exhibir a seu lado.

—Ele tinha tratado de me afastar de seu mundo...

—Também me proibiu de ver James, e não porque fosse um fátuo aristocrata como disse, mas sim porque é seu irmão.

—Tudo isso influía, mas ele é um altivo presunçoso.

—Foi bastante engenhoso com suas mutretas para me manter afastado dele — disse Alicia, continuando com a litania de seus pecados. —Utilizou seus encantos para me manipular, e não duvidou em recorrer a eles aquele dia no clube. Quando lhe levantou as saias e a levou ao clímax. Ela não podia negar isso.

—Acredito que recordar que gozou bastante.

—Não me deu outra opção — replicou ela. —Tudo o que fez na vida está baseado na vingança, e não me surpreenderia que considere a meu filho como outro meio para ridicularizar lorde Hailstock.

Alicia colocou as mãos sobre o ventre como se quisesse proteger ao bebê. E essa acusação deixou Drake estupefato. Não tinha encontrado palavras para expressar a excitação e a alegria que sentiu ao se inteirar da gravidez. Nenhum homem admitiria essas emoções tão ternas e doces, ou um laço tão intenso e romântico com sua mulher. Deu outro passo para ela.

—Alicia... está equivocada. A felicidade que tive ao saber o do bebê nada teve que ver com o Hailstock.

—Devo acreditar em você, depois de todas as mentiras que me contou? negou com a cabeça como se estivesse assombrada de sua própria ingenuidade. —E nunca pensou em manter sua palavra.

—Minha palavra?

—De cessar as hostilidades.

—Tentei — murmurou. Estava empenhado com o irresistível desejo de que ela acreditasse que era um homem de honra. —Fiz todo o possível para esquecer meu ódio por Hailstock.

Alicia zombou.

—E o que teria acontecido se tivesse visitado lorde Hailstock ou James? Teria esquecido seus mesquinhos ódios então?

—Não há nada mesquinho nisto — exclamou Drake dando socos no vestíbulo. —É claro que queria a manter afastada de Hailstock. Ele a teria posto contra mim.

Ela o olhou com um frio desprezo.

—Não, Drake. É você que tem se predisposto contra mim. Então lhe deu as costas e entrou na biblioteca, fechando a porta.

Capítulo 25

Alicia tinha algo que perguntar a sua mãe.

Descendo da carruagem aquela tarde, reafirmou-se em seu propósito para ir a casa. Sabia que a estas horas Drake estaria no clube. E não queria vê-lo. Tinha os olhos secos pelas lágrimas que não tinha podido verter. Antes de ir, a senhora Molesworth a cuidou, lhe oferecendo chá e torradas com geleia, cobrindo-a com uma manta ao calor do fogo recém-aceso na lareira da biblioteca. Encolheu-se em uma poltrona olhando como caía a chuva, e passou o resto da tarde chorando e meditando, ferida e zangada como Drake a tinha utilizado para um fim tão malvado.

Mas, apesar de tudo, tinha a insistente sensação de que esquecia algo vital. Algo que dançava no fio de sua consciência. Espremendo os miolos, adormeceu na biblioteca, e despertou ao anoitecer com a cabeça clara. E com uma inquietante pergunta em mente, que só sua mãe poderia responder.

Embora a chuva fosse agora uma fraca garoa, um lacaios segurou um guarda-chuva sobre sua cabeça, enquanto ela cruzava o jardim, sem fixar-se nos atoleiros. Olhando a casa lhe invadiu um sentimento agri-doce de volta ao lar. Acostumara-se tanto a amar esta casa de quatro pisos com suas altas colunas brancas e suas inumeráveis janelas, que brilhavam douradas com a luz de seu interior na escuridão. E se acostumou a amar tanto a seu dono, o mais falso, desumano, obstinado, dominante e estúpido homem que jamais houvera.

Enquanto subia pelos degraus de mármore branco que conduziam à entrada, a senhora Yates a olhava do vestíbulo arrumando umas tulipas vermelhas em um vaso grego. Ela se voltou, e suas sensuais feições se iluminaram com um estranho interesse.

—Boa noite, milady.

Alicia assentiu educadamente, e se dirigiu diretamente para a grande escadaria.

— Lady Eleanor está em seus aposentos?

—Não. Está no salão de baile com a senhora Philpot — sorriu indulgente, e Alicia se perguntou se a governanta mostrava de verdade um pouco de compaixão por sua mãe. —Hoje é a rainha Eleanor da Aquitânia.

Alicia pensou se devia entrar no salão de baile, mas hesitou. Possivelmente antes de lhe perguntar algo, deveria aproveitar a oportunidade. Se mamãe estava profundamente metida em suas fantasias, seria incapaz de dizer algo coerente, e nesse caso...

A senhora Yates limpou a garganta.

—Deveria saber, milady, que o senhor Wilder converteu a sala de estar das manhãs em um dormitório para lorde Scarborough. Assim poderá mover-se com mais liberdade com a cadeira de rodas. Precisamente, os dois estão agora ali, arrumando tudo.

A surpresa golpeou o coração da Alicia. Drake estava aqui, a escassos passos pelo corredor.

Um desejo impossível a tentou. Podia ir vê-lo, esquecer seus imperdoáveis pecados e lhe dizer que estaria a seu lado, embora não pudesse lhe entregar seu coração. Mas no final, levá-la-ia acima e lhe faria amor.

Mas ele estava com seu irmão: o filho de lorde Hailstock. E isso era suficiente para lhe recordar sua perfídia.

—Informarei ao senhor de que está aqui — disse a senhora Yates, dando a volta para ir, mas o tom agudo da Alicia a deteve.

—Não, por favor. Não quero interrompê-los.

—Mas o senhor me pediu que lhe avisasse assim que retornasse. E foi muito insistente neste aspecto — respondeu a senhora Yates, olhando-a com curiosidade. —E com essa ideia me ordenou que aguardasse aqui durante toda à tarde.

Alicia apertou os punhos. Não queria que ele usasse seu encanto de novo sobre ela. Para ele, não era mais que um corpo, nada exceto a mulher que Hailstock tinha desejado.

—Não lhe diga nada — disse arrogante. —Entende-me?

Temeu que a governanta se negasse, pois esta era completamente leal a Drake, uma lealdade baseada na gratidão a seu salvador. Mas ela se limitou a assentir lenta e consideradamente.

—Como desejar, milady.

Pensaria Yates que seguia considerando-a amante de Drake, além de uma intrometida? Ou teria adivinhado a verdade e procurava uma oportunidade para reconciliar-se? Alicia não pensava preocupar-se por isso. Como despedida, começou a subir a escadaria. A senhora Yates a chamou.

—Devo dizer que o senhor esteve aqui dando voltas como um touro furioso, e se houver algum inconveniente entre os dois, possivelmente eu possa lhe dar uma mensagem. Queria fofocar, isso era tudo. Alicia forçou um sorriso indiferente.

—Falarei pessoalmente com ele... mais tarde.

Incapaz de pensar em outra coisa que não fosse sua investigação, recolheu as saias e se apressou escada acima. Quando chegou ao segundo andar caminhou pelo elegante corredor com suas familiares paredes douradas, as paisagens emolduradas e o brilho da marcenaria. Tinha que ordenar seus pertences para que os enviassem a Pemberton House. E os de sua mãe, é claro. Mas não agora. Não ainda. Entrou no quarto de sua mãe e fechou a porta.

Sobre a cama, a colcha bordada estava dobrada, e se viam os travesseiros de penas. As cortinas amarelas ocultavam a noite, e sobre uma pequena escrivaninha uma vela ardia em um candelabro. Alicia se apressou, seus sapatos não faziam ruído sobre o tapete verde com motivos amarelos. Sossegando sua consciência, enquanto invadia a intimidade de sua mãe, revistou uma a uma todas as gavetas da escrivaninha. Encontrou papel e envelopes, recâmbios de penas e uma coleção de botões em uma bandeja pequena. Na gaveta de baixo pegou uma pasta com um desenho de corações e flores. Escrita com caligrafia cuidada havia uma dedicatória: A minha querida mamãe, com amor, Alicia.

Sorrindo apesar dele, Alicia a revistou. Mamãe tinha acumulado um tesouro em papéis velhos. Examinou-os, olhando ditados, exames de aritmética e trabalhos de história. Em alguns se notava como melhorava sua letra com o tempo, e em outros destacavam os ganchos de ferro masculinos de Gerald. Mas não achou o que procurava. Foi à mesinha de noite e estudou seu conteúdo: um lenço bordado, um pedaço de vela e um livro de orações. Nada que pudesse significar algo. Depois, levou a vela ao quarto de vestir para revistar os armários e as cômodas, afastando metodicamente todas as fantasias que Drake deu a sua mãe.

Seu coração pulsou de novo com a dor de sua traição. Como era possível que um homem capaz de tanta bondade permitisse deixar-se dominar pelo ódio e vingança? E como podia ela continuar desejando-o? E o desejava. No mais profundo de seu interior, o amor ardia, uma chama muito viva para extinguir-se. Sabia que Drake podia ser desumano e havia se exposto a ele muitas vezes, mas nunca poderia convencê-la para que voltasse a amá-lo, com essa paixão carnal que se convertera com o tempo, em afeto sincero.

Maldito jogador. Agora sabia que nunca poderia confiar em um canalha como ele.

Contendo lágrimas de raiva, foi revistando traje por traje, decidida a não passar por cima nenhum buraco ou esconderijo. Concentrou-se nas gavetas, na parte de cima das cômodas, e explorou com os dedos os cantos mais profundos.

Por fim, desistiu. deixou-se cair em uma banquetta, e tratou de pensar em onde mais olhar, em que lugar poderia ter escolhido sua mãe para esconder um tesouro. Não havia outro lugar possível para... Então, fixou-se no barril com as moedas falsas de ouro, com as quais jogava à rainha dos piratas.

Sem muitas esperanças, pegou-o, e colocou a mão entre as moedas de latão. Estas tilintaram, e algumas caíram ao chão, e quase no fundo do barril seus dedos roçaram em um pequeno pacote. Alicia o tirou. Eram cartas, uma dúzia, mais ou menos. O papel amarelava e estavam atadas com uma fita usada de cetim rosa. Sabia por que mamãe tinha guardado essas cartas. Tinha as visto antes, escondidas debaixo de uma tábua solta do piso do dormitório que compartilhavam em Pemberton House. E pensando que eram uma excentricidade mais de sua mãe, deixara-as em seu lugar sem ler. Acreditou que eram uma lembrança sentimental que não significavam nada, exceto para sua mãe.

Até hoje.

Fechou os olhos e segurou o pacote contra seu peito. Tinha que lê-las, e que o céu a ajudasse, porque em realidade não queria inteirar-se da correspondência que sua mãe tinha guardado durante tantos anos. Agora sabia que estas eram as cartas que lorde Hailstock procurava tão ansiosamente. E se suas suspeitas continuavam, dariam a Drake os meios para completar sua vingança.

Drake passou a última hora dirigindo-se a um grupo de criados, e se sentia um pouco incomodado ao ficar a sós com seu irmão. Os lacaios haviam descido uma cama de mogno com dossel, e a instalaram na sala de estar. As criadas fizeram a cama, e acenderam o fogo na lareira, depois fecharam as persianas de madeira. O tapete foi enrolado e retirado, para que James pudesse rodar a cadeira mais facilmente pelo chão pálido de mármore. Atrás da porta fechada de um hall, um criado tirava roupa de uns baús. Enquanto olhava como James pegava uma vela e a levava a mesinha de noite, Drake se perguntava como foi capaz de aceitar este maldito acordo. Não deveria ter permitido que seu aristocrático irmão mais novo estivesse em sua casa. Era uma vingança que não tinha concebido: roubar o filho ao marquês. E não se sentia vitorioso. Um curioso sentido de irrealidade o envolvia.

Hoje tinha ganhado um irmão e perdido uma esposa. Bebeu outro gole de brandy sem saboreá-lo, e embora já bebera meia garrafa, o álcool não amortecia a dureza de sua dor. Quando muito, punha-o sentimental.

Ter deixado Alicia em Pemberton House ia diretamente contra todos seus instintos. Não se lembrava quanto tempo esteve esperando no vestíbulo, em pé como um estúpido apaixonado diante das portas fechadas da biblioteca. Havia sentido a desesperada necessidade de devolvê-la a esta casa, a que pertencia. Ela teria resistido, mas ele a teria apanhado entre seus braços e a teria metido na carruagem. Não teria chutado nem gritado; Alicia tinha muita dignidade para fazê-lo.

E era essa mesma dignidade que o deteve. Não podia esquecer seu olhar de frio desprezo em seus olhos. Sua mulher desprezava-o, mais inclusive que no dia de suas forçadas bodas, e tinha o temor embaraçoso de que esta vez não teria êxito levando-a a cama com seus encantos. Já não haveria nunca mais comentários engenhosos entre eles, nem nunca mais veria seu sorriso no circo, nem a contemplaria enquanto ficava alta com algumas taças de champagne. Nunca mais ouviria sua voz suave lhe sussurrando palavras de amor.

O peito lhe apertava com um pânico interminável e estranho. Por que estava aqui perdendo o tempo, quando devia estar tratando de convencê-la? Tinha que fazer algo. Já tinha terminado com todo o repertório de desculpas e não lhe ocorria nada mais. Espremendo os miolos, começou a caminhar para a porta.

—Um momento — disse James, movendo-se rapidamente para ele. —Não pode me oferecer um brandy e ir depois.

—Vou ao clube — mentiu Drake.

—Tome a noite livre e sente-se, maldito seja! Vai me quebrar o pescoço de levá-lo tanto para olhá-lo.

Provavelmente queria que lhe fizesse uma reverência, e o coçasse como um maldito criado. James vestia camisa branca e calças escuras, e o olhava desafiante. Se pudesse estar em pé, teriam a mesma estatura, os músculos dos braços e o peito estavam bem desenvolvidos pelo exercício. Drake notou um criado trazendo vários pesos diferentes.

Por alguma razão, teve a súbita impressão de que seu irmão procurava companhia. Não conhecia ninguém na casa, exceto, possivelmente, lady Eleanor, que certamente não o reconheceria. Inclusive Alicia estava fora.

Alicia.

Maldição. Como tinha deixado que lhe convertesse em um cão mulherengo, disposto a lhe farejar os saltos, suplicando seus favores? Estava zangado consigo mesmo, e foi encher as taças com mais brandy, e depois de beber um bom gole se afundou em uma das cómodas poltronas de couro ao lado da lareira. Não faria nenhum mal ficar alguns minutos para deixar claras algumas normas.

Enquanto James ficava a seu lado, com o copo seguro entre as coxas, Drake disse sem preâmbulos.

—Vou lhe atribuir um criado para que o ajude. Dá ordens só a ele.

—Não necessitarei ajuda — disse James. —Trouxe Tilford, um homem muito fiel.

—Como quiser, então. Mas se assegure que não interfira com meus criados — Drake não permitiria que nenhum deles enchesse à criadagem com detalhes absurdos que não encaixasse nas estritas exigências de um aristocrata.

— Tilford não fará nada disso. Sabe como comportar-se.

—Se quer comer algo especial, avisa com meio-dia de antecipação. Não quero que meus criados tenham que sair a toda pressa ao mercado.

James ergueu sua taça em um brinde zombador.

—É um tipo rigoroso, né?

—Amanhã os criados tirarão os tapetes deste piso — seguiu tranquilamente Drake — para que possa se mover a sua vontade. A biblioteca está justo ao final do corredor. E a governanta lhe mostrará o resto dos aposentos.

—Eu os acharei. Não se preocupe — disse James apertando a boca. —Mas você me interessa mais. Quem, se posso perguntar, era sua mãe?

Drake esperava esta pergunta direta. E por mais que odiasse revelar essa parte de seu passado a este aristocrata mimado, seu irmão tinha que conhecer a maldade de seu pai. Assim Drake lhe contou uma versão abreviada da história, observando durante todo o tempo James, e que não lhe ocorresse lançar algum comentário calunioso sobre a honra da Muira Wilder.

Aleijado ou não, chocaria o punho em seu rosto. Mas James não zombou absolutamente. Simplesmente movia a cabeça surpreso.

—Não posso imaginar meu pai tendo um assunto desse tipo. Sempre foi um puritano rigoroso.

Drake achava que Hailstock era capaz de qualquer perfídia. Não disse nada, e pensou que se James queria seguir obstinado a essas ilusões, deixaria.

—Pelo que sei, nunca rompei seus votos matrimoniais — seguiu James, levantando a taça para olhar o líquido ambarino à luz do fogo. —E muitas vezes me perguntei se tomou uma amante ao fim, depois da morte de minha mãe. Isso foi há um ano...

—Não.

—Como diabos sabe? seu irmão o olhou duramente.

—Vigiava aos dois.

James assobiou baixo.

—Realmente nos desprezava.

Drake bebeu outro gole, e embora o brandy francês deslizesse como a seda por sua garganta, fez um gesto de desgosto. Que demônio o tinha possuído para ficar aqui, sentado e conversando com a confiança de dois irmãos? Compartilhavam o mesmo sangue, mas nada mais.

—É um homem possessivo e de miras estreitas, mas não é tão mau como acredita — disse James, recostando-se; sua expressão era sincera. —Às tardes jogávamos xadrez ou falávamos de política. É tão culto como qualquer professor de Oxford, e tem um surpreendente dom com os números. Publicou tratados de matemática.

Drake os leu e não admitiria ante ninguém, e menos ante este aristocrata presunçoso, que havia sentido o vivo desejo de discutir essas complexas teorias com o gênio que as tinha desenvolvido. Mas James tinha sido o único que recebeu as atenções de seu pai. Escavando em seu ressentimento, achou um fundo desejo, um sentimento que o incomodava.

—Se os dois se levavam tão bem — disse bruscamente — por que o deixou?

James o olhou altivamente.

—Já lhe disse isso. Queria conhecer meu irmão. E o farei.

—Somos muito diferentes para ser amigos — disse Drake, terminando a bebida. — Deixemo-lo como está.

James riu zombeteiramente.

—Não se levante. Não lhe imporei minha presença durante muito tempo. Dentro de pouco tempo terei minha própria casa.

Vendo a oportunidade de trocar de assunto, Drake lhe perguntou.

—Pedi-lhe que se case com você?

Um débil rubor apareceu nas faces de James.

—A duquesa?

—Quem diabos se não? alcançando a garrafa, Drake encheu os copos. —Certamente quererá tê-la em sua casa. De um rápido gole, James esvaziou a taça, e em tom zombador respondeu.

—Ela merece algo melhor que acorrentar-se a um inválido para o resto de sua vida.

—Suspeito que ela não vê assim.

—Temos nosso assunto e nada mais — murmurou James, movendo a cadeira para servir-se de outra taça. —E ela pode partir quando quiser.

Drake não deixaria que Alicia partisse. Idiota! Por que tinha ela tal poder sobre seu coração?

—Não seja um burro arrogante — soltou, com a misteriosa sensação de que se referia a ele mesmo. —Não deveria tomar essa decisão sem contar com ela.

—E você é o perito em mulheres? Se tivesse tanto cérebro como vaidade, estaria já de joelhos ante a Alicia, lhe pedindo perdão.

—Eu não me ajoelho ante nenhuma mulher.

Rindo, James indicou a porta.

—Isso o pode dizer você mesmo.

Drake se virou na poltrona para ver como Alicia estava em pé na soleira. Maldição! Teria ouvido-o? As luzes do corredor delineavam suas curvas e formavam um halo sobre seu cabelo dourado. Segurava com uma mão o batente da porta como se necessitasse apoio. Levava o mesmo traje rosa, embora agora estivesse enrugado como se tivesse adormecido com ele posto. O rosto estava muito pálido, respirava depressa e a expressão era de angústia. Tinha ouvido-o.

Insultando-se, levantou-se como uma mola, e cruzou o aposento para tomar a mão. Tinha a pele gelada e seu corpo tremia.

—Parece que está a ponto de desmaiar — disse-lhe.

Para sua surpresa, em lugar de retroceder ou lhe dar um pontapé de raiva, limitou-se a olhá-lo como se quisesse ver bem dentro de sua alma, e em tom muito baixo lhe disse.

—Drake, tenho que falar com você.

—Vamos para cima — esta seria sua oportunidade. Se ficasse a sós com ela, poderia abrandá-la, encantá-la e convencê-la de que vingar-se de seu pai já não importava. Que era ela o que lhe importava.

—Não! disse soltando-se, e entrou no aposento. —Isto também incumbe ao James.

James?

Cheio de ira a seguiu. Por que teria que ter feito James esse estúpido comentário sobre não ajoelhar-se ante as mulheres? A menos que fosse outra coisa o que lhe tinha posto assim. Sorriu a seu irmão e lhe tocou a mão. James enrugava a fronte com preocupação, e lhe pegou a mão também.

—Alicia? O que acontece?

—Devo ler algo aos dois. Isto. Pela primeira vez, Drake percebeu o papel que ela pegava na outra mão. Inclinou a cabeça para observá-lo, parecia uma carta, com a tinta algo esvaída e escritura feminina de traços finos. Ardia em saber o que pôs em tal estado. Ele tentou agarrar a carta, mas ela a pôs contra o peito.

—Devo lhes pedir que me escutem enquanto lhes explico certos assuntos — disse. — Desde esta tarde, estive pensando, recordando, e uma das coisas que me vieram à mente era um pacote de velhas cartas que mamãe sempre teve escondidas. Tinha as escrito uma amiga de sua juventude, Claire.

Alicia fez uma pausa olhando-o com uma estranha seriedade. Drake apertava a mandíbula para dominar sua impaciência.

—E?

Ela começou a passear lentamente.

—Claire Donnelly era uma pobre órfã irlandesa, uma criada na casa de campo onde mamãe cresceu. Quando as garotas se fizeram amigas, minha mãe convenceu a seus pais para que a relevassem de suas obrigações e a educassem como sua própria filha. Assim, as duas jovens estudaram juntas, aprenderam etiqueta e as maneiras das damas. Depois, quando completaram os dezesseis, Claire se apaixonou por lorde Hailstock e fugiram para a Escócia para casar.

James ficou sem fôlego.

—A primeira mulher de meu pai. E nunca me disse, por certo, que fosse uma plebeia.

—Muito para as elevadas normas de um puritano rigoroso — murmurou Drake.

Em seu irmão brilharam os olhos de ira durante um segundo.

—Economize os comentários. Alicia já está bastante aturdida.

Estava na verdade, e Drake não podia imaginar o por que. Não via o motivo de recitar a história da família ao James ou a ele.

—Lorde Hailstock e ela permaneceram em Escócia durante um tempo — continuou. — Viveram ali quase um ano até que Claire morreu. Deteve-se em frente de Drake, e deixou que seus dedos roçassem sua lapela com um toque tão leve como o da asa de uma mariposa.

— No mesmo ano em que você nasceu.

Algo em seu tom direto o inquietou. Olhou ao James inclinado sobre sua cadeira, olhando intensamente para Alicia.

—E o grande miserável a traiu — interrompeu Drake, forçando uma risada. —Não me surpreende absolutamente.

—A mim, sim — disse James, sério. —Disse-lhe isso . Não é seu estilo.

—Que eu saiba já o fez uma vez — disse Drake tranquilamente, e tomou a Alicia pelo cotovelo —Tudo isto é muito interessante, mas não precisa preocupar-se com essa tragédia que passou há muito tempo. Deve se deitar e descansar.

Alicia o afastou.

—Quer deixar de me proteger tanto e escutar? disse asperamente. —O que estou tratando de lhe dizer é que... esta carta... confirma que você não é o bastardo de lorde Hailstock.

Suas palavras explodiram como uma bomba em seu interior. Acreditava tão pouco em sua palavra? Apertando os dentes, disse-lhe.

—Já discutimos isto. Ele é meu pai.

Ela olhou preocupada para James, e depois para Drake.

—Sei — disse em tom peremptório. —O que quero dizer é que... você é filho legítimo do marquês do Hailstock.

Capítulo 26

Com o coração na mão, Alicia olhou para Drake. Imóvel. Seus olhos entrecerrados permaneciam inexpressivos. Como a mortalha de um cadáver, o silêncio cobriu o aposento. O fogo crepitava na lareira, e um relógio fazia tictac na mesinha de noite. James, atônito, franzia a fronte, o copo esquecido em sua mão.

—Me dê a carta — disse Drake com voz afogada.

Ela a entregou, tremiam-lhe as pernas como a um gatinho recém-nascido. Deixou-se cair em uma poltrona, e o olhou enquanto lia. A revelação era muito dura em comparação com a fragilidade do papel em suas grandes mãos.

—O que diz? perguntou James em tom agitado e baixo. —Pelo amor de Deus! Lê-a alto!

Drake entregou a carta a Alicia.

—Faça você às honras.

Alicia rogou ao céu que James a perdoasse. Antes de descer, cruzou-lhe pela cabeça seriamente a ideia de queimar a carta. Mas já haviam dito muitas mentiras. E havia muitos

segredos. umedeceu os lábios secos, levantou a carta e começou a ler as frases que já tinha apagado de sua mente.

"Há dois dias, a meia-noite, dei ao Richard um menino cheio de saúde. OH, minha querida Eleanor! Quanto desejaria que pudesse ver este precioso menino! É uma coisa muito pequena, tem o cabelo negro e os olhos azuis, e eu adoraria ouvi-la dizer que se parece com sua mãe. Ao Richard não importa nada o nome. Assim que o chamei Drake, como meu papai. Que Deus abençoe sua alma!

Se, dói-me escrever que ao Richard importa pouco seu filho. Nas cartas destes últimos meses lhe oculteí minha infelicidade, mas agora devo lhe revelar o triste estado de meu matrimônio, e por que estou morrendo. Tenho medo de que Richard renegue nosso filho.

Acusa-me de me deitar com outro. Mentira! E me disse que meu sangue vulgar é a causa de minha lascívia. É isto o que diz a todo mundo, embora haja defendido minha inocência desde que nos comprometemos em matrimônio e nos casamos sem permissão de nossos pais. Desde o começo estive ciumento de todos os homens com os que falava, fosse um sacerdote ou um laicaio. Não fazia um mês que estávamos casados quando voltou cedo de um de seus negócios, e se encontrou com um homem no aposento. Era o varredor que acabava de limpar a lareira, e eu estava ali lhe pagando. Richard me insultou, e depois suspeita de mim as piores traições...

Agora, seu frio olhar me gela o coração. Embora não ajude, supliquei ao Richard que abençoe nosso querido filho, mas nem o abraçará, nem o olhará. Roguei até o último fôlego, mas já não poderei cuidar mais de meu filho. Cada hora que passa, meu sangue se envenena, e com ele, minhas forças. Estou sozinha no mundo, e não posso recorrer a ninguém, exceto a você, minha querida Eleanor. Deve guardar estes documentos que lhe envio, e não permitir que ninguém os veja, sobre tudo Richard. Conserva-os para meu filho, e se por acaso a necessidade se apresentar, ele possa reclamar a Hailstock sua paternidade.

Deus a abençoe, Eleanor, por me ajudar nesta hora desesperada".

Alicia deixou lentamente a carta em seu regaço. As angustiosas palavras a enfeitiçavam.

—A carta está assinada: Claire, lady Hailstock.

Drake ficou olhando-a. Ela viu como lhe palpitava o coração, e como por uma vez em sua vida de bastardo ficava sem fala. Não. Aturdida, deu-se conta de que Drake já não era um bastardo. Era o legítimo herdeiro de lorde Hailstock. James deixou cair os braços na cadeira.

—Onde está o resto dos documentos? exigiu, com o rosto pálido e voz áspera. —O certificado de matrimônio? A certidão de nascimento?

—Não sei — respondeu ela com um desesperado movimento de cabeça. —Mamãe não está hoje... em seu juízo, assim acredito não servirá de nada perguntar-lhe.

Drake dava voltas pelo aposento, seus passos ressoavam sobre o nu chão de mármore, despenteando o cabelo nervosamente.

—Isto deve ser uma fraude. Muira Wilder era minha mãe. Não teria mentido nisto.

—Possivelmente alguém a avisou para que se mantivesse em silêncio — sugeriu Alicia.
—Talvez lhe dissesse que lhe tirariam o menino se alguma vez revelasse a verdade.

—Avisada? disse chiando os dentes. —Por quem? Hailstock? Se ele queria se livrar do bebê, podia havê-lo sufocado simplesmente. James golpeou com o punho o braço da cadeira.

—Meu pai não é um assassino — saltou. —Não mataria um menino.

—Estamos condenados a dissentir sobre seu caráter.

Os dois homens se olharam ameaçadoramente, dispostos a chegar às mãos antes que resolver seu dilema.

—Parem, os dois — disse Alicia asperamente. —Suas brigas só pioram o assunto. Drake, contou-lhe Muira alguma vez algo que pudesse confirmar esta história?

—Não. Nada — mas então deteve seus passos, com o olhar perdido, como se estivesse contemplando seu passado.

—Lembrou-se de algo — disse Alicia.

—Não significa nada

—Diga-nos, isso não importa.

Drake foi para a janela, levantando a persiana para olhar dentro da noite.

—Em seu leito de morte... quando me disse que fosse para Londres e procurasse meu pai, ela me disse: "*Nunca poderei educá-lo, perdi outras crianças, até que você chegou. Foi minha bênção, um presente do céu*". O sotaque rouco escocês com o que pronunciou essas palavras arrepiou a pele de Alicia. Assim como a mensagem... Nunca poderei...

—Vê? disse, tremendo a voz. —Criou-o, mas não deu a luz.

Ele negou com a cabeça.

—O que ela queria dizer é que eu fui o único filho que sobreviveu. Teria sofrido algum aborto antes que eu nascesse, isso é tudo.

Mas Alicia viu que duvidava. A sutil mudança em sua incredulidade para uma aceitação cautelosa. Alegraria-o? Ou aproveitaria a oportunidade para exigir a mais terrível das vinganças? Rogava para que não fosse tão cruel com seu irmão. James fez um gesto de impaciência.

—Temos que achar os documentos que provam esta reclamação. Está tão mal lady Eleanor para não lembrar-se onde os deixou?

—Tem momentos de lucidez — explicou Alicia. —E teremos que esperar um deles.

—Deus! James se impulsionou iracundo com a cadeira cambaleando ao longo do aposento. Depois freou e se voltou para ela. —Não posso ficar sentado aqui sem fazer nada, me perguntando por que meu pai cometeu semelhante maldade. Revistou os aposentos de sua mãe?

—Sim. Fiz isso quando procurava as cartas — e para acalmar os nervos, Alicia dobrou cuidadosamente a carta. —Deveria saber, James, que seu pai também andava atrás desses documentos. Ele se aproximou mais.

—O que quer dizer?

Antes que ela pudesse responder, Drake se voltou.

—Alicia o descobriu revistando o estúdio de Pemberton House. E Hailstock lhe disse que procurava alguns papéis velhos que pertenceram a seu pai.

—E isso não foi tudo — continuou Alicia. —Ontem à tarde quando Drake e eu fomos ao circo, seu pai veio e encurralou mamãe com o tema da carta. E estou certa de que se referia a esta.

—Esse miserável se atreveu a vir a minha casa? E a incomodar a sua mãe? apertando os punhos, Drake deu um passo para ela. —Deveria ter dito imediatamente.

—Hoje tinha outras coisas na cabeça — disse marcando cada palavra para evitar gritar com ele. —E estava a ponto de lhe contar isso tudo, embora desconhecesse suas intenções, até... esta tarde. Quando se inteirou de que Drake era o filho do marquês, e quando teve tempo suficiente para sopesar, refletir e aceitar... Incapaz de continuar sentada quieta mais tempo, ficou em pé.

—Vou ver mamãe. Se tiver um momento de lucidez, pedirei que me mostre onde escondeu os documentos.

Disposto e decidido, Drake a seguiu.

—Irei com você. A convencerei de quem sou — fez uma careta como se estivesse ainda lutando contra a verdade — o filho de Claire.

—Não! Alicia não se preocupou que ele visse a viva dor em seus olhos. —Não quero que venha comigo. Farei sozinha. Drake se deteve como se o golpeassem, com seu olhar de insondável intensidade que impedia que ela visse seus pensamentos. Ele sempre tinha sido assim, pensou amargamente. Fecharia sua mente e seu coração a ela.

Olhou para James, que observava com as sobrancelhas erguidas. E com um nó na garganta, Alicia se virou rapidamente e deixou o aposento. Mantinha contra seu peito a carta. Claire...a verdadeira mãe de Drake. A realidade a tinha ainda estupefata. Em menos de um dia, o mundo se virou de pernas para o ar. Seu marido nunca mais seria um canalha de má reputação, vindo do arroio. Pelo simples fato de seu nascimento, elevar-se-ia à posição de herdeiro de um dos homens mais poderosos da Inglaterra. As portas da sociedade abririam e já não necessitaria mais a sua aristocrática esposa para que as abrisse. Lhe entregou os meios para derrotar lorde Hailstock de uma vez por todas. E James. A vitória de Drake arrebataria seu título e a herdade que lhe correspondia. Saber isto a feria outra vez. James soube durante toda sua vida que algum dia se converteria em marquês de Hailstock.

Perguntou-se o que se estariam dizendo os dois neste momento. Esperava que Drake tivesse a boa vontade de não regozijar-se malignamente na desgraça de James. E pelo que a ela incumbia, não tinha outra coisa que fazer que cumprir com seu dever até seu amargo final. Seus

sapatos mal faziam ruído sobre os ladrilhos de mármore, e os spots das paredes lançavam umas luzes sombrias sobre o deserto corredor. Habilmente se orientou no labirinto de corredores e corredores até chegar ao salão de baile, situado na ala oposta. Olharia se mamãe estava ali, imersa ainda em suas fantasias. Tentaria persuadi-la para que lhe respondesse esta noite.

E se não, amanhã a levaria a Pemberton House e esperaria até o momento em que voltasse a estar lúcida. O brilho de uma luz aparecia pela grande porta que dava ao salão de baile. Tinha visto a grande sala uma vez, quando inspecionava a limpeza da casa. O chão estava bem polido, as madeiras reluziam, e as janelas estavam impecáveis. A senhora Yates lhe contou que o salão de baile nunca se utilizara. Mas agora, Drake poderia celebrar festas ali. Poderia convidar à alta sociedade, e poderia fazê-lo só. Já não a necessitava, e Alicia não necessitava dele.

Quando cruzou a porta, reconheceu através da penumbra as paredes azuis, as altas colunas e os trabalhados estuques do teto. A fraca iluminação provinha do fundo do salão, onde umas magníficas cortinas douradas emolduravam o estrado da orquestra. Dois candelabros acesos em extremos opostos iluminavam o soalho elevado, e entre eles, um trono com uma mesa ao lado. Em cima dela, um serviço de prata de chá brilhava tenuemente à escassa luz.

Seus passos soavam surdos e se desvaneciam em meio da escuridão. Mais à frente do trono, a pequena figura de sua mãe permanecia entre as sombras que moviam as cortinas. Além dela, distinguia-se uma figura negra e alta com aspecto de homem. Teria convencido mamãe à senhora Philpot para que se fizesse de cortesão?

Alicia sentiu que um débil sorriso atravessava sua infelicidade, mas à medida que se aproximava, esse breve brilho de humor se evaporou. Algo curvado jazia no chão diante do estrado. Entrecerrou os olhos para tentar ver melhor. E com horror crescente, reconheceu o fulgor de um cabelo prateado, a palidez de um rosto e um corpo estendido sem sentido.

A senhora Philpot.

O olhar da Alicia saltou a sua mãe. Estava lutando contra... um homem. Não era uma representação. Alicia podia escutar os ofegos, as maldições em voz baixa. Subiu ao estrado correndo.

—Mamãe!

No mesmo instante, o homem se voltou para olhá-la. Reconheceu-o e ficou gelada, com o coração palpitando tão rápido, que quase desmaiou. Através da penumbra, viu o brilho do metal de uma pistola de duelo contra a cabeça de sua mãe.

—Aproxime-se, milady — disse lorde Hailstock. —Evitou-me o trabalho de ter que ir buscá-la.

Capítulo 27

O marquês empurrou sua prisioneira para a luz de um dos candelabros. Lady Eleanor resplandecia vestida com uma túnica carmesim medieval ricamente brocada, e se comportava como a rainha que imaginava ser. Também trazia o xale grande de pele de toupeira como a mais deliciosa estola de arminho. E um diadema de ouro segurava um vaporoso véu azul sobre cabelos de prata.

Levantou o braço com gesto imperioso.

—Chame o guarda, milady! Detenham este velhaco traiçoeiro! Ousou pôr suas mãos sobre minha real pessoa. Lorde Hailstock a sacudiu.

—Fecha a boca, Eleanor, ou amordaço-a.

Olhou-o com ira, e se calou. Para acalmar o medo que tomava sua mãe, Alicia se inclinou com uma profunda reverência.

—Vos saúdo, rainha Eleanor — disse, esperando que não lhe tremesse a voz.

Se gritasse pedindo ajuda, lorde Hailstock poderia atirar, e se o atacava, tanto ela como sua mãe poderiam ser feridas. Além disso, ele era mais forte que as duas juntas. Por que não tinha deixado que Drake a acompanhasse? Porque a decepcionou e destruiu a confiança que tinha nele. Agora só dependia de suas próprias forças.

—O que fez à senhora Philpot? perguntou esperando distrair lorde Hailstock.

—Essa velha bruxa levou um bom golpe na cabeça, depois de me haver ordenado, a mim!, que me fosse da casa. Encolheu-lhe o estômago, pensando que uma vez acreditou que era um homem honorável.

— Afaste a pistola, milorde — disse lutando por manter a compostura. —Está me assustando.

—Isso espero. E talvez convença a esta velha louca que nos diga onde está seu esconderijo secreto.

—Esconderijo secreto? perguntou inocentemente para ganhar tempo.

—Ela tem algo que quero, e acredito que saiba a que me refiro. À luz dos candelabros seu olhar ameaçador a atemorizava. Instintivamente, queria retroceder, mas se manteve em seu lugar.

—Terá que se explicar. Não é nada claro.

—E você está sendo deliberadamente tola — apertou com mais força sua cativa, lhe obrigando a dar a volta ao trono. —Suspeitei que resolveriam o problema uma vez que descobrissem a reclamação de Wilder — acrescentou. —Conhece bastante a história de Claire.

—Claire? gritou sua mãe. —O que fez com minha dama de companhia? Se a feriu, senhor, jogá-lo-ei na mais escura de minhas celas. Ele a ignorou, com os olhos gelados fixos em Alicia.

—O que é esse papel em sua mão? Parece a letra de Claire.

Alicia apertou com força a carta contra seu peito. Lorde Hailstock a destruiria. Se não se achavam os documentos, esta seria a única prova da demanda de Drake. Tinha que salvá-la, para que ele pudesse tomar suas próprias decisões. Espremendo os miolos, aproximou-se um pouco mais, mantendo lorde Hailstock a seu alcance, e, então pela extremidade do olho viu o brilho de um movimento ao lado da escura entrada do salão de baile.

O rangido de uma saia negra. Uma touca branca sobre um cabelo vermelho brilhante.

Seu coração deu um salto. Era a senhora Yates. Acudiria a governanta a ajudá-la? Ou aproveitaria a oportunidade para livrar-se de Alicia de uma vez por todas? No novo dormitório de seu irmão, Drake dava voltas sem cessar, fazendo soar os sapatos contra o chão de mármore. Não podia acreditar ainda que Muira Wilder não tivesse sido sua verdadeira mãe, embora fora em todos os sentidos que importava. Inclusive nos tempos em que não tinham nada, tinha conseguido viver decentemente. Tinha-lhe dado uma infância feliz e ele sempre a amaria por isso.

E Claire o amara também. Na hora de sua morte seu único desejo foi assegurar seus direitos como herdeiro de Hailstock. Drake respirou profundamente. Tinha que pensar nesta sorte inesperada. Nunca em seus dias de jogador, quando juntou sua fortuna com mente desumana e calculista, tinha sonhado em tomar uma vingança tão perfeita. Agora era o herdeiro de Hailstock. Seria bem recebido pelas melhores famílias da Inglaterra e poderia acotovelar-se com elas como um igual. Um igual a Hailstock. Mas nem sequer esta vitória lhe tirava de cima a inquietação que sentia. Queria que Alicia estivesse com ele. Queria que lhe alegrasse com seus comentários engenhosos, que o seduzisse com seus sorrisos, mas havia deixado bem claro seus sentimentos.

Não quero que venha comigo. Farei sozinha.

O peito lhe doía. Não porque Alicia quisesse que não lhe acompanhasse para ver sua mãe, mas sim porque não o necessitava mais. Alicia já não o necessitava. Nunca mais. James seguia sentado perto do fogo e o observava enquanto dava voltas.

—Ela o perdoará. Alicia não é das que guardam rancor.

Rancor? Tomara fosse só isso.

—Mas como diabos sabe o que estava pensando? disse irritado. —Podia estar me regozijando perversamente em como te arrebatei o título.

—Se estivesse pensando nisso, não estaria dando voltas como um leão enjaulado.

Drake se deteve e se voltou para seu irmão caçula. Agora que a comoção inicial tinha passado o contemplava imperturbável

—E por que não me está amaldiçoando? perguntou Drake. —Acabo de lhe roubar o futuro.

James deu de ombros.

—Um futuro baseado na mentira não me interessa — e manobrando com a cadeira de rodas para uma mesa, deixou a taça de repente. —A primeira coisa que farei amanhã será ir ver meu advogado. Ele saberá melhor como dirigir este assunto.

—É muito cedo — objetou Drake. —Talvez as provas não se encontrem jamais, e essa carta, por si só, não valerá nada ante um tribunal.

—Os documentos se acharão cedo ou tarde. Alicia o fará.

—E eu os destruirei — gritou Drake. —Não desejo ser o seguinte marquês de Hailstock.

Suas próprias palavras o assombraram. Que Deus o ajudasse! Eram verdadeiras! Tinha ansiado toda sua vida acabar com lorde Hailstock, mas a vingança já não lhe interessava, e não queria levar o sobrenome do homem a quem tinha odiado durante tanto tempo. James rodou mais perto.

—Não tem escolha — disse em tom cortante. —Tem uma obrigação para os filhos que tenha.

Ninguém sabia que o corpo da Alicia albergava uma nova vida, e Drake não estava disposto a admitir em público a feroz ternura que o embargava.

—Eu cuidarei de minha família — disse apertando os dentes. —Não necessito para nada do dinheiro de Hailstock.

—Idiota, é sua herança de que falo. Seu filho será um par do Reino, e membro da Câmara dos Lordes, e as pessoas se dirigirão a sua filha como milady. Não seja estúpido. Seu orgulho egoísta os impedirá de reclamar seus títulos.

—Quero que meus filhos se eduquem acreditando na igualdade de todos os seres humanos, e a aristocracia não é precisamente o lugar mais adequado para isso.

—Então será seu problema educá-los para que sejam filósofos ou filantropos. Mas recorda isto: se renegar seus direitos de nascimento, será igual a nosso pai. A verdade do que dizia atravessou-o como uma faca. Hailstock tinha o renegado, e isto criou toda a série de mentiras que conduziram a esta intolerável situação. É claro, não estava totalmente de acordo com James. Havia uma grande diferença entre ele e seu pai. Ele nunca abandonaria seu filho, mas não tinha sentido seguir discutindo.

Precavido ante a generosidade de seu irmão, cruzou os braços apoiando-se contra o aparador da lareira.

—E você, o que vai fazer?

—Ser feliz com minha duquesa — e o tom bronco de sua voz se iluminou. —E darei por minha sorte. Não terei que suportar essas aborrecidas sessões na Câmara dos Lordes. Drake não riu com a brincadeira. Voltava a pensar em Alicia. Nunca supôs que pudesse fazer tanto dano,

nem imaginado que se arrependesse tão amargamente dos ódios que o guiaram a maior parte de sua vida. Nem tampouco se deu conta de que uma mulher pudesse ter tanto poder sobre seu coração. A força de seus sentimentos por Alicia o perturbavam. Se não se contivesse um pouco, se encontraria comportando-se diante dela como um adolescente apaixonado.

O ruído de passos apressados chegou do corredor. Eliza Yates irrompeu no aposento respirando forte, os olhos castanhos muito abertos e a touca torcida.

—Senhor, está aqui!

Alarmado, Drake se aproximou dela.

—O que acontece?

—É milady — disse, retornando seu acento vulgar. —Está no salão de baile. Com esse marquês. Tem uma pistola.

O olhar de Drake congelou.

—Hailstock!

Ela se aferrou a suas lapelas, movendo a cabeça de cima abaixo.

—Peço-lhe perdão. Fui eu quem o deixou entrar. Eu o fiz. Não sabia que fosse um tipo dessa índole.

—Cuidado com o que diz! —gritou James. —Isso não pode ser verdade.

Drake não lhe fez o menor caso, e com o medo lhe gelando as veias, afastou à governanta e saiu correndo.

Embora se tivesse fantasiado como rainha, sua mãe parecia pequena e desamparada ante o tamanho de lorde Hailstock. A pistola brilhava a luz do candelabro. Meu deus de minha vida! Tinha que estar louco para ameaçar a sua doce mãe.

Aspirando ar profundamente, Alicia conseguiu afrouxar um pouco o nó do pânico que a atava. Não podia depender de um resgate que talvez não chegasse nunca. Tinha que usar a inteligência para liberar a sua mãe, e a carta era o único com que negociar.

—Têm razão, milorde — disse, sorrindo mansamente. —Realmente resolvi o problema e fui procurar as provas — exibiu a carta para provocá-lo. —Claire escreveu esta carta em seu leito de morte, e nela se confirmam minhas suspeitas.

—Dê-me isso.

Apesar de seu medo, uma onda de ira a invadiu. Ele tinha abandonado a um menino inocente, e pensando em seu próprio filho, dela e de Drake, entendeu o desespero de Claire protegendo seu bebê da crueldade desse homem.

—Não — disse ela. —Queimaria-a, e Drake necessita a prova de que é seu filho legítimo.

—É o bastardo de Claire — o marquês deu um passo ameaçador para ela, arrastando a sua mãe consigo. —E Por Deus, que não permitirei que um vulgar bastardo plebeu se atreva a reclamar meu título.

—O menino era seu herdeiro — declarou a rainha Eleanor, sem nenhuma sombra de temor. —E decreto que assim seja.

—Cesse em seus desvarios. E você, Alicia, abra o envelope e me mostre o que há dentro.

Pensou em negar-se, mas ele poderia atirar em mamãe. Com a garganta seca, Alicia abriu o envelope e desdobrou a carta para mostrar-lhe.

—Onde estão os documentos? —exigiu. —Onde os escondeu?

—Não os vi. Suponho que mamãe sabe, mas não se lembrará mais deles, assim pode soltá-la.

—Lembro-me perfeitamente — disse a rainha Eleanor indignada. —Este homem é um vilão, quer me destronar e apoderar-se de meu tesouro.

—Louca! — murmurou Hailstock, sacudindo-a. —Me diga onde escondeu a certidão de nascimento. Ergueu-se, pequena mas majestosa, ao lado do sinistro Hailstock.

—Embora me torture e esquarteje, jamais direi uma só palavra a alguém como você — e fechou os lábios. Dava-se conta mamãe do que dizia? Perguntava-se Alicia. Se ficasse lúcida, ela os conduziria ao lugar onde tinha escondido os documentos, e lorde Hailstock a deixaria livre. Mas imediatamente, Alicia se deu conta da inutilidade disto.

Claire lhe tinha rogado que não entregasse nunca os documentos a lorde Hailstock, e sua mãe, Deus benza sua devoção, tinha mantido a promessa durante trinta anos.

—Seu lugar é o manicômio — gritou Hailstock à condessa. —Onde só possam contar seus desvarios a outros lunáticos.

A rainha Eleanor levantou o queixo, mas seguiu com a boca fechada. Revolveu o estômago de Alicia.

—Essa é a razão pela qual queria se casar comigo — sussurrou ela. —Eu não lhe importava nada. Só queria encerrar a minha mãe, para que não revelasse seu segredo.

Uma férrea determinação ardia nos olhos do Hailstock.

—E para evitar que você ou qualquer outro encontrasse por acaso as provas, como fez seu pai.

—Papai?

—Sim. Ele achou a carta, e entendeu o que valia. Logo, veio ver-me, me pedindo um empréstimo para pagar suas dívidas de jogo em troca de meu silêncio. Até esse momento desconhecia que existisse. Estupefata e desconfiada, a bÍlis subiu por sua garganta.

—Matou meu pai?

—Não! Ia dar o dinheiro em troca dos documentos. Mas o imbecil se arrependeu. Disse-me que nunca obrigaria a sua mulher a trair o juramento que fez a Claire. Depois foi para sua casa e se suicidou. Sua mãe emitiu um leve ruído de angústia. Os lábios lhe tremiam, e uma lágrima se deslizou por sua face, uma gota minúscula que brilhava a luz do candelabro. A aflição tomava Alicia. Mamãe entendia o que estava acontecendo. Queria arranhar o arrogante rosto de lorde Hailstock, mas apertou com força a carta.

—Milorde, troco a carta por minha mãe

—Dê-me isso disse. —Sei exatamente o que escreveu Claire.

—Solte primeiro minha mãe.

—Não! Aproxime-se e me mostre a carta.

Alicia deu um passo, precavida, para o marquês e se deteve justo fora de seu alcance. Sem a ajuda do candelabro não seria capaz de ler a esvaída letra, e ela devia convencê-lo de que a carta era valiosa, um intercâmbio justo por sua mãe.

—Quer que a leia? disse com voz afogada. —Na carta Claire jura que Drake é seu filho. Chamava-o por seu nome, e descreve seu ciúmes e sua negativa a reconhecer seu próprio filho.

—Seu bastardo — cuspiu. —Enganou-me me fazendo acreditar que era uma dama, mas era uma imoral na cama. Comportava-se como uma cadela no cio, e seu filho podia ter sido concebido por qualquer canalha. Da porta do salão de baile, uma voz familiar ressoou.

—Não importa quem me concebesse. De acordo com a lei, qualquer menino nascido dentro de um matrimônio legal é legítimo.

Alicia deu um pulo e se virou para ver seu marido entrar no escuro salão. Grande, forte e alto, Drake caminhava com o passo decidido de um guerreiro entrando em batalha. Seus passos firmes ressoavam na cavernosa sala.

Lorde Hailstock exclamou.

—Detenha-se. Nunca demonstrará que é meu filho.

Drake parou a escassos metros do estrado. Dirigiu o olhar a Alicia, penetrando profundamente nela, antes de voltar a olhar a Hailstock.

—Esta carta me ajudará a provar meu caso ante as autoridades, e não só isso, mas sim arrojará uma mancha sobre seu imaculado nome. Solte à condessa e eu mesmo a queimarei.

Os ofegos de lorde Hailstock enchiam o silêncio. E Alicia sentia que seu coração pulsava contra seu peito. De repente, Hailstock deu um empurrão em sua mãe, arrojando-a para Drake, dizendo:

—Aí tem o cachorrinho de Claire — e ao mesmo tempo apanhou Alicia. Seus dedos se afundaram com força em seu braço, enquanto puxava-a violentamente. A carta lhe caiu das mãos e revoou até o chão. Alicia se agachou desesperadamente, tratando de livrar-se de seu férreo apertão, mas algo lhe obrigou a ficar perfeitamente quieta.

O canhão de uma pistola lhe acariciava a nuca.

Lady Eleanor caiu cambaleando do estrado nos braços do Drake. Embora fosse uma mulher miúda, o impacto o fez cambalear para trás. O véu caía sobre sua rosto, cegando-o. Segurou-a um momento e logo deixou que ficasse em pé, enquanto o tirava. Muito tarde.

Hailstock pegava a Alicia e pressionava a pistola contra sua nuca no ponto mais vulnerável, sob a orelha. Gritando como um louco, Drake soltou à condessa e saltou para cima com os músculos tensos. Hailstock martelou a pistola.

—Atrás! grunhiu. —Não hesitarei em usar esta arma.

O clique da pistola deteve Drake. Seus nervos se retesaram com uma raiva selvagem, uma raiva que não se atrevia a conter. Mas fixou o olhar nos azuis olhos da Alicia. Não podia arriscar sua vida. Ou a vida do menino por nascer. Lady Eleanor deslizou a seu lado.

—Por certo, que tomou seu tempo em atender meus rogos — repreendeu-lhe gentilmente, como se tudo fosse parte de um jogo. —Mas já sei por que me parece tão familiar. É o filho de Claire. Têm sua tez, seu cabelo negro e seus olhos azuis. É verdadeiramente surpreendente. Drake continuava olhando para Alicia, e suavemente disse.

—Devo lhe pedir que se afaste, milady. Este é um lugar perigoso.

—Não tenho medo. Eu sou a rainha Eleanor da Aquitânia.

—Até as rainhas devem proteger-se. Majestade, retire-se.

Ajustando torpemente o xale grande de pele de toupeira, desapareceu entre as sombras. E Drake se sentiu aliviado, mas só por um momento. Fixou-se em Hailstock, que pegava Alicia no estrado.

—Deixe. Não quero seu maldito título, nem suas riquezas, nem nada que seja seu. Tudo o quero é a minha esposa.

—Espera que acredite nisso? Riu com desprezo o marquês. —Desconhece o sentido da honra.

Drake se refreou para evitar responder a Hailstock que ele era o mais infame dos criminosos, ameaçando assim a uma mulher. Podia ver o fogo nos olhos do marquês, e um movimento equivocado mataria a Alicia. Tentou que sua voz parecesse tranquila, e repetiu.

—Deixe-a livre. Isto é um assunto entre você e eu. Ela não tem nada que ver em nossa briga.

—Pode pegar a carta, milorde — disse Alicia, com voz serena. —Deixei-a cair justo aqui — e moveu seus pés um pouco, assinalando com a ponta de um de seus sapatos rosa.

Estreitando-a mais contra ele, Hailstock se inclinou para recolher a carta. Drake apertava os punhos, odiava sua impotência, odiava ver sua mulher ameaçada por esse aristocrata, e se odiava a si mesmo por procurar uma vingança que lhes tinha levado a esta desesperada situação.

Umas rodas chiaram pela porta.

—Pai! gritou James, e sua voz ressoou no grande salão de baile. —Que diabos está fazendo?

Hailstock estava inclinado a ponto de pegar a carta, e seu rosto ficou rígido de alerta. Disse ameaçadoramente:

—Fora daqui imediatamente! Não deveria estar aqui!

—Acredito que sim. Eu gostaria de saber por que aponta com uma pistola a Alicia.

—Protejo sua herança desse vulgar arrivista.

—Já lhe disse. James pode ficar com sua herança — exclamou Drake em voz alta. — Matar a Alicia o levará ao patíbulo.

James rodou até o estrado, olhando para seu pai.

—Ficou louco? Deixa essa pistola. Solta-a, e esqueceremos esta tolice.

—Isto não é nenhuma tolice; se não o detiver, ficará contudo quando eu morrer. A voz de Hailstock tremia emocionada. —Estará deserdado. Um inválido indefeso.

—Não estou indefeso, e nunca estive — replicou James cheio de força. —Só estava ressentido, e você me animava me fazendo depender de você. E pelo que respeita ao título, não quero algo que não é meu. Educou-me para ser melhor pessoa que isso. Franzia a testa, e Hailstock olhava de cima a seu filho.

—Não o entende. Você é de sangue azul... e sua mãe era uma Quincy. O título deve recair em ti.

—Não, pai! Não o aceitarei. Assim já vê, não tem nenhuma razão para reter Alicia.

A pistola se agitou. Drake apertou os punhos, concentrado, esperando que o marquês deixasse cair a arma. Temia dizer algo que o zangasse. E lady Eleanor escolheu justo esse momento para reaparecer entre a penumbra. Agarrou a manga do Drake.

—Ssss.

—Retire-se, Majestade — sussurrou Drake.

Agarrou mais forte seu braço e, ficando nas pontas dos pés, murmurou-lhe ao ouvido.

—Tenho algo para você, milorde.

Milorde?

Negando com os dentes apertados, Drake a viu a seu lado, com o xale grande de pele de toupeira sobre um braço. Uma parte do forro azul estava rasgado, com as costuras no ar. Ela colocou a mão dentro e tirou um papel gorduroso, dobrado várias vezes, escuro e puído à luz dos candelabros. Agora não lhe interessavam seus jogos. Só pensava em Alicia, prisioneira,

ainda nas mãos de Hailstock. Mas ela piscava em direção a sua mãe, e então lady Eleanor pôs o papel em suas mãos.

Olhou-o, e o examinou. Parecia um documento oficial, e debaixo, outro papel: uma declaração notarial assinada. A pele lhe arrepiou e pegou com força os papéis. Lady Eleanor os tinha guardado durante todo esse tempo. Um certificado de matrimônio e a prova de seu nascimento. Se alguma dúvida teve, esta já não existia. Era o filho legítimo do Claire, lady Hailstock.

—São esses os documentos? —perguntou asperamente lorde Hailstock. —Dê-me isso.

—Farei algo melhor que isso — disse Drake. —Queimarei.

E dirigindo-se à beira do estrado, levantou o cristal do candelabro. Alicia afogou um grito enquanto ele punha os documentos na chama. Ele a olhou diretamente no rosto, desejando que voltasse a acreditar nele. O gordurento papel demorou um momento em prender. E então olhou a Hailstock.

—Solte-a.

Surpreso, disse com voz bronca e desconfiada.

—Dizia-o de verdade. Não quer o título.

—Nunca o quis.

Movendo-se como um ancião, o marquês baixou a pistola e liberou Alicia. Ela saiu como uma flecha, desceu do estrado e levou sua mãe entre as sombras. Drake sentiu um alívio imenso ao ver que estava a salvo, maior ainda que a satisfação de queimar os documentos. Queria ir com ela, abraçá-la e assegurar-se de que lhe pertencia.

O ruído de rodas soou a suas costas, enquanto mantinha o olhar nos documentos, observando como começavam a arder pelos cantos.

—É testemunha, James. Poderá conservar seu maldito título.

A cadeira se chocou contra ele e cambaleou, golpeando-se com o estrado e atirando o candelabro. Ouvia o ruído do cristal quebrando-se no chão. Os documentos! James tinha dado conta deles. Jogou-se com tal força que saiu voando da cadeira sobre o chão de madeira. Com as mãos nuas tentou apagar a chama, mas esta, prendendo no estrado sobre o azeite esparramado avançava para ele, fluindo como um rio de fogo. Drake se levantava, quando Hailstock engatinhou pelo estrado, e saltando por cima das chamas afastou James do fogo com um empurrão. Drake saltou para James e o afastou definitivamente do fogo. E então um instinto de sobrevivência obrigou-o a correr para a porta gritando:

—Fogo!

A senhora Yates devia estar fora, esperando, no caso da refrega aumentar. E ela e vários lacaios entraram com tapetes para apagar as chamas. Drake tirou a jaqueta e voltou correndo para o fogo. Um grito de agonia ressoava através do salão de baile. O uivo lhe encolheu o estômago e viu uma figura envolta em chamas, como uma coluna viva de fogo.

Hailstock. O marquês cambaleava afastando-se do estrado, e Alicia freneticamente tratava de apagar as chamas com o xale grande de pele de toupeira. Veloz, Drake chegou até seu pai e o puxou ao chão, apagando o fogo com a jaqueta. Mas já era muito tarde. O Marques jazia gravemente queimado, a respiração entrecortada e o rosto convertido em uma massa de carne carbonizada. Drake se agachou a seu lado e gritou a um dos lacaios,

—Traga um médico — e o criado saiu veloz para a porta. Apanhado em seu próprio inferno pessoal, Drake teve a débil consciência de ver como o resto dos criados extinguiram as últimas chamas e da fumaça sufocante no ar. Alicia protegeu a sua mãe de Hailstock, e agora as duas estavam de joelhos ao lado da senhora Philpot, que se levantou tossindo. A senhora Yates ajudou-as a levantar-se.

James arrastava-se para frente, apoiando-se nos cotovelos, e com a voz rouca de doer sussurrava:

—Pai!

O marquês grunhia. O fôlego se afogava em sua garganta, e logo cessou. James gemeu em silêncio, e chegando até seu pai, tocou-lhe o peito imóvel, e inclinando a cabeça, chorou. Drake lhe fechou as pálpebras queimadas. E um torvelinho de emoções o embargou. Era o desejo que tinha sentido pelo amor de um pai e os arrependimentos que já não poderiam mudar o passado. Hailstock tinha sacrificado sua própria vida para salvar a de seu filho menor. E Drake o admirava por isso.

Nunca soube quanto tempo permaneceram ele e James ali. Mas quando levantou a cabeça, Alicia e sua mãe se foram. O pânico o invadiu. E disse que estaria deitando a sua mãe na cama, e ajudando à senhora Philpot. Haveria tempo mais tarde para falar com sua mulher. Tempo suficiente para abraçá-la, adulá-la e reconciliar-se com ela.

Os lacaios tiraram o corpo do marquês em uma maca improvisada. Outro criado aproximou a cadeira de rodas a seu lado. Drake ajudou a levantar seu irmão, enquanto este se pegava aos braços e se levantava para sentar-se. Tinha o rosto e a camisa sujas de fuligem, e uma mecha do cabelo lhe caía sobre uma sobrancelha. Parecia triste e esgotado, com os olhos escurecidos. Limpando a garganta, murmurou:

—Dizia que eu não o entendia. Mas ele foi o único que nunca entendeu nada.

Drake nada podia dizer a isso. Não achava as palavras adequadas para consolá-lo. A perda era muito maior para seu irmão. O salão de baile estava na penumbra, iluminado só pelo candelabro que ficava. Dois lacaios ficariam toda a noite para assegurar-se que o fogo não se avivasse. Tinham aberto as janelas para limpar o ambiente, embora Drake sabia que qualquer resto de fumaça e madeira carbonizada persistiriam até que os danos fossem reparados. James rodou até o extremo sem queimar o estrado.

—Traga essa carta — disse a um laiaio. —E a pistola. O criado as levou.

Drake andou até ficar a lado de seu irmão, enquanto este examinava com as mãos o longo canhão da pistola. Hailstock devia havê-la deixado cair quando engatinhava para salvar James.

—Temos sorte de que não disparou — disse Drake com a garganta seca. Uma bala perdida poderia ter atingido Alicia.

—Sorte? perguntou James. —E de repente, apontou com a arma ao teto em sombras e apertou o gatilho. Um clique vazio soou.

—Justo o que pensava — vaiou. —Esta maldita pistola não estava carregada.

Drake ficou atônito. Que pouco, na verdade, sabia de seu pai! E isto era outra razão mais para não querer o título.

—Me dê os documentos, por favor — disse estendendo a mão. James guardou a carta na jaqueta, junto com o certificado de matrimônio e a certidão de nascimento.

—Não. Ficarei até que sua reclamação seja um fato.

—Não seja tão malditamente nobre — exclamou encolerizado. —Hailstock os queria destruídos. Tem que cumprir com sua última vontade.

—Ao contrário. Protegerei estes documentos com minha vida — James lhe ofereceu um olhar penetrante. —Resigne-se, irmão. Agora você é lorde Hailstock.

Capítulo 28

Três semanas mais tarde, Alicia abriu a porta de Pemberton House para receber outro buquê de flores. Desta vez eram flores silvestres, jacintos púrpura, urzes brancos e ranúnculos amarelos em um vaso de porcelana da China. O ramo era tão grande que ocultava a rosto do entregador. Este caminhou atrás dela garbosamente, olhando-a com um sorriso familiar e o cabelo loiro despenteado pela brisa primaveril.

—Gerald! exclamou. —Pensei que tinha ido ao clube.

—E o fiz — respondeu, levando o vaso pelo vestíbulo. —Mas seu marido enviou este recado.

Drake.

Enquanto seguia a seu irmão ao salão, Alicia estremeceu pensando nele. Mas foi uma emoção que reprimiu logo. Não devia permitir que Drake enfeitiçasse de novo seu coração. E por certo, que o tinha tentado durante estas semanas, desde que ela e sua mãe tinham retornado a seu velho lar. Centenas de flores decoravam o salão e o resto da casa. Rosas vermelhas, brancas e amarelas, delicadas orquídeas de estufa, camélias rosa, malmequeres amarelos dos pântanos e violetas azuis. Uma profusão de aromas enchia o ar.

E havia outros presentes: caixas de bombons e doces deliciosos estavam por todas as mesas. Os perfumes e as joias se acumulavam em seu quarto de vestir, e na biblioteca havia novos livros, encadernados em couro, de poesia, filosofia, história e novelas. Drake parecia ter um instinto infalível para adivinhar o que gostava de ler.

Mas ele não compreendia seu coração.

Debaixo de uns ramos de macieira em flor, sua mãe estava sentada frente a uma mesa de mosaicos, em que havia uma bola de cristal. Vestia-se como uma cigana, com turbante amarelo açafraão, brincos de ouro brilhante e uma capa de cetim azul salpicada de meias luas. A fantasia era outro presente do Drake, é claro. E Alicia pensou que era particularmente diabólico de sua parte confabular com sua mãe.

Lady Eleanor aplaudiu, e os braceletes tilintaram.

—Ah, mais flores! Acaso não predisse faz dez minutos?

A senhora Philpot arrumou lugar em cima do piano para que Gerald pudesse deixar o vaso.

—É verdade, milady — disse ela, estalando a língua, divertida. —E devo dizer que é uma gentileza por parte de sua senhoria mandar este vaso. Mas me parece que estamos ficando sem água. Saiu do aposento para trazer um regador.

Gerald estava tirando o pólen dourado de seu casaco verde.

—Deveria saber, Ali, que seu marido foi ao campo e as pegou pessoalmente.

—Ora! Isso é um conto — zombou Alicia.

—Pois é verdade — insistiu seu irmão. —Voltou recentemente, e realmente nunca conheci a um homem que... antes que terminasse, tirou um lenço e espirrou.

Um homem... o que?

Alicia não o perguntaria. Não lhe interessava saber. Para distraí-lo, bateu em suas costas.

—Não estará resfriando?

—Estas malditas flores me dão alergia, isso é tudo. Depois rebuscou em um bolso interior do casaco e tirou um pedaço de pergaminho amarelado, dobrado e selado com cera. Com uma careta o passou a Alicia.

—Isto vem com o ramo.

Ela o pegou, olhando furtivamente os dedos sobre o papel. Drake não tinha tentado se comunicar com ela desde a primeira semana quando tentou convencê-la para que voltasse para sua casa, com adulações umas vezes, com exigências outras, mas sempre submetendo-a a toda força de sua sedutora fascinação. Dizia que estava arrependido das mentiras que lhe contou e que se resignara a aceitar o título pelo bem de seus filhos.

Seus filhos.

Uma ternura cálida e nostálgica lhe assaltou. Sempre tinha presente ao bebê que, protegido, levava em seu ventre. Sabia que Drake seria um bom pai. Gostava de crianças, e as crianças gostavam dele. Mas sabia que queria recuperá-la, para satisfazer seu orgulho ferido pela derrota. Estava ressentida com ele por pensar que poderia comprar seus afetos com sua

generosidade. Não se deixaria influir por seus esplêndidos presentes ou suas persuasivas cartas. Não era isso o que queria dele.

Nunca esqueceria a noite quando permanecia em pé, fora da sala de estar, tratando de aprovisionar a coragem suficiente para dizer a Drake que ele era o filho legítimo, enquanto escutava por acaso suas palavras: Nunca me ajoelharei ante nenhuma mulher. Aquela frase resumia sua incapacidade para amar, e não é que quisesse que se prostrasse ante ela, mas sempre sonhou com um homem que estivesse disposto a caminhar sobre o fogo por ela, um homem que a considerasse o centro de sua existência.

—Abre a nota! urgiu-lhe Gerald.

Sua mãe movia as mãos abertas sobre a bola de cristal.

—Acredito que é... sim... de alguém que tem saudades de você.

Os dedos da Alicia desejavam veementemente abrir a missiva, mas malignamente resistiu a tentação.

—Porque segue tendo saudades!

—Vamos, tenha um pouco de compaixão com o pobre moço — disse Gerald. —Juro, está desesperado.

De verdade? Abrandou por um momento e ficou a dar voltas acima e abaixo, lembrando de todas suas penas.

—Não sinto a menor compaixão pelo homem que roubou o título de James.

—Está em seu direito — replicou seu irmão, com a típica estupidez masculina. —Os tribunais confirmarão muito em breve.

Mamãe levantou a vista da bola de cristal, os olhos claros e azuis, franzindo a testa.

—Querida filha — disse horrorizada. —Está sugerindo que o filho de Claire não deveria ser marquês do Hailstock? Cada vez mais durante estes últimos dias, sua mãe parecia compreender melhor o que a rodeava, embora ainda seguisse disfarçando-se e vivia suas fantasias diárias.

Sem ânimo de perturbá-la, disse:

—Quão único acredito é que não está bem que despoje tudo de James, isso é tudo.

—Nem tampouco está bem renegar o filho de Claire — replicou ela algo ansiosa — o pobre menino esteve perdido todos estes anos, e a última vontade de Claire foi que o protegesse. Por isso guardei os documentos durante tanto tempo. Compungida, Alicia deslizou um braço ao redor de sua magra figura.

—Sei, mamãe. E admiro-a por ter mantido sua promessa tão lealmente.

Percebeu quanta verdade encerravam suas palavras, e respirou profundamente. Possivelmente fora ela a idiota, medrosa de arriscar seu coração de novo. Temerosa de aceitar o

fato de que seu marido não tinha querido vingar-se ao final, e que não queria ser o novo marquês de Hailstock.

Em sua mente viu Drake queimando os documentos com a chama do candelabro. Tentava destruir as provas que demonstrariam sua legitimidade, e durante esses momentos não deixava de olhá-la, como se quisesse que acreditasse que era uma pessoa honorável.

Tocou com os dedos a nota dobrada, perguntando-se que mensagem conteria. Teria superado sua natureza vingativa? Se dominava ao ódio que lhe invadia, aprenderia a amar? Gostaria de acreditar, e muito.

Os olhos verdes de Gerald estavam fixos nela.

—Tem que saber que Drake entregou toda a fortuna do velho marquês a James, exceto o título, claro.

Alicia se ergueu, sem dar-se conta apenas da chuva de pétalas que fez cair com o ombro de um arranjo de rosas que murchava a suas costas.

—James não me contou nada.

—Drake lhe pediu que o mantivesse em segredo. Não gosta de gabar-se, especialmente com seu irmão. E já sabe que se fizeram bons amigos. Pensou muito sobre esse assunto. E James, por sua parte, não fazia mais que rogar em pró do Drake. Vinha todos os dias dar suas aulas na escola, frequentemente em companhia de Sarah. Os dois haviam dito em privado que estavam comprometidos, embora por respeito a seu luto esperariam até a próxima primavera para casar-se.

Seu amor atizava um desejo em Alicia, que a fazia consciente de que uma parte dela estava perdida.

Parecia uma eternidade o tempo passado desde que sentiu os abraços de Drake em seus braços firmes e quentes, apertando-a com força. Durante as últimas semanas pensou nele frequentemente, com ira e dor... mas também com amor. Via-se refletida em sua amizade com James e em sua generosidade com os pobres que sofriam a dureza da vida nas ruas. E imaginava Drake pequeno, ansioso por encontrar-se com seu pai pela primeira vez, e a profunda ferida que sofreu em troca ao ver-se acusado de roubo. Semelhante crueldade teria derrotado a qualquer menino. Entretanto, Drake lutou, utilizando sua inteligência e seu gênio para acumular uma fortuna nas mesas de jogo. Da única maneira que sabia, tinha batalhado para que seu pai o reconhecesse. E quem era ela para condená-lo por isso?

Além disso, se não procurasse vingar-se, nunca teria se casado, e ela não levaria em seu ventre um bebê. O milagre de seu ato de amor.

—Abre a carta, Ali — insistiu de novo Gerald. E tentando adotar a severa continência de um conde com suas feições adolescentes, disse-lhe pondo uma mão sobre seu ombro: —O homem está louco por você. Faria bem em lhe dar a oportunidade de redimir-se.

Sua mãe deu uns toques à carta, e com o olhar cheio de misteriosa sabedoria, sussurrou:

—Adiante, querida, Não tema. A bola de cristal diz que é hora de procurar seu futuro.

Sentindo prazer em seu amor, Alicia se permitiu esquecer suas dúvidas. A dor e a confusão das passadas semanas se foram flutuando como pétalas no ar quente. Sentiu-se leve e livre, segura de sua decisão. Era a mulher de Drake, e queria estar com ele, mesmo que mantivesse encerradas suas emoções, mesmo que só compartilhasse seu corpo e não seu coração, amaria-o igualmente. E com os dedos trêmulos, rompeu o selo da carta.

Capítulo 29

Exatamente as três em ponto dessa mesma tarde, Alicia seguia Fergus MacAllister pela grande escadaria do Wilder's Clube. Seus passos enérgicos ressoavam no amplo vestíbulo, com suas elegantes colunas brancas erguendo-se ao lado das paredes verdes. Alguns sócios se ocupavam de seus assuntos a essa hora tão cedo, e um par de cavalheiros estavam absortos jogando cartas, enquanto que outro no mirante tinha o nariz grudado em um jornal.

Alicia recordou a primeira vez que esteve aqui, desesperada e decidida a oferecer-se como amante do jogador mais conhecido de Londres. Agora estava ali voluntariamente como sua esposa. Um estremecimento de desejo passou por sua pele. Banhara-se, arrumara-se e trocara de traje pelo menos dez vezes, até ficar vestida com suave seda acobreada que realçava suas curvas. Uma jaqueta curta com galões dourados cobria um grande decote que faria as delícias de qualquer homem.

As delícias de Drake.

— Desta vez pôs esse velho idiota à beira da loucura — dizia Fergus, enquanto chegavam a cima e enfiavam-se no corredor. — O amo está gemendo estes dias como um cão espancado. A pesar dele, Alicia se alegrou de saber que Drake também tinha sofrido.

— De verdade? Teria gostado de vê-lo.

Fergus a olhou de esguelha. Era o único que tinha, e sorria divertido.

— Mas há uma visão melhor esperando-a, milady. Está claro que está louco por você. E sem mais, abriu a porta com painéis dourados e a convidou a entrar. Fez-lhe uma reverência e a deixou a sós.

Uma visão melhor? O que teria querido dizer Fergus? Saberia em seguida.

Cheia de esperanças, apressou-se através do escuro hall até o escritório de Drake. O tapete amortecia seus passos. Seu olhar passou pelas paredes azul marinho, as poltronas de couro vinho, e as estantes cheias de livros, que agora sabia que ele tinha lido bem. As cortinas estavam corridas para evitar a luz da tarde, e um candelabro iluminava a polida superfície da grande escrivaninha de mogno.

Seu sorriso se desvaneceu. Onde estava Drake?

Tenho algo que é seu. A nota era breve, só essa frase com o desejo de que fosse ali a esta hora justamente. Achava que ele a estaria esperando. Arrependido, mas sedutor, preparado

para derramar encanto e tentá-la com suas carícias. E desta vez ia deixar. Poderia tomá-la entre seus braços, e ela sucumbiria a seu canalha sedutor...

Percebeu no aparador da lareira a escultura dos amantes nus atados em um abraço eterno. Foi até ela e deslizou seus dedos sobre o suave alabastro. Como lhe aturdiu pensar que uma vez poderia se comporta tão lascivamente com um homem! Mas agora sabia que a intimidade era uma formosa expressão do amor. Antes que Drake se introduzisse com mentiras em sua vida, estava bastante bem encaminhada para converter-se em uma solteirona puritana. E graças a ele, tinha florescido e crescido na totalidade de sua feminilidade. Graças a ele, seria mãe. Como pode pensar que poderia viver sem ele?

Uma porta abriu atrás dela. Deu a volta, e viu seu marido entre as sombras do escritório, onde cortinas azul escuro cobriam uma porta. Sua musculosa figura chamou sua atenção. Sua garganta secou e o pulso acelerou. Vestia o estilo da antiga Roma, com uma simples túnica de linho até os joelhos; debaixo, viam-se as pernas descobertas.

Não estranhava que Fergus estivesse tão risonho. Não podia evitar rir, embora estivesse mais interessada que divertida. Drake se inclinou profundamente.

—Estou aqui para lhe servir, minha senhora.

Uma selvagem excitação a atravessou enquanto recordava sua fantasia. Brincaria de ser seu escravo e obedecer suas ordens? Drake, que era muito arrogante para obedecer a alguém?

—Aproxime-se — disse, estremecido, com voz profunda. E indicou a porta. —Só vivo para satisfazer seus caprichos. Ansiosa, passou a seu lado e entrou em um acolhedor dormitório azul com um fogo ardendo na lareira, e um candelabro brilhando na mesinha de noite. Seu olhar se fixou na grande cama com dossel. Os lençóis estavam cheios de pétalas de rosa e seu aroma perfumava o ar. Seu coração pulsava rapidamente, enquanto via seus olhos escuros e ardentes prometendo prazeres por vir.

—Estou agradecido por sua presença — disse. —Sentia falta de lhe servir.

Não podia suportar ficar parada ante sua firme e sensual boca, recordando quanto desejava seus beijos.

—Como eu senti falta de você.

Ela deveria cair entre seus braços, mas ele pegou sua mão e a conduziu até uma poltrona ao lado do fogo. Desconcertada, mas desejosa de seguir o jogo, sentou-se enquanto ele pegava algo da cornija da lareira. Diferente, inclinou-se, e a túnica deixou ver seu peito musculoso. Estendeu as mãos e lhe ofereceu um pequeno joalheiro.

—Para você, milady.

Tenho algo que é seu. Era isto a que se referia?

Pegando-o, tocou tentadoramente a caixa de couro.

—OH, Drake! Não precisa me dar nada de presente para que volte para seu lado. De verdade, não é necessário.

—Só quero cortejá-la. Isso é algo que nunca teve.

A ternura a embargou, e soube então quão mau o julgou. Não esteve tratando de comprar suas atenções durante as últimas semanas. Estava cortejando-a para lavar a ignomínia de seu forçado matrimônio. Abriu a caixa. Em cima de um forro de veludo branco descansava um diamante engastado em um anel de ouro. Como em um sonho, olhou-o enigmaticamente, temerosa do que pudesse significar.

E ele fez então algo surpreendente. Ajoelhou-se, olhando-a suplicante.

—Sua aliança de casamento, milady. Queria usá-la?

Não estava dizendo. Estava pedindo. As lágrimas nublaram seus olhos. Não podia conter seu desejo.

—Sim. Oh, sim!

Pegando-lhe a mão, deslizou o anel em seu dedo, e o diamante resplandeceu a luz da lareira. levou sua mão aos lábios, e seus olhos brilhavam em misteriosas profundidades.

—Tenho algo que é seu.

Assim não era o anel.

—Você — murmurou ela, inclinando-se para rodear sua nuca com seus braços, incapaz de conter mais seu incontrolável desejo. —É meu. OH, me faça amor! Drake lhe apertou os ombros, afastando-a.

—Ainda não.

Sua brutalidade a confundiu. Queria jogar a suas fantasias.

—Mas é meu escravo. Supõe-se que tem que fazer o que eu diga.

Ele sorriu, mostrando suas covinhas afundadas.

—Paciência, milady. Tudo se fará segundo seus desejos — então seu desejo se desvelou em seus olhos, e respirando profundamente seguiu falando. —Foi um inferno viver sem você estas últimas semanas. Quero que esteja comigo para sempre, você e nosso filho.

—Sei — sussurrou ela. —Eu também o quero. Devia tê-lo perdoado e não ter sido tão obstinada...

Sossegou-a pondo um dedo em seus lábios.

—Me deixe terminar. O que tenho para você, Alicia é... meu coração. Amo-a.

Tenho algo que é seu.

A alegria a inundou com um estranho amontoado de emoções. Jogando-se em seus braços, notou o batimento de seu coração contra o dela.

—OH, querido, eu também o amo! E agora, me seduzirá?

Desta vez a olhou sensualmente.

—Estou a suas ordens. Minha proprietária.

Levantando-se, a colocou em pé e lhe desabotoou a jaqueta. Mantinha o olhar baixo deferentemente, embora não havia nada servil no modo como lhe olhava o peito. Seus seios tinham crescido, preparando-se para o bebê que vinha. Como sem querer, seus dedos roçaram seus seios. Imaginava que era a proprietária de uma vila romana brincando com um escravo bonito.

—Suas ordens são desejos para mim — disse Drake.

Seus dedos a acariciaram preguiçosamente, traçando curvas sobre seu corpo. Ficou atrás dela e lentamente a despiu. Desabotoou-lhe o traje de seda acobreado, deixando que deslizesse pelos ombros até o chão, ficando só com as anáguas e a camisa de renda. Com um suave puxão desatou as anáguas e as jogou longe. inclinou-se sobre ela, e seu quente fôlego lhe dava calafrios na pele.

—Não necessita de roupa — murmurou roucamente. —Senhora, faz com que minhas obrigações sejam... tão prazenteiras.

OH, sim! Quanto gostava deste jogo! Levantou os braços.

—Termine, escravo.

Submisso, tirou-lhe o último objeto e logo cobriu com as mãos seus seios nus. Com um gemido, inclinou-se sobre ele, gozando com o toque de sua túnica sobre sua suave pele, e do ardente calor de seu corpo, de sua excitação dura como o aço.

—Me beije — sussurrou. —Me beije, Drake, ou me tornarei louca.

Beijou-a pelo corpo delicadamente, como se controlasse sua paixão. Mas ela não o queria submetido, necessitava-o selvagem, cheio de ilimitada paixão. Agarrando-o pela nuca, abriu seus lábios e o atraiu com sua língua. Ele respondeu com um áspero grunhido, saboreando-a, acariciando-a, deslizando suas mãos para baixo dos seios até os quadris, detendo-se justo ali onde ela queria que ele a acariciasse.

—À cama, escravo — ordenou ela. —Me leve à cama agora.

Drake obedeceu. Levou-a através do dormitório e a deixou sobre o mar de pétalas vermelhas. O aroma das rosas a rodeava e se mesclava com sua excitada virilidade.

Arrancando a túnica, ofereceu-se a ela, grande e forte; seus músculos pareciam de bronze à luz do candelabro. Era todo um homem, seu homem. Agachando-se sobre ela na cama, tomou um de seus mamilos e o beijou, e depois fez o mesmo com o outro. Alicia emitiu um grito abafado, e seus dedos se afundaram em seus espessos cabelos negros. Durante todo o tempo, ele seguia acariciando-a de forma prazenteira, mordiscando-a entre as pernas até que não pôde suportar mais a tortura, e ela tomou seu membro guiando-o em seu interior.

E seus corpos se uniram, e já não era o escravo, mas o amo.

Controlando, movia-se dentro dela. Alicia gemia de prazer. Cada investida aumentava sua deliciosa agonia, e quando ela fechou os olhos, Drake tomou pelas faces olhando-a fixamente.

—Me olhe — ordenou-lhe. —Olhe ao homem que a ama.

Ela obedeceu, e seus olhos azuis já não tinham segredos para ela: ardiam com a beleza do amor. Ele a penetrou profundamente, saciando-a, pressionando mais forte e mais rápido. Esfregava-se para meter-se mais dentro acendendo sua paixão com sua própria excitação. Olhando dentro de seus olhos, ela viu que seu rosto se obscurecia com a proximidade do clímax, e sentiu uma onda de emoção tão poderosa que se convulsionou de êxtase.

Depois de um longo tempo, jazia em seus braços, totalmente feliz e saciada. A fragrância das rosas os envolvia, mesclada com o aroma a almíscar do amor. Sua aliança de casamento brilhava a luz do fogo. Estirou-se e suspirou, aproximando-se contra suas formas, duras e quentes. Quanto teve saudades disto... não só a proximidade de seus corpos, mas a sensação de consumação, o sentimento de que pertencia a Drake, agora e para sempre.

Ele a acariciava preguiçosamente no quadril.

—Vejo que minha dama está contente de seu escravo.

A arrogância tinha voltado à sua voz, e estremeceu. Sorrindo, tirou-lhe uma pétala do ombro.

—Depois de tudo, acredito que ficarei com você.

—Contando que não espere que me disfarce como um estúpido outra vez.

—E deixar Fergus sem diversão — riu ela. —Eu gostaria de vê-lo de índio com tanga ou de príncipe árabe com essas calças vaporosas, ou de...

—Suficiente — beijou-a, piscando os olhos. E então, com um olhar de concentração, ergueu-lhe o queixo, acariciando-a como se ela fosse o mais querido para ele, disse-lhe com voz rouca:

—Serei sincero, Alicia. Vim a você de joelhos para recuperá-la, e estou pensando em vender o clube. Sei que odeia o jogo.

Ela negou rapidamente com a cabeça.

—Não pode se despedir do senhor Cheever, Fergus ou os outros. Aonde irão?

Ele assentiu.

—Isso é exatamente o que pensava... e o que esperava que dissesse.

—Mas o que é certo é que não passará ali tanto tempo. Tem outras obrigações agora.

—Por certo — como um canalha encantado, acariciou em círculos seus seios, excitando-os. —Tenho que satisfazer a minha mulher.

—Referia a suas obrigações como marquês de Hailstock — replicou ela suavemente.

Com uma careta, levantou-se na cama, fazendo revoar as pétalas.

—Não me chame assim. Nunca quis o maldito título.

Vendo que não estava de acordo, recreou-se perversamente na situação.

—Esses são os frutos da vingança, milorde.

—Não continue. Não esqueça que foi a vingança que me meteu em sua vida.

—Pobre intrometido! disse acremente, retorcendo-se contra ele. —Não esqueça que o converti em um homem melhor.

Drake sorriu como um canalha, com esse sorriso que conseguia sempre que seu coração pulsasse mais depressa.

—Tem toda uma vida para recordar meus pecados. Mas agora, querida esposa... tomou possessivo, com os braços. —Agora tenho o propósito de seduzi-la de novo.

Fim